

Luisinho Fávero
Organizador

O Clero

Juiz de Fora
Editor
2019

Copyright by © Pe. Luisinho Fávero (Org.)
2019

Capa

Márcia Rosário

Dados internacionais de catalogação na publicação

F272o Fávero, Luisinho

O Clero / Luisinho Fávero. Org. Juiz de Fora: Olps Gráfica,
Volume 1, 2019.

ISBN: 978-85-7851-252-1
382p

CDD B869
CDU 82-1

Todos os direitos reservados

Dom Othon Motta

“Um presente para Juiz de Fora”



Padre Luisinho Fávero

Organizador

APRESENTAÇÃO

A Igreja de Juiz de Fora foi muito agraciada com o seu 1º Bispo-Pastor, Dom Justino José de Sant’Ana (1924 – 1958) este por sua vez soube bem conduzir a parcela do rebanho de Nosso senhor Jesus Cristo no território diocesano e mostrou-se muito preocupado com suas ovelhas.

A preocupação de Dom Justino com o povo a ele confiado foi tamanha que 04 (quatro) obras formaram um grande tesouro diocesano:

O Seminário Diocesano Santo Antônio, órgão formador dos futuros presbíteros;

O Patronato São José, órgão de amparo aos meninos mais pobres;

A Catedral Santo Antônio, Igreja mãe de toda a Diocese;

“O Lampadário”, órgão divulgador das notícias e instrumento de Evangelização.

Todo este tesouro foi construído e mantido com grande zelo e carinho pelo Pastor de nossa Diocese.

Dom Justino não parou por aqui. Tendo a preocupação espiritual com o Povo de Deus, solicitou à Santa Sé, um Bispo Auxiliar para ajudá-lo. Lá pelos meados do ano de 1953, em maio, foi nomeado Bispo Auxiliar de Juiz de Fora (Bispo Titular de Urzita), Monsenhor Othon Motta, vindo da Direção Espiritual do Seminário São José da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Dom Othon Motta, auxiliando Dom Justino, na condução do rebanho diocesano, sendo bem acolhido e vivendo o múnus episcopal em sua plenitude, fez-se presente em todas as instâncias diocesanas e foi um presente para todo o Povo de Deus. Não media esforços para evangelizar e era verdadeiramente um pastor junto dos diocesanos.

Toda a trajetória de Dom Othon Motta em nossa Diocese, ou

parte dela, está relatada em nosso periódico semanal “O Lampadário”, que foi editado de 1926 a 1969. Se de um lado o jornal semanal dava notícias das atividades de Dom Othon, sendo Bispo Auxiliar em Juiz de Fora, de outro, publicou alguns escritos, neste período em nossa Diocese, que foram elaborados ainda como Monsenhor Diretor Espiritual.

Por sua vez, sendo eu um Presbítero da Arquidiocese de Juiz de Fora, pesquisador e amante do Jornal “O Lampadário”, ao saber do Processo de Canonização de Dom Othon Motta, propus fazer uma pesquisa sobre a vida do Bispo Auxiliar de Juiz de Fora, para acrescentar elementos neste Processo. Nesta pesquisa, fiz recortes de tudo o que constava sobre Dom Othon Motta.

Deixo aqui a minha colaboração pessoal e a colaboração de toda a nossa Igreja particular de Juiz de Fora.

Se outrora, Dom Othon Motta, foi “um presente para Juiz de Fora”, hoje, nós concedemos este presente para acrescentar elementos na Canonização dele. E suplicamos que Dom Othon Motta seja canonizado o mais rápido possível, reconhecendo-o como santo. Por outro lado, pedimos que Dom Othon Motta interceda a Deus por nós, possibilitando-nos peregrinar no caminho da Santidade.

“Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!”

Padre Luisinho Fávero
14.10.2018

. Ano XXVII, 26/03/1953, nº 1388, página 01



BISPO AUXILIAR DE JUIZ DE FORA

Nomeado o Cônego Othon Motta

VATICANO, 18 (A FP) – O Papa nomeou Bispo Titular de Urzita e auxiliar do Bispo de Juiz de Fora, o Cônego Othon Motta, diretor espiritual do Seminário Arquiepiscopal do Rio de Janeiro.



*Dom OTHON MOTTA, DD. Bispo Auxiliar,
na de suas primeiras pões após sua Sa
gração Episcopal.*

. *Ano XXVII, 26/03/1953, nº 1388, página 01*

Palavras ao Padre novo

N. da R. – Transcrito d’“In Altum”, n. 5, Orgão Oficial dos Seminários do Rio – Setembro de 1951, escrito pelo então Côn. Othon Motta, que acaba de ser eleito Bispo Auxiliar da nossa Diocese. Pelo que vai abaixo, os nossos leitores já poderão ter uma ideia de quem seja o novo Bispo que a S. Sé oferece a Dom Justino para seu digno auxiliar.

Célebre castelo da Idade Média guardava com carinho precioso crucifixo. Obra realmente de arte, que era a expressão viva do sofrimento. Seus traços tão perfeitos encantavam a todos que tivessem a ventura de contemplá-lo. Sua fama corria por todo o canto e por toda parte. Movido de curiosidade e desejoso de admirá-lo de perto, jovem deixa a casa paterna e sai pela estrada afora. Ardia-lhe na alma o entusiasmo da mocidade. Depois de longa jornada, chega afinal diante da imagem de Cristo. Aí fica em doce contemplação meses e anos, até que, em radiosa manhã, despertando daquele sono, resolve voltar ao lar paterno. E Regressou. Mas, com surpresa de todos, a sua face se transformara, tornando-se semelhante à do Cristo que tanto contemplara naquele castelo. Assim eu vos vejo, meu caro Padre Novo, no dia de vossa ordenação sacerdotal, depois de tantos marcos percorridos na estrada, e após tantos sacrifícios.

Sois outro Cristo. No vosso semblante, entre os sorrisos de satisfação pela vitória alcançada e entre o viço e o esplendor de vossa mocidade que desabrocha para o Altar e para o céu, eu diviso a auréola sublime do sacerdócio, cujo brilho jamais a maldade do mundo poderá empanar.

E aqui estou, entre as claridades desta aurora, a lembrar-vos a responsabilidade de vossa vocação. *Videte vocationem qua vocati estis.* A vocação sacerdotal é vocação de quem faz escalada, já para mais

perto de Deus, já para sobrevoar as nuvens carregadas de maldade que se condensam sobre a terra.

Nesta atmosfera de elevação, acima de tudo e de todos, deveis realizar a vossa vida espargindo luzes e virtudes, como deseja Jesus no sermão da Montanha.

A vossa missão, como diz Paulo Claudel, é missão de quem não está só no mundo, mas é delegado para alumiar todos os infelizes e arruinados. Alumiar pela vossa vida, na qual os fiéis querem encontrar Jesus em todos os seus aspectos, como se fora um evangelho vivo.

Num agradável paradoxo – nunca se buscou tanto Jesus como nesta hora materializada. Todos o procuram. Os bons e os maus. Estes num desejo de morte, como Herodes, e aqueles numa ânsia de vida, como Maria.

E na vossa batina eles querem descobrir Nosso Senhor. Feliz do padre do qual os homens possam repetir o que aquele peregrino de Ars dizia, depois de ter visto o Padre Vianey: “Eu vi Deus num homem”.

Esforçai-vos, portanto, para que a vossa vida seja um transbordamento de Nosso Senhor. O vosso espírito esteja tão impregnado de Deus, das cousas celestes, que tenhais certo pudor de entrar em contacto com as cousas da terra, como deseja Pio XII. Se, contemplando a figura erecta do homem erguida para o céu, S. Gregório concluía pelo seu destino celeste, que diremos se na sua frente brilhar a auréola sublime do sacerdócio.

Daí a necessidade de, no desempenho de vosso ministério, ao entrardes em contacto com a terra, imitar os lírios do campo que nascem nos pantanais imundos e esplendem numa brancura sem igual. Isto está a exigir de vós uma luta íntima de todas as horas e momentos contra as paixões e o mundo. Luta árdua e tremenda, cuja rudeza levou S. Paulo a aconselhar a Timóteo que pautasse a sua existência dentro

deste programa: *vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistae ministerium tuum imple.*

Belo programa e única plataforma digna de uma alma sacerdotal.

Vigila: vigilância para que a maldade do mundo, com suas vaidades e seduções, não venha minar a vossa alma ingênua e boa.

Vigilância pela oração, na proteção cuidadosa daquela primeira flor que, no dizer do Pe. Pereyve, no início de cada sacerdócio desabrocha esplendidamente perfumada e bela.

In omnibus labora – Para o padre inflamado pelo seu ideal não há mais descanso. O lourejar da messe o seduz. Deverá sair em busca das almas, que se perdem na planície poeirenta do erro e do pecado. A ceia está preparada mas ainda há lugares vazios. Muitos lugares. É preciso sair pelas encruzilhadas e caminhos, pelas ruas e estradas, pelos morros e praças públicas. É necessário conduzir os cegos, trazer os coxos e arrebanhar os transviados. Vede que os lobos se espalham pelos campos afora, e o padre deve ser pastor e não mercenário.

Hoje, repito o que escrevi alhures, não se pode ficar na sacristia esperando o povo. É mister buscá-lo no lar, no trabalho, na fábrica e até no pecado. As badaladas dos sinos de nossas igrejas já não se ouvem mais, elas se perdem no creptar das paixões pelas quebradas dos montes, sem eco. As torres dos templos desaparecem entre os arranha-céus de cimento armado. É a vida materializada desafiando os semeadores da graça e do sobrenatural. Assim, o padre não pode ser funcionário piedoso, mas apóstolo inflamado.

Duc in altum. Pescador de alto mar e não vigia de beira de praia.

Opus fac evangelistae. Sede evangelista na divulgação da doutrina cristã e na pregação da palavra divina. No púlpito ou na catequese, seja Jesus o fim. Em todos os momentos de vossa existência e em

todos os setores de vossa atividade, não vos esqueçais do grito de S. Paulo – ai de mim se eu não evangelizar. É mister pregar sempre, pregar falando, pregar rezando, pregar calando. Pregação simples como o evangelho e clara como a luz. Repleta de convicções e transbordante da fé, deverá ser vida para o espírito e bálsamo para o coração. finalmente inflamado por este zelo apostólico, cumprirei o vosso ministério em toda a plenitude e beleza. Ministério que só será fecundo se for desenrolado num clima de fervor e piedade. Piedade a desprender-se espontânea e serena de vossas atitudes, como o perfume da flor, embalsamando o ambiente e inundando a Igreja de alegria e contentamento.

. Ano XXVII, 26/03/1953, n° 1388, página 04

Quem é o Bispo Auxiliar?

Enquanto não nos é dado o momento de conhecer mais de perto aquele que a Divina Providência nos seus segredos insondáveis, de designar para a Diocese de Juiz de Fora, como Bispo Auxiliar do nosso venerando Bispo Diocesano Dom Justino, alegremo-nos com o pouco que é muito, daquilo que sabemos de S. Excia. Revdma.

Dom Othon Motta, até há poucos dias Cônego e Diretor Espiritual do Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro, foi justamente o sacerdote que o S. Padre Pio XII, houve por bem escolher para, atendendo à solicitação de Dom Justino, já há meses feita, ser o nosso esperado Bispo Auxiliar.

A alegria que se apoderou do nosso coração aflito foi grande e, desejosos da maior expansão do bem, cheios de fundadas esperanças pela nomeação, esperávamos a qualquer momento, a nomeação do novo Pastor.

E eis que, na vigília da festa de São José, chegou-nos a notícia rapidamente espalhada pelas diversas emissoras e jornais locais: O Santo Padre nomeou Bispo Auxiliar de Juiz de Fora, o Cônego Othon Motta, Diretor Espiritual do Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro!

Diante do nome, surgiram depressa as perguntas: quem é o Bispo?

Esta pergunta será sem dúvida, respondida oportunamente, porquanto, de fato, falharam inteiramente todas as previsões que corriam de vez em quando, o que não deve ser surpresa para quem conhece bem a maneira como age o Espírito Santo em casos de tamanha importância. Como jornal diocesano, “O Lampadário”, se pôs em atividade e, até agora pouco, realmente, pode informar a seus eleitores, mas este pouco diz muito daquilo que se poderia esperar para Juiz de Fora, na pessoa de um Bispo que, como auxiliar de Dom Justino, irá, certamente, diminuir-lhe o peso das imensas responsabilidades do pastoreio de um rebanho numeroso e trabalhado por uma série de mercenários audaciosos.

Assim, pois, convidamos os nossos leitores a investigarem serenamente por enquanto, no escrito do novo Bispo, “Palavras ao Padre Novo”, publicado n’outra parte do presente número, o seu valor, observando na firmeza dos conceitos expendidos sobre o Sacerdócio e depois, pensarem também sobre isto: ele vinha sendo, até agora, o experimentado, prudente e douto Diretor Espiritual do Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro.

Quanto aos dados biográficos e requisitos outros que poderiam retratar-nos a pessoa de S. Excia. Revdma., tão logo tenhamos em mãos o resultado do nosso trabalho nesse sentido, traremos ao conhecimento, de todos aqueles que, ansiosos, querem mais ainda saber quem é o Bispo Auxiliar de Juiz de Fora.

De qualquer maneira, basta-nos saber o que ficou dito, linhas acima e que, sobretudo, é um novo enviado do Espírito Santo e, por isto “bendito seja aquele que vem em nome do Senhor!” Benvindo seja Dom Othon Motta! Que não faltem a S. Excia as orações de todos os fiéis é o que pedimos. Quanto ao mais, aguardemos jubilosos a sua chegada brevemente.

. Ano XXVII, 02/04/1953, n° 1389, página 01

D. Othon Motta



Cônego OTHON MOTTA, elevado a dignidade episcopal, sendo escolhido pelo S. Padre Pio XII para Bispo Auxiliar de Juiz de Fora, S. Excia. será sagrado no dia 24 de maio (Festa de Pentecostes) por S. Emcia. Sr. Cardeal Dom Jaime Câmara no Rio e logo em seguida partirá para esta cidade, afim de iniciar nas suas novas funções junto de Dom Justino, nosso Bispo Diocesano.

Sua Santidade o Papa Pio XII, acaba de elevar à dignidade episcopal o Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. Othon Motta. O que significa para a Diocese de Juiz de Fora a indicação de mons. Othon Motta para bispo auxiliar, fácil é percebê-lo. Ainda há pouco celebrávamos o vigésimo quinto aniversário de sagração do Exmo. e Revmo. Sr. D. Justino. Vários oradores nos falavam do fecundo apostolado exercido ao longo de tantos anos pelo bispo diocesano. Agora, a santa sé concede ao dedicado pastor, “fatigatus ex itinere”, um auxiliar à altura do grande e zeloso apóstolo da Igreja de Juiz de Fora. D. Justino terá em Mons. Motta um auxiliar que sentirá com ele as necessidades espirituais cada vez mais crescentes do seu rebanho, que participará dos mesmos labores apostólicos no sentido de preservar a fé dos nossos católicos de salvaguardar o precioso patrimônio espiritual de nossa gente. Em 28 anos de episcopado, as mãos abençoadas de D. Justino espalharam bênçãos e benefícios por toda a diocese. Para confirmar vemos há 28 anos o Seminário em pleno funcionamento e dele saíram dezenas de sacerdotes. O patronato S. José, a Catedral etc. Muito mais deseja fazer D. Justino por isso, solicitou da Santa Sé, um auxiliar, que lhe ajudasse a carregar a pesada cruz, que é a de ser bispo.

A escolha do Santo Padre veio recair em um dos sacerdotes mais dedicados e piedosos do clero do Rio de Janeiro. Mons. Motta nasceu no Rio, a 12 de maio de 1913, filho do sr. Francisco Basílio da Motta, já falecido e de D. Francelina Motta. Desejoso, em menino ainda, de ser padre, ingressou a 30 de março de 1925, no Seminário

Arquidiocesano de S. José, situado naquela época em Paquetá. Concluído o curso de Humanidades, entrou para o Seminário Central do Ipiranga (cidade de S. Paulo) a 27 de fevereiro de 1930. Em 12 de janeiro de 1936, foi ordenado presbítero na igreja catedral do Rio de Janeiro.

Desde então, ocupou sucessivamente os cargos de professor do Seminário Menor do Rio Comprido, de disciplinário, de professor de Literatura e Eloquência Sagrada, no Seminário Maior, de diretor espiritual do mesmo Seminário, função que exerceu até o momento em que Pio XII o escolheu para bispo auxiliar de D. Justino. O Mons. Motta era também desde 13 de junho de 1942, membro do Cabido Arquidiocesano do Rio de Janeiro, onde desempenhava o cargo de penitenciário mor.

Mons. Motta é pregador dos mais conhecidos e repetidos da Arquidiocese do Rio. Embora a sua modéstia seja das mais impressionantes, é figura admirada em todos os meios de nossa capital.

Causou grande repercussão a notícia da nomeação do Cônego Mottinha para bispo titular de Uzita e auxiliar de Sua Excia., D. Justino. Não esperávamos tal, pois o tínhamos bem junto de nós como diretor espiritual e pensávamos tê-lo sempre. O Santo Padre porém, em boa hora veio levá-lo para apostolados mais largos. Conhecemos bem Mons. Motta, pois vem ele, há muito, dirigindo nossas almas. O que mais caracteriza sua pessoa é acentuada bondade, que aquece a todas as suas palavras e vivifica suas ações e nos faz sentir que o cristianismo é a lei do perdão, do amor e da misericórdia.

Sabemos das grandes virtudes naturais e morais que ornaram sua pessoa e que a tornam respeitável. Mons. Motta é sacerdote exemplar, que no desempenho de seu cargo de diretor espiritual, soube guiar nossas almas para o caminho de santidade e difundir aos seus dirigidos um arraigado amor ao Sacerdócio.

A santidade de vida, Mons. Motta soube unir admirável cabedal de ciência.

Ser-me ia difícil condensar em poucas linhas a vida de D. Motta, que é toda dedicada a N. S. Jesus Cristo. Conhece-lo-emos melhor

no correr dos anos, quando no desempenho de seu múnus pastoral. Com o pastor da diocese, D. Justino, estamos todos exultantes pela acertada escolha de Mons. Motta para nosso bispo auxiliar. Que Deus o conserve. “Ad multos annos”.

J. B. ADÁRIO

. *Ano XXVII, 16/04/1953, nº 1390, página 01*

Apresentando D. Othon

Recebemos do Exmo. e Revmo. Snr. D. Rodolfo de Oliveira Pena, DD. Bispo de Valença, Est. do Rio, um folheto contendo importante conferência pronunciada em 12 de Abril de 1950, pelo nosso atual Bispo Auxiliar, D. Othon Motta, por ocasião de uma reunião de Bispos da Província do Rio de Janeiro.

Tal trabalho iremos passá-lo, em duas vezes, para nossas colunas, afim de que nossos leitores o apreciem devidamente.

Em seguida, outrossim, por sugestão do Revdmo Côn Antônio Pacheco Ribeiro, traremos em publicações sucessivas, outro trabalho mais recente de D. Othon sobre o espiritismo. Por meio de ambos, os leitores d’O Lampadário hão de “sentir o espírito apostólico, zelo e a clarividência” de S. Excia., o que vale, a nosso ver, por uma autêntica apresentação. (N. da R.)

SANTIFICAÇÃO DO CLERO

Emmo. Sr. Cardeal. Exmos. Srs. Bispos

Entre surpreso e admirado recebi do Emmo. Sr. Cardeal a notícia de que os Bispos da Província queriam a minha palavra nesta reunião. Devo de início confessar o embaraço em que me acho, quando contemplo diante de mim Bispos, que tanto admiro, e vejo mestres,

que no passado trabalharam na formação de meu espírito, e pastores que hoje orientam a minha vida sacerdotal. No cargo, que exerço na Arquidiocese nele tão somente, encontro a razão de minha escolha. Deste modo, aqui estou cumprindo mais uma obrigação do meu ofício e um dever de obediência.

Trago, pois, ideias e não conselhos, pensamento e nunca orientação, palavras de incentivo e jamais normas. Estou certo de que o critério e a experiência de VV. Excelências saberão completar as deficiências e falhas deste trabalho. Colocando junto de Maria Santíssima estas modestas considerações, peço a benção de VV. Excelências, senhor e garantia da benção de Deus.

Desde a inflamada prece de Jesus na última Ceia – *Pater, sanctifica eos in veritate* – até o dia de hoje, esta tem sido a preocupação da Igreja. Papas e Concílios, Bispos e Doutores procuraram realizá-la em todos os tempos com zelo e fervor sem par.

Sublime é a missão do Sacerdote sobre a terra. Ministro do Altíssimo, escolhido pelo Senhor para santificar as almas, não poderá fazê-lo sem primeiro locupletar-se de Deus para depois derramá-lo sobre os seus semelhantes. Sal da terra será fatalmente pisado pelos homens como vaticinara Jesus, se não se encher da graça divina. Luz do mundo, a verdade que pregar não conseguia romper as trevas da maldade se o exemplo não lhe prestar a eloquência de sua força consoante a queixa de S. Paulo a Tito – *confitentur se nosso Deum factis autem negant*.

Em contato íntimo com a Divindade, não pode rastejar por uma vida comum aquele que deve envelhecer olhando para o céu. Aqui comenta S. João Crisóstomo – poderá ser puro demais quem oferece tal sacrifício? Não seria preciso que fosse mais imaculado que o raio do sol a mão que divide a carne, a boca que enche deste fogo espiritual, a língua que se enrubece de um sangue tão tremendo?

Impressionada por estas ideias, a Igreja no dia solene da Ordenação lembra ao neo-sacerdote este dever através de um desejo ardente: *sit odor vitae vestrae de lectamentum Ecclesiae Christi ut praedicatione AC exemplo aedificetis domum, id est familiam Dei*. Dentro desta realidade, o Concílio de Trento avança mais, afirmando que os clérigos devem fugir até das mais leves faltas: *leviam etiam adelicta quae in ipsis máxima essent*.

No entanto, pescador do alto mar, o padre se vê na contingência de erguer o edifício espiritual de sua alma no meio de tempestades e tentações do mundo e da carne, ao lado de lutas íntimas. Num mundo materializado onde os sentidos embrutecem o homem na satisfação de paixões aviltantes, ele é conclamado à vida espiritual na prática de virtudes heroicas. Cercado de maus exemplos numa terra em que os valores eternos são desprezados, onde tudo é terra e da terra, ele deve fincar as bases do reino dos céus. Verdadeiro piraneta voando sobre chamas, diária S. Francisco de Sales. Esta é, na verdade, a situação do padre no mundo. Ingrata, por certo, pois é muito difícil desabrochar brancura de lírios num pantanal de vícios. Daí a solicitude da Igreja em formar bem os clérigos nos seminários, através de educação cuidadosa e escrupulosa de anos e anos. Depois de ordenados, entrega-os ao zelo dos Bispos, recomendando-lhes *currente episcopi ut clerici sanctiorem vitam prae laicis ducant*.

O segredo da santificação do clero reside, todavia, no esforço empregado no tempo do Seminário. Quando há piedade sincera e temor de Deus, quando há verdadeira formação de consciência ao lado de esclarecida disciplina, o Padre sai do Seminário armado de coragem impenetrável. Poderá haver exceções, mas em regra geral o seminarista realmente piedoso também o será depois de sacerdote. Maior castigo para a Igreja de Deus é haver Seminários que descuidem da formação do clero.

Mil vezes melhor não haver Seminários do que aparecerem por aí fábricas de homens de batina sem o verdadeiro espírito de Nosso Senhor. Aliás recente episódio mostra ser também este o pensamento de Pio XII, que providencialmente governa a Igreja de Deus.

No começo deste ano santo, piedoso Bispo brasileiro foi recebido Santo Padre. No meio da audiência perguntou-lhe o Sumo Pontífice:

- Como vai o seu Seminário?

- Vai mais ou menos, Santidade.

Disse-lhe então o Papa: feche-o, pois deve ir muito bem. E acrescentou: Não tenha receio em sacrificar tudo em seu benefício.

Assim pensam o Concílio de Trento, toda a legislação da Igreja e principalmente Pio XII na sua monumental carta sobre o sacerdócio. Neste documento pontifício o saudoso Papa prefere ver sacrificadas paróquias e outros setores religiosos de uma Diocese, contanto que os Seminários sejam providos de sacerdotes à altura da missão. Vai mais além, e chega a permitir a requisição de padres de outras Dioceses em proveito dessas casas de formação.

Portanto, o primeiro passo para a santificação do clero está nas mãos dos Bispos, que não devem poupar esforços no empenho de transformar os Seminários em verdadeiras sementeiras.

Mesmo no caso de depois da ordenação haver decréscimo no fervor e na piedade, o que se plantou profundamente nos anos de formação jamais será arrancado. Aqui mais uma vez vive a palavra do Espírito Santo – *adolescens juxta viam suam etiam cum senuerit non recedet ab ea*.

No silêncio do Seminário a semente do amor à vida de oração e de união com Deus encontra terreno para uma floração esplêndida. Vida de oração, vida interior, eis a varinha mágica da santificação sacerdotal.

Vida interior é encher-se de Jesus e revestir-se de seu espírito. Com o íntimo repleto de Jesus, as ações exteriores serão manifestações desta vida divina que Nosso Senhor veio derramar sobre as almas. Como muito bem anota D. Chautard, a vida interior não é só a vida cristã aperfeiçoada, mas também é o desenvolvimento da graça na alma. Ora, nesse esforço de desenvolvê-la no seu íntimo, o padre desprende-se das criaturas e volta-se para o Criador e nesta ascensão luminosa resguarda-se do pecado que sabemos ser o afastamento de Deus e apego às criaturas.

Eis a vida interior em toda a sua pujança, que é santidade, vida de oração, vida de piedade e de amor de Deus, assemelhando-se ao grão de mostarda já no esplendor de uma árvore a cuja sobra as aves do céu se agasalham. Vida interior que é arma, escudo e defesa no bom combate para os perigos da vida sacerdotal.

. Ano XXVII, 16/04/1953, nº 1390, página 04

Dois notáveis acontecimentos

Estamos, louvado seja Deus, vivendo dias de justa alegria porque dois acontecimentos se passam entre nós, prometendo-nos, sobretudo, dias melhores.

Quem não sente ainda....

Está, pois, sendo-nos dada esta bela oportunidade de beijarmos a imagem de N. Senhora de Fátima, esta semana que já percorreu várias partes do mundo. Não sejamos tolos ou insensíveis a esta tão grande graça de N. Senhora que de nós pede, afinal tão pouco, para obtermos frutos extraordinários! Por outro lado, quem tem a ousadia dos maus aproveitando-se da indiferença dos bons assim chamados, nas suas tramas e confusões tremendas no campo da fé, há de convir que

em boa hora, logo após a visita de N. Senhora de Fátima, nos envie N. Senhor um outro pastor piedoso e solícito para ao lado e junto do nosso Bispo Diocesano, trabalhar também na separação do joio no trigo, entre nós, e assim por meio do vínculo da verdadeira fé, conduzir por seguros caminhos, tantas ovelhas dispersas e desorientadas.

Se para tantos rezávamos todos confiantes na Misericórdia de Deus, pelo fato de conhecermos agora o “presente” que o mesmo Deus bondoso nos dá na pessoa de D. Othon Motta, não vem ao caso que daqui por diante deixemos de enviar novos e continuados rogos a Deus para que tudo isso que sentimos ser graça do alto, multiplique-se em outras tantas e muitas graças.

Eis porque, ao constatararmos estes dois notáveis acontecimentos do ano de 1953 para Juiz de Fora, alegamo-nos com os mesmos e nos sentimos no dever de redobrar as nossas preces afim de que assim em tudo sintamos que Deus nos ouve e nos assiste através das nossas firmes e sinceras orações, sendo cada qual fiel à sua santa lei, por meio do que Deus nunca há de nos esquecer.

AURÍLIO COSTA

. Ano XXVII, 23/04/1953, nº 1391, página 04

Perigos da vida sacerdotal

Pelo Cônego Othon Motta

Continuação

Dom Duarte Leopoldo Silva, que santificou o sôlio de S. Paulo, costumava dizer que todo padre novo, ao sair do Seminário, nos seus cinco primeiros anos é vítima de verdadeira crise de adolescência. No entretanto, se o jovem Sacerdote levar no seu espírito um grande lastro de vida interior, ele passará incólume por este estágio de sua existência, porque na oração e mortificação achará poderoso

sedativo para as tempestades que agitam o coração.

A oração conseguirá de Deus a graça e a mortificação domará a carne e tudo passará sem deixar rastros, como os grandes navios que cortam os mares. Na consciência ficará o sabor de ter sido fiel a Deus.

Na vida de oração ele aprenderá a ter humildade suficiente de procurar um diretor espiritual para dirigir a sua alma, a quem ele deve abrir-se sincera e filialmente. E seja dito de passagem, no abandono da direção espiritual está a causa de muitas defecções, já que está no plano divino “dirigir o homem pelo homem”. Com o abandono da direção virá a sucessão contínua de confessores à procura do mais benévolo. Sem ter confessor fixo, que seja orientador, ficará satisfeito com a descoberta de indulgente máquina de absolvição. Assim a confissão, que é um dos maiores esteios da vida sacerdotal, perderá o seu vigor. Já não haverá mais estímulo, nem interesse, será formalidade e rotina. Longe de severa prestação de contas, será fria enumeração de faltas e mais nada. Tudo isto por falta de vida interior.

Ademais, escola de princípios sólidos e convicções firmes, a vida interior ampara o sacerdote contra um dos grandes obstáculos à sua santificação – o mau exemplo de outros sacerdotes. Nosso Senhor, tão bom no Evangelho, torna-se severo e enérgico para com o escândalo. E o mau exemplo de um padre é escândalo, o pior dos escândalos. Sua influência é tremendamente pernicioso na alma sacerdotal. Rouba-lhe o ardor do Seminário, tira-lhe o estímulo e o fervor, abrindo-lhe caminho para as primeiras capitulações.

No entanto, a vida de oração forma-lhe o caráter e debaixo dos seus influxos o Padre, longe de ser cana movediça que se inclina ao sabor dos ventos, é pedra que não se amola facilmente: *firmabitur et non flectetur*.

Ao lado da firmeza para resistir desponta a humildade para se apegar a Jesus e não cair. Assustado com o ruído dos cedros que tom-

bam, agarra-se a Nosso Senhor que é rocha imperturbável. Como S. João Crisóstomo, vendo pastores mortos, multiplica-se afim de salvar o rebanho. Reza, mortifica-se, resiste, vence.

Mais ainda. Derramando na alma do padre o equilíbrio, a vida de oração, estabelece o meio termo entre apatia criminosa e agitação estéril. Não acredito na virtude de quem não trabalha. A ocupação será sempre ótimo meio de santificação e de defesa nas tentações, consoante o conselho de S. Antão aos seus monges “que o demônio vos encontre sempre ocupados”.

Não podemos viver esperando na sacristia pelo povo, devemos antes procurá-lo à imitação dos filhos das trevas. Numa época de tanta agitação em que os campos de atividades se derramam numa floração maravilhosa, não podemos viver cloroformizados pelo pensamento da celebração da missa. Hoje, apenas celebrar missa é quase apostasia.

Por outro lado, entregar-se à atividade demasiada com sacrifício da oração e vida de piedade e preparar a ruína de muitas almas. Quando o apostolado não nasce espontaneamente da prece, da união com Deus, o fracasso é certo, entre fumaças de vaidade. Aliás, assim se expressava em 1947 o falecido Cardeal Suhard; “Não haverá apostolado autêntico senão sob a condição única de que havemos de haurir em Deus, em Cristo e na Igreja, a vida divina que temos por missão comunicar aos outros”. Em toda a história do catolicismo os grandes apóstolos, reformadores de costumes, foram antes de tudo homens de oração. Nunca será demais repetir – na batalha das é de joelhos que se vence.

Pois bem, esses dois extremos sabe aproximá-los o Sacerdote imbuído de verdadeira vida interior na harmonia tranquila do zelo e da oração. Assim realiza o que preconizava Pio XII em 1946, quando afirmava que não devemos desprezar os recursos humanos e condenar o seu uso no campo do apostolado, mas o erro está em não considerá

-los como meros subsídios diante das forças sobrenaturais da graça, da oração e da penitência.

Por fim, a vida interior dá ao sacerdote modéstia e recolhimentos admiráveis. Recolhimento que transborda nas atitudes, no olhar, nos gestos e no porte. Foi isto que impressionou aquele homem que, depois de ter conversado com o Santo Cura d' Ars, saiu dizendo: Nunca vi Deus tão perto de mim? Recolhimento que encanta o povo, que não deseja ver o ministro de Deus leviandades nas quais vive e agita, mas quer encontrar austeridade e simplicidade.

Falando aos bispos sobre cujos ombros recaem grandes responsabilidades, não posso deixar de frisar este ponto. Há, senhores Bispos, um espírito de liberdade tentando introduzir-se entre o Clero, às vezes até com capa de apostolado, considerando contra a reserva eclesiástica tão exigida pelo nosso bom povo. Entre outros países de formação diferente e costumes diversos, pode acontecer que certas atitudes não chamam atenção, mas aqui, onde por mercê de Deus, os fiéis são exigentes, a secularização nos moldes não tem cabimento na vida sacerdotal com todos os divertimentos mundanos e atitudes elegantes, como se não existisse incompatibilidade entre o mundo e o serviço de Deus.

Isto gera, ao lado do escândalo de muitos e admiração de todos, uma grande confusão nos espíritos, em detrimento do prestígio sacerdotal. Vivemos época de confusão, onde não falta quem afirme que até aos bailes o Padre deve comparecer para exercer apostolado. Tremenda aberração, que faria estremecer o Santo Cura d' Ars, que na sua paróquia preferiu acabar com as danças do que a elas comparecer.

A vós, senhores Bispos, cabe a missão de defender o clero deste espírito pernicioso. Assim recomenda Pio XII em 1947, em carta dirigida aos Bispos e Reitores dos Seminários do Brasil.

Tudo isto é atestado de falta de vida interior e falta de oração.

Se o Padre aprender a rezar no Seminário e se depois, no ministério sagrado continuar a viver da prece, está ganha a batalha.

FINALIZANDO

Nesta altura eu me lembro de belo episódio da vida de célebre general francês.

Ao assumir o comando das tropas em momento crítico da guerra e ao receber espontânea homenagem do povo, agradecendo dizia o velho militar: “Sou um soldado que reza e soldado que reza não teme, mas vence”.

Parodiando, eu direi: Padre que reza não teme, mas vence. Sim. Vence as crises da mocidade, os perigos da idade madura e as apatias da velhice.

Vence e continuará a rezar no céu.

. Ano XXVII, 30/04/1953, nº 1392, página 04

Sagração do Bispo Auxiliar

Conforme foi já publicado, sabe-se que a cerimônia da Sagração Episcopal de Monsenhor Othon Motta, nomeado Bispo Auxiliar da nossa Diocese, dar-se-á no dia de Pentecostes, isto é, 24 de Maio próximo, às 8 h e 30 minutos, na Igreja Candelária da Capital da República e que será sagrado por S. Emcia. Sr. Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara.

Oportunamente, o Snr Bispo Diocesano, irá combinar com os padres da Diocese, particularmente com os membros do Cabido, o programa oficial da recepção que, segundo estamos informados, será em meados de junho.

Enquanto isto, pessoas interessadas, querendo ir ao Rio assistir a cerimônia da Sagração, representando Juiz de Fora, manifestam-se com o desejo de organizar uma grande representação, lotando um ou mais ônibus especiais para tal.

Há já uma Comissão formada dos senhores Oswaldo Haas, Sylvestre de Oliveira e Luiz Santos bastos, indicada por Mons. Gustavo Freire, Vigário de São Mateus, para este trabalho.

Se, pois, houver pessoas que se interessam definitivamente pela ida ao Rio afim de assistir a Sagração do nosso Bispo Auxiliar, poderão se pronunciar junto a um daqueles senhores que estão estudando a melhor maneira de fazerem a viagem, se de véspera ou saindo daqui no próprio dia bem cedo de vez que as cerimônias começarão às 8 e meia.

Por outro lado, independente deste meio, outras pessoas tendo outras facilidades e querendo, poderiam também integrar a representação de Juiz de Fora assim demonstrando a Dom Othon Motta a satisfação em receber a família diocesana de Juiz de Fora, mais um bispo como auxiliar de Dom Justino, cujo bispo, bem se pode avaliar, virá fazer crescer mais ainda o reino de Deus entre nós.

. Ano XXVII, 07/05/1953, n° 1393, página 01

Atrás das trincheiras

N. da R. – Conforme prometemos, damos início no presente número, à publicação do oportuníssimo e substancial artigo de Mons. Othon Motta, Bispo Auxiliar eleito de Juiz de Fora, a respeito do Espiritismo. Chamamos a especial atenção dos nossos caríssimos leitores para o mesmo certos de que muito hão de lucrar com a sua leitura pausada e meditada. Este artigo de Mons. Othon foi publicado na re-

vista “In Altum”, do Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro, em Dezembro do ano p. p. Ei lo:

A difusão do espiritismo sobretudo disseminado por meio de confusão de ideias exige de nós soluções eficientes e concretas.

E, recente circular comunicava a Nunciatura Apostólica aos bispos do Brasil o recebimento do apelo da S. Congregação do S. Ofício no sentido de impedir a crescente difusão do Espiritismo em nossa Pátria. Muito oportuna me parece esta palavra da S. Sé pois, com pesar, observamos todos os dias a multiplicação de tendas e centros espíritas. Lamentavelmente a frequência é sempre grande, numa mistura social bem acentuada. Ao lado do pobre morro que desce as suas escarpas, suando em mangas de camisa, perfila-se a matrona perfumada de Copacabana que de lá se abala em vistoso automóvel. Nos bancos de nossas igrejas e até na mesa da comunhão aparecem semblantes, que em noites anteriores se agitaram em contrações nervosas durante sessões espíritas. Diante disto, um trabalho intenso de apostolado se impõe visando esclarecer e orientar o povo. Aqui vai a minha parcela. Não pretendo estudar o corpo doutrinário do espiritismo, mas apenas encará-lo na sua crescente difusão, focalizando as causas do seu progresso e sugerindo medidas práticas como remédio.

Antes de tudo, convém afirmar que apenas a rápida difusão de um credo não oferece argumentos em favor da sua veracidade e divindade. Importa examinar a sua doutrina e moral. Quem não se lembra dos rápidos triunfos do Islamismo?

Muitos são os fatores, que concorrem para a aceitação do espiritismo no Brasil. Na confusão que semeia, na deslealdade que emprega e no sentimentalismo que explora, reside o segredo do seu êxito. Religião sem personalidade, não nos ataca de frente mas pelos flancos e com as nossas próprias armas. Eis a sua força. Adversário perigoso e astuto, foge da planície e do campo aberto e se esconde nas encostas

em preparação de emboscadas.

Eu o temo mais que o Comunismo ateu e o Protestantismo sectário. Este ataca devoções tradicionais, como o culto de Nossa Senhora, aquele nega a ideia de Deus, que vive na alma do povo. Por isto, contra ambos há sempre certa reserva. Ao passo que o Espiritismo, como professa o grande espírita Carlos Imbassahy, não é Cristianismo e todavia usa ritos cristãos. Emprega as nossas orações, invoca os nossos santos e até preconiza os nossos Sacramentos, para depois combater a Igreja. Percebe-se neste ecletismo doutrinário a falta de personalidade religiosa.

Pescadores de águas turvas, vivem os espíritas a semear confusão nos espíritos. Confusão premeditada que muito bem exploram usufruindo vantagens no desvio dos incautos.

Vejamos.

Para nós católicos a vida de Jesus é a base da nossa religião. Nós a conhecemos através do Evangelho que nos deixaram os quatro evangelistas. Guardamos com carinho o Evangelho segundo S. Mateus, S. Lucas, S. Marcos e S. João. É o livro por excelência.

Pois bem, os espíritas possuem também o seu grande livro que se intitula – O Evangelho segundo o Espiritismo.

No entanto, afirma enfaticamente Carlos Imbassahy, o Espiritismo não rodopia junto à Bíblia. Dentro deste clima de deslealdade, não é de admirar-se, que a Federação Espírita Brasileira, tenha espalhado no ano passado 60.000 exemplares.

Não entro no conteúdo do livro, mas considero o fato como para efeito de propaganda e divulgação.

Nas denominações dos centros e tendas espíritas nota-se o mesmo programa de deturpação e falsidade. Buscam no calendário católico nomes como de S. Teresa, S. Pedro de Alcântara, S. Jorge, S. Vicente de Paulo etc... para proteger as suas reuniões, quando numa

contradição bem frisante esses santos viveram doutrina muito diferente e oposta. Numa insistência cansativa, aparecem santos venerados em nossos altares que se distinguiram justamente pela fidelidade à Igreja e pelo ardor em pregar verdades negadas e condenadas pelos discípulos de Allan Kardec.

(Continuaremos)

. Ano XXVII, 07/05/1953, n° 1393, página 02

Viagem ao Rio para a Sagração do Bispo Auxiliar

Uma comissão composta dos Srs. Oswaldo Haas, Silvestre de Oliveira e Luis Santos Bastos, está recebendo pedido de inscrições de pessoas interessadas em ir ao Rio, no dia 24 do corrente, afim de assistir a cerimônia de Sagração do Bispo Auxiliar de Juiz de Fora.

A viagem será feita em ônibus especiais, devendo sair de Juiz de Fora pela madrugada do mesmo dia para chegar no Rio com tempo para se estar na Candelária, à hora marcada, isto é, às 8 e meia.

O regresso dar-se-á pelas 16hs mais ou menos, logo depois que se tiver feito, pela Capital, alguns passeios.

O preço da passagem ida e volta, é de Cr\$....120,00.

Os interessados procurem, quanto antes, a um dos acima aludidos membros desta Comissão.

. Ano XXVII, 07/05/1953, n° 1393, página 04

CIRCULAR

Dom Justino José de Sant'Ana, por mercê de Deus e da Santa

Sé Apostólica, Bispo de Juiz de Fora.

Ao Revmo. Clero Secular e Regular,
às Comunidades Religiosas,
à Ação Católica,
às Associações Religiosas e
a todos os fiéis de nossa Diocese.

Saudações e bênçãos, graças e Paz da parte de Deus Padre e de Jesus Cristo Salvador Nosso.

Motivos alheios à nossa vontade forçaram-nos retardar a gratíssima comunicação oficial aos nossos caríssimos colaboradores e irmãos no Sacerdócio e aos caríssimos filhos em Cristo Jesus da nomeação do Exm^o. Sr. Bispo Auxiliar. É com verdadeira emoção episcopal e com louvores a Deus que comunicamos oficialmente a todos os filhos da Comunidade Diocesana esta notícia, mensagem, que constitui para nós honra e graça, singulares e para vós, bênçãos e novas esperanças. Recorro à vossa valiosa colaboração para render a Deus a nossa eloquente ação de graças, pela providencial escolha e carinhosa atenção aos rogos diuturnos de Vosso Bispo, - que sentindo, com o peso dos anos, uma limitação de forças e uma ilimitada exigência de pastoreio na colheita e plantio urgente na Seara Querida, que o Senhor misericordiosamente nos confiou – “o Espírito Santo colocou os Bispos para regerem a Igreja de Deus”, recorremos reiteradas vezes ao Dono da Seara, para que nos mandasse um auxiliar no cultivo da Messe. O nosso apelo e necessidades de nossa querida Diocese encontraram paternal acolhida no coração do Pai comum da Cristandade – santo Padre, o Papa Pio XII, a quem filialmente agradecemos e homenageamos, com regosijo sobrenatural pela felicidade da escolha na qual divisamos a

ação do mesmo Cristo Senhor Nosso – O Bom Pastor por essência – que através de seu Vigário governa e santifica a Igreja de Deus. É o Pai Comum – na sua monumental Encíclica; “Corpo Místico de Cristo”, que nos doutrina...” esta denominação de Corpo de Cristo não quer dizer somente que Cristo é a cabeça do seu Corpo Místico, senão que também Ele sustenta a Igreja, vive na Igreja de tal maneira que a Igreja é como uma segunda personificação de Cristo”.

Por ato de 18 de Março de 1953 – do Augusto Pontífice, o Papa Pio XII – o Exm^o. Sr. Monsenhor Othon Motta, como titular de Urzita, foi nomeado nosso Bispo Auxiliar.

O Santo Padre foi buscar no tradicional e abençoado Seminário S. José – do Rio de Janeiro – o nosso providencial auxiliar. O seu elogio está na escolha do Divino Espírito Santo, a sua eficácia e zelo apostólicos estão eloquentemente atestados nos longos anos, que se consagrou na árdua e difícil tarefa de direção espiritual do Seminário S. José do Rio de Janeiro. Consagrou as primícias de seu sacerdócio – “na obra das obras da Igreja” – às vocações sacerdotais, na expressão do Santo Padre, o Papa Pio XI, de imortal memória.

O desenvolvimento da cidade de Juiz de Fora, as solitudes constantes das paróquias do interior, com seus complexos problemas e exigências apostólicas reclamam de nós, crescentemente, dia a dia, redobrando as forças e dedicação constantes. Quando olhamos para nossa querida Diocese vemos algo que Nosso Senhor realizou através de nós; mas estas mesmas realizações estão a reclamar dedicação e operários. Não estamos satisfeitos com o que fizemos, apenas iniciamos. Muita coisa urge realizar para maior glória de Deus e salvação das almas. Em meu coração de Pai e Vigário de vossas almas sinto hoje o mesmo entusiasmo e vigor apostólicos de 29 anos passados, quando me consagrei ao serviço deste rebanho querido, mas os trabalhos e sacrifícios que exigem vossas necessidades e maior glória

de Deus atualmente, já nos desaconselham os anos e nos proíbem as forças físicas. É para nós salutar alegria ver o nosso trabalho secundado, continuado e completado para maior glória de Deus e salvação das almas, que nos foram confiadas pela Providência Divina. Virá pois Mons. Othon Motta partilhar de nossos pesados encargos – como providencial e caridoso Cirineu nos ajudar a levar a Cruz que há 29 anos nos pesa aos ombros. Manifestamos de público nossa alegria e apelo paterno para que S. Excia. Revma. o Senhor Bispo Auxiliar seja recebido com entusiasmo filial e encontre em todos colaboração, repeito e obediência filiais com que me tem confortado e ajudado. É nosso propósito conceder ao Exmo. Sr. Bispo Auxiliar as mais amplas faculdades e poderes – que lhe possamos transferir segundo as normas canônicas. S. Excia. Revma. será sagrado na Festa de Pentecostes, 24 de maio próximo, na Igreja candelária do Rio e será recebido, oficialmente, em nossa Sede Episcopal no dia 13 de junho – Festa de Santo Antônio, Padroeiro da Diocese. Recomendamos encarecidamente aos nossos, caríssimos párocos e irmãos no sacerdócio, aos Religiosos, Religiosas, à Ação Católica, às Associações Religiosas e aos fiéis fervorosas preces a Deus para que nossos favores do Alto assinalem esta fase festiva e esperançosa da nossa querida Diocese. Oportunamente será divulgado o programa de recepção de S. Excia. Revma. o Senhor Bispo Auxiliar.

Determinamos que esta Circular seja lida em todas as Matrizes e Capelas do Bispado e registrada no livro de Tombo.

Que as bênçãos de Deus unam a todos no vínculo imortal da Caridade “para que Deus seja tudo em todos” e “todos, um em Cristo” – em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo.

Dada e passada em nossa Episcopal Cidade de Juiz de Fora, aos 26 de abril de 1953 – III Domingo depois da Páscoa do Senhor!

+ JUSTINO, Bispo de Juiz de Fora

. Ano XXVII, 07/05/1953, nº 1393, página 04

Aniversário natalício de Mons. Othon Motta

Completará a 12 do corrente mês, 40 anos de idade, o Exm^o. Monsenhor Othon Motta que, como é sabido, dentro de poucos dias será sagrado Bispo com a designação para Auxiliar da nossa Diocese.

Por tão grata efeméride, oferecemos aos nossos leitores esta informação e ao mesmo tempo lembramos a especial oportunidade para que rezemos na intenção de S. Excia.

“O Lampadário”, desde já, apresenta a S. Excia. Revdma. seus respeitosos cumprimentos pedindo a Deus o conserve “ad multus annos”.

. Ano XXVII, 14/05/1953, nº 1394, página 04

Atrás das trincheiras

Mons. Othon Motta

(Continuação)

... Aliás, neste particular de contradições e contrasensos, o Espiritismo se nos apresenta como inesgotável mina. Assim não será surpresa para mim se o nome do Pe Herédia vier amanhã figurar na fachada de qualquer casa espírita.

Tocados de pudor, às vezes, arrebatam dos santos a auréola, que a Igreja lhes conferiu e surge por exemplo: Abrigo Francisco de Paula. Esqueceram-se de que foi a santidade que projetou o exemplo destes homens até nós.

O culto de N. Senhora, tão tradicional no Brasil, não é colo-

cado à margem pelo Espiritismo já que tem raízes profundas na alma do povo. Maria Santíssima deixa de ser a Mãe de Deus e a Virgem Admirável da crença católica para ser encarada como mulher comum.

E, de acordo com o pensar do Pe. Negromente, o povo se revoltaria se conhecesse a doutrina espírita sobre N. Senhora.

Não obstante isto, usam e abusam do nome da Mãe de Jesus ao lado de contradições berrantes. Assim, surgem em frente de uma casa esses dizeres: - Centro N. Senhora da Conceição, quando lá se ensina que o pecado original não existe.

De uma feita, falava entusiasmado orador em conceituada estação de rádio sobre Maria, encarando-a debaixo do prisma meramente humano, derramando-se em negações do sobrenatural e da graça, para no fim invocá-la sob o título de N. S. das Graças.

Isto provocaria riso se não fora digno de pena. Infelizmente o povo simples não percebe essas contradições e lentamente vai se envenenando na convicção de que a doutrina de Allan Kardec não é contrária a Nossa Senhora.

Se alguém visitar o interior de um centro espírita, esta ideia tomará vulto ao contemplar ali imagens de N. Senhora e de outros santos. Verdadeira profanação. Ainda há poucos dias, por ocasião do atentado contra o repórter inconveniente, que ousara penetrar nos umbrais do Centro Caminheiros da Verdade, apreciado matutino desta Capital estampava o interior desta casa onde se via nitidamente a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Além disto, as orações preferidas são muitas das que ressoam em nossos templos: - Padre Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, etc. a insensatez atinge o auge quando se recita o Credo sem perceber a profissão de fé nele contida e, por conseguinte, a própria condensação.

Pouco molesta ao espírita o ridículo das contradições se tem uma finalidade em vista, - a confusão. E ele o consegue em toda a ple-

nitide.

Dentro deste plano, os sacramentos são inicialmente aconselhados. Eu me lembro do embaraço em que eu me encontrei no início da minha vida sacerdotal ao averiguar a triste verdade de comunhões recomendadas por centros espíritas.

Assim não me admiro da afirmação do Revdo. Frei Boaventura Kloppenburg de que há centros espíritas que só admitem pessoas católicas casadas na Igreja católica. Tudo isto é normal e dentro de seus planos, mas não posso me conter diante da deslealdade.

Neste ambiente confuso, não é difícil explorar a tendência nitidamente brasileira de querer acomodar tudo, até as atitudes mais opostas, e espalhar por toda parte, com ares proféticos, que podemos ser católico e espírita ao mesmo tempo.

Isto seria encanto de candura, se não fora requinte de malícia. O fato, porém, é que a ideia cresce e se generaliza por todo canto. Neste clima confuso, a difusão do espiritismo é consequência natural. É árvore que em terreno propício se esgalha.

Acresce ainda a forte inclinação do nosso povo para as superstições e a lamentável ignorância religiosa, misturando credices e culto verdadeiro.

(Continua)

. Ano XXVII, 21/05/1953, n° 1395, página 01

Atrás das trincheiras

Mons. Othon Motta

(Continuação)

...Não podemos por de lado o sentimentalismo intenso da alma brasileira, que na comunicação com os mortos encontra lenitivo po-

deroso à dor imensa causada pela morte de entes queridos. Tenho a impressão de que a maioria dos que hoje militam em arraiais espíritas para lá se dirigiram levados pela saudade de mortos inesquecíveis. E todos nós conhecemos a força da amizade e do desespero em busca de bálsamo para o coração. A imaginação se agita, a memória relembra e já não se pensa em outra coisa.

Verdadeira obsessão atingindo os limites da loucura.

Em ambiente de mistério, onde a excitação nervosa conduz a excessos lamentáveis, a imoralidade não poderia deixar de aparecer seduzindo inúmeras almas.

Nessa altura é necessário ressaltar que há espíritas honestos e dignos, mas isto não impede de se dizer que há muita coisa ofensiva aos bons costumes em alguns centros espíritas. Aliás, a isto levam o ambiente sombrio, a excitação nervosa e principalmente os chamados passes.

Para evitar inconvenientes em alguns centros espíritas estes são ministrados de acordo com o sexo. Homem em homem, mulher em mulher.

Lembro-me de ter sido procurado por um senhor disposto a abandonar a esposa porque esta, em sessão espírita, se despira inteiramente para que o espírito baixasse... Tudo isso não será agradável ao homem corrompido? Finalmente, apresentando Deus como apenas bom, deturpadamente bom, a ponto de não castigar, o espiritismo seduz a muitos cuja voz da consciência assim procuram sufocar. Não há aquela harmonia tão apregoada pela teologia católica.

Evidentemente, numa religião em que não há castigo, nem inferno, e por isso mesmo a moral é relativa, a natureza humana, inclinada sempre à maldade, se sente bem.

Desfraldando a bandeira da caridade, distribuindo remédios e explorando forças naturais desconhecidas, o Espiritismo vai fazendo

prosélitos.

Cada espírita é um fanático. Fanatismo tão apaixonado que frequentemente anda perto da loucura. E o mundo, às vezes é dos loucos.

Diante dos progressos do Espiritismo não adiantam lamentações e lamúrias. Devemos agir.

Primeiramente, como sugere a Circular da Nunciatura, promover, por meios eficientes e oportunos, maior e mais profunda instrução religiosa.

Catecismo de penetração, sem visar o Espiritismo direta e declaradamente mas insistir em pontos fundamentais da doutrina cristã. Pregação clara sobre pontos básicos da heresia, sem explorar muito o ridículo de algumas situações.

Há muita pregação de efeito contrário porque falseia a doutrina e irrita o espírito. É mister muito ter caridade. Aqui mais do que em outro campo, é necessário edificar a verdade.

Mostrar principalmente a incompatibilidade entre o catolicismo e o Espiritismo.

Não esqueçamos que não basta instrução religiosa para derrotar o espiritismo. Devemos assistir ao povo. Hoje, então, pela assistência social, podem-se fazer esplêndido apostolado. Um consultório médico de portas abertas a todos, é baluarte poderoso contra o Espiritismo curador. Vencê-los pela caridade, que se manifesta não só na criação de ambulatórios, hospitais e outras obras de misericórdia, mas principalmente pelo conforto nas horas da morte, lembrando-lhes de que a esperança não será eterna mas momentaneamente.

O Espiritismo não é caso de polícia, mas exige muita paciência, caridade e amor. Devemos amá-los. Não são maus inteiramente, mas vítimas de erros e seduções. Vamos esclarecê-los com as belezas da doutrina católica. Aproveitar, por exemplo, a ocasião das Missas de

Requiem e as festas dos Santos populares para pregar sobre o juízo a após a morte, donde a alma irá definitivamente para o seu lugar, rejeitando desta maneira a reencarnação. Os espíritas gostam do Evangelho. Vamos ler frequentemente para o povo parábola do rico e do pobre lázaro e do juízo final etc.

Divulgar de modo popular os progressos da ciência em relação às forças naturais, à transmissão de pensamentos e a outros fenômenos de Psicologia Experimental. Muitas vezes, meros fenômenos naturais desconhecidos como manifestações sobrenaturais de espíritos.

Ao falar de divulgação, eu me sinto no direito de insistir na necessidade de espalhar as bênçãos do Ritual Romano, que a Igreja apresenta para todas as precisões. Se os padres usassem mais Ritual, não haveria tantos benzedores. Além disto, são sacramentais cuja força é grande diante de Deus. O povo gosta das bênçãos porque tem sede do sobrenatural. Abramos-lhe a fonte de água viva.

Finalmente é preciso rezar. O fanatismo espírita, muitas vezes, somente será quebrado pela oração unida ao sacrifício.

Verifica-se a palavra de Jesus: “Este gênero de espírito só se expulsa com oração e jejum”.

Fim

. Ano XXVII, 21/05/1953, n° 1395, página 04

Sagração Episcopal do Bispo auxiliar

Conforme está anunciado, no próximo domingo, dia 24, Festa de Pentecostes, será elevado à dignidade episcopal, segundo o rito da Santa Igreja, Monsenhor Othon Motta e virá a ser o Bispo Auxiliar da nossa Diocese.

A tocante cerimônia será realizada na Capital da República,

tendo sido escolhida a Igreja da Candelária, afim de que possa com mais facilidade, as pessoas que ali estarão para participar e assistir a Sagração de Monsenhor Othon.

Terá início às 8 horas e 30 minutos, devendo ser sagrante o Eminentíssimo Snr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara e consagrantes os Exmos. Snrs. Dom Justino José de Sant'Ana Bispo de Juiz de Fora e Dom Rosalvo Costa Rego, Arcebispo-Auxiliar do Rio de Janeiro.

De Juiz de Fora partirão várias representações das diversas paróquias, além de membros do Cabido Diocesano e outros membros do Clero local.

Uma vez sagrado Dom Othon permanecerá no Rio até junho, devendo, finalmente, a 13 daquele mês dar entrada nesta cidade e assim iniciar seu sagrado ministério episcopal junto do nosso venerando Bispo Diocesano, Dom Justino José de Sant'Ana.

Oportunamente daremos informações sobre o programa da recepção do nosso Bispo Auxiliar.

AVISO

Aproveitamos o ensejo para AVISAR às pessoas que comporão a representação da Paróquia de São Mateus, que a partida do ônibus de J. de Fora, domingo será as 2 horas da madrugada, devendo todos estar presentes na frente à Igreja de São Mateus aquela hora, sem falta, afim de evitar atrasos.

. Ano XXVII, 28/05/1953, n° 1396, página 01

S. Excia Revma. D Othon Motta,

DD. Bispo Auxiliar de Juiz de Fora

Temos a grata satisfação de, num preito sincero e de filial homenagem, estampar na primeira página de nosso semanário, a fotografia do Exmº Snr. Dom Othon Motta, cuja Sagração Episcopal se verificou domingo p.pº, na Igreja da Candelária, Rio de Janeiro, perante numerosa assistência.

Funcionaram como sagrantes e consagrantes, respectivamente, S. Emcia. Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro e S. Excias. Revmas. Dom Justino José de Sant'Ana, Bispo de Juiz de Fora e Dom Jorge Marcos de Oliveira, Bispo Auxiliar da Arquidiocese do Rio.

Entre as pessoas presentes à tocante cerimônia tanto da parte do Clero como dos fiéis, achava-se notável representação de Juiz de Fora.

Aguardaremos agora a oportunidade de informar aos nossos leitores sobre a recepção de Dom Othon, para o que, programa está sendo elaborado com gosto pela Comissão delegada pelo Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Diocesano.

Beijando o sagrado anel, do Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Auxiliar, elevamos a Deus nossas renovadas preces pelo bem estar de S. Excia. Revma., daqui há pouco no exercício de suas novas e graves funções de Bispo da santa Igreja, entre nós, ao lado de Dom Justino.

. Ano XXVII, 11/06/1953, nº 1398, página 01

Benvindo seja aquele que vem em nome do Senhor!

Benvindo seja, pois, Dom Othon Motta. DD. Bispo

Auxiliar de Juiz de Fora

Chegará sábado dia 13, o Bispo Auxiliar

Conforme é já do conhecimento público, deverá chegar em Juiz de Fora, no próximo sábado, o Exmo. e Revmº. Snr. Bispo Auxiliar. O programa da recepção de S. Excia. está assim redigido pela Comissão:

Em nome do Exmo. Revmo. Dom Justino José de Sant’Ana, digníssimo bispo diocesano, convidamos a todas as autoridades, à Ação Católica, às associações religiosas, aos colégios e ao povo em geral, que todos compareçam para esta sincera e respeitosa homenagem ao que “vem em nome do Senhor” auxiliar nosso dedicado pastor. Dádiva insigne para Juiz de Fora, que mais uma vez mostrará gratidão a Deus pelos benefícios recebidos e aplaudirá os que tanto se interessam pelo bem espiritual desta progressista e católica cidade de Santo Antônio do Paraibuna de Juiz de Fora.

Agradecemos, antecipadamente, todas as manifestações de entusiasmo filial e as esplêndidas homenagens que serão prestadas ao exmo. e revmo. sr. Bispo auxiliar.

A comissão organizadora – Monsenhor Gustavo Freire – Padre Newton Pimenta, S. V. D.”

O programa da recepção é o seguinte;

Dia 13 de junho:

Uma Comissão irá ao Rio buscar o exmo. e revmo. dom Othon Motta.

Em Paraibuna, às 15,30 horas, será recebida por uma comissão e pela Federação dos Congregados Marianos.

Em Matias Barbosa, às 16 horas, será recebido pelo Exmo. e Revmo. Dom Justino José de Sant’Ana, bispo diocesano; Sr Olavo Costa, prefeito municipal; general Zeno Estillac Leal, comandante da 4.a Região Militar; tenente-coronel Francisco de Assis Miranda, comandante do 2.º batalhão de Caçadores; representantes da Câmara Municipal; Sr. Ademar de Andrade, prefeito Municipal de Matias Bar-

bosa; revmo. padre vigário, associações religiosas e povo de Matias Barbosa.

As pessoas que desejarem acompanhar o cortejo, poderão ir a Matias.

No posto de guarda, em retiro, o Seminário Redentorista e o povo da Floresta homenagearão dom Othon Mota.

Em Juiz de Fora, chegará o exmo. sr. bispo auxiliar às 17 horas. O povo formará ao longo das ruas, sendo o itinerário o seguinte: Poço Rico, rua Osório de Almeida, avenida Getúlio Vargas, largo do Riachuelo, avenida Barão do Rio Branco e rua Espírito Santo.

Da sacada do Palácio Episcopal, o exmo. e revmo. sr. bispo diocesano apresentará o exmo. revmo. sr. bispo auxiliar.

Em nome do clero, será saudado pelo revmo. sr. Cônego Luiz de Freitas, reitor do Seminário Diocesano.

Em nome do laicato, falará o professor Henrique José Hargreaves.

Ano XXVII, 04/06/1953, n° 1397, página 01

A Dom Othon Motta

Discurso proferido pelo Côn. Pacheco, na sacristia da igreja da Candelária, no Rio, após a sagração do Exmo. Bispo Auxiliar de Juiz de Fora:

O exmo. Presidente do Cabido Catedral de Juiz de Fora deume a honrosa e sobremaneira grata incumbência de, nesta oportunidade saudar a V. Excia. Revma. Sr. Dom Othon Motta, em nome do Cabido e do Clero juizforense. Aceitei prazeiroso a incumbência, tangido pela aura da jubilosa e contagiante alegria, que perpassa fagueira por toda a Diocese de Juiz de Fora, desde o dia em que as radio-emissoras

e os órgãos de imprensa nacional noticiaram que a Santidade Augusta de Pio XII havia nomeado V. Excia. Revma. para o cargo de Bispo Auxiliar do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Justino José de Sant'Ana. A alegria do clero e dos fiéis vibra em uníssono com a alegria do pastor, que vê, com a eleição de V. Excia. Revma., realizarem-se os seus anseios, reiteradamente demonstrados ao santo padre.

Estamos visceralmente convictos de que a eleição de V. Excia., Exmo. Sr. Dom Othon, é uma benção providencial de Deus para a Diocese de Juiz de Fora; do mesmo modo que, para a mesma Diocese, é uma benção carinhosamente paternal do Pai celeste a eleição e atuação do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Justino José de Sant'Ana, este Pastor vigilantíssimo e magnânimo, que, admiravelmente dotado das características de mansuetude e firmeza, organizou e notabilizou a Diocese, na qualidade de seu primeiro Bispo. Atestando a veracidade deste asserto, aí está este admirável e já glorioso, Seminário Santo Antônio, solicitamente fundado por S. Excia. Revma. logo no início de seu governo. Sem dúvida foi – e é – motivo de santa alegria para seu coração de Pastor, quando, das planuras de seus vinte e cinco anos de episcopado, ponde contar que seu Seminário já havia dado à Igreja de Deus nada menos de quase cinquenta sacerdotes, que constituem a grande maioria do clero diocesano. O homem que realiza uma obra de tal vulto – para só mencionar uma entre inúmeras – é, sem dúvida, portador de uma grande benção do céu para a terra.

Movido por natural modéstia, talvez que V. Excia., Sr. Dom Othon, esteja conjecturando de si para si: que temeridade a deste canhestro orador! ainda não me conhece, e tem a ousadia de proclamar que sou uma benção providencial para a Diocese de Juiz de Fora.

É verdade: hoje é que logro a ventura de ver pela primeira vez a V. Excia. Revma, ventura que, até o presente momento, ainda que não teve a quase totalidade do clero juizforano. Entretanto, mal se

divulgou a feliz notícia da eleição de V. Excia., de várias partes, e particularmente da Capital da República, chegaram às Alterosas as mais credenciadas referências à Augusta pessoa do Bispo Auxiliar de Juiz de Fora. E todas essas referências, unanimemente proclamam: “Excia. como homem de Deus para a florescente diocese mineira. Em perfeita consonância com estas referências, temos, acima de tudo, o atestado da vida sacerdotal de V. Excia., consagrada toda ao serviço de Deus e da Santa Igreja, na árdua e delicadíssima tarefa da formação dos futuros sacerdotes do Altíssimo. Este cargo, exercido com edificante proficiência, durante quinze anos, é um atestado eloquente.

Além disto, pudemos aquilatar o zelo apostólico que abraza a alma de V. Excia., através de dois sermões e um artigo da lavra de V. Excia. Revma. transcritos no órgão oficial da Diocese. Os dois sermões tem por assunto a missão do padre nos tempos modernos; o artigo traça normas admiravelmente criteriosas para uma campanha eficiente contra a heresia espírita, que tanto mal tem causado aos indivíduos e à própria sociedade.

Nessas três amostras vemos pulsar punjante de vida o *sentire cum Ecclesia*. E que outra é a missão da Igreja, senão trazer para as almas, para a sociedade e para os povos aquilo que unicamente pode livrá-los da barbárie e da derrocada – a santidade?

Quando nós outros tomamos o pulso dos indivíduos e dos mais variados ambientes sociais – particularmente nesta época de confusões, de inversão dos valores e da apavorante crise de caráter – chegamos à conclusão de que somente a santidade pode salvar o mundo moderno da angústia que a atormente. O Bispo é o guardião e o portador categorizado desta santidade que o divino Redentor confiou a sua Igreja.

A santidade do sobrenatural, com a plenitude dos dons do Espírito Santo, canalizando a vida de Deus para as almas, por meio dos sacramentos.

A santidade pessoal da vida consagrada a Deus e às almas, no martírio secreto da vida cotidiana, como vítima adornada e silenciosa.

A santidade da verdade, no labor da vida intelectual, interpretando para os fiéis a mensagem do Pai celeste, contida na revelação bíblica e no ensinamento tradicional da santa Igreja.

A santidade da caridade na compreensão e aproximação razoável do homem, com seus defeitos, com sua possibilidade de regeneração e sua capacidade de bem.

A santidade do apostolado enfim, para promover a glória de Deus e o bem das almas, pela ação organizadora e impulsionadora, lançando mão dos métodos, dos recursos, das técnicas que a Providência proporcionou à cultura contemporânea.

Nos mencionados sermões e artigos V. Excia. vemos, com indisfarçável alegria, que V. Excia., Exmo. Sr. Dom Othon, ao lado do Exmo. e Revmo. Dom Justino será também para a Diocese de Juiz de Fora guardião e portador da santidade da Igreja de Cristo. Não é para isto de admirar que a cada passo se ouça uma afirmação como esta: Dom Othon é uma benção do céu para Juiz de Fora. Esta convicção da alma católica da Diocese robusteceu-se ainda mais com a esplêndida circular, pela qual o Exmo. Sr. Bispo Diocesano dá à diocese a alvareira notícia da eleição da V. Excia. Revma. É portanto a alma do Pastor e das ovelhas que se unem num só sentimento para agradecer a Deus a dádiva com que brinda a Diocese, dando-lhe V. Excia. como Bispo Auxiliar.

Que, particularmente neste memorável Pentecostes de 1953, desçam sobre a grande comunidade da Igreja juizforense os mais preciosos dons do Espírito Santo, dons que a congreguem no vínculo da caridade de Cristo, que a fortaleçam para a luta em prol do reino de Deus – conforme os votos da santa Igreja, na sexta-feira das Têmporas de Pentecostes: “us Spiritus Sancto congregata, hostili pulatemus in-

cursione turbertus”.

Parabéns a Juiz de Fora!

Perene felicidade a V. Excia.!

. *Ano XXVII, 11/06/1953, nº 1398, página 02*

Federação das Congregações Marianas de Juiz de Fora

Saudação ao Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Auxiliar

Devendo chegar a esta cidade no próximo sábado, dia 13, afim de como Bispo Auxiliar da Diocese, ajudar ao nosso venerando Bispo Diocesano, no pastoreio das ovelhas que se acham sob seus cuidados, apressemo-nos em, humildes e respeitosos, de joelhos e mãos súplices, saudar S. Excia. Revdma.

Já foi dito em discurso de saudação, há dias, logo após a Sa-gração de S. Excia. Revdma., pelo nosso caríssimo Cônego Antônio Pacheco Ribeiro, que a eleição do Exmo. e Revmo. Dom Othon Motta para Bispo Auxiliar de Juiz de Fora, “é uma benção providencial de Deus para a nossa Diocese”.

Quem agora conhece “o pouco que é muito” da vida de Dom Othon, saberá e poderá avaliar quanto de verdadeiro está naquelas pa-lavras pronunciadas com vivo entusiasmo pelo Cônego Pacheco.

Antes, pois, que tenhamos a grande honra e prazer imenso de nos aproximar mais de perto de S. Excia. Revdma. antes mesmo que S. Excia. pise no território mineiro, antes que osculemos seu sagrado anel dentro dos muros da nossa tão querida Diocese, antes que o en-contremos e o divisemos ao lado do Exmo. Revmo. Dom Justino, nós marianos de Juiz de Fora, representados pela Federação Diocesana das Congregações Marianas, nestas breves palavras, erguemos a nossa

primeira saudação aquele que está vindo em nome do senhor, S. Excia. Rvdma. Dom Othon Motta!

Que o nosso entusiasmo exterior seja o produto, a consequência pura e natural daquilo que deve estar dentro de nossos corações orientados, trabalhados e formados na escola da Virgem!

Que subam até o trono do Altíssimo, pelas mãos puríssimas de Maria, novas preces ardentes e sinceras nas intenções do Bispo Auxiliar.

Salve Dom Othon Motta! Dos marianos de Juiz de Fora, todo respeito, pela submissão, total acatamento!

Viva o Exmo. e Revdmo. Snr. Bispo Auxiliar!

. Ano XXVII, 18/06/1953, nº 1399, página 01

A cidade de Juiz de Fora vibrou de entusiasmo à chegada do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Auxiliar, D. Othon Motta

Como foi recebida S. Excia. Revma. – Homenagens – A chegada na cidade – Manifestações populares desde Paraibuna até o Palácio Episcopal. – Os discursos. – Jantar íntimo; -- novos oradores – Agradecimentos de D. Othon – O brinde ao Santo Padre

Conforme estava programado a 13 do corrente, dia de Santo Antônio, Padroeiro da cidade, foi solene e festivamente recepcionado em Juiz de Fora, o Exmº e Revmo. Sr. D. Othon Motta, eleito Bispo Auxiliar de nossa Diocese.

É sabido que, por instâncias de D. Justino, venerando Bispo Diocesano, a S. Sé, houve por bem atender o justo pedido de S. Excia. Rvdma., fazendo recair a escolha na pessoa do então Diretor Espiritual do Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro .

Conhecidos estes fatos e realizada a solene Sagração Episcopal no dia de Pentecostes, na Capital da República, Dom Othon Motta deveria entrar no exercício de suas novas e altas funções de Bispo Auxiliar.

A SUA CHEGADA EM JUIZ DE FORA

Marcada para 13 de junho, logo depois era conhecido o programa de recepção de S. Excia. Revdma.

Surge, em plena consonância com as alegrias que partiam de todos os juizdeforanos, o dia de Santo Antônio, por sinal feriado municipal. Manhã alegre, tempo firme banhado por um sol radiante de inverno. A hora marcada, pela madrugada partia em carro especial oferecido pela Prefeitura Municipal, a Comissão encarregada de trazer do Rio a Juiz de Fora, o Bispo Auxiliar: um vereador representando p Exmo. Sr. Prefeito e um sacerdote, aliás o mais novo da Diocese, representando o Clero.

EM PARAIBUNA, MATIAS BARBOSA, PONTO DO GUARDA e ABRIGO SANTA HELENA

Às 14 horas mais ou menos já se achando em Paraibuna outra Comissão, Congregados Marianos chefiados por seu Diretor Diocesano e pelo Presidente da Federação, assim como representações das Paróquias de Ibitiguaia e S. Pedro de Alcântara, pisava o Sr. Bispo D. Othon com sua comitiva, em território mineiro, isto é, no início da Diocese. Aí recebe a 1ª manifestação de todos os presentes.

Seguindo para Matias, pouco depois, era S. Excia. Revma. ali recebido entusiasticamente pelo povo daquela vizinha cidade vendose à frente o zeloso Pároco Pedro Ferrari.

Recebeu aí os cumprimentos de boas vindas das autoridades eclesiásticas, civis e militares de Juiz de Fora e de Matias, seguindo nas pessoas do exmo. S. Bispo, e Comandante do 2º B. C. M. etc., logo após, sua viagem rumo a Juiz de Fora. Tendo em Matias passado

para um carro aberto, viam-se ao lado do Bispo Auxiliar, os Exmos, Srs. Bispos Dom Justino, titular da Diocese e D. Rodolfo Pena, Bispo Diocesano de Valença, Est. do Rio.

A medida que ia passando, abençoava a todos paternalmente até que chegando à entrada da cidade, no Ponto do Guarda, fez-se nova parada, porque o Seminário maior Redentorista da Floresta com seu superior e uma representação dos habitantes da Fazenda da Floresta deveriam, como fez, homenagear o Exmo. Sr. Bispo Auxiliar, ao que respondeu S. Excia. comovidamente.

Seguindo, nova parada se verificou em frente ao Abrigo Santa Helena, onde uma interessante aluna do Instituto Santos Anjos, em ligeiro e delicado discurso, saudou D. Othon Motta e o Exmo. Sr. D. Justino. Enquanto se aguardava ordem para seguir, porque dever-se-ia agora definitivamente entrar na cidade, Dom Othon cumprimentou e abençoou às Revdas Irmãs Vicentinas que dirigiam o Abrigo e aos velhinhos abrigados que, em filas prestaram suas homenagens ao novo Bispo.

ENTRA D. OTHON NA CIDADE

Desde a Vila Ideal, Poço Rico, Espírito Santo, Av. Getúlio Vargas, Largo Riachuelo, Av. Rio Branco e Espírito Santo até o Palácio Episcopal, onde se avolumaram mais ainda as manifestações de agrado, simpatia e respeito a D. Othon Motta, assim como a D. Justino, o povo delirava na alegria e ovacionava calorosamente o novo Príncipe da Santa Igreja mandado pela S. Sé para auxiliar na nossa Diocese de Juiz de Fora.

NO PALÁCIO: A MANIFESTAÇÃO

POPULAR E OS DISCURSOS

Entrando no palácio sob vivas e aclamações em meio do delírio popular, D. Othon Motta assoma à sacada do palácio em Companhia dos dois Bispos citados e das autoridades civis e militares que o acompanhavam.

Usa da palavra em primeiro lugar, D. Justino José de Sant'Ana, Bispo Diocesano que, em curtas mas elevadas expressões, apresenta ao povo o Bispo que o S. Padre Pio XII lhe mandara para auxiliar no governo da Diocese. Em certa altura, para dizer melhor quem era D. Othon, repetiu o que D. Jaime Câmara, de quem até há pouco, o novo Bispo vinha sendo dedicado auxiliar como Diretor Espiritual do Seminário, que Sua Emcia. lhe havia dito: “roubaram-me uma das melhores joias...”

Terminadas as palavras do Pastor Diocesano, a multidão prorrompeu em demorada salva de palmas e repetitivos vivas.

Usa da palavra, a seguir, o Cônego Luiz de Freitas, reitor do Seminário Diocesano, tendo o seu discurso de saudação a Dom Othon em nome do Clero da Diocese de Juiz de Fora assim como do Seminário Santo Antônio.

Segue-se com a palavra, o Professor Henrique Hargreaves em nome do laicato saudando o Sr. Bispo Auxiliar, lembrando fatos históricos da vida religiosa da nossa Diocese, referindo-se ainda a diversos problemas, para dizer, com todos os católicos de Juiz de Fora, da satisfação de ver entre nós, Dom Othon, para trabalhar com D. Justino, nas diversas iniciativas que tocam à autoridade Diocesana.

RESPONDE, FINALMENTE, DOM OTHON

Ansiosamente esperado, toma da palavra, a seguir, Dom Othon e visivelmente emocionado por tudo que via, sentia e ouvia, confessa-se encantado com Juiz de Fora e o seu povo tão generoso quão

piedoso, em cujos gestos confirmava a tradição de gente que deixa estampada na sua fisionomia moral-religiosa os efeitos de lições recebidas, por exemplo, disse Dom Othon, grande e imortal bispo mineiro que foi Dom Silvério Gomes Pimenta. E referindo-se a D. Justino, teve palavras de grande amizade e respeito para com S. Excia. Revma a quem vinha, por ordem do S. Padre Pio XII, ajudar na grande obra da santificação das almas.

As palavras de S. Excia. Revma. foram várias vezes, interrompidas pela compacta multidão que se apinhava em frente ao Palácio. Terminou assim Dom Othon agradecendo a todos de coração, as homenagens tão carinhosas de que estava sendo alvo desde cedo.

Dando sua bênção episcopal como penhor de seu reconhecimento no interior do Palácio deu a oscular a todos que dele se aproximaram, o seu anel episcopal.

O JANTAR ÍNTIMO NO COLÉGIO CRISTO REDENTOR. NOVOS ORADORES O AGRADECIMENTO DE DOM OTHON

Ao jantar íntimo, de 200 talheres oferecido pelo Clero e católicos diocesanos em homenagem a D. Othon, compareceu S. Excia. Revma. assim como D. Justino, Dom Rodolfo, autoridades civis e militares, pessoas gradas, representantes das classes liberais, culturais, sociais, de associações trabalhistas e religiosas, dentro do maior espírito de cordialidade.

À sobremesa, oferecendo o jantar e saudando o Sr. Bispo Auxiliar, falou em substancioso discurso, o Exmo. Snr. Dr. João Beraldo, Diretor do Banco de Crédito Real de Minas Gerais e interventor do Estado de Minas Gerais. Evocou o orador a memória saudosa de Dom Antônio Viçoso, Dom Silvério Gomes Pimenta, Dom Ferrão, bispos

eminentes que, entre tantos outros, souberam plantar no solo mineiro através de seu povo as mais sólidas virtudes cristãs com que caracterizam o catolicismo tradicional dos filhos deste grande estado de Minas Gerais.

Terminado pós discurso do Dr. João Beraldo, usa da palavra o Cônego Francisco Maximiano de Oliveira, Pároco de Santos Dumont e Membro do Cabido Diocesano, sintetizando em breves e preciosas palavras, nova saudação do Clero secular e Regular a S. Excia Revd-ma. D. Othon Motta.

Falam a seguir o Presidente da Câmara Municipal, Vereador Antônio Sobreira e o Prefeito Municipal, Sr. Olavo Costa, em nome do Legislativo e do Executivo, solidarizando-se com as homenagens ao Snr. Bispo Auxiliar.

Respondendo, ainda sob os influxos da emoção, Dom Othon agradeceu sinceramente a todos que naquele instante lhe dirigiram a palavra, tendo para cada um dos oradores referências especiais e para todos os presentes um agradecimento de coração por mais aquela prova de amizade cristã à sua pessoa.

Com o brinde ao S. Padre Pio XII, levantado por Dom Justino, foram dadas e terminadas as manifestações programadas para receber aquele que vem em nome do Senhor, Dom Othon Motta, DD. Bispo Auxiliar de Juiz de Fora.

. Ano XXVII, 18/06/1953, n° 1399, página 03

Dom Othon, formador de padres

Estamos, afinal, de parabéns, com o presente que a S. Sé vem nos brindar, dando a Dom Justino, um auxiliar que, tem sido até então principalmente, formador de padres.

Entre festas deu entrada em Juiz de Fora, a 13 do corrente, S. Excia. Revdma.

Desde o dia 24 de maio, p.p., em que S. Excia. recebeu na Candelária, a Sagração Episcopal, vem o nosso povo juizforense, notadamente os católicos, demonstrando ao novo Antistete, as melhores provas de aderência, admiração e respeito envoltos n'uma grande esperança de ver em franco progresso o Catolicismo da nossa gente, infelizmente tão ameaçado pela confusão de doutrinas heréticas.

Assim foi que, naquele memorável Pentecostes de 1953, no amplo templo da Capital da República, lá se achavam o Pastor Diocesano e enorme quantidade de ovelhas suas, testemunhando a alegria de ver elevar-se á plenitude do sacerdócio, aquele que o Espírito Santo elegeu para Bispo Auxiliar de Juiz de Fora.

E ontem, isto é, dia 13, toda a Diocese por assim dizer, se achava disposta nas ruas de Juiz de Fora, afim de receber festiva e entusiasmaticamente aquele que vem em nome do Senhor!

Realmente, mesmo que Dom Othon não tivesse as qualidades já bem nossas conhecidas para merecer tamanha distinção da S. Sé, - no que se verifica como age acertadamente sempre o Sumo Pontífice, - bastar-nos-ia, entre tantas virtudes, a de ter sido durante quatorze anos diretor espiritual de um seminário.

E é neste alto, honroso e difícil posto que Pio XII foi buscá-lo para colocá-lo ao lado de Dom Justino.

Como se portou Dom Othon naquela árdua missão de formador de padres, diga-o o autor das linhas que se seguem, em "In Altum", a última edição: "D. Othon Motta há quatorze anos vinha exercendo o cargo mais importante, em certo sentido, do nosso seminário: o de formar padres santos. E várias turmas de ardorosos sacerdotes saíram do seminário com as almas orientadas por D. Othon.

Resultado, sem dúvida, dos mais belos. Mas não nos vamos

deter na apreciação deste resultado: vamos antes contemplar D. Motta durante quatorze anos sempre muito prestativo, um sorriso nos lábios para quem lhe batia à porta, a receber carinhosamente os que iam pedir-lhe um conselho. É no pequeno, na fidelidade ao insignificante, é aí que o queremos louvar. Sim, os resultados foram ótimos, mas haveria que ser assim. Porque D. Othon foi pai, viveu plenamente o mistério da paternidade sobrenatural. Ele foi o nosso Padre Espiritual. Gerou no Espírito. Agora a Santa Igreja lhe confere o dom de uma paternidade plena. “Servo bom e fiel, porque nas pequenas coisas foste fiel, eu te constituirei sobre muitas...” (Mat., 25-21). A lição, que D. Othon Motta nos deixa, é antes de tudo uma lição de fidelidade no mínimo, cotidiana advertência no sentido que a vida cristã perfeita não consiste em fazer ordinariamente o extraordinário senão extraordinariamente o ordinário.”

Com este elogio dos seminaristas do Rio a Dom Othon, prestamos nós daqui do nosso cantinho, a nossa homenagem filial ao novo Bispo: formador por excelência, de padres santos.

AURÍLIO COSTA

. Ano XXVII, 18/06/1953, nº 1399, página 04

Federação das Congregações Marianas de Juiz de Fora

Dom Othon Motta

Toda Juiz de Fora recebeu com alegria o prelado auxiliar da Diocese.

Os congregados marianos que foram recebê-lo ao entrar nas terras das minas gerais, em Paraibuna, servem-se desta desprentenciosa coluna para trazer a S. Excia., Revma. os protestos da elevada e filial veneração.

Modestos, porém abnegados, estes marianos, trabalhando por um ideal alevantado e nobre, sentem-se jubilosos de, curvados reverentemente, oscular o sagrado anel do novo bispo, protestando irrestrita obediência ao magistério da Santa Igreja.

É o santo Padre, gloriosamente reinante, quem afirma: - “quem não vê quão oportunos instrumentos de apostolado sejam as Congregações Marianas, não só em virtude de sua fervorosa e incondicional sujeição a esta Sé Apostólica, cabeça e fundamento de toda jerarquia Eclesiástica, mas também pela humilde e dócil submissão às ordens e conselhos dos Ordinários, segundo a sua índole e capacidade.” E em outro trecho: - “...uma vez que as CC.MM. tomaram como lema, logo desde a fundação, as regras para “para sentir com a Igreja”, parece terem adquirido certa como que inclinação natural de obedecer aos ditames daqueles que “o Espírito Santo pôs como Bispos a regerem a Igreja de Deus; donde resulta que prestaram e prestarão valiosíssimo auxilio aos mesmos Bispos na dilatação do reino de Cristo.” O mais irrefragável testemunho de que elas não buscaram nunca o interesse de qualquer causa particular, mas sempre o bem da Igreja está naquele brilhantíssimo esquadrão de Congregados Marianos, supremas honras dos altares, com cuja glória se ilustra não apenas a Companhia de Jesus, mas o próprio clero secular e não poucas famílias religiosas, que das CC. MM. saíram dez Fundadores patriarcas de novas Ordens ou Congregações Religiosas” (Bis Saec.).

Eis porque Exmo. Revmo. D. Othon Motta, os marianos fiéis às suas Regras, genuflexos, rendem a V. Excia. as homenagens de filial acatamento e jubilosos trazem os votos de boas vindas.

GALBA Jr.

. Ano XXVII, 25/06/1953, n° 1400, página 04

Em Rio Novo

Em Rio Novo, no próximo domingo, realizar-se-á a oitava Concentração Mariana da Diocese. Será presidida pelo Exmo. e Revmo. Bispo Auxiliar, Dom Othon Motta.

Marianos de toda a Diocese para lá se dirigirão afim de protestar em Praça Pública o seu amor à Virgem Maria de Deus. O Revmo. Vigário, Cônego Ceslau Martinho, não tem medido esforços para que em sua paróquia naquele dia Nossa Senhora recebendo as homenagens de seus filhos prediletos, derrame copiosas bênçãos sobre toda a nossa querida Diocese.

. Ano XXVII, 09/07/1953, n° 1401, página 04

Como transcorreu a 8ª Concentração Mariana da Diocese na cidade de Rio Novo. A cidade esteve durante todo o dia invadida pelos devotos da Santíssima Virgem. Congregados Marianos e Filhas de Maria de várias cidades e localidades juntaram-se ao povo católico de Rio Novo no único desejo de louvar a Maria e seu Divino Filho, numa eloquente demonstração de Fé Católica.

A frente da magnífica concentração o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Auxiliar e o Revmo. Vigário local. Presentes párocos de diversas paróquias e outros Sacerdotes. A Missa, o desfile e a sessão solene pública. O encerramento. O regresso e uma paradinha em Goianá, Rio Preto, a sede da nossa Concentração.

Como estava anunciado, realizou-se a 28 p. passado, na cidade de Rio Novo, a Oitava Concentração Mariana promovida pela Fede-

ração Diocesana das Congregações Marianas com a colaboração do Revmo. Cônego Ceslau Martinho, esforçado vigário da Paróquia.

DIA 27, CHEGADA DE DOM OTHOM MOTTA

Em trem de carreira da Leopoldina, acompanhado do Secretário do Bispado, Cônego Lauro Neves e do jornalista João de Paula, da Gazeta Comercial, vindos de Juiz de Fora, chegava a Rio Novo, à véspera, dia 27, pela tardinha, sendo festivamente recebido pelo bom povo daquela cidade, o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Auxiliar, Dom Othon Motta.

DIA 28, DIA DA CONCENTRAÇÃO

Chegavam Rio Novo vindos dos mais variados lugares e recantos mas principalmente das imediações: Juiz de Fora, Matias Barbosa, Santos Dumont, Bicas, S. João Nepomuceno, Maripá, Floresta e de muitos outros lugares que não pudemos anotar, as numerosas delegações, ora de trem, ora de ônibus, caminhões, carros particulares, bicicleta e até mesmo a pé... Todos vinham para participar da magnífica parada de fé que dava início pela manhã, com a celebração, em frente da Matriz, do santo sacrificio da Missa celebrado por S. Excia. Revdma. Dom Othon Motta.

Orientando o povo que na grande praça assistia o Santo Sacrificio e dirigindo os cânticos, via-se um dos Revmos. Padres Missionários. À hora do Evangelho, fez a homilia o Revmo. Cônego Lauro Neves.

Após, prosseguindo, chegada a hora da Comunhão, aproximaram-se da Sagrada Meza, em grande número, todos aqueles que para tanto ali estavam, mesmo com sacrificio, dispostos a iniciar bem aquele memorável dia, vários sacerdotes, inclusive o Sr. Bispo Auxiliar, distribuíram durante cerca de meia hora, a sagrada comunhão.

Terminada a Missa, foram dados ao microfone, os avisos para o resto do dia, dissolvendo-se assim, neste primeiro encontro, aquela massa enorme de congregados, filhas de Maria e povo em geral, sob calorosos vivas.

O CAFÉ E O CHURRASCO

Nos lugares indicados, foram servidos, às horas determinadas, farto café e chocolate acompanhado de pão, bolos, biscoitos a todos que devidamente munidos de bilhete de ingresso. Pela mesma maneira, logo depois, serviu-se o churrasco.

O DESFILE, A CONCENTRAÇÃO, OS DISCURSOS E O ENCERRAMENTO

Às 15,30 horas, da Igreja do Rosário, conforme prescrevia o programa, teve início o desfile em filas de quatro, vendo-se à frente emblemas, estandartes e numerosas bandeiras marianas, munidos cada qual, de sua bandeirinha mariana para, durante o trajeto responderem as aclamações n'um daqueles impressionantes espetáculos em que se agitam todas a um só tempo.

Sob cânticos, vivas, perfeita disciplina e ordem, desfilaram assim os marianos e o povo pelas ruas principais de Rio Novo até à praça em frente à Matriz, onde, ao chegar, foi dado início à Sessão Solene, sob a presidência do Exmo. Snr. Dom Othon Motta, Bispo Auxiliar, vendo-se sentados à sua direita e esquerda, vários sacerdotes visitantes, autoridades e pessoas gradas.

OS DISCURSOS

Dispostos todos em seus lugares, via-se do alto da escadaria a praça apinhada e ainda muito gente nas imediações. Fala em primeiro lugar, abrindo a Sessão o Revmo. Cônego Ceslau, Vigário da Paróquia que, em suscintas e expressivas palavras, saúda a todos e se congratula com o povo de Rio Novo, pela beleza daquele espetáculo em honra de N. Senhora, em que vi à frente a Figura do Exmo. Snr. Bispo Auxiliar. Terminadas suas palavras introdutórias, recebe calorosa salva de palmas.

Em segundo lugar, usa da palavra o representante do Exmo. Snr. Prefeito do Município, cujo discurso vibrante, incisivo, seguro e cheio de pureza de expressões e de delicadeza para com n. senhora, arrancou da multidão, ao terminar, justos e demorados aplausos.

.....

Dada a palavra ao segundo assistente da Federação, Sr. Silvestre Soares de Oliveira, este procurou distribuir com os presentes, sobretudo com os seus irmãos de fita azul ali presentes, tudo aquilo que sente e acha, com a Igreja e com as regras, a respeito do valor, da oportunidade e da segurança desta devoção a Nossa Senhora, procurando fundamentar o seu trabalho, com opiniões e expressões de autoridades, sobretudo do S. Padre Pio XII, a quem, no final, saudou efusiva e filialmente, nas pessoas dos Exmos. Srs. Bispo Diocesano e do Bispo Auxiliar, em nome dos marianos.

Fala ainda, a seguir, a Presidente do Apostolado da Oração de Rio Novo, com facilidade e arrebatamento invulgares, em nome do mesmo Apostolado, saudando os visitantes e entoando um hino de profunda gratidão a N. Senhora, a quem dissera, vinha agradecer publicamente, naquela hora, uma grande graça alcançada. Foi, assim, justa e demoradamente aplaudida.

Usa ainda da palavra, o Presidente da Câmara Municipal e, rapidamente, se associa de coração a todo aquele conjunto de comemorações à Nossa Senhora, em nome do Poder Legislativo Municipal.

Antes do Presidente da Federação, Professor Abel Rafael Pinto, passar o microfone ao Exmo. Sr. Bispo Auxiliar para encerrar aquela Sessão Solene, pediu licença e o fez com grande vivacidade, entusiasmo, eloquência e oportunidade, um veemente apelo a todos para que vissem naquelas manifestações de fé, não só a parte exterior, mas, sobretudo, a preocupação de fazer com que se alicencie tudo por meio de retiros espirituais, cursos de formação, vida católica integral sem respeito humano, fazendo sentir aos que tem sobre os ombros, a fita azul, que não são verdadeiros filhos de Maria, católicos como, quer a Igreja e o Papa, aqueles que te excluem facilmente da prática salutar dos retiros espirituais cada ano e da prática sincera dos mandamentos de Deus e da Igreja. E na sua pregação válida de ardor e de sinceridade, concitou os homens que o ouviam e assistiam aquele espetáculo de fé, a se encorajarem cristãmente e abraçarem a prática efetiva da religião, não deixando que isto pareça ser apenas privilégio de mulheres...

ENCERRANDO, FALA DOM OTHON

Passando a palavra a Dom Othon Motta, S. Excia. Revma. inicia, visivelmente tomado de entusiasmo, dizendo que se sentia feliz em se entrar em contato, pela primeira vez, com aquela parte do rebanho da Diocese de Juiz de Fora. Manifestando-se francamente integrado naquelas sinceras e tocantes demonstrações de amor a N. Senhora, reafirma categoricamente a certeza de que a verdadeira devoção à boa Mãe é penhor seguro de salvação. E com isto concita a todos serem firmes seguidores d'Ela para que d'Ela e por Ela encontrem toso a felicidade nesta terra e no dia em que tivermos de nos apresentar diante do Juiz Supremo, após a nossa morte. Citou palavras de grande segurança e confiança na devoção à Nossa senhora e, reconhecido à

todas as homenagens que lhe foram endereçadas por todos os oradores encaminhava-as a Deus em nome de quem está servindo. Teve para com o Vigário de Rio Novo, uma palavra de especial agradecimento com todo o bom povo e Rio Novo. Primeira Paróquia, disse, que visitava, como Bispo Auxiliar. Informou que, dando ciência a Dom Justino, nosso Bispo Diocesano, do que assistia naquele momento, estava enviando a S. Excia. Revdma. um telegrama, cujo teor leu. Falando, finalmente, sobre o acatamento a todos os vigários que se encontram esquecidos pelas paróquias, à frente de seu povo, pediu para estes dedicados padres de almas, as orações e atenções de todos os marianos. E finalmente, levantando suas homenagens ao S. Padre Pio XII, pediu a todos que, particularmente, no dia 29, Festa do Papa, fizessem subir fervorosas orações em favor do Chefe da Cristandade, S.S. Papa Pio XII. Com estas palavras, deu a sua bênção apostólica a todos, encerrando-se a Sessão Solene.

A BENÇÃO DO SSmo. E COROAÇÃO

Dada a bênção do Santíssimo Sacramento, seguiu-se a coroação da imagem de Nossa Senhora, pelas inocentes crianças de Rio Novo.

ESCOLHIDA A PARÓQUIA DE RIO PRETO, PARA A 9ª. CONCENTRAÇÃO

Tendo anunciado que fora escolhida a cidade de Rio Preto, que tem a seu cuidado o zelo e o dinamismo do Revmo. Pe. José Eugênio Corrêa, prorrompeu a multidão, em calorosos aplausos. Assim, se Deus quiser, no próximo ano de 1954, no ultimo domingo de Junho, deveremos todos rumar para Rio Preto.

O REGRESSO PARA JUIZ DE FORA. PEQUENA PARADA EM GOIANÁ

O regresso para Juiz de Fora, a pedido do Vigário de Rio Novo, a passagem por Goianá, fez-se ligeira parada. É que ali se achavam reunidos, de um lado, os católicos do lugar com um Missionário redentorista ensinando as verdades eternas e procurando mostrar-lhes o

caminho da verdadeira salvação. Enquanto isto, de outro lado, cerca de 20 ministros protestantes, tentavam talvez, na boa fé, “converter” aquela boa gente que nasceu no seio da religião católica e nela quer morrer. Daí então o motivo da visitinha dos que passariam por ali, vindos de Rio Novo: ajudar o padre missionário com o povo fiel, a pregar fidelidade absoluta à santa Igreja Católica, em cujos ensinamentos, se encontra o Caminho, a Verdade e a Vida. E assim, dizia o Missionário, respondia o povo fiel e católico de Goianá, àqueles ministros protestantes, ao convite que lhe havia feito, juntando a esta resposta da presença, as orações pela conversão dos mesmos.

Foi, diga-se de passagem mais uma demonstração de vitalidade da nossa santa religião, quando, sobretudo, sentia-se com que calor falava o missionário e com que entusiasmo vibraram depois, aqueles que se apinharam em frente o grande cruzeiro plantado na praça da Igreja local.

TERMINANDO...

Queremos em nome da Federação Mariana agradecer a todos que de qualquer maneira, concorreram para o brilhantismo da 8a. Concentração Mariana. Deve-se particularmente, um agradecimento aos sacerdotes presentes, cujos nomes vamos mencionar aqui na medida do que nos foi possível notar e reconhecer, Monsenhor Trajano Leal Bonfim, Vigário de S. João Nepomuceno; Pe. Henrique Neves, Vigário de Bicas; Pe Antônio, Superior dos Redentoristas da Floresta e Diretor da Congregação Mariana ali existente; Pe. Helvécio Botelho d’Assunção, Vigário da Paróquia de N. Senhora das Graças (Cachoeirinha); Pe. Newton Pimenta, Diretor do Colégio Cristo Redentor e Diretor da C. M. do mesmo estabelecimento; Pe. Germano, encarregado da Igreja de São Sebastião em Juiz de Fora e ainda um ilustre sacerdote que, desde cedo o avistamos, sem, entretanto, infelizmente, ter conhecido seu nome. Estes sacerdotes, ao que sabemos foram especialmente para participar da Concentração, além dos que lá já se

encontravam; os três incansáveis missionários redentoristas. Certamente que os demais, não foram pessoalmente mas, mandando suas delegações, ficaram presos em suas paróquias aos afazeres inadiáveis sem facilidade de substitutos. A estes também cabe o reconhecimento da Federação.

Assim, como foi possível, está descrito resumidamente, todo o desenrolar da 8ª Concentração Mariana da Diocese de Juiz de Fora, realizada a 28 de Junho de 1953, na cidade de Rio Novo.

. Ano XXVII, 16/07/1953, nº 1402, página 02

**Homenagem da Ação Católica Diocesana
as Suas Excias. Revdmas. D. Justino José de
Sant'Ana e D. Othon Motta**

“Unidos vós ao Bispo, como cordas à cítara, ressoa o canto: Jesus Cristo” (Santo Ignacio aos Efésios.)

Sr. Bispo d. Othon Motta, é o canto da unidade que alegra e enfeita a nossa sala nesta festa inesquecível. Unidade, dom por excelência da Igreja abraçada no fogo de Pentecoste. Eis que somos uma comunidade viva, em que se realiza a cada instante o triunfo do amor, em contradição com o espírito do mundo. Estamos todos unidos, exteriorizando nossa alegria por mais um presente do Divino Espírito Santo, honrando sobremaneira a Igreja de Juiz de Fora. O venerando e amado Bispo Dom Justino, tendo a seu lado o Bispo Auxiliar, conduzirá a Diocese a conquistas ainda outras, além das tantas que elevam bem alto o sentido de nossa catolicidade.

Não temos palavras com que agradecer a Deus tanta bondade, e em sabemos que isto deve ser o resultado das longas vigílias, dos

sofrimentos e fundamentados sacrifícios, dos desvelos e devotamento apostólico que, num arranjo admirável, constituem uma coroa na frente harmoniosa de nosso antístete.

Feliz uma Diocese como a nossa, onde a caridade, aglutinado todos os membros num único corpo, realiza o reino invencível de Nosso Senhor.

Na palavra de Bossuet, em seu grande sermão “Sur l’Unité de l’Église”, “Escutai, eis o mistério da unidade católica, e o principio imortal da beleza da Igreja. Ela é bela e uma em seu todo; bela e uma em cada membro; bela e uma, de uma beleza e de uma unidade duráveis.” (1)

A Igreja não morre, pois “um tesouro de graças e bênçãos confiou Nosso Senhor ao Episcopado. É esse tesouro que o Bispo distribui aos fiéis, porque foi para os fiéis que ele o recebeu (Episcopum oportet iudicare, interpretare, consacrare, ordinare offerre, baptizare, et confirmare.” (2)

Isto nos leva a considerar as duas qualidades fundamentais e nobres ligadas ao exercício do Episcopado, e que resumem as suas principais funções: a autoridade e a paternidade. Aquela, que conserva a unidade, que interpreta, que julga, que dirige, que governa, que mantém, que corrige. Esta, que é doação incondicional, a entrega que traz em si o nome mais doce e mais venerável, nome com que invocamos o nosso Deus: - a palavra Pai.

É esta autoridade um agente misterioso com que Deus governa a humanidade, a sociedade temporal tão bem quanto a sociedade religiosa. Deus conduz a humanidade a seu destino, através da autoridade de seu episcopado disperso pelo mundo, no mistério de sua catolicidade.

Profundo mistério este, pelo qual um homem se torna possuído de uma força incrível e, transformado em algo de diferente em si mesmo, se torna, na terra, um dos representantes de Deus.

Maravilhosa Igreja esta que possui a assistência do Santo Espírito, pela qual, com delicadeza, constancia, ternura e abnegação, se eleva o homem a alta dignidade e ao respeito espontâneo e consciente de todos os fiéis!

Maravilhosa Igreja esta, cuja autoridade vem de Deus, nesta série ininterrupta de vigários de Roma, autoridade que está em cada Bispo, mas que não é do Bispo como homem comum, pois que ela é de Deus. Nosso Senhor confiou-a aos diferentes depositários que escolhe na medida em que lhe convém.

O sacramento da Ordem, no dizer de Abbé Breton, é igualmente necessário à Igreja e à Sociedade. Sem este Sacramento que dá ministros à Igreja e chefes ou pastores aos fiéis, a Igreja não mais seria uma Sociedade. Seria um corpo sem alma, um rebanho sem pastor, um exército sem chefes. Tudo nela seria desordem e confusão. De outro lado, a Igreja é necessária à Sociedade, pois sem Igreja, não há religião, e sem religião não há sociedade. O Sacramento da Ordem é, então, a alma da religião e do Estado.” (3)

É isto justamente o que faz medo aos incrédulos e aos filhos da soberba. Não creem na Igreja mais temem-na, donde, então, toda a prudência em limitar seus movimentos e seu campo de ação.

Como dia Monsenhor Terris, Evêque de Fréjus e Toulon: Sim, a Igreja faz medo; ela faz medo por sua autoridade, por sua estabilidade, por sua influência, sobretudo, talvez, por sua moral: não seria esta a última palavra da guerra que se lhe declara? E, entretanto, dizia Tertuliano aos poderosos excitadores contra a Igreja, e, entretanto, não fomos feitos para vos inquietar (non te terremus) ajuntava, é verdade: Nec te timemus “não estamos a temer por vós, mas não vos tememos”: non te terremus, qui Nec timemus. O único que temos a temer é Deus, porque sabemos que “Aquele sobre quem esta pedra cai sobre ela será espedaçado”. (4)

A autoridade e a paternidade benditas do Episcopado dão à Igreja o caráter de sua permanência.

Deus é autor e é Pai, em a Sua autoridade e paternidade divinas são o modelo, bem como o tipo de todas as autoridades e paternidades celestes e humanas. E como a autoridade deve estar incluída na paternidade, é esta última o ponto alto do Episcopado. A paternidade não poderá faltar jamais. Basta, para isto, falarmos que foi ao Bispo e apenas a Ele que foi confiada a missão de conservar a vida da Igreja. E como conservá-la? – Produzindo o seu sacerdócio.

“É ao Bispo e apenas a Ele que pertence comunicar as almas o complemento e a perfeição da vida cristã, dando-lhe o Santo Espírito no Sacramento da Confirmação.” (5)

Sr. Bispo D. Othon Motta, no dia de vossa sagração episcopal, fostes investido desta paternidade e ela não se constituiu sem que, ao mesmo tempo, não sentistes todos os movimentos de ternura de um verdadeiro Pai. Nós vos entregamos a V. Excia. Revdma. como vossos filhos fiéis e dedicados, ao mesmo tempo colocando aos pés da Virgem Santíssima os nossos agradecimentos e os nossos votos de muita alegria e muita paz para V. Excia.

No vosso lema “*In vinculis charitatis*”, encontramos o complemento magnificamente harmonioso ao lema de nosso querido D. Justino: “*Deus, fortitudo mea*”.

Sim, Deus é minha força. E tudo, caríssimos irmãos, na Diocese de Juiz de Fora exalta bem alto o sentido profundo desta sentença, já no aspecto simplesmente humano, já no aspecto sobrenatural. D. Justino tem sido um venerável instrumento de força bendita de Deus, esta mesma força que tem mantido coesa, cheia de vitalidade e de amor apostólico, a nossa comunidade. Juiz de Fora é uma Diocese feliz!

“*In vinculis charitatis*”. E como se manifesta a força de Deus

senão pela caridade?

É ela o vínculo da perfeição e a condição essencial para a vida apostólica. É ela que congrega os cristãos na comunidade da Igreja, sob toda e qualquer circunstância. É ela que brota e jorra de vossa paternidade episcopal, D. Othon Motta.

A Ação Católica da Igreja de Juiz de Fora, por meu intermédio, presta ao nosso D.D. Bispo Auxiliar a sua homenagem, e que nesta singela homenagem V. Excia. sinta o quanto de coração e de altar estamos unidos ao nosso Bispo.

Com as bênçãos de Vv. Excelências Reverendíssimas, estamos seguros de que realizaremos, entre nós o Reino de Nosso Senhor, pelo apostolado da palavra, do exemplo e da ação.

Que Deus conserve Vv. Excias. para que possamos cantar juntos, na união da caridade, o magnificat de nossa alegria, de nossa esperança, de nossa doação inteira à Santa Igreja.

E, assim, falamos agora: unidos nós ao Bispo, como cordas à cítara, nosso canto ressoa: Jesus Cristo.

É este Jesus Cristo que queremos viver, conduzir e estabelecer no mundo para a sua transfiguração.

Na festa da Ação Católica em homenagem ao Bispo Auxiliar D. Othon Motta.

6/6/1953

Wilson de Lima Bastos.

(1) – Bossuet – Discurso “*Sur l’Unité de l’Église*” – *Sermons Chesis*.

(2) – Monseigneur Place, Evêque de Marseille – *Entrée d’un Evêque dans son Diocèse* – Pag. 737 do V. 18 da enciclopédia de “*La Prédication Contemporaine*”.

(3) Abbé Breton – “*L’Ordre*” – V. 30, pag. 61 da Enciclopédia de Pré-

dication Contemporaine.

(4) – *Monseigneur Terris: Discours prononcé après la cérémonie du Sacre de Monseigneur Balain, Évêque de Nice – Idem, idem, idem, pag. 721.*

(5) - *Monseigneur Place – Pag. 740.*

. Ano XXVII, 23/07/1953, nº 1403, página 02

Federação das Congregações Marianas de Juiz de Fora

Alguns avisos

3º) no próximo dia 31, em que a Igreja festeja o grande Santo Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus inspiradora das Congregações Marianas, a nossa Federação irá promover uma Sessão extraordinária-festiva, durante a qual ouvir-se-á um orador especialmente convidado, em agradável palestra sobre Santo Inácio. Nessa ocasião, outrossim, a Federação, oficialmente, prestará sua homenagem ao Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Auxiliar, Dom Othon Motta. Por conseguinte, estejam todos os congregados avisados e procurem não faltar àquela reunião, no Salão de festas do Colégio Stela Matutina, às 19,30 horas.

Avisos aos Circulistas

A Diretoria do Círculo Operário Juiz de Fora lembra a todos os CIRCULISTAS que deverão comparecer no dia 30 do corrente (última quinta feira), afim de se recepcionar o Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Auxiliar, Dom Othon Motta.

Espera assim que haja o maior numero de circulistas e pessoas de suas famílias, fazendo portanto por meio deste, um novo apelo a todos para que não faltem.

. Ano XXVII, 23/07/1953, n° 1403, página 02

Breves notícias

Foi recepcionado pelos vicentinos de Juiz de Fora, em magnífica assembleia no dia 19 do corrente, S. Excia. Revdma. Dom Othon Motta, DD. Bispo Auxiliar da Diocese. S. Excia celebrou na Capela dos Vicentinos a santa missa, distribuindo a sagrada Comunhão a mais de 300 homens. Saiu bem impressionado, conforme declarou, agradecendo o presente daquele espetáculo que seus olhos viram.

. Ano XXVII, 30/07/1953, n° 1404, página 04

CONVERSA VICENTINA

Festa de São Vicente, dia 19

Com uma frequência realmente animadora que lotou completamente o amplo salão-capela da rua S. Sebastião, tanto à missa como à assembleia, realizou-se no dia 19 deste, nesta cidade, a última festa regulamentar.

Fo precedida de um tríduo pregado admiravelmente pelo jovem sacerdote lazarista do Seminário de Petrópolis, Revmo. Pe. Benedito Aguiar que, profundo conhecedor das questões que envolvem a vida do nosso patrono, agradeceu completamente.

A santa Missa, no dia 19, foi celebrada pelo Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Auxiliar, Dom Othon Motta, tendo ainda S. Excia. Revdma. presidido a Assembléia Vicentina, dirigindo a sua palavra fácil e orientadora, tanto durante a Missa como no encerramento da assembleia. Nesta ocasião os vicentinos de Juiz de Fora quizeram e bem o fizeram homenagear o digno Bispo Auxiliar, ao mesmo tempo que pediam de

S. Excia. Revma. o incentivo da sua presença, da sua palavra e da sua benção de Pastor.

Foram lidos os diversos relatórios, desta vez, graças a Deus, sem faltar dados de nenhuma das 49 conferências e apresentados cerca de duas dezenas de novos confrades proclamados ultimamente. A esta assembléia estiveram presentes as Revdmas. Irmãs Vicentinas que prestam o seu serviço na Avenida D. Rita Halfeld, assim como presente esteve, o venerando confrade de Pouso Alegre, Snr. Pedro Caldas Rebêlo, que já festejou 50 anos de vida ativa de vicentino recebendo, por isto, nesta ocasião, uma homenagem especial de seus confrades de Juiz de Fora.

A assembléia, no auge do entusiasmo, por tudo que se desenvolvia naquela estupenda reunião, deliberou expedir um telegrama de felicitações ao Conselho Particular de Lima Duarte que estava, naquela cidade, no mesmo dia, comemorando o cinquentenário da fundação da 1ª Conferência.

Aqui deixamos, pois, os nossos parabéns aos vicentinos de Juiz de Fora que, graças a Deus, estão procurando dar melhor apreço a um dos deveres impostos pelo nosso Manual: a frequência regular e completa às 4 festas anuais. Que assim seja em todas as outras, daqui por diante.

. Ano XXVII, 06/08/1953, n° 1405, página 02

Governo Diocesano

CIRCULAR

D. Justino José de Sant'Ana, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Juiz de Fora.

Ao Revmo. Cabido, clero e fiéis, saudação e benção de Nosso

Senhor Jesus Cristo.

Ausentando-nos da Diocese para tomar parte no Congresso Eucarístico Nacional de Belém, e tendo em mente o conforto espiritual de Nossos queridos Diocesanos, constituímos Governador do Bispado, em Nossa ausência, o Nosso Bispo Auxiliar, D. Othon Motta, que, além das faculdades ordinárias de Vigário Geral que lhe foram concedidas no dia que Sua Excia. Revma. chegou a esta Diocese, terá as prerrogativas que lhe outorgam o Direito Canônico e as faculdades quinquenais que lhe subdelegamos in quantum possumus.

Recomendamo-nos muito as fervorosas orações dos piedosos Diocesanos, afim de que o mais breve possível, possamos continuar no grande trabalho de santificação e salvação do rebanho que por N. Senhor Nos foi confiado.

Dada e passada em o Nosso Paço Episcopal, sob o Nosso Sinal e Sêlo de Nossas Armas, aos 30 de julho de 1953.

D. JUSTINO,
Bispo de Juiz de Fora

. Ano XXVII, 06/08/1953, n° 1405, página 03

Breves notícias

- S. Excia Revdma. D. Justino José de Sant'Ana, Bispo Diocesano, irá a Belém do Pará, afim de participar do VI Congresso Eucarístico Nacional. Na sua ausência responderá pelos negócios da Diocese, S. Excia. Revdma. D. Othon Motta, Bispo Auxiliar.

. Ano XXVII, 13/08/1953, n° 1406, página 03

Tríduo

A Confraria do Coração de Maria, desejando que a devoção ao

seu Imaculado Coração seja mais conhecida fará realizar na Catedral um Tríduo Preparatório à sua festa no dia 22 de agosto próximo.

Para maior brilhantismo da festividade contamos com a presença de *S. Excia Revma. Dom Othon Motta*, Bispo Auxiliar, que, com sua palavra eloquente e cheia de zelo, nos falará sobre as glórias de Maria Santíssima.

.....

As Práticas serão conferidas por *S. Excia Revma. D. Othon Motta*, DD. Bispo Auxiliar Diocesano

Visto: Cônego José Maria

. Ano XXVII, 27/08/1953, n° 1408, página 02

Breves notícias

Bairro São Bernardo

No próximo dia 6 de setembro será realizada ali uma imponente festa em louvor de São Bernardo, padroeiro do lugar, pertencente a paróquia de S. José. A comissão elaborou o programa que constará de um tríduo nos dias 3, 4 e 5, na capela, às 19,30 hrs. e no dia 6, a santa Missa, sorteio de brindes, barraquinhas e à tarde a procissão costumeira com o sermão, ao encerramento, do Exm° e Revm° Sr. Bispo Auxiliar Dom Othon Motta.

. Ano XXVII, 03/09/1953, n° 1409, página 02

Federação das Congregações Marianas de Juiz de Fora

12ª. Semana Mariana

Está marcada para este mês, de 21 a 27, a realização da 12ª. Semana Mariana anual de estudos, no salão de festas do Colégio “Stella

Matutina”. O temário girará em torno da MENSAGEM DE FÁTIMA, assim distribuído:

Dia 21: - “Confiança” (“Não tenhas medo”)

22: - “Perseverança” (“que volteis 6 meses seguidos, no dia 13”)

23: - “Reparação” (“Quereis oferecer-vos a Deus em ato de reparação pelos pecados...”)

24: - “Oração” (“Rezai o terço todos os dias”)

25: - “Penitência” (“sacrificai-vos pelos pecadores”)

26: - “Consagração” (“...Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração”)

Além das teses que serão desenvolvidas por sacerdotes, inclusive uma delas pelo Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Auxiliar, haverá cada noite, como de praxe, a palavra de um congregado em ligeiras saudações ao S. Padre, aos Exmos. Srs. Bispos, Diretor da Confederação Nacional, Diretores das CC.MM., Clero, Congregações femininas, Pias Uniões, A.C. e demais associações.

O encerramento dar-se-á no dia 27, com a santa Missa e comunhão dos seminaristas.

No próximo número daremos o programa completo com os nomes dos oradores.

. Ano XXVII, 03/09/1953, n° 1409, página 03

Breves notícias

- Com ótimos resultados e as duas últimas conferências pronunciadas pelo Dr. Moacir Veloso, do Rio de Janeiro, sobre “A Questão Social” e “A Verdadeira Doutrina Sindicalista”, foi encerrada, domingo último, com a santa Missa celebrada por Dom Othon, Bispo Auxiliar, a 2ª Semana de estudos sociais da Fábrica S. Vicente desta cidade.

. Ano XXVII, 10/09/1953, nº 1410, página 02

Federação das Congregações Marianas de Juiz de Fora

12ª. Semana Mariana

De 21 a 26 de setembro de 1953

Local: - Colégio “Stella Matutina”

Horário: - às 19,30 horas

Temário: - Mensagem de Fátima

PROGRAMA

Dia 23 - Homenagem aos Exmos. E Revmos. Srs. Bispos D. Justino José de San’Ana e D. Othon Motta, pelo congregado Geraldo Gomes da Silva.

Palestra – “Reparação” (“Quereis oferecer-vos a Deus... em ato de reparação pelos pecados...”) pelo Revmo. Sr. Pe. Teodoro Arnoldus, O.S.C.

Dia 25 - Homenagem ao Clero, pelo congregado Francisco de Assis Martins Ribeiro.

Palestra – “Penitência e mortificação” (“Sacrificai-vos pelos pecadores”), pelo Exmo. e Revmo. Sr. D. Othon Motta, DD. Bispo Auxiliar de Juiz de Fora.

. Ano XXVII, 01/10/1953, nº 1413, página 02

12. Semana Mariana

Revestiu-se de inusitado brilhantismo a realização da Semana Mariana, que este ano focalizou o tema “Mensagem de Fátima”. To-

das as palestras giraram em torno dos palpítes e atualíssimos pedidos, tanto hoje como o foram naqueles dias, da Virgem do Rosário de Fátima.

Obedecido fielmente o programa adrede preparado, as conferências objetivando a divulgação das recomendações feitas aos três pastorinhos videntes, impressionaram profundamente a quantos tiveram a ventura de ouvi-las. Graças a Deus, todos os trabalhos estiveram à altura e tão nobres ilustres foram os conferencistas, que não sabemos a quem deles melhor agradecer pela espontânea e brilhante cooperação.

É certo que não podemos silenciar, para trazer de público nosso respeito e veneração e ao mesmo tempo nosso reconhecimento pela magistral palestra pronunciada por S. Excia. Revma. D. Othon Motta. Sua linguagem fluente, brilhante e fácil, enlevou a quantos acorreram a ouvi-la e foram muitos, pois que o salão do “Stella Matutina” estava apinhado de Congregados e Filhas de Maria e distintas pessoas de nossa sociedade, que tiveram a gentileza de participar desses trabalhos.

Para encerrar os trabalhos de tão grande útil semana de estudos, tivemos a presença do Pe Paulo J. de Souza, vice-diretor da Conferência Nacional.

Transcorreu toda a Semana num ambiente de espiritualidade e arte, uma vez que gentis senhorinhas emprestaram seus talentos musicais, ora aos violões, ora ao piano. O jovem tenor Walter Dias, também teve o ensejo de ser vivamente aplaudido. Os seminaristas, sob a segura regência do Revdo. Pe. Martinho Reis Pereira Gaio, pronunciou-se com um delicioso programa de canto em homenagem à Federação.

Assim concluiu-se com a celebração da Santa Missa na manhã de domingo, na Catedral de Juiz de Fora, a ótima Semana Mariana.

Desejamos que a Mensagem de Fátima tão convenientemente explicada e estudada seja cumprida não só pelos Congregados e Filhas

de Maria, mas por quantos a assistiram.

Três conclusões resultaram desses estudos: Penitência, Terço e Reparação.

O Terço em família, tão insistentemente recomendado, foi uma das conclusões, cuja execução trará benefícios incalculáveis.

. Ano XXVII, 22/10/1953, nº 1416, página 02

7º aniversário de fundação do Círculo Operário

Comemorando o 7º aniversário da sua fundação, a 22 do corrente, quinta-feira, o Círculo Operário tem organizado um programa especial para aquela reunião, ou seja, hoje, quinta-feira.

Esperando contar com a honrosa presença mais uma vez, do Exmº e Revmº Snr. Bispo Auxiliar D. Othon Motta, além de um rápido histórico do Círculo por um dos sócios fundadores, fará uma interessante palestra, nessa ocasião, especialmente convidado, o Dr. José Rezende Ribeiro de Oliveira, cuja palavra tem sido no meio operário, ouvida sempre com muito empenho pela maneira como facilmente se dirige aos trabalhadores sem deixar transparecer qualquer vestígio de demagogia.

Por todos estes motivos, a Diretoria do Círculo conta com um grande comparecimento de circulistas, famílias e outras pessoas em sua sede central, hoje à rua Halfeld, 51, às 19 horas.

. Ano XXVII, 22/10/1953, nº 1416, página 03

Pelas Paróquias

O Dr. Florival Pereira de Castro – Promotor de Justiça de San-

tos Dumont, Estado de Minas Gerais, interpreta o sentimento do povo de Santos Dumont, pelo eloquente discurso que transcrevemos abaixo:

Exmo. e Revmo. Dom Justino José de Sant'Ana.

Exmo. e Revmo. Dom Othon Motta.

Exmo. Sr. Cônego Francisco Maximiano de Oliveira

Exmos. Srs. Representantes da Igreja.

Digníssimas autoridades Civis e Militares.

Exmas. Senhoras e meus senhores.

A cidade de Santos Dumont, terra do pai da aviação está hoje maravilhosamente transfigurada, no grandioso e imenso altar-mór da grandiosidade religiosa, sob a égide protetora de seu Padroeiro 'SÃO MIGUEL'.

Meus senhores, a população de Santos Dumont, deseja hoje tributar ao seu querido Bispo D. Justino o preito de sua grande admiração e amizade por sua Excia. e Revma., pelo muito que tem feito pelas almas fiéis deste Município, o que sempre fez com satisfação e sem desfalecimentos.

Outro e não eu deveria ser o orador nesta grande solenidade, porque se de um lado tenho o vigor da boa vontade em atenção ao nosso preclaro e culto Vigário, de outro lado faltam-me os recursos necessários de oratória para interpretar com o brilhantismo necessário o verdadeiro sentimento cristão do povo católico desta maravilhosa cidade pelo grande devotamento e simpatia que tem pelo seu grande e devotado Guia espiritual, cuja personalidade de verdadeiro Ministro de Deus, está gravada no coração de cada cidadão Sandumonense, que tem em sua Excia. um verdadeiro guia e no seu exemplo belo e edificante, uma verdadeira FLAMA.

Reverendíssimo Dom Justino, a honra insigne de falar-vos neste grandioso dia como intérprete dos sentimentos religiosos e cristãos

do povo católico de Santos Dumont, que aqui está para ouvir como de sempre os vossos salutarens ensinamentos e conselhos, neste dia tão magnificante assinalado em nossa cidade, proporciona-me um dos mais felizes dias de minha vida, incendendo-me a alma de católico e servo humilde de Deus.

Ante o relevo excepcional e o fulgor incomparável desta solenidade religiosa, com que contrasta a indigência de meu esforço, eu compreendo que só são dignas de vós e de vossas acrisoladas e excelsas virtudes, as vozes que ciciam, murmuram, em enlevos de preces ferventes por entre lábios nas ardências divinas da fé. O *“Honeste vivere, némine laedera; sum ouique tribúere”*

“O valor da vida resume princípios para o homem e para os povos” – disse um grande pensador!...

Dom Justino!

Tão íntima, tão perfeita, tão profundamente vos identificastes com o ideal religioso, porque pautais a vossa vida, que esta demonstração de simpatia e respeito, em que vos envolve, em alvoroço, a alma católica de S. Dumont, é, simultaneamente, a proclamação solene das virtudes que vos exortam a alma, e um tributo de amor filial à religião santa a que vos devotastes e que é o supremo enlevo de vosso coração de apóstolo e Ministro de Deus.

Meus senhores.

Analisar a personalidade sugestiva e empolgante de sua Excia. Revma. dom Justino, é relembrar todo um passado luminoso, em que somente glorias e triunfos se pantenteiam, postos ao serviço da JUSTIÇA DIVINA.

Filho dileto do grande estado da Bahia, terra do imortal Rui Barbosa, que vivo, era o maior de nossos homens, morto é o maior de nossos símbolos de onde partira ainda no verdor dos anos, lá deixando

amigos e entes queridos, veio para nosso Estado, permanecendo na vizinha cidade de Juiz de Fora na direção da sua Igreja na defesa de seus princípios como verdadeiro soldado, pelo espaço de 27 anos ininterruptos.

Naquela bela e magestosa cidade sua Excia. não se singiu única e exclusivamente ao mistér da Igreja, sua atividade se irradiou para os outros setores como sejam: a fundação do Seminário Diocesano, Patronato São José, o jornal lampadário, órgão Diocesano, e já ordenou cerca de 30 sacerdotes, afora inúmeras outras realizações, não só de caráter religioso, como político social, que a escassez do tempo não me permite enumerá-las, mas que são do conhecimento público. Exaltar o nome da figura impár e sugestiva de Dom Justino, meus senhores, é o mesmo que a própria Igreja católica, em todo o seu esplendor e em todas suas lutas através dos tempos. Proclamar, outrossim, a sublimidade da religião que anunciais é reconhecer, *sublime* o vosso ministério sacerdotal, *sublime*, a vossa vida, *sublime* o vosso passado glorioso e *sublime* a cruzada ideológica do cristianismo que tão energeticamente defende. Disse o grande e imortal Rui Barbosa, certa vez ao fazer a apologia de um grande homem: “*Se quizerdes contemplar a irradiação de uma estrela em sua pureza e serenidade, haveis de buscar por miradouro um cimo elevado... e o foco explenderá, resereno na quietude de sua limpidez*”...

É justamente o que acontece com sua Excia. Revma. Dom Justino, ao fazermos um ligeiro retrospecto de sua vida, nela encontramos um verdadeiro livro aberto de glórias e exemplos edificantes para todos aqueles que nele se espelhem.

Na pessoa de S. Excia, o homem e o sacerdote são dotados de virtudes ativas que convertem em obras palpáveis a chama da fé. Tal é o seu amor às cousas de Deus, tal é o seu amor e dedicação ao próximo e tal a sua ambição em salvar as almas revoltadas, transviadas e

infelizes, que embora se sentindo alquebrado e exausto, pelo trabalho excessivo, ao invés de se afastar desta luta para um justo descanso, preferiu solicita a Santa Sé, um senhor Bispo auxiliar para a sua Diocese, e aí está sua Excia. Dom Othon Motta, ao lado de nós o preclaro e estimado Bispo, impregnado do mesmo sentimento de cristandade e amor à santa Igreja. E assim meus senhores, estes dois verdadeiros ministros de Deus, irmanados pelo mesmo ideal de cristianismo, irão continuar na sua luta insana a bem dos fiéis na defesa da sagrada religião católica, tão combatida pelos seus inimigos, agora mais do que nunca.

Sua Excia. entrega-se ao trabalho com a jovialidade de seu espírito que não se deixa dominar pelo peso dos anos, tendo sempre para todos que o procuram uma palavra de conforto, o que é um fator que não só incentiva a amizade, mas também o respeito e admiração dos homens, como torna a sua convivência, pela palavra auditiva e carinhosa, moralmente agradável.

Sua distinção pessoal e lhanza no fino trato, não feitas de adornos, mas do principado da inteligência, da cultura e da razão afinadas pelo conhecimento da natureza humana, são as duas armas para lapidar as almas estagnadas no lodo da ignorância.

Sabe persuadir por meios suaves, inspirados pela bondade de eu coração.

Ainda as ovelhas mais rebeldes nunca podem prescindir de seus ensinamentos e conselhos e sentem quase sempre, às vezes de longe, necessidade de seu convívio paternal e amigo.

Nele, o homem cativa e o sacerdote desperta o apreço e acatamento de quem quer que seja. Suas virtudes de homem justo, caridoso e culto, não excluem porém, a energia necessária e, assim, impõe a sua autoridade que se assenta na expressão da fé e nas altas prerrogativas de seu ministério.

Terminando, eu desejo felicitar o nosso ilustre e esforçado Vigário D.D. CÔNEGO FRANCISCO MAXIMIANO DE OLIVEIRA, pela feliz lembrança de prestar esta justa homenagem ao nosso reverendíssimo Bispo Dom Justino extensiva ao D.D. Auxiliar Dom Othon Motta, nesta data tão significativa para Santos Dumont, em que se festeja a semana do padroeiro do Município.

Dom Justino! Este homenagem representa na sua simplicidade a grande admiração que o povo de Santos Dumont, tem por Vossa Reverendíssima personalidade, simples no seu aspecto, porém grande na sua significação.

Assim sendo, neste momento solene e de meditação, elevamos nossas preces ao grande creador, para que na sua grande Onipotência lance sobre o nosso querido Bispo, e ao seu digno auxiliar as suas bênçãos, para que possamos por muitos anos ainda, festejar com a justa alegria de que nos achamos hoje possuídos esta efeméride que nos fala tão de perto aos nossos corações.

Queira pois, Vossa Reverendíssimo receber nossas homenagens e a nossa saudação como o preito de nosso reconhecimento pelo muito que tem feito pelas almas e pelos fiéis de nossa terra.

São estes os votos do povo de Santos Dumont, nestas pálidas palavras, mas que são a expressão da sinceridade, deste povo católico.

Dom JUSTINO

o povo de Santos Dumont, por meu intermédio, e num ato de verdadeira fé, beija-lhe as mãos, mãos santas que tantas vezes tem se levantado para conduzir a humanidade para Deus, indicando-lhe o verdadeiro caminho da salvação por intermédio de sua Santa Igreja.

. Ano XXVII, 05/11/1953, nº 1418, página 04

Círculo Operário

Juiz de Fora

Festejando o 7º aniversário de sua fundação, a 22 do corrente, realizou em sua sede central, às 19 horas, uma das suas reuniões festivas e educativas.

Compareceu grande número de circulistas, famílias e convidados em geral, lotando inteiramente o amplo salão, falaram de início em aplaudidos discursos os circulistas: Professor Salvador Bergo, Comte. Armando Saint-Brisson Pereira que se referindo ao principal orador da noite, fizeram assim a apresentação do mesmo, Dr. José Rezende Ribeiro de Oliveira.

O Presidente do Círculo, Raimundo Schmidt Pinto, auxiliados por seus companheiros de diretoria, procurou dar a esta reunião um tom bastante íntimo, o que, aliás serviu para agradar a todos que compareceram.

Usou da palavra, em um esboço rápido da história da fundação do Círculo, a 22 Outubro de 1946, o circulista fundador Mário Ribeiro Netto recordando nomes e passagens bem interessantes. Falando ainda o auxiliar do assistente eclesiástico, Pe. Jaime Snok, C. SS. R., mostrou-se otimista quanto ao melhor desenvolvimento deste Círculo agora reforçado com novos e devotados elementos que muito tem concorrido também para o progresso do movimento circulista local, dentre estes, disse, o Exmº. Sr. Bispo Auxiliar. Merece menção especial a palestra feita pelo Dr. José Rezende, especialmente convidado, sobre “Grupos Sociais” pela maneira de expressões, clareza e oportunidade da matéria, razão pela qual mereceu francos aplausos, ao terminar.

Antes do Presidente dar por encerrada a reunião, foi ouvida a

palavra final do Exm^o. e Revm^o. Sr Bispo auxiliar, Dom Othon Motta que pela segunda vez, visitou o Círculo Operário em tudo manifestando francamente a sua grande simpatia por esta maravilhosa organização trabalhista tão bem orientada pela doutrina social da Igreja. As palavras do Sr. Bispo foram, como sempre, ouvidas com grande atenção dos presentes pela forma como procurou ministrar a todos puras lições da doutrina circulista.

Assim festejou o Círculo Operário Juiz de Fora, a passagem de mais um aniversário de sua fundação.

(Do correspondente)

. Ano XXVII, 19/11/1953, n^o 1420, página 03

Dia de Ação de Graças

É a seguinte notícia que nos chega pelas emissoras nacionais e jornais diários com relação aos festejos cívicos-religiosos no dia 26 do corrente, “Dia de Ação de Graças”, na Capital Federal, notando-se que S. Excia. Revdma Dom Othon Motta digno Bispo Auxiliar desta Diocese, será o orador oficial durante o “Te Deum” na Igreja Candelária:

Rio, 11 (Meridional) – O governo brasileiro, em cooperação com associações religiosas culturais do país, está organizando um amplo programa comemorativo do “Dia Nacional Inter-americano de Ação de Graças”, no dia 26 do corrente.

No Rio de Janeiro será cantado na Igreja da Candelária às 20,30 horas, o tradicional “Te Deum” em que será oficiante o cardeal d. Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro e orador d. Othon Mota, bispo auxiliar e Juiz de Fora, ficando a parte musical a cargo do côro do Seminário Arquidiocesano S. José sob a regência do padre René Brighentti.

Comemorar-se-á no mesmo dia o 44º aniversário de memorável locução de Joaquim Nabuco, então embaixador brasileiro em Washington ao formular após a cerimônia religiosa do Thanksgiving Day na igreja de St. Patrick, presentes todos os representantes dos países americanos o seguinte voto: “Entre os costumes do povo americano nenhum há que eu mais admire do que o seu Dia de Ação de Graças. Quem dera que toda a humanidade, a vosso exemplo, se unisse anualmente, no mesmo dia, para um universal agradecimento a Deus”.

Concretização desse desideratum vêm sendo o notável progresso dessa instituição programada, a exemplo do Brasil, em outras Repúblicas do continente, e que tende a torna-se universal.”

. Ano XXVII, 07/01/1954, n° 1426, página 04

18º aniversário de Ordenação Sacerdotal de S. Excia. Revma.

Dom Othon Motta

Verá passar, dia 12 do corrente, o Sr. Bispo Auxiliar, o 18º aniversário de sua ordenação sacerdotal.

Será, sem dúvida, para S. Excia. Revma., um dia de festivas recordações e para nós, de louvores a Deus por havermos tido a ventura de tê-lo agora como u dos nossos supremos mentores espirituais colocado como está, ao lado do nosso venerando Bispo Diocesano D. Justino José de Sant’Ana.

Foi precisamente, a 12 de janeiro de 1936, que D. Othon, então com 23 anos incompletos, tendo obtido licença especial da S. Sé, ouvira dos lábios do Bispo que o conferira o sagrado presbiterato estas palavras; “tu es sacerdos in aeternum”.

Hoje, decorridos 18 anos, ei-lo junto de nós revestido da plenitude do sacerdócio para maior glória de Deus e alegria de todos nós

que o estamos avistando a cada instante nas suas diversas atividades.

De fato, graças a Deus, D. Othon em pouco tempo que se acha em Juiz de Fora, já conquistou simpatia geral, porquanto todos percebem e elogiam diante de fatos, a figura e o porte de Sua Excia. Revma.

Até agora não se conhece uma só pessoa, rica ou pobre, grande ou pequena, que dele tenha se aproximado e não tenha trazido palavras de encômios ao modo de agir do Bispo Auxiliar de Juiz de Fora.

É voz corrente: D. Justino está de parabéns e com D. Justino toda a Diocese e nós que ansiamos por um Bispo Auxiliar de invergardura de D. Othon que a todos impressiona e encanta, sobretudo, pela bondade marcante.

Quando bem já espalhou por onde tem passado: visitas às paróquias, da cidade e do interior, colégios, fábricas, associações, conferências e palestras sempre visando o bem das almas.

Culto e muito acessível, D. Othon tem o dom de conquistar facilmente a todos que dele se aproximam.

Como prova, pois, de reconhecimento, convidamos a todos os nossos leitores, unirem-se n'uma cruzada de orações, comunhões e boas obras a serem oferecidas, naquele dia, nas intenções de D. Othon, ao mesmo tempo que em louvor a Deus pela preciosa dádiva que nos concedeu.

. Ano XXVIII, 04/03/1954, nº 1434, página 01

S. Excia. Revma. D. Othon Motta, DD. Bispo Auxiliar. Homenagem de reconhecimento sincero pela colaboração que nos tem podido dar, mas sobretudo pelos conselhos seguros e prudentes.

. Ano XXVIII, 06/05/1954, nº 1442, página 02

Dia 12, aniversário natalício de S. Excia. Revma. D. Othon Motta

Transcorrerá em 12 do corrente, o aniversário natalício do Exm^o. Snr. Bispo Auxiliar, Dom Othon Motta.

Antes de completar um ano de permanência entre nós, ao lado do Exm^o. Snr. Bispo Diocesano, como seu digno Auxiliar, D. Othon conta já com inúmeros amigos e admiradores em toda a Diocese.

Dotado realmente, de predicados pessoais privilegiados, virtuoso e afável, S. Excia. tem sabido agradecer facilmente a todos indistintamente que dele se aproximam.

É por isto que na próxima 4^a. Feira, dia 12, haveremos de fazer subir até Deus, as nossas orações especiais para que N. Senhor o mantenha “ad multos annos” cheio de saúde e feliz, entre nós, continuando a emprestar à Diocese de Juiz de Fora e a D. Justino, os recursos de seu Sacerdócio Pleno, como Bispo da Santa Igreja. De uma vez, dando esta notícia, apresentamos a S. Excia. os nossos sinceros parabéns com votos de muitas felicidades.

. Ano XXVIII, 13/05/1954, nº 1443, página 01

Governo Diocesano

Sobre o Jubileu Sacerdotal do Exmo. Snr. Bispo Diocesano

De ordem de S. Excia. Revma. D. Othon Motta, Bispo Auxiliar de Juiz de Fora, cumpre-me comunicar ao Colendo Cabido, Revmo. Clero Secular e Regular, Comunidade Religiosas, Ação Católica, Associações Religiosas e Fiéis em geral que, no dia 1 de novembro do corrente ano, a Diocese de Juiz de Fora celebrará o 50^o aniversá-

rio da Ordenação sacerdotal de Sua Excia. Revma. D. Justino José de Sant'Ana, Bispo de Juiz de Fora.

É justo e natural que esta efeméride seja comemorada festivamente em toda a Diocese, oferecendo oportunidade para justas e filiais demonstrações de veneração e carinho para a pessoa daquele que, durante tantos anos, vem guiando esta parte do rebanho de Cristo com desvelo e paternal solicitude.

Para que estas homenagens sejam realizadas com o maior brilho possível, S. Excia. Revma. D. Othon Motta constituiu a seguinte Comissão Central:

Presidente: D. Othon Motta

Tesoureiro: Mons. José Ferrer

Secretário: Padre Newton Pimenta, SVD

Antecipando as próximas decisões da Comissão Central, Sua Excia. Revma. determina que, os Revmos. Srs. Párocos e Capelães iniciem, desde já, uma campanha de Missas, Comunhões, Terços, Orações, Mortificações e Obras Pias em intenção do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, para, em data oportuna, ser-lhe ofertado rico tesouro espiritual. O resultado deste movimento espiritual deverá ser enviado à Comissão Central até o dia 1º de Outubro do corrente ano.

Sua Excia. Revma. o Sr. Bispo Auxiliar espera que todos os Sacerdotes empreguem os melhores de seus esforços, para que todos os fiéis desta Diocese, inclusive comunidades religiosas e educandários, tomem parte, carinhosamente, na comemoração do Jubileu Sacerdotal de Sua Excia. Revma. o Sr. Bispo Diocesano.

Juiz de Fora, 3 de maio de 1954.

Cônego Lauro Neves

Secretário

. Ano XXVIII, 27/05/1954, n° 1445, página 03

**Comissão Diocesana do XXXVI
Congresso Eucarístico Internacional
A realizar-se no Rio de Janeiro**

O Exmo. e Revmo. Sr. D. Justino José de Sant'Ana acaba de nomear a Comissão Diocesana que cuidará em tempo oportuno da propaganda e preparativos, dentro do Bispado do Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro.

A já mencionada Comissão está assim constituída:

Presidente: D. Othon Motta; Vice-Presidente: Pe. Wilson Ghetti; secretário: Silvestre Soares de Oliveira; Tesoureiro: Ernani Junqueira Monteiro de Barros.

Membros efetivos: Dr. Wilson Beraldo, Geraldo Magela Nascimento, Dr. José Marino de Souza.

. Ano XXVIII, 03/06/1954, n° 1446, página 04

Aniversário de Sagração do Exmo. Sr. Bispo Auxiliar

Inadvertidamente, deixamos de, no tempo devido, conforme é nossa praxe, registrar aqui, a passagem do primeiro aniversário de sagração episcopal de D. Othon, ocorrido a 23 do mês p. passado.

Em absoluto, com esta publicação atrasada, não queremos ferir a sua modéstia e muito menos fazê-lo por outro qualquer motivo senão por dever de gratidão ao bondoso e de todos estimado Bispo Auxiliar da Diocese de Juiz de Fora, em cujas atitudes, bem se vê, aquele que verdadeiramente enviado pela Divina Providência, vai sendo, realmente, para o nosso venerando Bispo Diocesano D. Justino, o auxiliar

que S. Excia. almejara.

Embora, pois, atrasados, podemos ainda pedir aos nossos leitores, orações por D. Othon, afim de que N. Senhor o conserve por longos anos junto de D. Justino a serviço da nossa extensa Diocese de Juiz de Fora.

. Ano XXVIII, 10/06/1954, nº 1447, página 02

1º aniversário da chegada de D. Othon

No dia 13 do corrente, dia de Santo Antônio, Padroeiro da Diocese e da nossa cidade, entre outros motivos de festa e de alegria, transcorre o primeiro aniversário da chegada a Juiz de Fora do nosso bondoso Bispo Auxiliar.

Conhecendo de perto o feitio de S. Excia. Revdma., preferíamos silenciar quanto a esta ocorrência. Mas, por outro lado, não podemos falhar no que diz respeito aos registros de datas como esta.

Recordando, por conseguinte com os nossos leitores, o memorável dia 13 de junho de 1953, queremos ainda uma vez levar a D. Othon os nossos cumprimentos mui respeitosos e o testemunho da nossa admiração. Certamente, - e é o que S. Excia. prefere, - muitas orações hão de subir até Deus segundo as intenções do nosso Bispo auxiliar que, com apenas 12 meses de permanência entre nós, gosa de geral e justificada estima em todos os meios.

. Ano XXVIII, 19/08/1954, nº 1457, página 03

Jubileu Aureo Sacerdotal de Dom Justino José de Sant'Ana, Bispo Diocesano de Juiz de Fora

Para maior brilho e aproveitamento espiritual do povo ficou estabelecido na última reunião do clero, que nas paróquias da sede episcopal haverá um tríduo preparatório para Jubileu Sacerdotal do Exmo. Bispo Diocesano. Este tríduo deve terminar nos dias assinalados, para que em todo mês de outubro haja uma série de doutrinação em toda cidade. Para maior facilidade oferecemos um esquema de assuntos para as pregações.

Os Revmos. Snrs. Vigários terão liberdade em segui-los.

Pela Comissão

+ OTHON MOTTA, Bispo Auxiliar

. Ano XXVIII, 26/08/1954, nº 1458, página 04

Governo Diocesano

Álbum comemorativo

De ordem de sua Excia. Revma. o Sr. Bispo Auxiliar, comunico ao Revmo. Clero que a Comissão Central dos festejos está elaborando um Álbum da Diocese de Juiz de Fora, comemorativo ao jubileu áureo sacerdotal do Exmo. Sr. Bispo Diocesano.

Para este Álbum necessita-se de uma fotografia postal, bem nítida, dos Padres, das Matrizes e os respectivos Párocos. Pede-se, pois, a fineza de providenciarem as referidas fotografias, e enviarem-nas, quanto antes, a esta Cúria Diocesana.

A Comissão espera o máximo empenho ao cumprimento das determinações expedidas na Circular de 3 de Maio p. p. dirigida aos Reverendíssimos Srs. Padres.

Cúria Diocesana, 6 de Agosto de 1954.

Mons. JOSÉ FERRER

Vigário Geral

. Ano XXVIII, 09/09/1954, n° 1460, página 04

Programa das festas do Jubileu Áureo Sacerdotal de D. Justino José de Sant'Ana, DD. Bispo Diocesano de Juiz de Fora

PROGRAMA

2 de novembro – Terça-Feira – às 8 horas: Na Catedral – Missa rezada pelo Exmo. e Revmo. Dom Othon Motta. DD. Bispo Auxiliar de Juiz de Fora, em intenção dos saudosos Pais do Exmo. e Revmo. Dom Justino José de Sant'Ana, DD. Bispo Diocesano.

. Ano XXVIII, 04/11/1954, n° 1468, página 08

Homenagem ao Exmo. e Revmo. Snr Bispo Auxiliar D. Othon Motta

Por ocasião do Jubileu Áureo sacerdotal do nosso Bispo Diocesano, D. Justino José de Sant'Ana, este órgão oficial da Diocese quer exprimir, também, ao Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Auxiliar D. Othon Motta, os mesmos sentimentos de filiação espiritual pela bondade e solicitude que tem manifestado para com esta Folha.

Com efeito, em pouco tempo, D. Othon Motta já conquistou a simpatia do Clero e do Povo, realizando, entre nós, com zelo prudente e operante, aquilo que já se esperava de sua Piedade e Cultura.

Foi Ele a Alma Organizadora das homenagens ao Pastor Jubilado.

. Ano XXVIII, 30/12/1954, n° 1476, página 04

Notícias de Matias Barbosa

**Áureo Jubileu Sacerdotal do Revmo. Sr. Padre Pedro Ferrari,
D.D. Pároco de Matias Barbosa**

Com algum atrazo, temos o prazer de noticiar aos leitores o resumo das solenidades.

Matias Barbosa viveu dias de verdadeiro júbilo, homenageando o seu zeloso e santo Pastor, Revmo. Pe. Pedro Ferrari, por ocasião de seu áureo jubileu sacerdotal, ocorrido no dia 18 de dezembro p. p. e comemorado no dia 19 do mesmo mês.

Após um tríduo de pregações, cuja finalidade foi anunciar aos fiéis a grandeza e sublimidade do Sacerdócio Católico, celebrou-se, com entusiasmo, a gloriosa efeméride.

O Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Auxiliar, D. Othon Motta, veio pessoalmente, e, em nome do Sr. Bispo Diocesano, testemunhar o seu amor e sua simpatia não Padre homenageado. S. Excia. chegou a Matias Barbosa no dia 18, fazendo-se acompanhar pelos Srs. Cônego Francisco Maximiano de Oliveira e Pe Miguel Falabella de Castro.

O dia 19, por ser domingo, fora escolhido para comemorar o áureo jubileu. O Sr. Bispo Auxiliar celebrou a Santa Missa às 7 horas, em Comunhão geral das associações religiosas. Às 9 horas o Sacerdote jubilado cantou Missa solene, agradecendo a Deus os 50 anos da graça sacerdotal. Auxiliaram na Santa Missa os seguintes sacerdotes: Diácono Pe. Miguel Falabella; sub-diácono Pe Maurício Sarai-va e cerimoniário: Cônego Francisco Maximiano de Oliveira. Após o Evangelho, usou da palavra o ilustre orador, Pe. Boanerges de Souza, que, entre assuntos atinentes à vida sacerdotal, traçou ligeiros dados biográficos do homenageado sacerdote.

Às 13 horas, na Associação Atlética Matiense foi oferecido ao Padre Pedro um lauto banquete, que contou com a participação do Sr. Bispo Auxiliar; dos sacerdotes presentes; de alguns parente do homenageado e outras pessoas de destaque de Matias Barbosa e outras

localidades.

Usaram da palavra um jovem, representando o laicato de Matias Barbosa e o Cônego Francisco Maximiano de Oliveira, que falou em nome do Clero.

Às 19 horas o ilustre Sacerdote cantou solene Te Deum em ação de graças.

A palavra autorizada e tão conhecida do nosso estimado Sr. Bispo Auxiliar fez-se ouvir com real proveito. S. Excia. mais uma vez enalteceu o sacerdócio católico, sobretudo naquele que o participava há 50 anos bem vividos.

Após o Te Deum o povo de Matias Barbosa prestou uma singela homenagem ao Padre Pedro. Este, comovido, agradeceu e pediu que todas estas homenagens fossem levadas ao Eterno e Sumo Sacerdote, Nosso Senhor Jesus Cristo. Dominus conservet eum et vivificet eum...

Estiveram presentes, além do Sr. Bispo Auxiliar, os seguintes sacerdotes:

Mons. José Ferrer – Vigário Geral da Diocese, Pe. Isnard da Gama, Pe. Lauro Neves, Pe. Francisco Faustino Kill S.V.D., Pe. Bonerges de Souza, Pe. Maurício Geraldo Corrêa Saraiva, Pe. Miguel Falabella de Castro, Pe. Adil Monteiro Bretas.

. Ano XXVIII, 20/01/1955, nº 1478, página 04

“CONVERSA VICENTINA”

Retiro de 1955:

Em cumprimento à velha tradição, promoverá este Conselho Central, de 9 a 13 de Fevereiro próximo do ano de 1955, o 40º retiro recluso Vicentino, na Academia de Comércio de Juiz de Fora, para os confrades da CIDADE e do INTERIOR.

Os dias de retiro, como sabemos, são dias de bênçãos em que se aplica a outra ordem de preocupações acima das meramente terrenas, isto é, a de aprofundar se melhor no conhecimento de nossa lama imortal. Esse tempo tem sido de sinceras conversões para muitos, enquanto que para outros o início de uma vida cristã mais séria, fervorosa e intensa. Além disso, para os Confrades que ocupam cargos nos Conselhos e Conferências ou mesmo para os vicentinos em geral, o retiro oferece est'outra oportunidade de se instruírem um pouco mais sobre os deveres inerentes aos respectivos cargos e assuntos de interesse geral para a nossa querida Sociedade.

Eis porque, com grande prazer e especial empenho, venho convidar, em primeiro lugar, os presidentes e vice-presidentes e depois a todos os confrades para o aludido retiro, pedindo ainda ao caro presidente o favor de chegar ao conhecimento de outros vicentinos e pessoas interessadas que não tenham recebido diretamente esta circular. É bom que se diga, devem os candidatos ao retiro recluso ser maiores de 15 anos de idade e estar isentos de moléstias contagiosas.

Será pregador o Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Auxiliar desta Diocese, D. Othon Motta que, de boa vontade, aceitou o nosso convite.

Com o intuito de assegurar o bom êxito destes Exercícios Espirituais, além das recomendações que seguem abaixo, pedimos orações nesta intenção. Estão estabelecidas com a direção da Academia de Comércio, algumas normas, para as quais pedimos a especial atenção e o fiel cumprimento por parte dos interessados.

1º) - Iniciará quarta-feira, dia 9 de fevereiro, à noite, e terminará domingo, dia 13, pela manhã com a santa Missa, Comunhão coletiva e Assembléia geral regional.

. Ano XXVIII, 27/01/1955, nº 1479, página 04

Conversa Vicentina

40º. Retiro Recluso na Academia de Comércio

Para os vicentinos de Juiz de Fora, do interior assim como para os homens e moços em geral maiores de 15 anos. De 9 a 13 de Fevereiro. O Retiro é um tempo em que se dedica a outra ordem de negócios, ou melhor, de modo especial, ao grande e importante negócio da salvação da alma.

Venham, pois, Srs. Vicentinos ao Retiro dispostos e se tornarem mais vicentinos. Vençam a má vontade que costuma de nós se apoderar nestas ocasiões. Não seja a taxa de Cr\$ 220,00 para o Retiro, motivo de impecilho à nossa presença ao mesmo. Espera-se, de modo particular, a vinda de presidentes e vice-presidentes de Conselhos e Conferências porque sendo estes os “irmãos mais velhos” dar sempre o bom exemplo. Aqueles que quiserem fazer a sua inscrição com antecedência, pedindo reserva de lugares, dirijam-se à Academia de Comércio (Irmão Demétrio) – Caixa Postal, 160 – Juiz de Fora.

Será pregador do Retiro o Exmo. Snr. Bispo Auxiliar de Juiz de Fora, D. Othon Motta.

. Ano XXIX, 26/05/1955, nº 1495, página 02

8 de Maio

Teve excelente comemoração o “dia mundial”

As CC. MM. promoveram a Comunhão geral dos congregados e a tarde cumpriu-se com muito brilhantismo o programa elaborado anteriormente. Estando presente o digníssimo bispo auxiliar, D. Othon

Motta, o congregado presidente da Federação disse algumas palavras a guisa de abertura da sessão e leu o soneto que o estro mavioso de Marinho Giovannini dedicou aos jubilares:

“Sou FITA AZUL, e quanto tempo dura
Este viver ao lado de MARIA!
E creio mesmo que maior ventura
Um coração jamais conheceria...

É que MARIA, em cujo olhar fulgura
Um sol de amor que as trevas alumia,
Cobre-se com seu manto e, toda ternura,
Porque sou fraco, ela meus passos guia!

Há quanto te acompanho, ó MÃE querida!
E juro te que nesta minha vida,
Outra coisa nenhuma busquei ser,

Senão servo fiel do teu reinado,
Até que um dia, trôpego e extenuado
Em teus braços, feliz, possa morrer!

Cumprindo o ritual, D. Othon Motta impôs as insígnias aos que, durante vinte cinco anos e mais, mantiveram-se fiéis a consagração a MARIA e foram:

Pe Teodoro Arnoldus, Pe. Newton Pimenta, Altamiro Venâncio de Almeida, Geraldo Gomes da Silva, Henrique José Penido Burnier, João Alves de Andrade, José Manoel Simões, Luiz Priamo, Manoel Justiniano Chagas, Miguel Giovannini, Silvestre Soares de Oliveira e Walter Pereira Gaio.

Foi uma cerimônia tocante e comovedora dentro mesmo da singeleza que a cercou, tendo a coroada de êxito marcante a bondosa presença de S. Excia. Revma., D. Othon Motta, que pronunciou incentivadoras palavras.

Seguiu-se solene Hora Santa Eucarística e Bênção do SSmo. Sacramento pelo sucesso do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional.

Foi assim brilhantemente comemorado o dia mundial do congregado mariano – segundo domingo de maio.

Parabéns aos jubilares e que perseverem pelos tempos afora sob o manto de Maria.

GALBA Jr.

. Ano XXIX, 22/09/1955, n° 1512, página 02

Federação das Congregações Marianas de Juiz de Fora

14ª . Semana Mariana

Sob os auspícios da **Federação das Congregações**

Marianas de Juiz de Fora e honrosa presença de Sua

Excia. Revma. Dom Othon Motta, DD. Bispo

Auxiliar

De 26 de Setembro a 2 de Outubro de 1955

LOCAL: - Salão do Colégio “Stella Matutina”

PROGRAMA

Dia 2 – *Encerramento* – No Lactário S. José e Igreja do Rosário
a) – às 7 horas – Missa com comunhão geral celebrada por Sua Excia.
Revma. Dom Othon Motta, DD. Bispo Auxiliar, no Lactário São José.

. Ano XXIX, 08/12/1955, n° 1523, página 03

Governo Diocesano

Avisos

ORDENAÇÕES SACERDOTAIS

No próximo dia 8 de dezembro, na Igreja Matriz de Andre-
lândia, S. Excia. Revma. D. Othon Motta conferirá a ordem de Pres-
biterato ao diácono Jacy de Oliveira e as primeiras ordens menores
aos clérigos João Batista de Oliveira e Raimundo de Almeida Sales.
E, no dia 11, na Igreja Matriz de Rezende Costa, da arquidiocese de
Mariana, será conferida a ordem de Presbiterato ao Diácono Antônio
de Mérces Gomes e as últimas ordens menores aos menoristas João
Batista de Oliveira e Raimundo de Almeida Salles. Os Revmos. Srs.
Párocos, padres capelães etc., avisem aos fiéis a respeito dessas sole-
nes ordenações sacerdotais e peçam aos mesmos fiéis as fervorosas
orações pelos ordinandos.

. Ano XXIX, 25/12/1955, n° 1525, página 02

D. Othon transferido

A cidade de Juiz de Fora, sábado p.p., foi rapidamente tomada
de grande abalo ao saber-se pelo rádio – Reporter Esso – de que Dom

Othon Motta havia sido designado Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, o que importava na transferência de S. Excia Revma.

E logo que a notícia fora transmitida, do Palácio Episcopal, pelo próprio Bispo Auxiliar vinha a confirmação.

Foi assim que de todo mundo... geralmente, apoderou-se de grande tristeza com os comentários e perguntas de uns para os outros, sobre qual seria a causa ou razão deste acontecimento.

À noite, quando S. Excia. ocupou, como de costume, o microfone da Rádio Difusora de Minas Gerais, na qual vem fazendo o programa “A voz da Igreja”, incumbiu se de esclarecer o assunto aos seus ouvintes. Era realmente transferido, mas não a seu pedido e sim por deliberação expressa da santa Sé que assim entendeu levá-lo para ser o 3º Bispo Auxiliar do Cardeal D. Jaime Câmara. Nesta oportunidade pode dizer tudo o que sente a respeito de Juiz de Fora, de cujo povo se aparta simples e unicamente por dever de obediência ao Santo Padre, que, aliás o leva novamente para a Capital da República, de onde viera há 2 anos e 6 meses para ser o Bispo Auxiliar de D. Justino.

Não queremos e não podemos entrar em apreciação sobre os atos da Santa sé e por isto não ousamos nem de longe, tomar uma tal atitude no que concerne à retirada de D. Othon de nosso meio.

Uma coisa, entretanto, não podemos deixar de fazer. É precisamente manifestar a nossa tristeza muito humana e por isto muito natural, pela enorme lacuna que vem de ser aberta na vida católica de Juiz de Fora com a ausência de um Bispo que soube pelas suas maneiras, bondade, piedade e caridade contagiantes, conquistar a amizade e o respeito de grandes e pequenos e por isto mesmo lamentam desde já a saída de S. Excia. Revma.

Quem já conversou poucas vezes que seja com D. Motta, não sendo até mesmo católico, deve ter sentido nas suas palavras e nos seus modos, algo daqueles dotes que moram bem dentro de seu grande

coração de homem de Deus. Nós que há miúdo com S. Excia. palestrávamos ou melhor, palestramos em diversos tons e circunstâncias, podemos dar o testemunho do quanto tinham razão aqueles que, ao se despedirem ontem do Monsenhor Motta, o entregavam a nós, revestido da Plenitude do Sacerdócio, dizendo-nos havermos conquistado uma preciosa jóia.

Agora vemos que tudo isto é uma grande verdade.

Mas como neste mundo nada é duradouro e por isto devemos estar dispostos a aceitar a vontade de Deus que tudo sabe, tudo vê e prevê e dispõe as coisas a seu modo para beneficiar sempre as almas, só nos resta nesta altura, sentir grandemente a perda, antecipando as nossas saudades, dizendo enfim: Deus seja louvado!

Dom Othon, muitas felicidades. V. Excia. com justiça, vai depressa recebendo o premio que merece, pois ao sair de Juiz de Fora, regressa à sua terra natal onde ocupará melhor posição ao lado de S. Emcia. Snr. Cardeal Câmara que bem conhece V. Excia. Revma.

Pode continuar contando com as nossas orações e com a amizade sincera de sinceros amigos de todas as camadas sociais conquistados neste pedaço do Estado de Minas Gerais.

Certamente por todo canto onde esteve V. Excia. Revma. em visitas proveitosas às diversas paróquias, deixou amigos e admiradores que não o saberão esquecer.

Que a Providência Divina continue a acompanhá-lo, sobretudo agora que vai V. Excia. Revma. enfrentar nova e árdua tarefa na capital da república embora ao lado do Cardeal Câmara.

. Ano XXIX, 26/01/1956, n° 1530, página 02

D. Othon Motta, Bispo dos humildes

A cidade acabou de despedir-se do estimado ex-Bispo auxiliar de Juiz de Fora.

Tivemos já oportunidade de dizer o que sentimos de S. Excia., frutos dos vários encontros que tivemos, em diversas circunstancias com o grande amigo.

Falaram a seu respeito e bastamente, as expressões mais vivas e legítimas do sentimento católico deste pedaço do Estado de Minas Gerais, que é Juiz de Fora.

Seríamos ociosos se quisessem os ainda agora, aqui, repetir tudo aquilo que já foi dito pelas vozes daqueles que nos representaram, sobretudo naquela memorável noite do dia 17 do corrente, no salão de festas do Círculo Militar.

Falaram todos o suficiente porque falaram tudo e D. Othon pode perceber a força da sinceridade brotada de corações entre tristes e alegres, que se despediram de um grande Bispo.

D. Othon, efetivamente, fez-se de todos pois a todos cativou com a sua palavra, com as suas atitudes, com seu modo de dele a todos aqueles que tratar se aproximaram.

Por causa deste seu feitio peculiar expresso na bondade que o pranteado e saudoso D. Leme também o recomendara quando de sua ordenação sacerdotal, S. Excia. conquistou muitas almas e muita gente – católica ou não – fez-se amigo. Esta particularidade facilmente se comprova pela espécie de disputa com que grupos de pessoas aos se encontrarem aqui ou ali, quando se toca no nome de D. Othon, todos se dizem dele amigos, ou pelo menos, conhecidos, elogiando as suas maneiras fidalgas.

Para que, entretanto, não se diga, injustamente que D. Othon com a sua ação entre nós não atingiu as camadas menos favorecidas, tendo ficado talves, só entre os grandes, tomados da nossa pena e do direito que nos assiste, para darmos o nosso testemunho seguro e es-

pontâneo contra esta ameaçada inverdade partida talvez de pessoas menos avisadas.

Quem quiser saber como agiu D. Othon também com os pobres que dele se aproximaram, pergunte, se puder, a este punhado de favorecidos pela sua bondade e pela sua caridade oculta. Somos testemunhas disto e por isto dizemos sem medo de errar: D. Othon é também Bispo dos humildes.

AURILIO COSTA

. Ano XXIX, 26/01/1956, n° 1530, página 03

Despediu-se de Juiz de fora D. Othon

A cidade, o povo e toda a Diocese de Juiz de Fora, no dia 17 do corrente, oficialmente, despediram-se de S. Excia. Revma. D. Othon Motta, até há pouco Bispo Auxiliar de Juiz de Fora e agora, por determinação da S. Sé, Bispo Auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Pela maneira como se conduziu S. Excia. entre nós durante cerca de 2 anos e meio, não era possível a sua partida sem uma prova “a mineira” da estima, do respeito, da admiração e do reconhecimento que todos queriam manifestar à sua pessoa. Na verdade, D. Othon pela fidalguia no trato aliada à palavra verdadeiramente mágica, conquistou acatamento geral, com a maior facilidade.

Foi por estas razões todas que antes da sua partida para o Rio, elabora-se um programa de despedida constando de u’a santa missa, às 9 horas, celebrada por S. Excia., na Igreja de São Sebastião, almoço no Palácio Episcopal oferecido pelo Clero, audiência especial para o povo e à noite uma Sessão Solene no salão de festas do Círculo Militar.

A SANTA MISSA

O templo encontrava-se repleto de fiéis que debaixo de toda piedade participando do Santo Sacrifício que, ao agradecer, no final, D. Othon, disse que havia oferecido na intenção de todos os presentes.

Ao Evangelho pronunciou oportuna oração, em nome do Clero e das religiosas de Juiz de Fora, o Revmo. Cônego Luiz de Freitas Pires, Reitor do Seminário Santo Antônio, cuja oração publicaremos posteriormente com imensa satisfação.

Bastante comovido, terminada a Missa D. Othon, agradeceu a todos que ali se achavam e as palavras sinceras e tão confortadores pronunciadas pelo Cônego Luiz de Freitas.

ALMOÇO NO PALÁCIO EPISCOPAL

Às 11 horas, no Palácio Episcopal, presidido por S. Excia. Revma. D. Justino José de Sant'Ana, Bispo Diocesano, teve lugar um almoço, íntimo oferecido pelo Clero, ao qual por convite especial, esteve presente também o Snr. Prefeito Municipal.

À sobrezeza usaram da palavra o Revmo. Cônego Lauro Neves, Secretário do Bispado, fazendo o oferecimento do ágape e ainda o Snr. Prefeito Municipal em breve saudação. Agradecendo, falou, finalmente Dom Othon.

RECEPÇÃO POPULAR NO PALÁCIO

Desde 15 até às 17 horas, S. Excia esteve à disposição de todas as pessoas que ali foram visitá-lo e levar lhe com as suas despedidas, acompanhadas de palavras de amizade e gratidão em meio à tristeza de vê-lo, por dever do sagrado ministério apartar-se de Juiz de Fora.

SESSÃO SOLENE À NOITE

Às 20 horas, como estava programado, no amplo e confortável salão de festas do Círculo Militar, que se apresentava super-lotado, recebeu D. Othon, à entrada, pontualmente, às 20 horas, calorosa salva de palmas. Constituída a mesa e iniciada a sessão, ouviu-se como primeiro orador, em nome dos católicos de Juiz de Fora, o Exmo. Snr. Dr. João Tavares Corrêa Beraldo, Diretor do Banco de Crédito Real de Minas Gerais e ex-interventor do Estado, em cômico e brilhante discurso expressando a D. Othon todo o pesar humano de vê-lo partir de Juiz de Fora, após três anos de agradável e proveitosa permanência entre nós, percorrendo e visitando todos os cantos e recantos da nossa cidade e da Diocese, em visita às paróquias, capelas e ainda encontrando tempo para espalhar a sua palavra de Bispo, através das ondas radiofônicas das emissoras locais. Por tudo isso, o orador, dava a D. Othon, em nome do povo, o seu adeus saudoso, sentido e reconhecido.

O segundo orador foi o Professor Henrique Hargreaves, em nome do laicato. Falando com segurança, sem esconder o natural sentimento daqueles que se privam pela distância apenas, da presença de S. Excia., ressaltou com alta sabedoria o sentido da universalidade da Igreja que nos tem a todos bem unidos no mesmo altar, na mesma fé e nos mesmos sacramentos.

Assim referiu-se à tristeza da separação física que nos distancia um pouco de D. Othon, entretanto, superada pela alegria espiritual promanada da fé que nos diz a todos nós que ele continua sendo o mesmo bem, distribuindo a mesma semente da palavra divina, em tudo pregando a difundindo o mesmo Evangelho de Jesus Cristo.

Seguiu-se com a palavra o Dr. Eudócio Infante Vieira que em nome da Associação das Damas Protetoras da Infância, em bela e expressiva oração, levou a D. Othon a gratidão daquela Associação e

sobretudo o agradecimento das quatrocentas crianças pobres que ali recebem o amparo necessário através dos diversos núcleos na cidade, do Lactário São José. Disse o orador que a presença do ilustre Prelado naquela Casa durante todo tempo que esteve entre nós, trouxe-lhe novo alento, nova vida e por isto, além do mais, ao terminar, fez passar às mãos do homenageado uma lembrança que a Associação e seus beneficiados mandaram entregar-lhe naquela hora de despedida.

O CORO DE SANTA CECILIA

O coro de Santa Cecília da Igreja de S. Sebastião, no intervalo ofereceu vários números de seu repertório, a enfeitarem mais ainda aquela festa de flores e de lágrimas ao mesmo tempo, mas sobretudo, bem podemos dizer, de gratidão!

OUTRAS MANIFESTAÇÕES

Os colégios secundários por um grupo de alunos dos diversos educandários, prestaram, a seu tempo, significativa e feliz homenagem ao bondoso prelado.

AGRADECE, FINALMENTE, S. EXCIA.

Dizendo, de início, preferia não possuir, naquele momento coração, e falar apenas com os lábios, procurou cheio de emoção profunda, agradecer a cada um dos oradores as suas expressões de carinho e de sinceridade para com a sua pessoa. Agradeceu, em primeiro lugar a D. Justino, de quem dissera, levava a grande lição da sua experiência de tantos anos de episcopado à frente desta grei diocesana.

Exaltou em termos ricos de elogios, os sentimentos religiosos e a fé do povo mineiro dizendo levar deste povo e de tudo o que viu nas suas diversas visitas às paróquias do interior por mais modestas onde não lhe faltou o carinho da sua gente, a mais viva recordação. Agradeceu em particular, a cada um dos oradores e as palavras por

eles pronunciadas naquela noite, dizendo que tudo guardava avaramente bem dentro do seu coração, ainda mais que todos falaram com amizade sincera. Procurou sobremodo, aproveitar das palavras do Professor Hargreaves, a fim de exaltar mais ainda a beleza da Igreja à qual serve como Bispo, uma vez que realmente na sua universalidade pode continuar unido a todos esteja onde estiver.

E por estas razões todas teceu um hino de gratidão à bondade de Deus que nos dá os benefícios super abundantes de uma fé que não o deixava distanciar-se de Juiz de Fora.

Terminou o seu agradecimento a todos e a cada um em particular, com um pensamento de Santo Ambrósio, notável bispo da Igreja, com o qual completava com a Caridade o que recebia em felicidade, naquele instante.

A RADIO DIFUSORADE MINAS GERAIS

Num gesto de gentileza e de particular amizade a D. Othon, por parte especialmente de seu de Diretor, Dr. Sérgio Vieira Mendes, a poderosa emissora local “Difusora de Minas Gerais”, irradiou toda a sessão, possibilitando a muitas pessoas o prazer de acompanharem o desenrolar desta sincera homenagem-despedida a S. Excia. Revma. D. Othon Motta, agora muito digno Bispo Auxiliar de S. Emcia. Sr. Cardeal Jaime de Barros Câmara.

DIA 19, A PARTIDA DE S. EXCIA

Terminadas as homenagens e despedidas em Juiz de Fora, a D. Othon restava apenas a sua partida para o Rio. Esta se deu no dia 19 pela manhã, conduzido em um carro especial oferecido gentilmente pelo Exmo^o Snr. Prefeito Municipal.

Formou-se a esta hora, uma comitiva de amigos que, espontaneamente quis levar S. Excia. até a vizinha cidade de Matias Barbosa.

Ali chegando, vendo-se à frente o Vigário Padre Pedro Fer-

rari, o Sr. Prefeito local, membros de associações religiosas e povo, recebeu S. Excia. rápida, porém comovente e carinhosa manifestação. Falou em nome dos manifestantes em feliz e delicado discurso que publicaremos noutra parte, a Senhorita Isar Maria Couto Mendonça, cujas palavras fizeram reviver em D. Othon os dias felizes de convivência entre nós.

Tentando responder a mais esta homenagem do bom povo de Matias Barbosa, D. Othon visivelmente emocionado pode apenas pronunciar estas palavras: “Revmº Pe. Pedro.... muito obrigado” e passou logo a se despedir de um por um dos que ali se achavam presentes, tomando depois o carro e seguindo sua viagem para ocupar o novo posto que o guardava na capital da República.

. Ano XXIX, 02/02/1956, nº 1531, página 04

Oração do Revmo. Cônego Luiz de Freitas durante a Missa de despedida de D. Othon

Exmo. e Revmo. Sr. D. Othon Motta, muito digno Bispo Auxiliar de S. Emcia. o Sr. Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Revmos. Srs. Cônegos do Cabido Diocesano;

Meus irmãos no Sacerdócio;

Amados irmãos em Cristo Jesus.

Assomo o púlpito sagrado com a honrosa incumbência de saudar Vossa Excia. D. Othon Motta em nome dos meus irmãos do clero diocesano, religioso e virtuosas irmãs que militam em nossa querida diocese. É justo que quem usufruiu a privilegiada alegria e singular honra de saudar V. Excia. naquela inesquecível e esperançosa tarde de 12 de junho de 1953, experimente nesta hora de saudades a redobrada honra e justa tristeza de patentear a V. Excia, nesta hora de despedida, os nossos vivos agradecimentos. Relembrar nesta hora o muito que V.

Excia. realizou no pouco que aqui esteve seria agravar a nossa saudade e aumentar a desolação da despedida. O atestado de suas obras é o carinho, o respeito filial, esta preciosa e imortal aureola de prestígio e veneração que cercam V. Excia. em toda Diocese. Todos vemos em Vossa Excia. o Bispo -, o Pastor em diuturna vigília. O Bispo é, antes de tudo e mais que tudo, o Pastor; quem diz Pastor diz sacrifício, abnegação, desprendimento da própria vida.” O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas.” “O Bispo é antes de tudo o Pai dos padres”. Na “ordenação há uma paternidade e uma filiação real na ordem da graça e do caráter. *Episcopus Imago Patris*, dizia Santo Inácio -, imagem visível do Pai invisível. Paternidade que se difunde pelos vínculos da caridade – “*in vinculis caritatis*” – que norteiam a ação apostólica de V. Excia. sentimo-nos todos do clero estreitados e aquecidos filialmente pelos vínculos da caridade que nos prendem ao coração e ao altar de V. Excia. Santo Inácio na epístola aos magnésios ordena: Obedecei, sem hipocrisia, ao Bispo, que está no lugar de Deus (VI,1). “Sede submissos a vosso Bispo, como Jesus Cristo, em sua carne, o foi a seu Pai.”

Saúdo V. Excia. como admirador incondicional, amigo e membro deste clero do qual V. Excia. – pelos laços sagrados e indissolúveis da afeição e gratidão sacerdotal tornou-se patrimônio inalienável. Pelos meus lábios sacerdotais falam neste momento homens e mulheres, velhos e crianças, padres e leigos, religiosas e donzelas, órfãos e desamparados, que foram acolhidos por V. Excia., falam privilegiados da fortuna que foram iluminados pela sabedoria salutar de sua palavra -, para que não abusem de sua misericórdia divina; os desfavorecidos da sorte amparados em sua sacerdotal caridade para que não descreiam da Providência; falam padres e alunos do Seminário Santo Antônio que contraíram para com V. Excia. dívida de imortal gratidão. Pelos meus lábios falam lágrimas e flores; lágrimas que secaram seus conselhos paternais -, flores de graças que distribuíram suas paternais mãos. E toda Diocese, de joelhos, que agradece a Deus os insondáveis dons recebidos do Alto pela incansável e inesquecível lição de zelo e caridade que nos deixa a rápida passagem de V. Excia. por Juiz de Fora. Se é de joelhos que o Bispo governa, ensina e santifica a sua grei querida, é também de joelhos que o clero e religiosas de Juiz de Fora

recebem triste, mas conformados a transferência de V. Excia. adoramos e aplaudimos os insondáveis desígnios de Deus que tudo governa – com constância e suavidade. Bendito seja Deus pelo enorme sacrifício que impõe aos seus filhos. A distância, porém, não nos desligará de V. Excia. – a nossa fé nos conserva indissolavelmente unidos, o Altar – rompe todas as fronteiras, supre todas as distâncias e reúne-nos cotidianamente em torno do Único Pastor a que todos servimos. A distância não afrouxará os vínculos da caridade e afeição sacerdotais que nos escravizam a V. Excia. Tem V. Excia. um altar em cada coração sacerdotal desta nossa querida Diocese. Esta Sede Episcopal, a que tanto brilham emprestam o fulgor da mitra e as imorreduras obras de zelo de nosso venerável Bispo diocesano -, ufana-se de ter sido o berço episcopal da gloriosa missão eclesial de V. Excia. que se vislumbra irradiando do alto muita luz para as inteligências e calor para os corações. V. Excia. se fez incondicional credor da amizade e gratidão filiais do clero de Juiz de Fora pela fidalguia e zelo, atenção e fraternal solicitude com que se secundou a a ação de nosso venerável e inesquecível Pai diocesano – D. Justino, cujo episcopado resume a história da Igreja em Juiz de Fora. Cativou-nos com a delicadeza de alma com que V. Excia. deu sábio cumprimento a missão de “baculum senectutis”, na expressão bíblica, caridade viva e edificante, amparando-nos nos braços e no coração de bispo a gloriosa e vigorosa velhice de nosso benemérito pastor e pai. V. Excia. supriu largamente por nós aquilo que Sto. Inácio aconselha aos Tralenses: “É preciso que cada um de vós, e sobretudo os presbíteros, saibais reconfortar o vosso Bispo.” (Ep. Aos Tralianos – XII, 2) Somos vítimas das virtudes e talentos de V. Excia. A Igreja lhes destina hoje tarefa mais ampla onde a glória de Deus e salvação das almas possam tirar maior vantagem destas raras qualidades de coração e inteligência que ordenam a empolgante personalidade. Saudamos em V. Excia. o amigo cujo coração tornou-se refugio seguro das honras de sombrios abatimentos; saudamos reverentes o grande Bispo, glória do Episcopado nacional, espelho de acrisoladas virtudes, de zelo, compreensão, de vigilância pastoral e operosidade modelar para todos nós que ceifamos na vinha comum, irmanados no mesmo ideal: em Deus e para Deus. Nos pés fecundos do Altar de Cristo -, o Deus te toda consolação e misericórdia -, levante V. Excia.

imploramos, as veneráveis e sagradas mãos ornadas de graças e calor apostólico para invocar sobre o clero, religiosas e família diocesana a sua benção carinhosa e eficaz, que há de permanecer conosco guiando e florescendo nosso ministério sacerdotal.

. Ano XXX, 01/11/1956, n° 1569, página 04
Dom Othon Motta



Participou dos estudos de Nossa Semana Mariana, abençoando-a e orientando-a.

. Ano XXX, 15/11/1956, nº 1571, página 04

Bispos e Sacerdotes presente aos Estudos, do dia 30 de outubro, no Seminário Santo Antônio



. Ano XXX, 22/11/1956, nº 1572, página 04

Entusiástica Semana Mariana



Dom Othon Motta, o paladino de Maria, como foi chamado na sua simplicidade eloquente e com sua eloquência cheia de simplicidade e tão oportuna, dirigiu, na segunda sessão solene, aos congregados, palavras de fogo, animando-os a viver a vida santa e exemplar de Maria, a cumprir as regras da Congregação e a entregarem-se ao apostolado, quer pela palavra, quer pelo exemplo.

. *Ano XXXI, 10/11/1957, nº 1618, página 01*

Dom José Eugênio Corrêa
NOVO BISPO DE CARATINGA
Sagração de Mons. Corrêa
HORÁRIO

Dia 10 de novembro às 16 horas, na Catedral
de Juiz de Fora, Sagração
CONSAGRANTE

D. Justino José de Sant'Ana

Bispo de Juiz de Fora

AJUDANTES

D. Othon Motta

Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro

D. Rodolfo das Mercês Oliveira Pena

Bispo de Valença – Estado do Rio

. *Ano XXXI, 17/11/1957, nº 1619, página 01*

SAGRAÇÃO DE D. CORRÊA

Presidiram às cerimônias litúrgicas Sua Excia D. Justino José de Sant'Ana, nosso Bispo diocesano, como SAGRANTES e Ss. Excias. D.

Rodolfo das Mêrces de Oliveira Pena, Bispo de Valença e D. Othon Motta, bispo auxiliar Exmo cardeal Câmara.

. Ano XXXII, 27/04/1958, n° 1640, página 01

De vez em quando...

Bela aquisição

SYLVESTRE SOARES DE OLIVEIRA

As circunstâncias e sobretudo o tempo fizeram com que eu desaparecesse destas colunas. Só mesmo DE VEZ EM QUANDO... posso aqui comparecer para também, - pode-se – matar a saudade.

Dos vários comentários que gostaria de tecer atualmente, o primeiro é o que vai a seguir.

Há tempos repetia daqui o que ouvira de alguém na ocasião, no tocante à perda de três figuras proeminentes do clero diocesano.

Transferia-se para a Arquidiocese do Rio de Janeiro D. Othon Motta, cuja presença entre nós e sobretudo ao lado do nosso venerando Bispo Diocesano, D. Justino, foi motivo de grande honra e satisfação para todos nós que pudemos conhecê-lo de perto. S. Excia. com toda razão terá de ser sempre lembrado em Juiz de Fora ou melhor, em toda a Diocese.

. Ano XXXIII, 10/05/1959, n° 1694, página 02

No dia 12 de maio, aniversário natalício de Sua Excia. Revma. D. Othon Motta, que foi Bispo Auxiliar em Juiz de Fora, atualmente Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, a respeitosa homenagem deste semanário.

. Ano XXXIII, 14/06/1959, n° 1699, página 01

Ao Exmo. e Revmo. Sr. D. Othon Motta, Bispo Coadjutor de Campanha com direito à sucessão, a respeitosa homenagem do Clero e Povo Católico de Juiz de Fora.



. *Ano XXXIII, 13/09/1959, nº 1712, página 02*

Por ocasião da chegada e posse de Sua Excia. Revma. D. Othon Motta à Diocese de Campanha, o Clero e o Povo Católico de Juiz de Fora associam-se às homenagens que serão prestadas, no dia 15, à sua Pessoa, fazendo os melhores votos a Deus pela felicidade de Sua Excia. Revma.

. *Ano XXXIII, 19/06/1960, nº 1752, página 03*

Faleceu o Exmo. e Revmo. Bispo da Campanha

Depois de longos anos de pastoreio, várias obras realizadas na Diocese da Campanha, Sul de Minas, faleceu o venerando Bispo, D. Inocêncio Engelke, tendo o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano recebido o seguinte comunicado:

D. GERALDO PENIDO JFORA MG
COM PESAR COMUNICO FALECIMENTO D. INOCÊN-
CIO ENTERRO SERÁ SÁBADO ÀS 10 HORAS SDS D. OTHON
Interpretando os sentimentos da Diocese de Juiz de Fora, o Sr
Bispo, assim telegrafou:
DOM OTHON MOTA
CAMPANHA – MG

Meu nome Diocese Juiz de Fora apresento Vossência Dioce-
se Campanha sinceras condolências falecimento querido Pastor Dom
Inocência Pt Impedido comparecer rogo Vexia. Gentileza representar-
me Funerais Dom Geraldo Penido.

. *Ano XXXIII, 25/09/1960, nº 1766, página 04*

Telegramas

*O Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, no dia 15, por ocasião
das Bodas de Ouro do Seminário de Campanha, telegrafou ao Exmo.
e Revmo. Sr. Bispo, D. Othon Motta, nos seguintes termos:*

Dom Othon Motta

Campanha - MG

Participo Vossência toda Diocese Juiz de Fora se associa justa
alegria Diocese Campanha celebração Cinquentenário benemérito Se-
minário.

Dom Geraldo Penido

+*Ano XXXIII, 05/02/1961, nº 1785, página 08*

A Sua Excia. Revma. D. Othon Motta, Bispo de Campanha,
que entre nós esteve e foi Bispo Auxiliar, a constante gratidão do Clero
e dos fiéis da Diocese.

Dom Othon Motta

“Um presente para Juiz de Fora”

Pe Luis Antônio Baldi Fávero

luisinhojf@ibest.com.br

Tel.: 32 9 9987-0376

Arquidiocese de Juiz de Fora - MG

**MONSENHOR MARCIANO
BERNARDES DA FONSECA**



A partir do Jornal "O Lampadário"

**Colaborador
Pe Luis Antônio Baldi Fávero**

2016

Monsenhor Marciano Bernardes da Fonseca

A partir do Jornal “O Lampadário”

Este escrito surgiu a partir do momento em que conhecendo o Jornal “O Lampadário” e sabendo que lá existe toda a história da Diocese de Juiz de Fora do período de 01 de março de 1926 até 29 de dezembro de 1969, chegou aos meus conhecimentos uma possível pesquisa sobre Monsenhor Marciano Bernardes da Fonseca.

Por decisão pessoal e gosto por este Periódico, decidi fazer uma pesquisa não científica. Esta é, apenas a retirada de fontes e aqui transcritas onde estão mencionadas as situações que envolvem este Presbítero de nossa Diocese. Esta colaboração servirá para uma futura pesquisa da biografia mais apurada sobre este “Servo de Deus”.

Entrego a você esta pesquisa e aproveite, na certeza de que Deus lhe concederá muitas graças pela intercessão de Monsenhor Marciano.

Pe Luisinho Fávero

Juiz de Fora, 26 de julho de 2016.

+ 1926 - Ano I, nº 010, 02.05.1926, pag. 01

. Governo Diocesano

Dia 14: Ao Revdo. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, foi passada a provisão de Delegado Parochial na parochia de Olaria, cumulativamente com o Revdo. Vigário de Lima Duarte.

+ 1926 - Ano I, nº 028, 05.09.1926, pag. 04

- Governo Diocesano:

Enviaram o mappa estatístico de 1925, os seguintes reverendos Vigários de:

- Santa Rita do Jacutinga Cônego Marciano Bernardes da Fonseca.

+ 1927 - Ano II, nº 047, 16.01.1927, pag. 01

. Governo Diocesano:

Provisão de Vigários. Dia 19 – Provisão de Vigário Encomendado de Santa Rita do Jacutinga ao Revdo. Cônego Marciano B. da Fonseca até 31 de dezembro de 1927.

+ 1927 - Ano II, nº 055, 20.03.1927, pag. 02

. Governo Diocesano:

Dia 21 – Licença ao Rvdo. Cônego Marciano B. da Fonseca, Vigário de Santa Rita de Jacutinga, para crear em Santo Antônio de Olaria o Conselho de Fábrica, composto de Procópio Theodolino de Paula, Fabriqueiro e José de Paula Nardy, João Rodrigues de Paula e Antenor Moreira Campos, Conselheiros.

+ 1927 - *Ano II, nº 094, 25.12.1927, pag. 02*

. FUNDADORES DO SEMINÁRIO

Entre os sinais de interna solidariedade do Clero, com o exmo. Prelado, é com muita admiração que registramos o seguinte e belíssimo gesto de mais nobre e santa generosidade.

Surgiu num momento a ideia do Clero presente se cotisar, no máximo de sua possibilidade, para vir em auxílio do exmo. Prelado na construção do novo e definitivo prédio do Seminário.

Quem contribuisse com o auxílio de conto de réis para cima, seria considerado *fundador do Seminário*; dahi para menos, *benfeitor*. E... foi só o tempo de assignarem imediatamente a subscrição que em seguida publicamos.

Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, (prestações de 100\$ e pagou logo a 1ª e a 2ª) 1: 000\$000

Juiz de Fora, 15 de dezembro de 1927

Pe. J. Carolino de Menezes – Secretário do Bispado

+ 1928 - *Ano II, nº 095, 01.01.1928, pag. 01*

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

Por acto de hoje, foram reconduzidos a maior parte, removidos outros, admittidos na Diocese e nomeados:

Vigários encomendados de:

Santa Rita de Jacutinga, Cônego Marciano Bernardes da Fonseca

Delegados Parochiaes de:

Santo Antônio de Olaria, Cônego Marciano da Fonseca

+ 1928 - Ano II, nº 100, 12.02.1928, pag. 01

. Governo Diocesano:

Clero Diocesano

Dia 24 – Ao Rvdo. Cônego marciano B. da Fonseca, licença para celebrar uma missa na Fazenda de Landelino Ribeiro de Almeida, de Jacutinga.

+ 1928 – Ano III, nº 106, 25.03.1928, pag. 01.

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

a) Licenças e Despachos

Dia 9 – Ao m. rvdo. Vigário Cônego Marciano da Fonseca, licença para celebrar uma missa na fazenda de d. Umbelina da Cunha, e outra na fazenda do Sr. Olivier Moreira Campos, ambas as fazendas em Santo Antônio da Olaria.

+ 1928 – Ano III, nº 149, 10.02.1929, pag. 02

Quadro do Clero Diocesano em 1929

b) Clero Paroquial

VII – Comarca de N. S. Porto

5. Paróquia de Santa Rita do Jacutinga, Vigário Cônego Marciano da Fonseca

+ 1929 – Ano IV, nº 154, 17.03.1929, pag. 01

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

a) Clero Diocesano

. Dia 08 – Foram provisionados Delegados Parochiaes: de S. João da Serra, o muito rvdo. Pe José de Lucca, Vigário de Palmyra e o seu cooperador; de Santo Antônio de Olaria, o muito rvdo. Cônego Marciano Fonseca cumulativamente com o muito rvdo Pe Henrique Guilherme da Silva; ...

+ 1929 – Ano IV, nº 174, 04.08.1929, pag. 02

Visita Pastoral

Sta. Rita do Jacutinga

D. JUSTINO, ALVO DE UMA SIGNIFICATIVA MANIFESTAÇÃO DE APREÇO

A finda e progressiva Santa Rita do Jacutinga, entre os seus outeiros azues, que tanto embellezam aquellas plagas, prestou ao dia 30 do passado uma significativa manifestação de apreço a nosso querido Bispo D. Justino José de Sant'Anna, que vem desde a fundação da nossa Diocese, como timoneiro prudente, conduzindo a barca do Senhor, entre as escapelladas ondas.

A freguezia de Santa Rita do Jacutinga, tão mansamente cuidada pelo Rvdo. Conego Marcellino B. da Fonseca, que ahi é cognominado o – Pae dos Pobres, recebeu festivamente o nosso Bispo, que sahindo de Santo Antonio de Passa Vinte, às 15 horas, a Cavallo, encontrou nas proximidades da fazenda do capm. José Marques de Oliveira, três leguas distante, um automovel que foi posto à sua disposição e que S. Exa. o tomou, entretanto triumphalmente na localidade, entre uma formidavel massa de povo, debaixo de espoucar de foguetes, sinos e acompanhado depois pela “Corporação Musical Conego Marciano”, daquela localidade.

Essa homenagem foi uma prova brilhante e vigorosa da admiração que o povo santaritense deispensa a S. Exa. Rvmo. D. Justino.

Às 19 horas descia defronte á residencia do Vigario da localidade, sob os sons musicaes e ovações, quando o snr. José Marinho de Araujo, director do jornal local “O PROGRESSO” usou da palavra, credenciado pelo povo, expressando-se na seguinte forma: “Exmo. e

Rvmo. Sr. D. Justino José de Sant'Anna.

Com a nossa alma cheia de uma grande e comunicativa alegria, recebemos, hoje, em visita á nossa localidade. V. Exa. Rvma., portador das bênçãos mais confortadoras que o céu possui. E assim com os nossos corações em festas, osculamos humilde e respeitosamente o vosso sagrado anel.

Este osculo traduz, com toda a eloquencia, a perenne gratidão e admiração que devemos ao nosso querido e bem amado Bispo.

Jus et norma lo puende, é a sabia expressão de Horacio que me faz, credenciado para receber V. Exa. Rvma., usar da palavra, na altura de minha limitada visão cultural, não como o santo Papa Julio II respondeu a Miguel Angelo, porque era uma sabio *in non so lette-re*, resposta zombeteira á pergunta do grande esculptor se queria que collocasse um livro ou uma espada na mão da estatua do Papa, que preferia a espada usando dessa locução tornada celebre.

Desculpando-me levanto a nossa voz de diocesanos, dizendo que nos enche de jubilo, recebemos o nosso amado Bispo, figura de escól nas luctas para o engrandecimento psicologico da nossa amada Terra de Santa Cruz, feliz pastor que guia com doçura do meigo Nazareno um imenso rebanho e que vê, em cada ovelha sua um amigo dedicado e um admirador constante.

E nosso desejo ardente de manifestar que hemos commungadas todas as nossas idéas, glorificando altamente a bella e justificada gestão do nobre Andrada, fazendo desaparecer a velha sisania havida entre Igreja e o Estado, por má interpretação dos máos orientadores, estabelecendo o ensino da nossa excelsa religião nas escolas primarias, consequencia vigorosa e capaz de levantar um novo povo para combater as vicissitudes que arrastam multidões para o barathro do vicio e da perdição.

Essa é uma inspiração do céu, porque *Initium sapientie timor domini*, como se lê no psalmo C X, do Ecclesiastes, 1,16.

Exc.!...

Terminando, pedimos ao Rei dos Reis, conservar *in secula se-culorum* tão preciosa vida, o de V. Exc. Rvdma., consagrada ao bem dos nossos co-diocesanos e para a grandeza crescente da Diocese de Juiz de Fóra.

Viva D. Justino José de Sant'Anna!...

Quando o orador levantou a voz para dar esse brinde, o povo, numa formidável multidão, fez ecoar ao longe um “viva!!!” vigoroso e ensurdecedor.

S. Exc. Rvdma, permaneceu em S. Rita do Jacutinga até o dia 2 seguindo dia 3, para ministrar o sacramento da confirmação, como fez em Santa Rita, em Conceição do Boqueirão e Cruzeiro, seguindo dia 6, para a cidade de Rio Preto, percorrendo ahi também as capellas.

+ 1929 – Ano IV, nº 189, 08.09.1929, pag. 02

Santa Rita do Jacutinga

Por iniciativa da “Corporação Musical Conego Marciano”, secundada pelos professores das escolas publicas e particular desta localidade, não passou na obscuridão a gloriosa data de 7 de Setembro, havendo nesse dia, alvorada, salva de 21 tiros, hasteamento da bandeira com toda a solennidade, parada dos alumnos das escolas, tendo o commercio cerrado as portas das commerciais para o maior brilhantismo desta significativa festa cívica.

(Dos Correspondentes).

+ 1929 – Ano IV, nº 184, 13.10.1929, pag. 01

. Governo Diocesano

a) Clero Diocesano

. Dia 07 – O rvd. sr. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, prestou nas mãos do exmo. sr. Governador do Bispado à sua Profissão de Fé, o juramento antimodernístico, e o compromisso de aceitar e exercer, segundo as normas do Direito Canônico o cargo de 2º Governador do bispado, quando por ventura lhe tocar a vez na falta ou impedimento do 1º Governador.

+ 1929 – Ano IV, nº 188, 10.11.1929, pag. 01

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

c) licenças e Despachos

. 06 – No requerimento do muito rvdo. Vigário de Palmyra, Pe José de Lucca, pedindo autorização para vender um terreno do patrimônio de sua matriz, medindo 351 metros quadrados e oito num morro; despacho: “Interpretando a vontade do exmo. sr. Bispo Diocesano, concedo a licença pedida, *servatis servantis*. Juiz de Fora, 06 de novembro de 1929. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca. 2º Governador do Bispado.

+ 1929 – Ano IV, nº 190, 01.12.1929, pag. 01

Diocese de Juiz de Fora

Luto

De ordem do exmo. e reverendíssimo sr. conego Marciano Bernardes da Fonseca, 2º governador em exercício, cumpro o doloroso dever de comunicar ao revdo. clero e fieis desta Diocese de Juiz de Fóra que aprouve á Divina Providencia chamar para Si, hontem, dia 20 do corrente mez, o excellentissimo e rvmo. Monsenhor Firmino Ribeiro Mendes, 1º governador do Bispado, o qual, hoje, com a solemnidade possível, foi transportado da sua casa de campo a três kilometros de Palmyra, onde fallecêra, até a sua parochia de Dôres do Parahybuna, acompanhado de numerosissimo sequito, incusivé os sete sacerdotes adiante nomeados.

O enterramento realizou-se no cemiterio da parochia de Dôres do Parahybuna, precedido de solemnissima encommendação na igreja matriz, aonde compareceram os rvmos. srs. cônego Marciano Bernardes da Fonseca, officiante do acto: padre José Carolino de Menezes, padre doutor Francisco Salgado, padre João Affonso Balzeman, padre

Vicente Zey, padre Gustavo Freire e padre Octavio Pereira, os quaes todos acompanharam até o cemiterio, orando alli sentidamente, após a absolvição do tumulo, os rvmos. Padre doutor Francisco Salgado e o dr. José Vieira Marques.

O exmo. sr. conego governador do Bispado manda suspender por oito dias o expediente ordinário da Curia Diocesana, assim como o exercicio das escolas parochiaes da cathedral: e decreta luto official até quarta-feira da semana proxima, dia 27 deste mez.

No dia 26, terça-feira, haverá missa solemne de setimo dia na cathedral do Bispado, ás 9 horas da manhã, ao mesmo tempo que na cidade de Palmyra, e tambem na parochia de Dôres de Parahybuna, ás 11 horas do dia.

Para essas missas são convidados o clero e fieis das ditas localidades.

Camara Ecclesiastica de Juiz de Fóra, 21 de novembro de 1929.
– De ordem de sua excellencia rvm..

Padre José Carolino de Menezes, secretario geral do Bispado.

+ 1929 – Ano IV, nº 190, 01.12.1929, pag. 01

Mons. Firmino Ribeiro Mendes

É tido o homem em seu ser material e animal como o rei do mundo, o soberano dos elementos. No entanto, o homem material passa e os elementos, as cousas permanecem mais duradoiramente como para marcarem-lhe as recordações e darem noticia dos seus feitos titânicos.

A vida é uma luta que o homem sustenta contra a natureza: cheia de grandes episodios misturados com os hymnos de triumpho e as vezes contendo esmaecimentos em que á alegria succede a dôr.

No fim deste combate, o homem que muitas vezes venceo , se entrega exausto, fraco vencido.

Então é finda sua existência material. Aos posteros deixa o fructo de seu trabalho e o exemplo de seus feitos, que na altura do seu

valor lhe fazem a justa recompensa na memoria das gerações futuras.

Aos 20 de Novembro no seio do clero mineiro causou um estremecimento de dôr a morte de um dos seus mais llidimos representantes.

Mons. Firmino Ribeiro Mendes numa destas tardes turvas de Novembro no meio dos cuidados de sua familia, espirava calmamente, santamente depois de levar uma longa existencia cheia de grandes trabalhos para a Santa Egreja; de amorosas abnegações para os seus parochianos; grandes estímulos para os seus collegas e clares, exemplos dos porvindouros.

Virtuoso sacerdote, dedicou toda a sua vida sacerdotal com um devotamento sem par, 40 annos de missão divina, ao bem dos parochianos de Dôres do Parahybuna.

A grandeza de seu caracter, a robustez de suas virtudes, a mansidão do seu apostolado, a pureza dos seus costumes durante quasi meio seculo acrysolaram-se entre este povo bom e pacifico que o amou como pae, honrou-o como pastor e agora chora com justas lagrimas a perda irreparavel deste guia seguro e fiel dos seus passos na vida de christãos.

Quando a infausta noticia chegou á sede episcopal de Juiz de Fôra e a outros logares, muitos de seus collegas no apostolado, correram a prestar ao illustre morto as ultimas homenagens de sua amizade, de sua admiração.

Mons. Firmino era o 1º governador do Bispado de Juiz de Fôra, durante a ausencia do Exmo. Sr. Bispo que se acha na Europa. Esteve a testa do governo da Diocese durante poucos dias.

Enfermara-o esta mesma doença que roubou ao clero e aos fieis.

Durante os poucos dias que em Juiz de Fôra permaneceu, captivou sobremaneira os illustres juizforanos que já lhe rendiam preito de admiração.

Assistiu os seus ultimos instantes o Rvd. Pe. Adalberto Dobbert que lhe ministrou todos os sacramentos.

Estiveram presentes aos seus funeraes os Redms. Sr.Pe. Vicente Zey, Superior dos Redemptoristas, Pe. Alberto Padeloup, Pe. J. Carolino de Meneses, Pe. Gustavo Freire, Pe. Adalberto Dobbert, Pe.

Dr. Salgado e Pe. Octavio Rodrigues.

Foi officiante nas cerimoniaes e exequias funebres o Exmo Sr. Conego Marciano B. da Fonseca D. D. governador do Bispado, e seguravam o caixão do finado Sacerdote os seus collegas. Ao sepultamento falou o Rvdo. Pe. Dr. Salgado com palavras sentidas exprimindo a amargura do clero e da Igreja. Tambem falou o Exmo. Sr. Dr. Vieira Marques enaltecendo as virtudes e os trabalhos do illustre extincto não só á causa religiosa, mas ao districto de Dôres ao Municipio de Palmyra. Todo o povo de Dôres do Parahybuna compareceu consternado ao enterro do seu amado Pastor dando provas do muito que o amava.

+ 1929 – Ano IV, nº 192, 15.12.1929, pag. 01

Governo Diocesano

Portaria n. I

Conego Marciano Bernardes da Fonseca, por Provisão do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, Governador deste Bispado de Juiz de Fóra.

Ao Rvdo. Clero e Fieis Christãos da Diocese de Juiz de Fóra, muito amistoso saudar no Sacratissimo Coração de Jesus.

FAÇO SABER ao Rvdo. Clero e Fieis desta Diocese de Juiz de Fóra que, chegados, graças a Deus, ao fim do presente anno de 1929, e convinho providenciar com tempo sobre o provimento canonico das parochias da Diocese para o anno de 1930, hei de ordem especial do Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo Diocesano, as quatro seguintes determinações.

I. – Os mto. Rvdos. Vigarios, os Cooperadores, Delegados Parochiaes, Capellães, Reitores de igrejas e auxiliares, devem todos a cada um se conservar no lugar em que presentemente se acham; e a todos se lhes prorogam as provisões e faculdades de que gozam até o dia 30 de janeiro de 1930, salvo sempre qualquer especial deliberação em contrario, e que está intimada ao interessado.

II. – Aos mto. Rvdos. Vigários, Delegados Parochiaes ou encarregados de parochia, afim de apresentarem, segundo o modelo conhecido, o *Mappa estatistico do movimento religioso da parochia*, fica marcado

o prazo prorogável de:

a) para os mto. Rvdos. Vigários da Séde do Bispado, do 1º até o dia 15 de Janeiro de 1930;

b) e para os mto. Rvdos Vigários, Delegados e Encarregados das demais parochias da Diocese, do 1º até o dia 30 de Janeiro de 1930.

III. – A Provisão parochial para 1930 será enviada a cada um destinatario na volta do correio ou portador que trazer o Mappa Estatístico da parochia respectiva, e de outra de que por ventura seja encarregado: tudo dentro dos prazos marcados em o n. II.

IV – Qualquer mudança ou alteração de algum momento salvo força maior, deve aguardar a volta do Exmo. Sr. Bispo Diocesano.

Confio e espero certamente, no Sacratissimo Coração de Jesus, que os veneráveis Collegas do ministerio parochial e tambem o christianissimo Povo da Diocese de Juiz de Fóra, tenham a mesma boa vontade de acatar e cumprir essas determinações do nosso querido Prelado Diocesano, assim como eu tenho de as fazer conhecidas, intimadas e cumpridas.

Esta Portaria seja registrada na Camara Ecclesiastica, e publicada no órgão official do Bispado, e onde mais convir,

Dada e passada em Camara Ecclesiastica de Juiz de Fóra, sob o Sello das Armas do Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo Diocesano e meu Signal, aos 15 de dezembro de 1929.

Conego Marciano Bernardes da Fonseca, Governador do Bispado.

C. Menezes, Chanceller

Registrada a fls. 53 e 53, verso, do Livro das Bullas e Pastoraes.

J. Justino, Secretario.

+ 1929 – Ano IV, nº 194, 29.12.1929, pag. 01

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

Dezembro de 1929

a) Clero diocesano

Tenho grande satisfação de comunicar ao Rvdo. Clero e Fiéis desta Diocese de Juiz de Fora, que, por telegrama passado de Roma hoje, houve por bem o Exmo. Sr. Bispo Diocesano promover a Governador do Bispado o Rvdo. Sr. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, que já estava e continua no exercício do cargo; e nomear o 2º Governador o Revmo. Cônego Trajano Leal Bonfim.

Câmara Eclesiástica de Juiz de Fora, 27 de dezembro de 1929.

Pe José Carolino de Menezes

Secretário Geral do Bispado

+ 1929 – *Ano IV, nº 194, 29.12.1929, pag. 01*

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

Dezembro de 1929

a) Clero diocesano

O Exmo. Snr. Bispo Diocesano

Com optimas notícias do bem estar de S. Exc. o Snr. Bispo Diocesano, temos o prazer de mostrar aos leitores o seguinte despacho, recebido dia 25 deste:

Roma, 25 Dezembro 1929

Cônego Marciano

Juiz de Fora

Brasil

Condolências infaustas notícias. Hoje nomeio primeiro Governador Vossencia; segundo, Cônego Trajano. Quinquennaes renovadas trinta outubro.

Dom Justino

+ 1930 – Ano IV, nº 195, 05.01.1930, pag. 01

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

a) Clero Diocesano

1929 – Dezembro 29 – O Rvmo. Snr. Cônego Trajano Leal Bonfim faz a sua profissão de fé, e presta, nas mãos do Exmo. Snr. Cônego Marciano B. da Fonseca, 1º Governador, o juramento de bem cumprir, quando lhe tocar a vez, as funções de 2º Governador do Bispado de Juiz de Fora.

+ 1930 – Ano IV, nº 196, 12.01.1930, pag. 01

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

Janeiro de 1930

c) Licenças e despachos

Dia 2 – No requerimento do procurador da Capella do Boqueirão, filial de S. Rita do Jacutinga, pedindo auctorisação para vender um terreno da mesma Capella, despacho: “Concedemos licença, destacando-se 20¢ do producto liquido em favor do Seminário Diocesano.”

Juiz de Fora, 2 de janeiro de 1930

Cônego Marciano Bernardes da Fonseca

Governador do Bispado

+ 1930 – Ano IV, nº 199, 02.02.1930, pag. 01

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

A) Clero diocesano

Dia 28 – O Exmo. Snr. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, ausentando-se da Séde por nove dias, passa o Governo Diocesano ao 2º Governador exmo. Cônego Trajano Leal Bonfim, que entra em exercício.

+ 1930 – Ano IV, nº 199, 02.02.1930, pag. 02

Diocese de Juiz de Fora
Quadro do Clero Diocesano em Janeiro de 1930
a) Câmara Eclesiástica
1º Governador, Cônego Marciano Bernardes da Fonseca
b) Conselho Diocesano (Consultores)
3º - Cônego Marciano Bernardes da Fonseca
c) Clero Parochial
VII – Comarca de Nossa Senhora do Porto
49 – Parochia de santa Rita do Jacutinga, Vigário, Cônego
marciano Bernardes da Fonseca
Vigários Foraneos
Da comarca de Turvo, Cônego Marciano Bernardes da Fonseca
ca
Delegados Parochiais
11. De Olaria, Cônego Marciano Bernardes da Fonseca

+ 1930 – Ano IV, nº 201, 16.02.1930, pag. 01

. Governo Diocesano:
Expediente da Secretaria do Bispado
Fevereiro de 1930
a) Clero diocesano
Dia 7 – Nessa data reassumiu o seu lugar e jurisdição ordinária o Exmo. Snr. 1º Governador, Rvmo. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, que se ausentou por nove dias, passando o Governo ao Exmo. Snr. 2º Governador.

+ 1930 – Ano V, n° 204, 09.03.1930, pag. 01

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

Fevereiro – Março de 1930

a) Clero diocesano

Março 3 – O Exmo Snr. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, 1º Governador, passa o Governo do Bispado, por oito dias ao Exmo. Sr. Cônego Trajano Leal Bonfim.

+ 1930 – Ano V, n° 216, 01.06.1930, pag. 01

Cônego Marciano

Regressou a Santa Rita de Jacutinga, onde é Vigário, o revmo. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, que, com pequenas interrupções, exerceu o cargo de Governador da Diocese, na ausência de S. Ex. D. Justino.

Piedoso e modesto, o Cônego Marciano se impoz, logo, à estima geral, contando em cada jurisdicionado um amigo verdadeiro.

Na administração se houve sempre com muito critério, praticando actos justos e acertados.

Desejamos ao virtuoso sacerdote felicidades e vida longa, e apresentamos-lhe nossas despedidas muito cordiaes.

+ 1930 – Ano V, n° 216, 01.06.1930, pag. 02

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

Maio de 1930

a) Clero diocesano

Dia 25 – O rvdo. Sr. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca entrega nas mãos do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, o Governo do Bispa- do, que vinha exercendo desde Outubro de 1929.

S. Exc. Rvma. manda louvar a correcção e piedosa conducta do seu digno preposto, e invoca para o Rvmo. Sr. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca as bênçãos e galardões do Alto.

Dia 28 – Volta para sua Parochia de santa Rita de Jacutinga, o rvmo. Sr. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, acompanhado de vivas saudades de quantos aqui com elle privamos, e cada vez mais recommendado à estima de sua freguezia, que vem parochiando há mais de 40 annos.

+ 1932 – Ano VII, nº 338, 08.10.1932, pag. 01

Cônego Marciano Bernardes da Fonseca

Deu-nos a honra da sua visita, o Revmo. Conego marciano Bernardes da Fonseca, virtuoso sacerdote e conceituado vigário de Santa Rita do Jacutinga, desta Diocese.

Hóspede do Palácio episcopal, assumirá o governo do Bispa- do, perdurante os dias de férias que tomará o nosso amado Diocesano.

A S. revma. Que tem larga folha de serviços prestados a causa da Igreja e ao bem das almas e que se impõe pela bondade evangélica a estima dos seus colegas, “O Lampadário” apresenta votos de boas vindas e felicita-o pela distincção da investidura.

+ 1932 – Ano VII, nº 339, 15.10.1932, pag. 02

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispa- do

Outubro de 1932

a) Clero diocesano

Dia 12 – Por acto episcopal desta da- cta, nomeado e provisio-

nado Governador do Bispado, o Excellentissimo Sr. Conego Marciano Bernardes da Fonseca, que fez também nas mãos do Exmo Sr. Bispo Diocesano, a profissão de fé e juramento de estylo.

+ 1932 – Ano VII, nº 341, 29.10.1932, pag. 01

. Governo Diocesano:

Portaria

“Conego Marciano Bernardes da Fonseca, por Provisão do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, Governador deste bispado de Juiz de Fora, etc.

Ausentando-me por alguns dias desta episcopal cidade de Juiz de fora, e por especial faculdade recebida do Exmo. e Revmo. Sr. D. Justino José de Sant’Anna, digníssimo Ordinário Diocesano, passo e transmito o governo deste bispado de Juiz de Fora ao Revmo. Sr. Padre José Carolino de Menezes, m. d. Secretário e Chancellor da Cúria Diocesana e Pro Vigário Geral do Bispado.

Camara Eclesiastica, 26 de outubro de 1932, sob meu signal e Sello das Armas de S. Excia. Revma.

Conego Marciano Bernardes da Fonseca
Governador do Bispado

+ 1932 – Ano VII, nº 343, 12.11.1932, pag. 02

. Governo Diocesano:

Expediente da Secretaria do Bispado

Novembro de 1932

a) Clero diocesano

Dia 04

Chegado de santa Rita de Jacutinga, reassumi o governo do Bispado o Exmo. Sr. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca

+ 1932 – Ano VII, nº 344, 19.11.1932, pag. 01

Revmo. Conego Marciano

Transcorreu ante-hontem a data natalícia do revmo. Conego Marciano, zeloso vigário de Santa Rita do Jacutinga e ora entre nós, exercendo na ausência do prezado Diocesano, a alta investidura do Governo deste Bispado.

Quem conhece o revmo. Conego e tem com elle tratado, comprehenderá a alta significação do seu natalício que é sem dúvida, u'a mercê de Deus, sobre as outras mercês, que nos há dispensado, ao clero diocesano do que elle figura proeminente.

A sua modéstia, a fineza cristã do seu trato o espírito forrado dos ensinamentos do Evangelho tudo isto faz do Conego Marciano um sacerdote segundo o coração de Jesus e um credor authenticico da nossa estima e reverencia.

“O Lampadário” compartilhando a justa alegria de seus amigos e congratulando-se com o clero diocesano por possui-lo, envia seu cumprimento sincero de parabéns, pedindo a Deus conserve sua preciosa saúde.

+ 1932 – Ano VII, nº 347, 10.12.1932, pag. 02

. Governo Diocesano:

Portaria

Conego Marciano Bernardes da Fonseca, Governador do Bispado de Juiz de Fora, por S. Exc. Revma. O Snr. Bispo Diocesano

Ao Revmo. Clero e Fieis desta Diocese, saudação affectuosa em Christo Jesus, nosso Divino redentor, e

Considerando que há justos motivos para não se reformarem, agora, as provisões que se exgotam no fim do corrente mez de dezembro de 1932; e em virtude de especial determinação do Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Diocesano, hei por bem prorrogar, como pela presente Portaria, prorrogo, com todos os direitos e obrigações respectivas, as provisões de todos os snrs. Vigários, Delegados Parochiaes, Cooperadores, Capellães e demais Sacerdotes da Diocese de Juiz de Fora até 31 de janeiro de 1933, si antes não mandar o contrário. O que cumpra.

Dada e passada aos 8 de dezembro de 1932, nesta Camara Ecclesiastica de Juiz de Fora, sob meu signal próprio e o Sello das Armas do Exmo e Rvmo. Snr. Bispo Diocesano.

Conego Marciano Bernardes da Fonseca
Governador do Bispado

+ 1933 – Ano VIII, nº 384, 26.08.1933, pag. 03

Cônego Marciano Bernardes da Fonseca

Chegará amanhã à cidade o Exmo Snr. Cônego Marciano Bernardes da Fonseca, que vem assumir o governo diocesano, durante a ausência de nosso prelado. Ao virtuoso sacerdote distinto amigo do “O Lampadário”.

+ 1934 – Ano IX, nº 429, 07.07.1934, pag. 03

Governo Diocesano
Expediente da Camara Ecclesiastica
Julho

Na ausência de S. Excia. Revdma., assignará o expediente da cúria o Revmo, Conego Marciano Bernardes da Fonseca, superintendendo também os officios da cathedral e do Seminario.

+ 1934 – Ano IX, nº 441, 29.09.1934, pag. 03

Governo Diocesano
D. Justino José de Sant’Anna, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Juiz de Fora
Ao Rvdo. Clero e Fieis de nossa Diocese, saudação, paz e benção em N. Senhor Jesus Cristo
Meus caros Cooperadores e Filhos:

Fazemos saber que nos ausentando da Diocese no grato dever de acompanhar a Peregrinação Brasileira ao Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Ayres, havemos por bem constituir; como de facto pela Nossa Provisão constituimos Governador desta Nossa Diocese de Juiz de Fóra, durante a Nossa ausência, ao Rvdo Conego Marciano Bernardes da Fonseca, e, na sua falta ou impedimento, ao Rvdo. Conego Trajano leal do Bomfim; e tanto ao primeiro quanto ao segundo, quando no exercício das altas funções que lhes confiamos, a cada um por sua vez, delegamos e transmittimos, em quanto podemos a jurisdição plena para regerem segundo as normas do Direito canônico, esta Nossa Diocese, durante a Nossa ausência, e com todos os direitos, deveres e prerogativas que na qualidade de Governadores, lhes outorgam os Sagrados Canones.

E para que chegue ao conhecimento de todos, Mandamos que esta Nossa Provisão seja lida aos fieis na estação da missa, registrada na Nossa Camara Ecclesiastica e publicada em órgão official da Diocese.

Dada e passada em o Nosso Paço Episcopal, sob o Nosso Signal e Sello de Nossas Armas, aos 24 de setembro de 1934.

Justino, Bispo de Juiz de Fora.

+ 1935 – Ano IX, nº 456, 12.01.1935, pag. 01

Governo Diocesano

D. Justino José de Sant'Anna, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Juiz de Fora.

Ausentando-nos da sede do Bispado, segundo nos permite o Ca. 338 &2, para um pequeno descanso no seio de nossa Família no Estado da Bahia, Constituimos governador deste Nosso Bispado de Juiz de Fóra, em Nossa ausência, a Rvmo. Mons. Marciano Bernardes da Fonseca.

No uso e gozo do cargo que lhe confiamos terá as prerogativas ordinárias das leis canônicas e as faculdades quinquenaes de 8 de Novembro de 1934, que lhe subdelegamos *in quantum possumus*, tendo sempre em mira a salvação das almas e a maior gloria de Deus.

Dada a passada em o Paço Episcopal, aos 11 de janeiro de 1935

Justino, Bispo de Juiz de Fora

+ 1935 – *Ano IX, n° 459, 02.02.1935, pag. 01*

Novos Monsenhores

Por acto de 2 de dezembro ultimo, foram elevados a Monsenhor Camareiro Secreto de Sua Santidade o Papa Pio XI, os rvmos. Conegos Trajano Leal do Bonfim, digno vigário de S. João nepomuceño, e Marciano Bernardes da Fonseca, venerando vigário de santa Rita do Jacutinga, nesta Diocese.

Os Rvmos sacerdotes, que são nossos amigos, tem recebido muitas felicitações por este motivo, ás quaes, com grande prazer, juntamos as do ‘O Lampadario’.

+ 1935 – *Ano IX, n° 460, 09.02.1935, pag. 03*

Novos Monsenhores

Do venerando e estimado Monsenhor Marciano Bernardes da Fonseca, actual Governador da Diocese de Juiz de Fóra, na ausência de S. Excia. Rvma. D. Justino José de Sant’Anna, recebemos o seguinte e amável cartão:

“Ao ‘O Lampadário’

Monsenhor Marciano Bernardes da Fonseca.

Venho agradecer ao ‘O Lampadario’ as referencias e felicitações com que quiz mimosear os “Novos Monsenhores”. Assim, este acto de caridade attraia sobre ‘O Lampadario’ as bênçãos mais mimosas do Céu, como desejo e espero.

Juiz de Fora. 6-2-935”

+ 1935 – *Ano X, n° 476, 01.06.1935, pag. 04*

Governo Diocesano

Expediente da Camara Ecclesiastica

Maio

a) Provisões

Dia 9 – Provisão de vigário cooperador da freguesia de santa Rita do Jacutinga, por um anno, ao Rvmo. Pe. Donato Paschoal Loras.

+ 1935 – *Ano X, n° 490, 07.09.1935, pag. 01*

Governo Diocesano

Dom Justino José de Sant'Anna, por mercê de Deus e da S. Sé Apostolica, Bispo de Juiz de Fora, etc.

Fazemos saber que tendo-se exgotado o tempo e o prazo por que nomeamos e constituímos, segundo os cânones 423 e 428 do Novo Código, o Nosso Corpo de Consultores Diocesanos ocorrendo outrossim uma vaga por fallecimento; havemos por bem proceder á substituição respectivamente confirmação e prorrogação por mais três annos na forma do Direito (cann. citados) dos Rvdos Senhores Monsenhor Domício de Paula Nardy, Monsenhor Marciano Bernardes da Fonseca, Monsenhor Trajano Leal do Bonfim, Conego Affonso Daniel Intrieri, Padre Luiz Conrado Pereira, Padre Alberto Lopes de Andrade e Padre José de Luca.

O Nosso Secretario do Bispado assim o tenha entendido, faça as devidas comunicações, e convide á posse os novos eleitos Consultores Diocesanos.

Dada e passada em Nossa Camara Ecclesiastica de Juiz de Fora, aos 22 de maio de 1935.

Eu, Padre José Ferrer, Secretario do Bispado, de ordem de S. Excia. Rvma. Dactylographei e subscrevo.

Pe José Ferrer, secretario

Justino, Bispo de Juiz de Fóra

+ 1936 – *Ano XI, nº 555, 05.12.1936, pag. 04*

Governo Diocesano

Circular

Dom Justino José de Sant'Anna, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Juiz de Fora.

Ao Revdo Clero e Fiéis, saudação e benção em N. Senhor Jesus Cristo.

Ausentando-nos da Diocese por um pequeno repouso necessário à fadigas do episcopado, e tendo em mente o conforto espiritual de nossos queridos Diocesanos constituímos governador do Bispado em Nossa ausência, o Nosso Vigario Geral Mons. Pedro de carvalho Ciruffo e no seu impedimento, o Mons. Sebastião Ayala, os quais se orientarão dentro das normas dos sagrados Canones,....

+ 1937 – *Ano XII, nº 574, 17.04.1937, pag. 01*

Bodas de Ouro de Sacerdócio do Monsenhor Marciano B. da Fonseca

A diocese de Juiz de Fóra, regosija-se por ver passar hoje o quinquagessimo anniversario de ordenação do decano do seu clero.

Foi precisamente a 17 de abril de 1887, que o Mons. Marciano Bernardes da Fonseca foi ungido sacerdote pelo então bispo de Mariana, d. Antonio Correia de Sá Benevides.

Tendo actualmente o Mons. Marciano 78 annos de idade, 50 destes elle os tem consagrado á causa de Deus e á salvação das almas.

Como um bom pastor elle tem dado a sua vida por suas ovelhas. Desde o primeiro anno de ordenado está á frente da pequeni-na parochia de Santa Rita de Jacutinga, onde com zelo de verdadeiro apostolo tem desenvolvido o seu múnus pastoral. É bem o Mons. Marciano o émulo do Santo Cura d'Ars.

A humildade e a modéstia são as virtudes que mais sobressaem no venerendo decano do nosso clero.

E quem não admira o velhinho cura de Santa Rita! Os seus parochianos o veneram e têm-no como santo. Como o Apostolo elle se fez tudo para todos; entregou-se de corpo e alma ao amanho daquella pequenina vinha, sacrificando tudo, ás vezes, á própria vida.

Quem conhece dificuldades do parochiato nas nossas extensas e accidentadas freguezias de Minas, póde aquilatar o quanto de sacrificio faz um padre quase octogenário para desempenhar o seu ministério.

Diz bem o santo cura que “faz o que póde e N. Senhor faz o resto”!

Por caminhos quase intransitaveis, inacessíveis ás vezes até ao transito de animaes, encontra-se o Mons. Marciano em busca de uma alma que o chama. Não há figura mais perfeita do bom pastor. Quantas vezes não tem elle deixado as suas ovelhas fieis, os seus piedosos e bons parochianos da sede parochial, para ir a capellas distantes, levar ás olvelhas o conforto da sua palavra, chamando-as ao redil?

Cincoenta annos de sacerdócio, passados a fazer o bem! Quantas graças não devemos dar a N. Senhor de ter chamado á sua vinha, tão dedicado operário!

Não só a parochia de Santa Rita, que teve o privilegio de ser dirigida durante quase cincoenta annos, por tão bom pastor, deve render graças a Deus, na passagem desta faustosa data, mas toda a diocese de Juiz de Fóra, hoje deve agradecer a Deus a conservação de tão preciosa vida, pedindo-lhe que Ella se prolongue ainda por alguns annos.

“O Lampadario” publicando o clichê do Mons. Marciano, o faz como uma homenagem o seu benfeitor, unindo-se aos catholicos da Diocese no justo rogosijo pela comemoração das bodas de ouro de S. EXcia. Revma., fazendo igualmente votos pela sua conservação.

+ 1937 – *Ano XII, n° 574, 24.07.1937, pag. 04*

Uma Parochia feliz

Faz hoje, precisamente cincoenta annos que o actual vigário da freguesia de Santa Rita tomou posse desta parochia. Há apenas alguns mezes Mons. Marciano commemorava as suas bodas de prata de sacerdocio, hoje com verdadeira satisfação o povo de Santa Rita, festeja o jubileu dá sua entrada solenne nessa terra que recebeu com o enviado do Senhor, cantando Te Deum por tão grande mercê. A parochia de Santa Rita e ao Mons. Marciano ‘o Lampadario” envia cordiaes felicitações.

+ 1937 – *Ano XII, n° 591, 14.08.1937, pag. 01*

Mons. Marciano

Deu-nos o prazer de sua visita o revmo. Mons. Marciano Bernardes da Fonseca que, pessoalmente, quis agradecer-nos as referencias feitas na occasião de seu jubileu sacerdotal e parochial.

Ao humilde e virtuosíssimo Vigario de Santa Rita agradecemos a sua cordial e honrosa visita.

+ 1938 – *Ano XIII, n° 655, 12.11.1938, pag. 01*

Mons. Marciano Bernardes da Fonseca

No dia 17 do corrente mes assinala mais um aniversario natalício do nosso venerando amigo, o Revmo. Monsenhor Bernardes da Fonseca, muito digno vigário de Sta. Rita do Jacutinga.

O aniversariante decano do clero diocesano, celebrou as suas Bodas de ouro de Sacerdocio em 17 de Abril e as de paroquiato de Sta. Rita em 24 de julho do ano passado, e ainda continua trabalhando na vinha do Senhor com o mesmo ardor e zelo apostólico, com que ini-

ciou sua carreira sacerdotal, há mais de meio século.

Ao Mons. Marciano um abraço e cordiais felicitações.

+ 1938 – Ano XIII, nº 661, 29.12.1938, pag. 04

Governo Diocesano

Provisões

Dezembro 4

De Vigário Cooperador de Santa Rita de Jacutinga, em favor do revdmo Pe Rossini Nogueira.

+ 1939 – Ano XIII, nº 668, 11.02.1939, pag. 04

Governo Diocesano

Expediente da Secretaria

Portaria

Consultores Diocesanos

Monsenhores Domicio Nardy, Marciano Fonseca, Trajano Leal, Cônego....

+ 1939 – Ano XIV, nº 697, 26.08.1939, pag. 04

Expediente da Secretaria

PORTARIA

DOM JUSTINO JOSÉ DE SANT'ANA, por Mercê de Deus e Santa Sé Apostolica, Bispo de Juiz de Fora.

Ao nosso Revmo. Clero e Fieis, saudação em nosso Senhor Jesus Cristo.

Ausentando-Nos da diocese, para tomarmos parte no III Con-

gresso Eucarístico Nacional a reunir-se na Capital de Pernambuco de 3 a 7 de Setembro próximo, deixamos no governo do Bispado o Revmo. Mons. Marciano Bernardes da Fonseca, com todos os poderes que Nos são conferidos pelos sagrados Canones, inclusive, a subdelegação das faculdades quinquenais de 8 de Novembro de 1934.

Recomendo-Nos muito ás fervorosas preces do virtuoso Clero e piedosos Diocesanos, esperamos para o Nosso Representante todo respeito e acatamento.

Dada e passada em Nosso Paço Episcopal, sob o Nosso Signal e selo de Nossa Armas, ao 26 de Agosto de 1939.

JUSTINO, Bispo de Juiz de Fóra.

+ 1939 – Ano XIV, nº 698, 09.09.1939, pag. 04

Expediente da Secretaria

CIRCULAR

No dia 1 de Set. foi remetida aos Revmos. Srs. vigários e Reitores de igrejas a seguinte carta circular:

Revmo. Sr. Vigario.

L.J.C.!

Conforme desejo de S. Santidade o Papa Pio XII que se faça preces especiais pela paz, o Revmo. Mons. Marciano Bernardes da Fonseca, Governador da Diocese, ordena que os Revmos. sacerdotes rezem na Missa a Oratio impereta PRO PACE; que se reze, diariamente, em todas as igrejas e capelas da diocese o terço e a Ladainha de todos os Santos e essa intenção. Por ordem do Revmo. Mons. Governador

Pe. Huberto C. Verhonem

+ 1939 – Ano XIV, nº 708, 08.11.1939, pag. 01

Mons. Marciano

Celebrou ontem sua data natalícia o Exmo. Mons. Marciano Bernardes da Fonseca. S. Excia, que atingiu a bela e venerável idade de oitenta anos, personifica o modelo do padre, do cura d'almas, do cidadão íntegro, do homem de bem, enfim.

Decano do cléro de Juiz de Fóra pela idade e pelas virtudes sacerdotes que cultivava com esmero; varias vezes foi-lhe confiado pelo Exmo. Sr. D. Justino o governo do Bispado.

Aos que tem a ventura de privar com Mons. Marciano, falalles com freqüência de uma grandeza que anos a traz alegrava os anos de sua mocidade e hoje lhe glorifica os dias da velhice: ser padre! E sua mais terna solicitude de padre devotou-a toda á ditosa freguezia de Santa Rita de Jacutinga que a tem como pastor há cincoenta e três anos.

As cãs a emoldura-lhe a fronte qual grinalda de gloria; o corpo alquebrado ao peso dos anos e das amarguras que custa o ministério do bem – mas com a alma sempre rejuvenecida aos eflúvios da graça – cada manhã Mons. Marciano entoa em triunfo sua Canção de padre: “Subirei aos altares do Deus que enche de alegria a minha mocidade”.

Otogenario. Cura d'alma. Pai espiritual de toda uma geração de paroquianos, Mons. Marciano parece orientar ainda seus passos á luz de uma estrela que fulgurou sempre nos horizontes de sua vida – outrora aclarando-lhe n'alma o ideal do sacerdocio e dos altares; hoje exalçando ainda mais sua alegria e sua gloria de ser padre; a lembrança da mãe que Deus lhe deu.

É deveras edificante a ternura com que Mons. Marciano reevooca os conselhos e as lições de virtude que ouviu e aprendeu de sua progenitora. Particularmente quando se refere ao fato tão piedoso e significativo de ser por ela Consagrado á Nossa Senhora ainda antes de nascer. Si o venerando sacerdote tem hoje uma senectude abençoada de Deus e dos homens é - em grande parte – porque teve da mãe cristãmente dedicada que lhe ensinou a ser bom e a perseverar no bem.

Associando-nos ás justas alegrias da Exma. Sra. D. Maria Ve-

ronica, irmã do ilustre aniversariante, e ao contentamento do povo de Santa Rita de Jacutinga, apresentamos a Mons. Marciano nossas felicitações, com uma homenagem muito respeitosa á memória de sua inesquecível e piedosa mãe.

+ 1940 – Ano XV, nº 760, 16.11.1940, pag. 01

Mons. Marciano

Cheio de ótimos serviços prestados á paróquia de Santa Rita de Jacutinga, da qual é vigário há 54 anos, o exmo. Mons. Marciano Bernardes da Fonseca celebrará amanhã o seu aniversário pela 81ª vez.

Não há maior dia no calendário de Santa Rita, nenhum mais significativo do que o dia de 17 de Novembro. Todos os paroquianos, grandes e pequenos, pobres e ricos, dirigem-se á casa paroquial em cumprimento ao Sr. Vigário-Padrinho. É uma festa já tradicional da paróquia. E o Pai espiritual de toda uma geração de paroquianos aproveita da ocasião para exortar o seu rebanho a uma terna devoção a Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Cada ano conta de novo como foi consagrado a Nossa Senhora ainda antes de nascer. Encerra-se a festa invariavelmente com preces e a consagração da paróquia a Maria Santíssima.

Associando-nos ás justas e piedosas homenagens dos filhos de Santa Rita de Jacutinga, apresentamos a Mons. Marciano cordiais felicitações, pedindo a Deus que conserve a sua preciosa saúde para a felicidade de seus paroquianos.

+ 1941 – Ano XVI, nº 812, 15.11.1941, pag. 01

Mons. Marciano Bernardes da Fonseca

O dia 17 de Novembro marca, nos fatos sociais, o aniversário natalício do decano do clero da Diocese de Juiz de Fora, o Revmo. Sr. Mons. Marciano Bernardes da Fonseca, vigário de Sta Rita do Jacutinga.

Pela sua virtude o aniversariante se impôs à admiração de seus colegas, conquistando, sem favor, um lugar de destaque.

Justas e merecidas serão, pois, as homenagens que receberá, naquela data, de seus colegas, paroquianos e numerosos amigos.

O LAMPADÁRIO apresenta a Sua Revma. Cordiais felicitações.

+ 1942 – Ano XVII, nº 834, 18.04.1942, pag. 01

Mons. Marciano Bernardes da Fonseca

Celebrou na data de ontem mais um aniversário de frutífero sacerdócio o Revmo. Monsenhor marciano Bernardes da Fonseca, e decano do clero diocesano e virtuoso pároco de Santa Rita do Jacutinga.

O LAMPADÁRIO apresenta a Sua Revma. Votos de felicidade.

+ 1942 – Ano XVII, nº 864, 07.11.1942, pag. 01

Mons. Marciano

Em 17 do corrente, Mons. Marciano completa 83 anos. Já celebramos seus 50 anos de paróquia em Santa Rita do Jacutinga. Aquilo que as Letras Santas nos falam dos Confessores, dos varões justos, ouvimo-lo com referência também a Mons. Marciano. Participantes do seu solene *Magnificat*, pedimo-lhe u'a bênção para nosso jornal, para

todos os colaboradores e suas famílias, para o chefe das oficinas e seus auxiliares. E o fazemos, imersos em grande respeito, beijando-lhe as mãos.

+ 1942 – *Ano XVII, n° 864, 07.11.1942, pag. 02*

Pároco de aldeia

Ao Mons. Marciano que em 17 deste faz 83 anos...

Como quem vive doido, ou vive apaixonado.
E não pode esquecer a imagem percebida.
_ De dia a vê-la sempre, em sonhos de acordado.
_ E a sonhá-la, de noite, esplendida de vida,

Assim ele buscara, ansioso o seminário,
Trazendo firme na alma a ideia que o seduz
_ Ser padre! Ser bom padre!... Um dia, ser vigário,
Prosseguir... completar as obras de Jesus!

Caiu-lhe por partilha a igreja abandonada
De Longinqua paróquia, há muito sem pastor.
Onde a fé era morta, e quase nada
A grei que conduzir deveria ao Senhor

Desanimar? Porque? Seu ideal fremente
Nunca fora viver á custa dos armamentos!
Nem crescer, nem subir, assim, comodamente.
Com lucros ideais de esplendidos proveitos!
Que importava a simpleza estúpida do povo?
E a cutis reluzente de e bano brunido?
Se por trás desta noite - esplendido renôvo-
Havia um coração por Cristo redimido?

Almas! Almas queria. Os grandes atrativos:
A graça, o doce encanto o mundo de mistério
De uns rostinho gentis, de uns olhos sempre vivo
Não foi o que lhe dera amor ao ministério!

Algumas queria. As de simples e rudes
Eram almas também remidas por Jesus;
Queria doutrinar - sumula de virtudes
Que da terra de exílio ao alto céu conduz!

Almas! Almas queria! E seu amor maior encanto
Estava em rodea-se da pequeno grei,
Transmitir-lhes com a fé desejos de ser sando.
Inspirara-lhes o amor e a pratica da lei!
Almas! Almas queria! Ante o colmo cinzento
De uma pobre barraca humilha, sem arte.
Ao pequeno rebanho ignaro, as atento,
Do catecismo o pão da ventura reparte.

E quando ele morrer, todo esse bem que há feito
Multiplicado assim de modo extraordinario,
Obriga a bendizer com saudoso respeito
A lembrança feliz do peitoso vigário.

CARLOS NETO

+ 1946 – Ano XXI, nº 1048, 29.06.1946, pag. 06

Governo Diocesano

Monsenhor Marciano Bernardes da Fonsêca

A Câmara Eclesiástica de Juiz de Fóra, cumprindo o doloroso
dever, comunica oficialmente ao Clero diocesano e aos seus fieis o fa-
lecimento do piedoso e zeloso vigário, Monsenhor Marciano Bernar-
des da Fonseca, com 87 anos de idade, verificado aos 23 de cadente,

em Santa Rita de Jacutinga, sua Paróquia, após haver sido confortado com os últimos sacramentos pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo de Valença, D. Rodolfo de Oliveira Pena.

Razões múltiplas envolvem o Clero e os fieis da Diocese de Juiz de Fóra no luto, pois Mons. Marciano ocupou várias vezes o alto cargo de Governador do Bispado na ausência do Exmo. Sr. Bispo Diocesano.

Em sua Paróquia durante 59 anos, seu apostolado assinalou-se em vincos profundos de acendrado zelo e caridade aos que sofrem e sua memória bendita viverá na grande saudade e veneração de seus paroquianos.

Deplorando mais outro vácuo que a morte veio abrir este ano em nosso Clero, recomendamos á caridade dos sacerdotes e dos fieis a alma do querido Mons. Marciano, para que a sufraguem com Missas e orações.

Câmara Eclesiática de Juiz de Fóra, 26 de junho de 1946.

Mons. Vigário Geral – Pe José Ferrer

+ 1946 – Ano XXI, n° 1049, 06.07.1946, pag. 04

Monsenhor Marciano Bernardes da Fonseca

Conforme já é do conhecimento de nossos leitores, veio a falecer no dia 23 de junho passado o Revmo. Monsenhor Marciano, vigário de Santa Rita de Jacutinga, a cuja frente estava há mais de 50 anos.

Sacerdote zeloso e modelar, soube incutir no coração de suas ovelhas o amor a Deus e ás virtudes cristãs, das quais dava o mais edificante exemplo.

Faleceu aos 87 anos de idade, cercado e chorado por seus paroquianos e por quantos tiveram a ventura de conhecer suas belas qualidades.

Paz à sua alma!

Arquidiocese de Juiz de Fora - MG
MONSENHOR MARCIANO BERNARDES DA FONSECA
A partir do Jornal "O Lampadário"

Pe Luis Antônio Baldi Fávero
luisinhojf@ibest.com.br
Tel.: 32 9 9987-0376

PADRE RUI NUNES VALE

“De coração e de altar”



14.08.1915

28.02.2015

Padre Luisinho Fávero

Organizador



APRESENTAÇÃO

Você, diante de mim, pode vir a perguntar-me de onde vem este carinho e amor em fazer esta pesquisa sobre o Padre Rui Nunes Vale.

A resposta é simples: “*De Coração e de Altar*”.

De coração: tive o prazer e a alegria de encontrar-me com o Padre Rui poucas vezes em minha vida. Era um homem baixo, franzino, magro, pequenino, mas, de coração imenso. Nas minhas pesquisas, como amante da Liturgia, sobre o Movimento Litúrgico, ele foi um grande incentivador em nossa Diocese na divulgação deste emergente Movimento. Padre Rui abriu as portas do nosso jornal semanal “O Lampadário” com publicações diversas, inclusive com muitos artigos próprios.

Este homem que fez a opção radical pela pobreza, demonstrando que seu coração era dado aos homens como forma de amor a Jesus Cristo. Numa andança minha bem recente pelas terras de Goiás, onde viveu os últimos anos de sua vida, foi relatado-me que, em plena rua, recebeu uma grande quantia em dinheiro para si próprio. Porém, num espaço de poucos metros, encontrando com uma pessoa necessitada, pegou o paçoco de dinheiro e fez a total doação.

Era um homem de coração inquieto. Estudou em Juiz de Fora e Mariana. Incardinou-se na Diocese de Juiz de Fora e concluiu o seu ministério na Diocese de Anápolis – GO. Talvez, num intervalo de vida tenha feito uma experiência monástica.

De *Altar*: digo que foi presbítero de grande valor e por seu amor à Liturgia, traduziu toda a sua ação humana para a Glorificação de Deus e Santificação do Homem. Tive a alegria de participar de uma Celebração Eucarística com ele e no seu jeito de celebrar demonstrou-me como um homem espirituoso e de grande intimidade com Deus.

O Altar era o lugar onde Padre Rui estava a viver a comunhão profunda com Deus. E, amando a Liturgia, deixou-nos grandes obras de Misericórdia por onde passava. Foi um Padre muito carinhoso com o Povo na sua miserabilidade, servindo-o como Ministro de Deus.

Padre Rui deixou-nos um grande legado na Diocese de Juiz de Fora e este legado, no que se refere ao que escreveu e no que foi escrito em relação a ele e suas atividades, está aqui transcrito nesta pesquisa que partilho com você, para o bem de nossa Igreja e do Reino de Deus. Conhecer um pouco deste Padre, quase centenário, é conhecer o testemunho de um homem de coração humano que colocou sua vida junto do Altar de Deus.

Padre Luisinho Fávero

Fevereiro de 2018

+Ano VIII, 18/11/1933, n° 369, página 01

Seminario Diocesano

Resultado dos exames realizados no Seminário Santo Antonio, desta cidade, sob a presidencia do Exmo. Revmo. Sr. D. Justino José de Sant'Anna e do Revmo. Sr. Pe. José Leite, o Reitor.

Physica

Presidente: o Pe. Reitor.

Examinadores: Professores Pharmaceuticos Sylvio Vianna e José Correia Barbosa.

Antonio Pacheco Ribeiro, plenamente gr.9 (nove);

Francisco Ladeira, plenamente gr. 8 (oito);

José Baptista Damião, plenamente gr. 7 (sete);

Ruy Sergio Valle, plenamente gr. 9 (nove).

Historia Natural

Presidente: o Pe. Reitor.

Examinadores: Professores Pharmaceuticos Sylvio Vianna e José Correia Barbosa.

Antonio Pacheco, plenamente gr. 9 (nove);

Francisco Ladeira, plenamente gr. 8 (oito);

José Damião, simplesmente gr. 5 (cinco);

Ruy Sergio Valle, plenamente gr. 9 (nove).

Chimica

Presidente: o Pe. Reitor

Examinadores: Professores Pharmaceuticos Sylvio Vianna e Vicentino Masini.

Antonio Pacheco, plenamente gr. 9 (nove);

Francisco Ladeira, plenamente gr. 7 (sete);

José Damião, plenamente gr. 8 (oito);

Ruy Sergio Valle, plenamente gr. 9 (nove);

Portuguez 5º anno

Presidente: Pe. Antonio Rodrigues.

Examinadores: Pe. Reitor e Pe. Aristides Clemente.

Antonio Pacheco, distincção (9 3/5);

Francisco Ladeira, plenamente gr. 6 (seis);

José Damião, plenamente gr. 6 (seis);

Ruy Sergio Valle, plenamente gr. 8 (oito)

Grêgo

Presidente: o Pe. Reitor

Examinadores: Padres Manso Valente e Antonio Monteiro.

Antonio Pacheco, plenamente gr. 9 (nove);

Francisco Ladeira, plenamente gr. 8 (oito);

José Damião, plenamente gr. 8 (oito);

Ruy Sergio Valle, plenamente gr. 9 (nove);

+Ano X, 07/12/1935, n° 503, página 02

Ordenações

S. Excia. Rvmo. o Sr. Bispo Diocesano conferirá ordens a diversos seminaristas desta Diocese, amanhã, festa da Imaculada Conceição, às 9 horas, na Igreja Cathedral.

Será promovido á sagrada ordem do Diaconato, o sub-diacono José Irineu da Fonseca; do Sub-diaconato, os Menoristas augusto Roberto Mello, Francisco Delgado Netto e João de Almeida Miranda.

Aos seminaristas Antonio Pacheco Ribeiro, Ruy Sergio Valle, José Baptista Damião e Francisco Ladeira, será conferida a primeira Tousura.

De acordo com o espirito da Santa Igreja, recommenda-se a todos os fieis christãos, suas piedosas préces, por intenção destes jovens, candidatos ao sagrado ministério dignidade immensamente sublime porém, ao mesmo tempo, terrivel aos hombros angelicos.

+Ano X, 28/12/1935, n° 506, página 02

Seminario de Santo Antonio

Completo, este anno, um decennio de existencia nosso Seminario Diocesano.

O seminario é a sementeira de futuros padres, o retiro do mundo e o vestibulo do Céu. É o thabor das transfigurações, proporcionando aos jovens o contacto da majestade divina.

E' nós, seminaristas, somos gratos para com o lugar sagrado, onde recebemos paz, alegria santa, sciencia e vida angelica.

Findou se o anno de 1935, anno este que transcorreu feliz e proveitoso para os alumnos do Seminario de Santo Antonio. E, depois de nove mezes de sério estudo e progresso no Bem, elles esperavam seus irmãos mais velhos, os alumnos do Seminario Maior; que estudam em Marianna, e vinham receber ordens.

No dia 2 de Dezembro, depois de nove longos mezes, o Seminario teve a satisfação de receber seus filhos maiores e de agazalha-los com os menores, sob o mesmo tecto benigno.

A amizade, a união de sentimentos, - irmãos em Christo e no ideal, tudo concorreu para o contentamento dos seminaristas no almejado encontro. Os que já se achavam no Seminario, alegraram-se pela companhia dos philosophos e theologos; estes, por egual motivo e pela recordação do tempo em que passaram no querido Seminario de Santo Antonio. Além do mais, as ordenações, que se approximavam, punham no coração dos quarenta seminaristas, animo e alegria.

No Dia 6 de Dezembro, então, o nosso desvelado Bispo, S. Excia. Rvma. D. Justino, conferiu, no Seminario, varias ordens menores. No dia 8, na Cathedral de Juiz de Fóra, a liturgia solemne das ordenações expandiu, no ambiente, as justas e grandes alegrias que todos nós experimentámos. Neste dia, foi ordenado diacono, o sub-diacono José Irineu, e sub-diacono, o memorista Francisco Delgado Netto; João de Alemida e Augusto Roberto receberam as duas menores ultimas. Foi, também, conferida a clericatura aos seminaristas Antonio Pacheco,

Ruy Valle, José Damião e Francisco Ladeira.

Cumprimentos fraternos e fervorosos parabens deram termo ás tocantes cerimoniais das ordenações.

No mesmo dia, á noite, na Capelinha do Seminario, houve benção solemne do Santissimo Sacramento, durante a qual pelo brilho das cerimoniais e dos canticos variados, se poudo notar o amor dos seminaristas para com o Deus do Sacramto, meigo e com. A alegria dominava o animo de todos...Terminára o dia feliz!

O Seminario, no dia seguinte, abria suas portas e os filhos seus partiam para as férias, levando saudades. Só a 1°. de Março proximo é que, de novo, elle receberá seus alumnos, com os numerosos candidatos novos.

Pois bem, com seus dez annos de existencia o Seminario vem prestando bons serviços á Diocese.

E, neste anno, elle via ordenar-se padre seu filho primogenito, que é José Irineu da Fonseca.

Contando numerosos alumnos, elle fica sob a reitoria immediata de S. Excia. Rvma. D. Justino, em vista do excepcional carinho que o nosso Bispo dedica aos seminaristas. Por isto, elle colloca á frente dos alumnos, padres distinctos e virtuosos, como sejam José Ferrer e Huberto Cornelio Verhoeven.

Nosso querido Seminario honra a Diocese de Juiz de Fóra.

+Ano XI, 19/12/1936, n° 557, página 04

Governo Diocesano

Expediente da Camara Ecclesiastica

Novembro

Provisões

Dia 28

Cartas de Tonsura aos Clerigos: Antônio Pacheco, Rui Valle, Jose Damião, Francisco Ladeira

Seminario Menor de Santo Antonio

Terminou já mais um anno de sua feliz e prospera existência o nosso querido Seminario Sto. Antonio. Sob suas arcadas santas, no recolhimento e no estudo, vivem, actualmente, trinta e tantos seminaristas, sabiamente dirigidos pelo Reitor, Pe. José Ferrer, alma nobre e sacerdote exemplar. O Rvmo. Pe. Ferrer é auxiliado por outros distintos sacerdotes que, como elle, muito se distiguem no saber e na virtude.

Em dias festivos esteve o Seminario Sto. Antonio, ao terminar mais este anno, pelas ordenações sacerdotaes.

Antes, porém, no dia 21 passado, elle recebeu os filhos mais velhos, que fazem o curso do Seminario Maior, em Mariana. E dia 22, na bella e ornada Capellinha de Sto. Antonio, foram ordenados diáconos os Sub diáconos Delgado Netto e João de Almeida Miranda. Receberam as duas primeiras ordens menores, Ostiariato e Leitorato, os Clerigos Antonio Pacheco, Ruy Valle, José Damião e Francisco Ladeira. Á noite do mesmo dia, em nossa capellinha, deu-se a benção do santissimo, durante a qual o côro dos seminaristas executou, com brilho, lindos cantos.

Dia 29, então, na Cathedral, foram ordenados Padres os Diaconos Francisco Delgado Netto e João de Almeida Miranda que, cheios de fé e coragem, entraram para as fiileiras do clero diocesano. Tambem receberam as duas ultimas ordens menores, Exorcisato e Acolytato, os menoristas Antonio Pacheco, Ruy Valle, José Damião e Francisco Ladeira, esperançosos jovens que já se approximam do sacerdócio. A esta apothese litúrgica estavam presentes numerosos sacerdotes, famílias dos ordinandos e grande numero de fieis, todos emocionados pela sublimidade “severamente divina” da liturgia catholica.

Em homenagem ao Exmo. Sr. Bispo e aos Néo-Presbyteros, foi magistralmente executado, em nosso Seminario, ás 15 horas deste dia, um bello programa de sessão litero-musical. Ao Exmo. Bispo,

saudou o seminarista José Corrêa; Wilson Larcher saudou aos Néo Sacerdotes pelo Seminario Menor, e Vicente de Paulo, pelo Seminario Maior. Muito bem recitaram lindas poesias os meninos Elmo Soares, Paulo Fontes, Geraldo Varella e Armando Ciruffo. Facultada a palavra, falou o Rvmo. Pe. Ferrer, congratulando-se com o Exmo. Sr. Bispo pela ordenação de mais dois valorosos soldados de Christo. O exmo. Mons. Pedro Ciruffo também falou, dizendo, num empolgante improvisado, que hoje se inscrevia mais uma luminosa pagina na historia de nossa diocese. Os dois Padres novos agradeceram commovidos as saudações e renovaram seus sagrados votos para com o querido Antistite. Por fim, falou também o Exmo. Sr. Bispo, dizendo sentir-se contente e não ter palavras que traduzissem seu sentimentos.

Terminada a sessão, em nossa ornamentada Capellinha, com assistência do nosso bondoso antistite e denueradas pessoas, foi dada a benção do Santissimo pelo Rvmo Pe. Francisco Delgado. E, á noite, na Cathedral, foi cantado um Te-Deum em acção de graças pelos infinitos favores que Deus concedeu aos Padres novos pela sua elevação ao sacerdócio, que é a maior maravilha christã de que um crente, por razões irrefragáveis, não pensa duvidar.

E, assim, não podia terminar mais harmoniosa e felizmente o anno letivo do Seminario Sto. Antonio.

Um seminarista

+Ano XII, 18/12/1937, n° 608, página 01

Ordenação (diaconal)

Hoje, ás 8.1/2, Sua Excia. Revma. D. Justino José de Sant'Anna, conferiu, na Igreja Cathedral, o Sagrado Diaconato aos subdiaconos: Antonio Pacheco Ribeiro, Ruy Valle, Francisco Ladeira, Ambrosio Marks.

Origem do Diaconato

O Diaconato é de origem apostolica. Nos primeiros seculos do

Christianismo a comunidade christã florescia cada vez mais, de modo que os Apostolos, embora cheios de zelo pela casa de Deus, eram insufficientes em numero para atender ás necessidades dos Christãos nascentes.

Instituíram então, como sabemos pelos “Actos dos Apostolos” o Diaconato, escolhendo sete jovens, impondo-lhes as mãos para que os auxiliasse no amanho exercicio pastoral das almas.

Os diaconos, de quem foi exemplo de virtude o protomartyr Santo Estevam, tinham por officio principal o cuidado dos bens da Igreja, a distribuição das esmolas, a repartição do Pão Eucharistico e a assistencia aos Bispos nas dioceses de quem eram como que verdadeiros conselheiros.

O Pontifical Romano de que os Exmos. Snrs Bispos se servem para conferir o Sagrado Diaconato enumera distinctamente os deveres e principaes officios do diacono quanto ao culto divino dos altares.

Depois de paternaes admoestações o Prelado impõe-lhes as mãos para conferir o Espirito Santo pedindo a Deus Nosso Senhor que lhes envie o Espirito de Força, dando-lhes, o constante pudor, a pureza da innocencia e a abservancia espiritual da disciplina.

Os fieis que assistem estas cerimonias devem procurar viver do espirito da Liturgia, penetrar bem no sentido dos bellos ritos que se passam no altar e pedir a Nosso Senhor que abençõe os jovens diaconos que mais uma vez prostrados na lapide do Sanctuario se preparam, santa e abnegadamente, para o ministerio sacerdotal.

P. L.

+Ano XIII, 12/12/1938, nº 659, página 04

OS NOVOS SACERDOTES

Padre Rui Nunes Vale

Filho do Sr. João Nunes Vale e Sra. D. Sergina Sérgio Vale, o Revmo. Sr. Padre Rui Nunes Vale nasceu em Piau, nesta diocese, nas vésperas da festa de Nossa Senhora da Assunção em 1915.

Sua Revma passou a infância nesta cidade episcopal, e quando a Paróquia de S. Mateus foi desmembrada da Igreja Catedral, Pe Rui

foi um dos primeiros coroinhas do Pároco, o Revmo. Sr. Padre Gustavo Coimbra Freire.

Em 1929 começou o curso ginásial no Seminário Sto. Antônio sob a Proteção da Cruzada das Rosas da Paróquia de S. Mateus, que agora muito se alegra em oferecer á diocese o primeiro sacerdote por ela protege-ló. Pe Rui completou os estudos no Seminário Maior de Mariana, onde era admirado tanto pelos professores como pelos seminaristas pelas suas raras virtudes.

OS NOVOS SACERDOTES



Padre Antonio Pacheco Ribeiro

Filho do Sr. Narciso Ribeiro e da Sra. D. Celestina Pacheco Ribeiro, nasceu em S. Sebastião da Estrela paróquia da diocese do Juiz de Fora, em 17 de Janeiro de 1912.

Sua Revma. fez os seus estudos no Seminário Sto. Antonio, desta cidade, e no Seminário Maior de S. José em Mariana, onde se distinguia tanto pelo seu saber como pelo particular dom da palavra e da literatura. Sua Excia. Revma. e Sr. Bispo honra por bem de nomear a Sua Revma. reitor-chefe do O LAMPADARIO, nomeação que muito nos honra. Padre Antonio Pacheco é irmão do nosso antigo colaborador, o poeta Altivo Ribeiro.



Padre Francisco Ladeira de Almeida

Filho do Sr. José Pinto de Almeida e Sra. D. Dolaura Ladeira de Almeida, nasceu em Goiânia, paróquia de Rio Novo, desta diocese, aos 17 de Novembro de 1914.

Sua Revma. entrou no estudo no Seminário Sto. Antonio nesta cidade e completou os mesmos no Seminário S. José em Mariana. A Imundade do Santo Sacramento da Catedral encetou os estudos de Sua Revma. e hoje se vangloria de mostrar o seu Protégido ao altar do Senhor.

Em feliz coincidência, Sua Revma. o Sr. Padre Francisco Ladeira, celebrará sua primeira Missa em Goiânia, no 24 de Janeiro, dia em que seus ditos pais celebraram as bodas de prata.



Padre Rui Nunes Vale

Filho do Sr. João Nunes Vale e Sra. D. Sargina Sergio Vale, o Revmo. Sr. Padre Rui Nunes Vale nasceu na paróquia de Piaú, nesta diocese, nas vésperas da festa de Nossa Senhora de Assunção, em 1915.

Sua Revma. passou a sua infância nesta cidade episcopal, e quando a paróquia de S. Mateus foi desmembrada da Igreja Catedral, Padre Rui foi um dos primeiros coroados do párcio, o Revmo. Sr. Padre Gustavo Coimbra Freire.

Em 1929 começou o curso ginasial no Seminário Sto. Antonio sob a proteção da Cruzada de Rosas da paróquia de S. Mateus, que agora muito se alegrou em receber a diocese o primeiro Sacerdote por ela protegido. Padre Rui completou os estudos no Seminário Maior de Mariana, onde era admirado tanto pelos professores como pelos seminaristas pela suas raras virtudes.

"Seire debet Ecclesia esse episcopo" (C. LXVI, VIII, 2)

O mistério do, para o século XX, pebor. Busco Bispo, o he reza. E des criegament lural, o mist alidade esp. Uma aime sua natureza medita nes gusto, sem: primeiros s ja. Nada se se escreve modernos, lancar a se cristão aub

Pois, o essencial mais total da. Portantão, sem u amor ao m vida cristã volta e cr mistério e

Ora, ne tem sido n entre nós, o demos, do copado. E, de-se quali cismo da le do dos fiet mistério.

O Bispo, se, represe mística da ológica. Sen no, na su principio e no fundo d logo qu



Padre Ambrosio Marks

Filho do Sr. João Marks e a Sra. D. Margarida Düll Marks, nasceu em 24 de Agosto, de 1904, em Aub (Bavaria — Alemanha) Estudou no Seminário Menor "Mater Dolorosa" de Wertheimstein, na bela Suíça. Levado por um zelo apostólico e ciente da falta de clero em nosso paiz, veio no Brasil em 1932 para completar os seus estudos no Seminário São José em Mariana.



Padre José Batista Damião

Filho do Sr. Joaquim Francisco Damião e Sra. D. Maria Virginia de Jesus, nasceu em 31 de Março de 1913, na paróquia de Bocaina de Ayurúoca, desta diocese.

Sua Revma. estudou nos Seminários Sto. Antonio, nesta cidade, e S. José de Mariana.

A Sua Revma. Sacerdotes cordis felicitaciones e votos de fructu e trabali apostolico do O LAMPADARIO.

O "CAFE APOLLO" é incomparavel

Rua Marechal Deodoro, 566

INDICADO
DR. VIEIRA BRANCO
— Clinica de creanças —
— Só attende a menores de 14
Cons. Halfeld 421 --- Te
Residencia, Rua Paula
Tel. 1432
Diariamente das 9,12 ás 11 e

Dr. J. Dirceu de Andrade Partos—Op da (Director-tes de Thee Cura das luto e mais sem operação Consultorio : Rua da Bahia 843 Tel. 1.430 — Benjamin Constant, 1.060 — Tu

+ *Ano XIII, 14/01/1939, n° 664, página 04*

Governo Diocesano

Expediente

Provisões

Jan. 04

De Diretor Espiritual do Seminário ao Revmo. Sr. Pe Rui Nunes Vale

+ *Ano XIII, 11/02/1939, n° 668, página 04*

Governo Diocesano

Expediente da Secretaria

Portaria

Provisões

Jan. 28

Foram nomeados cooperadores da Catedral e São Matheus – Pe Rui Valle e Rossini Nogueira, respectivamente.

+ *Ano XIII, 06/05/1939, n° 680, página 04*

(Aparece em 01.05.1939 como Secretário Interino do Bispado)

GOVERNO DIOCESANO



Expediente da Secretaria

AVISO

Segundo comunicação telegráfica da Exma. Nunciatura Apostolica, a Santa Sé prorogou por mais um decenio as faculdades apostolicas concedidas a 30 de abril de 1929 aos Exmos. e Revmos. Srs. Bispos da America Latina.

Continua portanto em vigor o indulto que estabelece o tempo da S. Comunhão Pascal desde a domingo da Setuagesima até a festa dos S. S. Apostolos Pedro e Paulo (29 de junho).

De ordem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo levo essa comunicação ao conhecimento dos Revmos. Srs. Vigarios, para governo.

Juiz de Fóra, 1-V-939

Pe. Rui Nunes Vale, secret. int. do Bispo

Mandamento

a) Provisões

27-- IV, De uso de ordem ao Revmo. Sr. Co. Clarindo Ribeiro.

29 -- Idem ao Revmo. Sr. Pe. Francisco Kill, S. V. D.

b) Matrimoniais

20 -- Disp. do imp. cons. 2o. g. i. simples a Durval dos Santos e Maria Ferreira Mathias Barbosa.

22 -- Disp. de duas denúncias can. a Gercino Silva Maria Antonia, Gloria.

26 -- Disp. imp. cons. 2o. g. 1. i. a Eduardo Rodrigues Tostes e Maria da Gloriosa Mageste, Rio Novo. Idem 3o. g. at. ao 2o. a Antônia Teixeira de Rezende e Rita Maria de Jesus, Aventureiro.

28 -- Idem em 2o. g. 1. i. a João Domingos da Silva e Maria da Conceição Lima, Deserto. Testemunhal de est. livre a Antonio Felizola e Schefer.

Lic. para orat. part. aos casados Manoel Philipe Vicente e Coralia Castello Branco, e José Ferreira de Almeida e Maria Augusta Gouvêa, Santos Mont.

29 -- Disp. de uma denúncia can. a Apulcro Teixeira e Ignez Passos de Araujo, Gloria.

c) Licenças e despachos

27-- Revmo. Sr. Co. Clarindo Ribeiro, pedindo exoneração dos cargos de Vigario da Catedral e de Secretario do Bispo

+ *Ano XIII, 20/05/1939, n° 682, página 01*

Pe Rui Vale

Enfermo, acha-se recolhido no Sanatório “Dr. João Villaça”, o nosso prezado amigo e colaborador, Revmo. Sr. Pe Rui Vale.

Conforme comunicado de seu médico assistente, o estado do ilustre enfermo apresenta francas melhoras.

Visitando-o O Lampadário faz votos de restabelecimento.

+ *Ano XIII, 12/08/1939, n° 661, página 01*

PADRE RUI VALE

Transcorre, no dia 14 do corrente, o natalicio do nosso querido colaborador, o Revmo. Sr. Padre Rui Vale.

Nas suas “Cartas a Filíolo”, simples e sempre espirituais, o nosso presado colega comunica aos nossos leitores um pouco de seu proprio coração bondoso e de sua alma pura. Como Vigario-cooperador da Catedral vem demonstrando ser um verdadeiro Ministro de Deus. Cultivando as sublimadas virtudes de amor e zelo pelas almas. Secretario da Curia tem prestado relevantes serviços á nossa diocese.

Perdõe-nos o bom e generoso sacerdote este pequeno ataque feito á sua modestia, pois “O LAMPADARIO” sente-se honrado em homenagear o seu piedoso Colaborador.

Que Nosso Senhor o conserve para muitos anos, em gozo de boa saude, pelo bem das almas!

+ *Ano XIV, 20/01/1940, n° 717, página 04*

Governo Diocesano

Expediente da Secretaria

“Afastado por doença, reassumiu, reestabelecido, o cargo de Secretário do Bispado, o Revmo Pe Rui Vale.

+ *Ano XV, 10/08/1940, n° 746, página 01*

Pe Rui Nunes Vale

Ocorre, no dia 14 do corrente, o aniversário natalício do nosso assíduo colaborador, o Revmo. Sr. Padre Rui Nunes vale, secretario da diocese e cooperador da catedral.

Quem conhece o Pe. Rui, o estima e venera, pois, sem exagero, podemos afirmar que Sua Revma. é um sacerdote moldado no Modêlo divino, o próprio Senhor Jesus Cristo. A oração e o sacrificio caracterizam sua vida: Do seu semblante procede uma virtude superior, que edifica, que se impõe ao respeito e á veneração de todos. É como o perfume silencioso de uma flor, como o cintilar sereno de meiga estrela atravez da escuridão da noite. Todos se sentem felizes em sua presença; ninguém se aproxima dele, ninguém dele se retira, que não sinta na alma novo alento, luz e consolação. Por isso, o dia dos seus anos será uma festa para todos. E O LAMPADARIO, que desfruta sua assídua e valiosa colaboração, agradecido, aresenta ao Padre Rui cordiais felicitações.

+ *Ano XV, 07/12/1940, n° 763, página 01*

Aniversário de Ordenação

Ocorreu, no dia 4 do corrente, a data mais querida ao coração do sacerdote, o aniversario da Ordenação Sacerdotal dos Revmos. Srs. Padres António Pacheco Ribeiro, cura da Catedral; Rui Nunes Vale, secretario da diocese e Francisco Ladeira de Almeida, vigário de Piau. Assinala, no dia 8 do corrente, o dia do jubilo dos Revmo. Srs. Padres José Ferrer, reitor do Seminario diocesano, e Isnard Dunninghan Fraser da Grama, lente no Seminário, e Vicente de Paulo Rodrigues, Vigário coadjuntor da catedral; e no dia 10, do Revmo. Sr. Pe. José Batista Damião, vigário de Vargem Grande. A todos estes Revmos. Sacerdotes nosso cordial abraço com votos de felicidade.

+ *Ano XVI, 09/08/1941, n° 798, página 01*

Pe Rui Nunes Vale

No dia 14 de agosto ocorre o aniversário natalício do nosso constante colaborador, o Revmo. Sr Padre Rui Nunes Vale, secretário do Bispado. O Lampadario apresenta a S. Revma. cordiais felicitações.

+ *Ano XVI, 06/12/1941, n° 815, página 01*

Aniversário de ordenação

Ocorreu, no dia 4 do corrente, a data mais querida ao coração do sacerdote, o aniversário da Ordenação Sacerdotal dos Revmos. Srs. Padres Antônio Ribeiro Pacheco Ribeiro, cura da catedral, Rui Nunes Vale, secretario da diocese e Francisco Ladeira de Almeida, vigário de Piau.

Assinala, no dia 8 do corrente, o dia de júbilo dos Revmos. Srs. Padres José Ferrer, reitor do Seminário diocesano, e Isnard Dunninghan Fraser da Gama, lente no seminário, e Vicente de Paulo Rodrigues, Vigário coadjutor da catedral; e no dia 10, do revmo. Sr. Pe. José Batista Damião, vigário de Vargem Grande.

A todos estes Revmos. Sacerdotes nosso cordial abraço com votos de felicidade.

+ *Ano XVI, 13/12/1941, n° 816, página 02*

DESPEDIDA

ao Seminario de Juiz de Fora

No frontispício o Teatro do Seminário de Mariana. Irá num verso do poeta Mantuano: ‘haec olim meminisse juvabit’. Talvez será agradável, um dia, lembrar essas cousas. No epilogo na nossa carreira da humanidade eu escrevo: ‘haec meminisse juvabit’. Será

agradável, certamente, recordar estes acontecimentos felizes de agora.

Exmo. e Revmo. Sr. Bispo, Revmo. Pe. Reitor, Revmo. Srs. Padres, colegas e presentes, saudosa despedida vos dirigimo nos outros que terminamos a primeira avançada para o Altar de Deus e muitos dispostos e satisfeitos, iniciamos a segunda com o patrocínio do céu.

Rápido foi o nosso curso humanitário, rápidas serão estas palavras, mas cheias de alma e coração, palavras que traduzirão a síntese do quanto sentimos, seis anos neste Seminário, nesta casa de Deus, nesta casa de Oração. “Domus Dei, Domus orationis”. Casa sempre orvalhada nos aromas da virtude e do saber.

Aqui nos preparamos um peneo, e aqui mesmo recebemos o batismo do sacerdócio, e, talvez, teremos já passado algumas realidades hierárquicas que antecedem a ordenação sacerdotal, realidades estas, primeiro ser homem, ser cristão e depois e, enfim, ser seminarista.

Isso não foi fácil, não foi depressa, foi rápido e suave como a sombra que passa, escurece o campo e se desfaz além no topo da serra. A vida e ligeira sombra, seus episódios relâmpagos.

Ontem entramos no Seminário Menor. Ascensões gradativas de ano a ano, de curso em curso, de retiro a retiro, a retiro selamos, enfim, com o boletim de promoção, esse passado imorredonro de saudades, esse passado que engastou nos nossos corações carinho e gratidão, tanto para o nossos companheiros que também contribuem com o seu exemplo para o nosso bem e progresso, esse passado que nos nossos corações eternizou o protesto firme do respeito, do amor e da gratidão que devemos aos nossos digníssimos Superiores, abaixo do Des, causas segundas da vida e do florescimento dos nossos ideias.

Oh! Quantas abnegação e sacrificio eu vejo na alma de nosso pastor e guia, o Sr. Bispo; quanto desprendimento e zelo incansável no nosso venerado Reitor, auxilio, amparo e consolador de todos, ao lado de Nosso Senhor, quanta virtude e sabedoria revela a fisionomia ascética de nosso bondoso e sempre lembrado padre espiritual. O Sr. Pe. Rui; quanto interesse e esforço pelo adiantamento dos discípulos

também vejo nas pessoas dos caros e saudosos professores. Em todos vejo copias do Nazareno, todos vejo o revestidos de virtude e ciência, em todos, cooperadores divinos nos fomentos dos corações, em todos tudo coopera para o bem coletivo desta grande comunidade.

Ontem entramos no Seminário Menor. Hoje, procurando um outro que nos complete a formação, dele saímos, selando esta primeira jornada com um selo que é gratidão, respeito e amor, com um selo que é a afirmação positiva do nosso reconhecimento aos Superiores por tudo quanto eles fizeram para o nosso bem e felicidade, também aos colegas de quem guardamos gratas recordações, a todos, em suma, desta Casa De Deus. “Domus Dei, Domus orationis”, a todos com expressiva sinceridade, enviamos a saudosa despedida, selando-a com o melhor selo, o mais precioso, o selo eterno e divino da PRECE...

Geraldo Mendes Monteiro

. Ano XVII, 15/08/1942, n° 851, página 01

Ocorreu ontem, dia 14, o aniversário natalício do nosso prezado colaborador, o Revmo. Sr. Padre Rui Nunes Vale, Secretário desta Diocese. O LAMPADÁRIO apresenta a Sua Revma. Cordiais felicitações.

. Ano XVIII, 19/06/1943, n° 895, página 04

(Última vez que parece como Redator Pe Rui Nunes Vale)

promete a visão divina e pureza de coração? Continuaremos

“O LAMPADÁRIO”
Ano XVII N. 895
Fundado em 1º. de Março de 1926
Registrado de acordo com o Decreto 24.776, de 14 de Julho de 1934, sob o n. 20

Redator: Pe. Rui Nunes Vale	Gerente: Pe. J. E. Corrêa
Representante: Wladimir Veloso	Revisor: José E.P. Margreaves

Tipografo-chefe e paginador:
José Fernandes Lima

Redação, administração e oficinas próprias. Rua do Espírito Santo, 951. Fone, 1951

ASSINATURAS:
Ano - Cr. \$ 15,00 - Sem. 8,00

. Ano XVIII, 14/08/1943, nº 902, página 01

Aniversário

Celebra hoje seu aniversário natalício o nosso D. D. Redator-Chefe Pe Rui Vale. A S. Revma. expressamos aqui a nossa sincera gratidão cristã pelo seu zelo heróico para com o Lampadário e tantas obras diocesanas, e ao mesmo tempo lhe auguramos muitas felicidades in Domino. P.J.C.

lo. E tem a norma correta dos
ion- demais DIARIOS do Bra-
Pre- sil, de corrigir as falhas
cou- dos seus articulistas.
fo- Aguarda suas ordens.
s as **Um Rotariano de Petropolis—E. do Rio**
nsos
ca- **RESPOSTA:** Estamos
Pe- de pleno acordo com o
hna- nosso Gerente e colabo-
ço- rador —Pe. J. Corrêa; não
ob- lhe notámos nenhuma fa-
ço- lha. Os papeis enviados
que ficam á disposição do re-
sses metente, do qual não ne-
só- gamos as ótimas intenções
as- em profunda ilusão, que,
nui- **TRANSFIGURADAS,** se-
Di- rão **VERDADEIRAS** con-
AU- vicções **CRISTAS,** é a
vei- quem saudamos no **AMOR**
tais independente de quais-
te- quer divergencias, mesmo
ali- **ESSENCIAL,** essa por e-
em- xemplo. De coração e de
le, redator, a 31-VIII-1943.

Horario das Miceas do Do

as

ra

fortale-
a ele
as como
QUER
RECISA
(Bandi-

nossa
se en-
audacia
panhas

rrotado
lías, fez
á maço-
s presi-
e ao go-
onseca
a, a que
so titu-
civilis-
ão res-
do lar
os sen-
ngiveis

próprio
çonaria
andida-
da Re-
otado. E
nedion-
o Pre-
As cou-
tes fo-
das as
nensos
ma ca-
lilo Pe-

Direção do «Lampadario»

Rua do Espírito Santo 951

JUIZ DE FORA

Quem lhe devolve o presente numero de seu JORNAL é um seu recente assinante, que se honra muito em ser ROTARIANO.

Protesta contra o artigo assinado por Padre J. CORRÊA — e, para rebater as intempestivas frases de desabono dirigidas à nossa Instituição, remete um exemplar da «Revista Rotaria de Julho 1943, contendo na pagina 27 uma fotografia que muito impressionará o assinante do dito artigo e mais o impressionarão as palavras pronunciadas pelo Revdmo. Arcebispo de Cartagena — COLOMBIA — referentes ao Rotary Club. Envia tambem um artigo de FREI TOBIAS DE S. VICENTE, de Niteroi, sob a nossa organização, que pede, seja transcrito no seu jornal; se é que essa Redação tem a norma correta dos demais DIARIOS do Brasil, de corrigir as falhas dos seus articulistas.

Aguarda suas ordens.

Um Rotariano de Petropolis—E. do Rio

RESPOSTA: Estamos de pleno acordo com o nosso Gerente e colabo-

. Ano XVIII, 08/01/1944, n° 922, página 03

Ao Revmo.

Padre Rui Nunes Vale

Com sinceros vótos de felicidades pela entrada do Nôvo-Ano peço ao Adoravel Menino Deus muitas graças para que o virtuoso e infatigavel Secretario da Diocese possa continuar em 1944 a sua ope-rosidade na “reforma do pôvo cristão, nos môldes do evangelho”.

Afetuosamente beijo as mãos a V. Revdma. como amigo e ad-mirador em Jesus Cristo.

A 31-XII-1943

Pe. Carlos O. Dias

Agradecemos, de coração e de altar.

. Ano XVIII, 29/01/1944, n° 924, página 03

Revmo. Pe Rui

Religiosas saudações

Necessitando ausentar-me por duas semanas envio cordial-mente a colaboração para a Coluna Infantil.

A pedido de Esther accedi substitui-la, assumindo a direção da referida Coluna, no meu próximo regresso.

Atenciosamente, subescrevo-me, Violeta

. Ano XVIII, 20/05/1944, n° 924, página 04

Ao Patronato São José

Cel. Alvaro e D. Eudoxi Martins Villela ofereceram hoje mil cruzeiros. Percebemos que foi por ocasião do aniversario natalicio de D. Eudoxia. S. Excia. Revma. sr. Bispo Diocesano agradece, de cora-ção e de altar, a esses constantes e sinceros bemfeitores do Seminario

Diocesano e do Patronato São José. Louvamo-los diante dos homens, na convicção de que eles e nós glorificamos ao nosso Pai que está no céu.

Pe. RUI, a 15=V=1944

. *Ano XIX, 12/08/1944, página 01*

. A Comunidade Diocesana em auxílio ao Santo Padre à favor das vítimas da guerra

“Revmo. Sr. Pe Rui Nunes vale – Secretário com a função de préstimo a todos os membros desta Comissão, na correspondência por escrito que necessária for, v. g., no convite, em nome desta Comissão, a este ou aquele para tal ou tal participação em ordem ou fim desejado”.

. *Ano XX, 05/05/1945, página 08*

Expediente da Secretaria

AO REVMO. CLERO

O santo Padre, sempre solícito pelo bem da humanidade, sofrendo com os que sofrem nos horrores da guerra, determina como nos anos passados, que *particularmente durante o mês de Maio orem todos os fieis e de modo especial as crianças para que Deus ilumine os que devem organizar o mundo de amanhã.*

Cumprindo pressuroso a determinação do Sumo Pontífice, gloriosamente reinante, o Excmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano tradicionalmente ao Revmo. Clero as recomendações de sua santidade.

A paz de Deus, que excede todo entendimento, guarde nossas inteligências e corações em Cristo Jesus.

Curia Diocesana, 28 de Abril de 1945.

PE. RUI NUNES VALE “de peculiari mandato”.

. Ano XX, 24/11/1945, nº 1017, página 08

Nossa homenagem, mais de coração e de altar, ao Revmo. CLERO DIOCESANO. Nesta passagem do Ano Eclesiástico, nosso pensamento e afeto, primeiros e principais, voltam-se, imensamente ternos, aos muitos Sacerdotes que se consomem na Diocese de Juiz de Fora. Quantos sofrimentos por isso e por aquilo, e ... quantas situações em que só podem contar com Deus ... ainda bem que Deus não dorme!

Em louvor e gratidão

Os verdadeiros crentes não são barulhentos. Tendo pudor infinito de sua fé, preferem o silêncio aos discursos, quando os direitos da verdade e as exigências do amor não os obrigam a falar.

Sabem que, na Igreja, a mensagem do Cristo deve ser recebida no seu conteúdo, pois, assim as palavras recebem um sentido novo, e nos traduzem mais o que Deus não é que o que Ele é, sugerindo-nos isto por meio do que há de melhor na experiência humana: abismos de alegria, a dôr e de amor, onde a alma, que vive da verdade, encontra em trevas esplêndidas, a face eternamente jovem do Deus vivo.

Já é mais que tempo de dizer, senão em que Deus cremos - o que talvez seja impossível - ao menos em que Deus não cremos, e de proclamar que tudo que é estreito, mesquinho, injusto e cruel não pode vir d'Ele, que permanece acima a tudo que a arte, a Ciência, a Santidade e o amor poderão jamais realizar de esplendor.

Deveríamos imprimir esta confiança sublime na alma das crianças, ensinando-lhes que as palavras do catecismo são apenas trampolim para um impulso cuja amplidão deve crescer cada dia, até o encontro infinito além dos véus.

Como amarão Deus ao lhes surgir Ele no coração, NOVO cada manhã, na medida que elas se elevarem. E como se sentirão livres, quando compreenderem que o Mistério não é uma fórmula que repetimos sem compreender, mas o excesso de luz, magnífica demais para não arrebataram seus olhos, quando sentirem, nesta sombra, o braseiro

ardente de uma Presença bem querida!

As almas mais simples não são as menos sensíveis á majestade de Deus, nem ao menos capazes “de ouvir divinamente o que é divino” - Deus, de certo modo, permanece para elas, o *Deus Escondido* para o qual S. Paulo esforçava-se por atrair os atenienses tão desconhecido quanto por mais intimamente encontrado, pois, diz S. Tomás: quanto pode ser compreendido pela inteligência.

É porisso que todo discorrer deve nascer do silêncio, e nêle permanecer, para conduzir a Èle.

O salmista diz:

“Senhor, vosso louvor é o silêncio!”



do Ano Eclesiástico, nosso pensamento e afeto, primeiros e principais, voltam-se, amavelmente, aos muitos Sacerdotes que se consomem na Diocese de Juiz de Fora, nos sofrimentos por isso e por aquilo, e... quantas situações em que só podem contar com Deus, ainda bem que Deus não dorme!

Clergo Diocesano

Em louvor e gratidão

SACERDOTAIS

Os verdadeiros crentes não são barulhentos. Tendo podido infinito de sua fé, preferem o silêncio aos discursos, quando os direitos da verdade e as exigências do amor não os obrigam a falar.

PAROQUIAIS

Sabem que, na Igreja, a mensagem do Cristo deve ser recebida no seu conteúdo, pois, assim, as palavras recebem um sentido novo, e nos traduzem mais o que Deus não é que o que Ele é, sugerindo-nos isto, por meio do qual há de melhor na experiência humana: abitemos de alegria de dó e de amor, onde a alma, que vive da verdade, encontra em trevas explendidas,

Os verdadeiros crentes não são barulhentos. Tendo podido infinito de sua fé, preferem o silêncio aos discursos, quando os direitos da verdade e as exigências do amor não os obrigam a falar.

a face eternamente jovem do Deus vivo.

Já é mais que tempo de dizer, senão em que Deus cremos — o que talvez seja impossível — ao menos em que Deus não cremos, e de proclamar que tudo que é estranho, mesquinho, injusto e cruel não pode vir d'Ele, que permanece acima a tudo que a Arte, a Ciência, a Santidade e o Amor poderão jamais realizar de esplendor.

Devíamos imprimir esta confidência sublime na alma das crianças, ensinando-lhes que as palavras do catecismo são apenas trampolim para um impulso cuja amplitude deve crescer cada dia, até o encontro infinito além dos veus.

Como amaria Deus se lhes surgir Ele no coração, NUNCA esta manhã, na transparência de uma vida mais aberta, quando O virem crescer na medida que elas se elevarem. E como se sentirão livres, quando compreenderem que o Mistério não é uma fórmula que repetimos sem compreender, mas o acesso de luz, magnífico demais para não arrebatarmos seus olhos quando sentirem, nesta sombra, o brasão ardente de uma Presença bem querida!

As almas mais simples são as mais sensíveis e ajustadas de Deus, nem ao menos capazes de ouvir divinizadas.

ao Clero Diocesano

Receito Católico de Política

Por uma Ordem Católica

O Vigário da Roça

Frei Sebastião Tauzin O. P.

Em louvor e gratidão...
conclusão da 8a. pág.

o que é divino — Deus, de certo modo, permanece para elas, o Deus Escondido para o qual S. Paulo esforçava-se por atrair os Atenienses tão desconhecido quanto por mais intimamente encontrado, pois, diz S. Tomás: quanto mais profundamente conhecemos Deus nesta vida, mais compreendemos que ultrapassa quanto pode ser compreendido pela inteligência.

É por isso que todo discorrer deve nascer do silêncio, e não permanecer, para conduzir a Ele.

O salmista diz:
«Senhor, vosso louvor é o silêncio!»

Quanta metade dessas vocações era destinada ao Clero diocesano?

. *Ano XXXVII, 01/12/1963, nº 1915, página 04*

Pe Rui Nunes Vale, atualmente em Goiânia, foi por longo tempo Secretário do Bispado de Juiz de Fora, ocupando ainda vários cargos, destacando-se pelo seu espírito de compreensão e solidariedade para com todas as obras da Arquidiocese.

DEPOIMENTO

“Entrei para o Seminário Santo Antônio, da Diocese de Juiz de Fora, em fevereiro de 1945”. Era Diretor Espiritual o Revmº Sr. Padre Rui Nunes Vale. Todo primeiro domingo de cada mês ele pregava um retiro para nós. Aconteceu que, em final de agosto daquele ano, apareceu Monsenhor Cintra, Visitador Apostólico, para inspecionar como estava funcionando o Seminário. E não é que, no domingo chuvoso de 02 de setembro, por volta de 21 horas, quando a comunidade estava na capela rezando a oração da noite, entrou o dito Visitador Apostólico e, secamente, disse que deveriam deixar o Seminário no dia seguinte 13 alunos. Foi um choque daqueles! Para o padre Rui foi uma tremenda decepção, ainda mais que ele não morava no Seminário, pois era Coadjutor na Catedral Metropolitana. O final daquele ano foi muito difícil porque aquela autoridade exigiu que ele, Pe Rui, morasse no Seminário, o que não foi possível. O certo foi que o Pe. Rui entregou o cargo de Diretor Espiritual. Mais tarde, ficamos sabendo que o Pe Rui teria ido para o Mosteiro São Bento no Rio de Janeiro onde não permaneceu por muito tempo, talvez por problema de saúde. Ele era muito magrinho. Última notícia que soubemos dele foi que ele mudou-se para a Arquidiocese de Goiás”.

Padre Antônio Pereira Gaio
Dezembro de 2017

CARTAS A FILÍOLO

ELHO
NATAL
1-14)



...aíu um edito
...para que fosse
...rbz. Este pri
...o foi feito por
...da Síria.
...ra se alistar,
...ade natal. E
...da Galilèa,
...et, á cidade
...nava Belém,
...Maria, sua
...ravida.
...onteceu com
...m que devia
...uz seu Filho
...eu-o em fai
...uma mange-

Carta a Filíolo

Para muitos, a vida é apenas uma serie de ações, uma sequência de dias, enchendo a existencia. Vamos considerá-la, Filíolo, eu lhe peço, vamos considerá-la também como: uma força íntima que preside o desabrólho de nossos atos e á evolução de nosso sêr moral; força íntima que preside o desenvolvimento de nosso sêr físico; força íntima presidindo á evolução de nosso sêr sobrenatural, cuja origem, crescimento e governo são obra da graça divina.

É ao depois de fazer considerações sobre isso, valorizemos nossa vida — orientando-a mais e mais para nosso fim ultimo: Deus. Não estraquemos nossas energias em inuteis agitações; não as deixemos entregues á vaidade, á mediocridade dos fatos, discursos, cousas e acontecimentos. Filíolo, um bom cristão não pode ser um vencido das circunstancias; é-lhe urgente abraçar o regulamento de vida, a direção moral que lhe oferece o Cristianismo. O Cristianismo é antes de tudo: norma de bem viver. Para longe um espirito derramado nas bagatelas, nos nadas de cada dia. Para longe os esforços e energias desorientadas. Olhe, Filíolo, o fim do ano est' aí... é tempo de fazer balanço, hein! Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

Pe. Rui



LIÇÃO

Natal é
tandade.

Neste di
e tristezas p
mais doces

Quasi n
alegremente

Infelizm
deza dos er
das lições q

Nesses
forçam por
trevas do e
se curvar a
proprio pro
mem!

O home
lho e procu
ansia incon
gozo, o pod

Deus, c
desce, desc

+Ano XIII, 24/12/1938, n° 661, página 01

Carta a Filíolo

Para muitos, a vida é apenas uma serie de ações, uma sequência de dias, enchendo a existência. Vamos considerá-la, Filíolo, eu lhe peço, vamos considerá-la também como: uma força íntima que preside o desabrôlho de nossos atos e á evolução de nosso ser moral; força íntima que preside o desenvolvimento do nosso sêr físico; força íntima presidindo á evolução do nosso ser sobrenatural, cuja origem, crescimento e governo são obra da graça divina.

E ao depois de fazer considerações sobre isso, valorizemos nossa vida – orientando-a mais e mais para nosso fim último: Deus. Não estraguemos nossas energias em inúteis agitações; não as deixemos entregues á vaidade, á mediocridade dos fatos, discursos, cousas e acontecimentos. Filíolo, um bom cristão não pode ser um vencido das circunstancias; é-lhe urgente abraçar o regulamento de vida, a direção moral que lhe oferece o Cristianismo. O Cristianismo é antes de tudo: norma de bem viver. Para longe um espírito derramado nas bagatelas, nos nada de cada dia. Para longe os esforços e energias desorientadas. Olhe, Filíolo, o fim do ano est’ai... é tempo de fazer balanço, hein! Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIII, 31/12/1938, n° 662, página 01

Carta a Filíolo

Venha, Filíolo! Continuemos a conversar sobre coisas boas. Venha comigo. Convido-o ao saudável trabalho de pensar. E pensaremos conversando, e conversaremos pensando. Assim, até quando Deus, Nosso Senhor, for servido. Continuemos a “lógica viva”, i. é., o desenvolvimento de nosso espírito pelo contato dele com a Verdade.

Para isso, Filíolo, uma condição requerida é o silencio: o silencio ativo de quem pondera. O silencio operoso de quem ora. Verdadeiramente o silencio é uma região onde a boa semente produz saborosos

frutos... experimente e goste, Filíolo. Procuremos, Filíolo, no recolhimento de nossas almas, o pão que mata a fome e dá fome: a Verdade. Filíolo, corações ao alto! corações a Deus: Senhor, que eu veja... e vendo, eu ame, e amando, eu viva. Louvado seja Nosso senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIII, 07/01/1939, n° 663, página 01

Carta a Filíolo

Há no mundo, Filíolo, a carência de máximas de vida. Frequentemente, muitos pedem a seus médicos a disposição de um por menorizado regime alimentício. Ah! Em quantos é sensível a falta de um sadio regime espiritual, Filíolo. Alguns muito fazem em benefício do corpo, e recebem e buscam venenos para a alma... Despream os meios de conseguir um viver superior – a não podem alcançar o mais digno ideal do homem: *a santidade*, a qual é a única verdadeira – completa e autentica fisionomia do Cristianismo existindo em nós. Tudo mais são perfis. E assim, Filíolo, á carência de máximas de vida segue-se a carência de santos.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIII, 14/01/1939, n° 664, página 01

Carta a Filíolo

Filíolo, “o magno problema da dôr, o qual também aflige a humanidade, é para nós cristãos um problema resolvido”. Nós cremos no valor do sofrimento. Nós olhamos os méritos que o sofrimento nos consegue. Nós consideramos todas as contingencias da vida – sob a luz de princípios sobrenaturaes. Nós contemplamos a Deus, *Nosso Senhor*, como um sábio Cirurgião, permitindo o sofrimento para realizar maiores bens.

Felizes os que têm Fé!... Tudo neste mundo tem sua razão de ser. Há sofrimentos; como bons racionaes devemos saber o pôrque

existem. Sem esse conhecimento, sempre “nossa maior cruz será o temor das cruzes”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+*Ano XIII, 21/01/1939, n° 665, página 01*

Carta a Filíolo

Ei-lo, o pastor, o pastor bom, eficazmente solícito em apascentar as ovelhas. Possui, nobremente, a paixão de fazer o bem. Cogita múltiplas maneiras de concretizar o muito zelo que lhe vae n’alma. Não recusa o trabalho. Bate, á porfia, as dificuldades. Peleja o bom combate. Não esmorece deante de incompreensões. Mantem a religiosa tranquilidade de quem possui um ideal santo e quer realiza-lo. Não consente seja esse ideal sacrificado; ele sim, o pastor bom, é que se sacrifica pela realização do ideal santamente estabelecido. Com essas frases, Filíolo, reproduzo uns traços da fisionomia moral do pastor bom que estou olhando. A esse pastor bom, a S. Excia. Revma. Sr. D. Justino, nosso parabém de filhos; sim, Filíolo. Com relação a D. Justino, nosso venerando Bispo, digamos as palavras de Jesus: “receberá o cêntuplo, e herdará a vida eterna” – Math, XIX, 29. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+*Ano XIII, 28/01/1939, n° 666, página 01*

Carta a Filíolo

“Há também a civilização das idéas”. E o Evangelho é o Grande Dicionario, é Enciclopedia de todas as idéas civilizadas. Lá encontramos também o genuíno conceito de fortaleza. Alguns vêm fortaleza sómente nisto: “energia barulhenta”, “fisionomia eletrizada”, “quaisquer recursos para tudo”, “espírito forte”, “caráter inteiriço”, etc.. A esses, bom Filíolo, que assim vêm, peçamos licença para lhes evidenciar o verdadeiro conceito de fortaleza: “è uma virtude moral sobrenatural que robustece a alma *na conquista do bem árduo, sem*

se deixar abalar pelo medo, nem sequer pelo temor da morte.” E eis aqui um valioso comentário: “é próprio da fortaleza evangélica regular todas as ações exteriores pelo que se pense no foro íntimo; porém, isto não constitui uma regra invariável, a que se haja sempre de obedecer e cuja observância se não possa augures adiar, guardando silêncio por algum tempo ou abstendo-se de qualquer ato positivo, quando as circunstâncias razoavelmente o aconselham”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIII, 04/02/1939, nº 667, página 01

Carta a Filíolo

Quantas vezes, Filíolo, aqui e ali a gente topa preconceitos e ironias. O preconceito é uma Idea, um juízo, um sentimento, formados sem fundamento sério. A ironia é uma zombaria, é um brinquedo de mau gosto, onde se diz ou se faz o contrario do que se quer dar a compreender; para mim, Filíolo, a ironia é como que uma cabeça de erro com cara de verdade. Olho a ironia e o preconceito como cousas muito contrarias á simplicidade cristã. Quando, em derredor de nós, Filíolo, houver preconceitos e ironias – façamo-nos pescadores de idéas, juízos e sentimentos. *Cultivemos o bom senso* que nos faz discernir nas pessoas e nas cousas seu justo valor.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIII, 11/02/1939, nº 668, página 01

Carta a Filíolo

A alma cantando. Ei-lo, o jovem catador das universais maravilhas divinas! Feliz! Muito feliz! porque cumpre seu dever com religioso empenho. E é por isso que sabe cantar e canta. O canto é uma oração musicada.

E’o coração falando a linguagem dos bemaventurados! Canta, jovem cantador! canta as universais maravilhas do Bom Deus! Canta

com os lábios, com o coração e com as mãos. Canta com as mãos; sim, há muitos fatos, verdadeiros “hinos sem voz”. Canta-os!... ..

Eu quizera, muito e muito, fosse meu Filíolo esse jovem cantador. Desejo grandemente seja meu Filíolo um santo!... “e a vida dos santos está para o Evangelho como a musica cantada está para a musica escrita”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIII, 25/02/1939, n° 670, página 01

Carta a Filíolo

“O céu escolheu o humilde”. Como pensar em humildade sem ferir o vâlor pessoal? Haja sensatez. “Ser humilde é ser verdadeiro”.

“É a virtude sobrenatural que, pelo conhecimento que nos dá de nós mesmos, nos inclina a nos estimarmos em *nosso justo valor*, e a buscar o abatimento e o desprêzo”. “Reconhecer as qualidades que realmente se tem, *atribui-las* ao Bom Deus de quem em tudo *dependemos*, e, zelar tanto mais por elas quanto são em nossas mãos um tesouro que devemos fazer frutificar. Ser humilde é usar dos seus dotes e humilhar, antes servindo com bondade e discrição. Ser humilde é não cegar-se ante os aplausos, e, não esmorecer perante os ataques, a indiferença, a incompreensão, a malicia de muitos em todas as suas variantes”. Póde alguém, meu Filíolo, se opor, *razoavelmente*, á pratica desta virtude? É rezando que lhe transcrevo essa doutrina, pedindo ao Bom Deus para mim e meu Filíolo: a verdadeira humildade, a humildade sincera, a humildade de coração. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 04/03/1939, n° 671, página 01

Carta a Filíolo

É tão bom, Filíolo, e tão humano a gente ter amigos e ser amigo de todos. E isso é muito cristão. E o Cristianismo, colocando-nos na graça de Deus, eleva as amizades á ordem sobrenatural. E o sobrenatu-

ral não destrua nossa humanidade; ao contrario, se acrescenta a nossa humanidade, á maneira de combinação, aperfeiçoando-a. A Cristianidade toda é uma grande *Familia*; nós, todos somos irmãos. “Rezamos aos pés de um mesmo Crucifixo; trabalhem, estabeleçamos todas nossas relações com o proximo tambem aos pés do Crucifixo”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 11/03/1939, n° 672, página 01

Carta a Filíolo

Trabalho. Paz. Alegria. Eis, meu Filíolo, tres realidades que a gente topa na trama quotidiana da vida de um bom cristão. O trabalhar, Filíolo, é um grande sinal de amôr: “amemos a Deus á custa de nossos braços, á custa do suor de nossos rostos”. Todos os recursos que a Bondade Divina nos prodigaliza, meu Filíolo, devemos explora-los em proveito da gloria de Deus, do bem das almas, do individuo, das familias, da sociedade, da Patria.

Para longe, bem longe o despreocupado “ir vivendo”. Quanto á paz, meu Filíolo, guardemos, com simplicidade de coração, aquele conselho: “foge do mal, pratica o bem, procura a paz”. Sob esse governo de nós mesmos, receberemos, com almas socegadas, a paz de Nosso Senhor Jesus: “Dou-vos minha paz”, nos diz Ele. Quanto á alegria, meu Filíolo, ambiencionemos a sã alegria, “a alegria: consecuencia logica de uma santa atitude interior”; consecuencia logica ûa boa economia interna. Para longe, bem longe, a alegria fisica, mecanica, barulhenta, a alegria desorganizando o exterior e distraindo a alma. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 18/03/1939, n° 673, página 01

Carta a Filíolo

Nos lugares onde não ha luz elétrica, á noite, a gente não enxerga quasi nada, Filíolo. E, em quantas almas, Filíolo, ha noites!..

Ah! quando em uma alma anoitece, ela corre o grande risco de perder o caminho; e nessa situação, ela alimenta as onerosas alegrias e comodidades dos festejos noturnos. Quando em uma alma ha noite, tambem a imaginação corre risco de tudo falsificar e exagerar. Uma alma no escuro, Filíolo, é uma alma desorientada; é-lhe necessario um bondoso e dedicado lampadario. Seja, Filíolo, seja, com sua vida, o lampadario de muitos.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 25/03/1939, n° 674, página 01

Carta a Filíolo

“A Igreja não despreza as cousas novas porque são novas, nem mantem as antigas porque são antigas”. A Igreja está onde Nosso Senhor Jesus é recebido. A Igreja é de quem recebe a Nosso Senhor Jesus. Ora, o mundo não reconhece os direitos de Jesus, Nosso Senhor. Logo... “Os que já professam, menos a vida dos livros, que o grande livro da vida”, - sabem apreciar, Filíolo, essas irrefutaveis afirmações. Como conclusão pratica, bom Filíolo, guardemos esta: a atuação crístã-catolica a gente pode epiloga-la assim - levar Nosso Senhor Jesus ás almas, levar as almas a Jesus. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 01/04/1939, n° 675, página 01

Carta a Filíolo

Meu bom Filíolo, certa vez, eu esquecí um livro num lugar. Que aborrecimento! ... Um livro ainda novo, e, um amigo veio m'ó entregar bastante amarrotado. Sim, Filíolo, isso foi um incidente sem importancia. Convenho. Mas, nesta ocasião eu pensei assim:... pobres homens! Jogam-se em tudo ... quantos se esquecem de si mesmos! Jogam-se em tudo ... e, eis: homens amarrotados e amartelados Não, meu Filíolo, meu bom Filíolo, não será essa nossa condição.

Louvado seja Deus, nós aceitamos isto: o perfeito viver é um continuo exercicio, onde a gente luta não para provocar guerras inuteis, mas, para procurar a paz. Onde a gente guerreia não por guerrear, mas, para estabelecer a verdadeira paz. E na verdadeira paz: a verdadeira felicidade. E na verdadeira felicidade: o gozo legitimo de prazeres sadios.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 08/04/1939, n° 676, página 01

Carta a Filíolo

Cultivo, cultivo cristão da memoria. Guardemos, meu bom Filíolo, guardemos sempre nosso patrimonio de sagradas lembranças. Tenhamos, constantemente, deante dos olhos: o album de nossas grandezas Nossa filiação divina, com todas suas consequencias até ás menores! Nisso, tudo é grande, porquanto os pedacinhos formam um todo, enorme e indivizivel. Reconheçamos nossa dignidade, e abracemos, com religiosa solicitude, nossas incoerciveis responsabilidades. Demos conta do recado que nos é honrosamente imposto. A nobreza, a galhardia de um homem conscio de sua dignidade e de seus deveres, assim o exige. Tenhamos, sempre vivo, nosso patrimonio de lembranças sagradas. Sempre vivo e eficaz. A viva e eficaz lembrança das alturas nos afasta das baixeiras. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 15/04/1939, n° 677, página 01

Carta a Filíolo

“Dae-nos, Bom Jesus, a fôrça sobrehumana de perdoar e de rezar por eles”... .. “O perdão das injurias é o maior ensinamento da filosofia divina”... .. Ah! bom Filíolo, quantos ataques, sofrimentos, machucados! Assusto-me ao ver, em mim e no proximo, a contingencia da fragilidade humana. Mas, não desanimar jamais! Lutas, machucados, sofrimentos, são, tudo, a felicidade em preparo;

são a preparação de um bom amanhã. Ajoelhemo-nos, confiantes, aos pés do Bom Jesus Crucificado. “Os filhos, por mais deveis que sejam, sentem-se fortes e tranquilos ante a fortaleza, o amor, o carinho do Pai”. Deante de muitas maldades, digamos com alguém: “quanto mais na terra da vida me é permitido conhecer o mundo, mais me defino e afervoro no amor a Jesus Cristo”, E “o amor não é ocioso”; “a amizade faz iguais”; portanto: queiramos fazer o que o Bom Jesus fez e nos ensina. Conservemo-nos sãos. Quando nosso viver *interior* está são, as dificuldades exteriores impropto se vencem.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 22/04/1939, n° 678, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, já conhece o feitio para sua santidade pessoal? Há e haverá tantas modalidades entre os Santos! E que Deus, Nosso Senhor, também na criação das almas não faz repetições; é que a graça divina é também multiformes; é que cada um é dado um papel especial; é que os talentos não são os mesmos para todos. Entretanto, meu Filíolo, seja qual fôr o feitio recebido - há uma pratica compatível com todos os feitios de santidade. E a pratica da *Simplicidade*. “*A vida é uma unidade*” (cada homem possui somente uma vida, e, a possui uma vez só) conduzindo á outra Unidade: Deus. Filíolo, saudável nos é regeitar as multiplicidades futeis e querer a Unidade. “Bom Deus, e Vós sois o só Uno e só a *Unidade necessaria* ás nossas almas! Uni minha unica alma, coitadinha, á Vossa unica bondade! Só Vós, Bom Deus, sois o Bom”! - Parafuse nisso, Filíolo, durante alguns pedacinhos de tempo, talvez lhe seja proficuo. Si me dêr licença continuarei esse assunto. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 29/04/1939, n° 679, página 04

Carta a Filíolo

Cumpro, meu Filíolo, o que prometi. E' grandemente vantajoso a gente escolher um determinado paradigma de espiritualidade, segundo o qual a gente possa conjugar constantemente o viver quotidiano. Isto, centralizando o exercicio de nosso governo pessoal e orientado a administração das energias, facilita muito a pratica dos esforços especializados. Junto de todos os Santos podemos sem duvida colher numerosos exemplos; mas, nem tudo é exequível para nós, vistas as nossas condições atuais; também não temos os motivos que muitos Santos tiveram. Olhemos, meu Filíolo, para as abelhas. E' verdade, colhem mel de todas as flores; têm, porém, um só cortiço, onde o armazenaram e apresentam de um modo especial. Os méles de abelha não são de lírios, nem de rosas, nem de violetas. Nós temos um cortiço, Filíolo, o cortiço de nossas almas Adotemos, Filíolo, adotemos um paradigma de espiritualidade. Confesso-lhe que o paradigma de minha espiritualidade é o de Lisieux. Abraço a trilha de S. Therezinha do Menino Jesus, a qual é muito irmã de S. Francisco de Assis. O que estou dizendo, Filíolo, são reflexões, e, graças ao Bom Deus, são narrativas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 06/05/1939, n° 680, página 01

Carta a Filíolo

Continuando ainda o assunto da ultima vez, Filíolo, para-fu-semos nisto: é-nos instante ajardinar nossa alma. Diligenciemos para realizar isso. E nesse trabalho, Filíolo, não somos donos, patrões, senhores, não; somos os empregados. O Senhor, o Dono, é o Divino Espirito Santo, o Santificador das almas. Ouçamos com recolhimento e intimidade de corações, a voz do Divino Espirito Santo. Muitos e muitos se arrastam numa culpada mediocridade porque desprezam a

voz Divina. E quem se decide por ouvir a palavra divina é sempre um bom cliente do silêncio e da solidão. Nêsse estado, a gente se torna um santamente apaixonado; a gente é capaz dos maiores sacrifícios. Verdadeiramente, meu Filíolo, uma alma ajardinada é uma alma em que muito se destruiu, muito se tirou, e, muito se pôz, muito se refez. Verdadeiramente meu, Filíolo, uma alma ajardinada ativa os ensinamentos divinos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 03/06/1939, n° 684, página 01

Carta a Filíolo

Espirito mundano. Bom senso. Espirito cristão. Espirito mundano é o conjunto de todas as maneiras de apreciar, contrárias ao Evangelho. “Bom senso (“mestre da vida”) ou juízo é a própria inteligência, em quanto, pelo raciocínio, discerne nas pessoas e nas cousas o seu justo valor”. E o *espirito cristão* é o bom senso em quanto norma de: pensar, sentir, agir, orar - segundo o evangelho, segundo Nosso Senhor Jesus. O espírito cristão é uma vigorosa mentalidade sobrenatural orientando-nos no trabalho de copiar Nosso Senhor Jesus em nós. Trabalho esse, contínuo, assíduo, perseverante. Trabalho em que se somam todas nossas obrigações. Meu Filíolo, para que nosso Cristianismo seja vivo - é-nos instante, sempre e em tudo - tudo, manter, ampliar, intensificar nosso espírito cristão, a tal ponto de vivermos sob a luz de princípios sobrenaturais. Nessa situação, sim, é que o Evangelho se reproduzirá na história de nossas almas. Em outro qualquer sítio haveria somente um cristianismo diminuído. Com tranquilidade interior, parafusemos, meu bom Filíolo, parafusemos muito e muito nessas verdades. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 10/06/1939, n° 685, página 01

Carta a Filíolo

Deus, Nosso Senhor, está sempre - sempre em ação. “Nada ocioso nos planos divinos”. Tudo move. Cada um de nós, bom Filíolo, é também viajor nesta peregrinação universal, de que o ponto de partida e o ponto de chegada é: *Deus*, o Bom Deus. Somos viajores em busca do *Necessario* para satisfazer nossas aspirações, nossas aspirações infinitas. “O homem tem horror ao vacuo”. E suas aspirações são infinitas!... Daí a necessidade de se encher de Deus: o Infinito! E’ tão verdade isto: “a terra inteira não póde contentar uma alma imortal mais do que um punhadinho de farinha na boca de um esfomeado póde saciá-lo”. Bom Filíolo, nada de brincar na estrada enquanto os outros caminham. Vamos! Fomos creados para o alto! Subir; sim, subir, seja nossa diligencia quotidiana. E mais sóbe quem é mais leve. Se quiser, bom Filíolo, continuaremos este assunto. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 24/06/1939, n° 687, página 02

Carta a Filíolo

Diziamos, meu Filíolo, mais sóbe quem é mais leve. E é mais leve quem mais se desprende das cousas terrenas, pesadas. Ah! meu Filíolo, chegou a vez de tocarmos na elevada doutrina: *renuncia de si mesmo*. Hoje, essa doutrina será apenas indiciada. O desprendimento de tudo e de si mesmo é um possante motor, capaz de, em pouco tempo, nos transformar em um evangelho vivo. E verdade: devemos nos servir de tudo, tambem de nós mesmos, como meios para alcançar nosso fim: Deus. Cousa alguma é, nem nós somos, fim de nós mesmos. Tudo, tudo são meios, instrumentos em ordem ao *Fim Ultimo*. Desprender-se de tudo é, pois, caminhar tranquilo para Deus, sejam quais forem as condições de vida. Nessa caminhada, é certo, ha colocações diferentes. Mas, todas recebem o necessario para a viagem. E’

rezando, meu Filíolo, que lhe escrevo isso. Pedindo, para mim e para você, pedindo ao Bom Deus, esta qualidade tão apreciável. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo, até outro dia.

+Ano XIV, 08/07/1939, n° 689, página 01

Carta a Filíolo

Que diríamos, Filíolo, se vissemos alguém rasgando um livro muito e muito precioso?!... E Quantos rasgam, quantos, o grande livro da VIDA, tornando-o: TRAJOS!... Teorias, sistemas, processos, são, tudo, muito bom; mas, em quanto nos ensinam a viver; em quanto nos ensinam a professar o grande livro da vida; em quanto iluminam nosso caminho para o céu. Filíolo! quem quer que sejais, rico ou pobre ou remediado, velho ou jovem ou criança, letrado ou não, quem quer que sejais, eu vos mostro o céu, dizendo: de qualquer posição ocupada no mundo ha caminho para lá; Vamos! Eu vos desejo uma vida que seja via para o céu. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 15/07/1939, n° 690, página 01

Carta a Filíolo

São tão profundos os laços da solidariedade humana que a gente sempre contribue, direta ou indiretamente, sensivelmente ou não, para o cultivo da alma do nosso proximo. É verdade: uma fisionomia, um ligeiro olhar, um pequenino gesto ou atitude causam, ás vezes, saltares efeitos!... Aos ombros de um cristão, de um bom cristão, está sempre um pêso de responsabilidades. Pêso suave, quando bem compreendido e bem carregado segundo as normas da caridade cristã. É cousa MUITO IMPORTANTE, bom Filíolo, o: AMAR AO PROXIMO. E amá-lo de um MODO PRATICO, POSITIVO, evitando tudo aquilo que possa prejudica-lo, fazendo tudo aquilo que lhe possa ser util. Sejamos bons, BENEVOLOS, em tudo - tudo. “A bondade é um

conjunto de pedacinhos”. Não bastam as palavras. São necessarias as palavras e ações bondosas. Nisto se resume todo o Cristianismo: amar a Deus SOBRE TODAS AS COUSAS e ao proximo como A NÓS MESMOS por AMOR DE DEUS. Nisso encontramos a propria felicidade, a felicidade verdadeira. E esse amor a gente só abandonaria si “Deus deixasse de ser Deus” ou morresse. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 22/07/1939, n° 691, página 01

Carta a Filíolo

Muitas vezes o procedimento do outro nos apresenta verdadeiros quebra-cabeças, nos apresenta muitos x x. Então, meu bom Filíolo, aprendamos a fazer esta conta. No dividendo: as quantidades que se apresentarem (tudo aquilo que nos apresenta, ou, em que encontramos interrogações); no divisor: o homem, falível no espirito, móvel na vontade, frágil na carne. Façamos a conta; e teremos a solução cabal de muitos problemas. Restar-nos-á, bom Filíolo, a realização disto: com o amor afetivo a gente põe a Deus no coração, e, com o amor afetivo a gente o põe no braço. Não mudemos de parecer, bom Filíolo, quando, ao derredor de nós, houver noites. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 29/07/1939, n° 692, página 01

Carta a Filíolo

Quantas vezes a gente encontra pessoas nesta situação: espirito como que desarvorado, e, alma como perdida... .. Não fossem as verdades consoladoras do Santo Catolicismo e eu proprio me perderia no meio de muitos embaraços. E os amigos?!... E os nossos conviventes?!... pobresinhos, ás vezes, mal-mal desempenham o papel de consoladores, e ainda assim de consoladores importunos. E deste ou daquele lado: astucias, displicencias, trapaces, e ... Ah, meu Filíolo,

tambem nestas situações, os melhores remedios, os remedios verdadeiros, a gente encontra no Evangelho: “Aprendeis de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis *descanso* para vossas almas”. Eu quero, meu Filíolo, beber desse remedio, e beber todos os dias, e beber direitinho. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 05/08/1939, n° 693, página 01

Carta a Filíolo

Bom Filíolo, meu bom Filíolo, o SOBRENATURAL nos é IMPRESCINDIVEL. Nossa vida é um todo; e a ausencia do sobrenatural em qualquer parte, em qualquer particula, seria grandemente deploravel e funesta. Mas, meu Filíolo, não bastam palavras ainda que pomposas. Sejamos sinceros. Cultivemos convicções cristãs. Guardemos, em tudo-tudo e sempre, sentimentos cristãos, os quais são frutos das convicções cristãs. Todas as nossas atividades devem decorrer sob a luz de principios sobrenaturais. Principio: é o modo de ver. Sobrenatural: é o que está acima da natureza, e o que se acrescenta a nossa humanidade; á maneira de combinação, aperfeiçoando-a. Sem isto, tudo seriam agitações e agitações prejudiciais e inuteis. Com estas reflexões, patenteio-lhe, bom Filíolo, meu desejo mui sincero de sua propria felicidade verdadeira. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 19/08/1939, n° 695, página 01

Carta a Filíolo

Infelizes aqueles, meu Filíolo, em cujas almas é sempre noite. Infelizes os que estão sempre deitados. Infelizes os que estão sempre dormindo-dormindo. A esses, bom Filíolo a primeira condição para alcançarem um verdadeiro viver é: levantarem-se. Alcança o alto que se levanta. Mantem-se no alto quem se levanta e depois anda erguido.

Necessario, bom Filíolo, andar, andar muito. Deus, Nosso Senhor, não nos fez para um cemiterio. Uma alma em pleno dia, em plena claridade, está sempre disposta a seguir o Bom Jesus. Em verdade, Ele nos arrasta com seus exemplos. E nos arrasta poderosa e eficazmente, porque nos dá as graças necessarias para palmilharmos suas pegadas. Devemos copiar a Nosso Senhor Jesus. Nesse trabalho, devemos adotar o processo que nos fôr apresentado pelo Divino Espirito Santo. Meu processo é o de Lisieux. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 07/10/1939, n° 702, página 01

Carta a Filíolo

A liberdade de consciencia é um direito essencial e inalienavel. E, quantas vezes, cada um destroe esse seu proprio direito! ... Destroe! ... e as consequencias disso não tardam. Um homem de espirito amarrado é igual a um homem de pés e mãos amarrados... Bom Filíolo, e uma cousa indispensavel para que haja legitima liberdade de espirito é a: tranquilidade interior. Essa, por seu turno, exige: silencio, solidão. Mas, silencio, solidão, frutiferos. Parafusemos nisso, bom Filíolo, e veremos o seguinte: até nas praças publicas conversando com nosso proximo, falando-lhe, a gente pode manter silencio, solidão interior. Longe, nada de praticas bolorentas que nos tornem macambúzios. Tenhamos o “coração cheio de felicidade comunicativa”. No meio dos formigueiros de vãos discursos, com religiosa delicadeza, tenhamos nos labios: uma palavrinha cristã, uma palavrinha-remedio, uma palavrinha-balsamo, uma palavrinha que possa iscar uma saudavel reflexão. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 14/10/1939, n° 703, página 01

Carta a Filíolo

Quem quizesse conciliar sua mentalidade cristã com a fuga de

suas obrigações e responsabilidades profissionais, com a fuga dos deveres de estado, seria um pobre fantasista. Um cristão íntegro, isto é, o santo, vive aqui na terra, mesmo, fazendo, com amoroso empenho, o papel que lhe coube. Não maldiz a vida presente, certo disto: sejam quais forem as posições em que me coloco ou sou colocado, jamais o caminhar para o céu me será vedado. De qualquer cantinho do mundo ha caminhos para o céu. Meu Filíolo, ser santo é agir ... “A santidade é a resultante de todas as forças sobrenaturais postas em ação”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 21/10/1939, n° 704, página 01

Carta a Filíolo

Que diríamos, Filíolo, se vissemos um homem de bem a jogar pedras nos outros?! Coitado; está louco, diríamos; seja internado numa casa de saúde! Ah... bom Filíolo, e quanta gente joga pedras!... E quanta gente se entrega á maledicência! A maledicência, bom Filíolo, possui muitas roupagens, apresentando-se de diversos modos. Urge combatê-la. E também nesse trabalho, o primeiro empenho é o de olhar. Olhar o mal para evitá-lo. Olhar o bem para praticá-lo. É muito verdade: a gente vive como a gente vê; a gente só conhece aqueles caminhos por onde passa ou já passou. Haja luz, Senhor! E’ muito verdade: alguns fazem mal sem o saber. Senhor! que nós entendamos bem e ajamos retamente. Senhor! dai-nos sanarmos o estiolamento do nosso espirito e a anemia da nossa vontade; dai-nos sermos donos de nós mesmos; assim, não seremos loucos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 28/10/1939, n° 705, página 01

Carta a Filíolo

“Falveis no espirito, moveis na vontade, frageis na carne”, são os homens todos, todinhos. Eu também. E você também, Filíolo. Que

de verdades, meu bom Filíolo, nestas tres afirmações! Então, que fazer?! Que?! O remedio é muito simples: procurar a infalibilidade, a fortaleza e a resistencia.

Onde?! - Em Nosso Senhor Jesus. Como?! Por meio dos sacramentos, inesgotaveis recursos da Misericordia Divina para a Humanidade. Quando enfermos no corpo, procuramos um bom médico e prestamos atenção ao que nos recomenda. Nas enfermidades da alma devemos fazer o mesmo, e com maior razão. Procurar o Medico Divino estar pelo que Ele nos disser. E' verdade: O Cristianismo para existir em nós requer nossa cooperação. Para sermos bons cristãos, integros, é-nos imperiosa a cooperação com a graça divina. Pensemos, meu Filíolo, pensemos muito. Convido-o ao saudavel trabalho de pensar. Bom Jesus, dai-nos, a mim e meu Filíolo, dai-nos: ideas - forças, idéas - energias, ideas - eficazes. Idéas atraentes ás atividades pró catolica cristianização de nós proprios. Não estou fazendo poesia; não; meu Filíolo! Tudo isso são narrativas de realidades inconcussas. Louvado seja, Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 04/11/1939, n° 706, página 01

Carta a Filíolo

Ei-lo, um jovem que vive em moitedos escuros, frios, abafados. Sem luz, sem calôr, sem ar. Porque, meu jovem, vive nestes lugares?! Não está vendo que isso lhe arruina a saude?! - Ver, eu vejo... .. querer, eu quero abandonar estes lugares... mas!... - E o pobresinho do jovem vai indo e vindo na onda. Não tem a galhardia de uma primeira resistencia, de uma resistencia decidida, viril, nobre. Oh! Maldita onda... que um rochedo te quebrasse ou te resistisse! - Meu Filíolo conhece algum jovem cujo retrato se pareça com este? Sim?! Então, seja apostolo. Persiga-o com seus exemplos, conselhos, com sua vida irrepreensivel. Vá busca-lo para a casa paterna. O viver cristão, põe a gente em condições de realizar, em qualquer ocasião, tudo aquilo que é bom e se pode fazer. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até

outro dia.

+Ano XIV, 11/11/1939, n° 707, página 01

Carta a Filíolo

Para muitos a vida consiste em: levantar-se de manhã, deitar-se á noite, com desordens no horario, e encher o dia com bagatelas prejudiciais ou inuteis. Ah! Já sei! Muitos não querem conformar sua vida, não querem pautá-la pelos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus; querem, sim, forjar ensinamentos que se adaptem aos seus procedimentos. Que deplorável desvio de mentalidade!... que rôr de ilusões! Quanta felicidade destruída!... a todos estes, bom Filíolo, eu quizerá convence-los disto: “a verdadeira felicidade está na plena atividade de uma natureza perfeita”. Eu quizerá mostrar-lhes: “a sublime quotidianidade” da vida dos Santos; verdadeiramente, os Santos nos ensinam “a grandeza do quotidiano”.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 18/11/1939, n° 708, página 01

Carta a Filíolo

Bom Filíolo, os defeitos morais são semelhantes a tumores. Devemos vasá-los o mais depressa possível. Meu Filíolo sabe em que consiste e para que serve a aradura de um terreno? Em que consiste e para que serve a póda de uma planta? Em que consiste e para que serve o saneamento de um terreno?... .. - Pois, bondoso Filíolo, átos semelhantes devemos praticar em nossas almas. Entretanto, “conforme nos ensinam as leis da pedagogia e da tradição acética - é impossível aplicar-se duma vez a todos os defeitos no modo de pensar e de proceder: é mistér *especialisar o esforço*”. Isso quer dizer o seguinte: é mister dividir o trabalho; hoje, isto; amanhã, aquilo, etc. ... Mãos á obra, Filíolo! Vamos! “Vida é ação.” Louvado seja, Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 25/11/1939, n° 709, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, pequenos desvios no modo de pensar e no modo de apreciar as cousas teem ás vezes consequências grandes e profundamente lamentáveis. Há dificuldades criadas por força brutal das circunstancias previstas e imprevistas. Entretanto, meu Filíolo, as dificuldades mais difíceis são as estabelecidas por nós próprios quando nos afastamos das normas patrocinadas pelo bom senso. São mais difíceis porque são *vistas* pela inteligência *fracamente* esclarecida, e são *queridas* pela vontade *mal* formada. Para vencer essas dificuldades, o melhor expediente é o cultivo cristão do bom senso. *Bom senso*, ou *juízo*, (“mestre da Vida”) “é a própria inteligência em quanto, pelo *raciocínio*, discerne nas pessoas e nas cousas seu *justo valor*”. Meu Filíolo, quem sabe você tem pouco juízo?... hein?!... Para mim estou sempre pedindo a Nosso Senhor mais e mais. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até mais.

+Ano XIV, 02/12/1939, n° 710, página 01

Carta a Filíolo

“Vince in Bono malum...” vence o mal *praticando o bem*. Filíolo, esse ideal cristão, bem *compreendido* e bem *querido*, faz autênticos heróis. A’s vezes, um fato, uma realidade é grandemente deplorada por todos, mas ninguém adianta, acrescenta um passo na solução da mesma. Ao contrario, conciente ou inconcientemente, conservam, conservam e aumentam até, a referida realidade. Houvesse mais *bom senso* e muitas praticas seriam substituídas. As melhores maneiras de agir, generoso Filíolo, são as precedidas por alguns minutos de genuflexório. Com estas maneiras, a gente se dispõ a realizar grandes cousas, e a graça do Bom Deus não falta, nunca; por isso, generoso Filíolo, jamais perder a cabeça diante de uma dificuldade ainda que premente. Que a graça do Bom Deus, meu Filíolo, nos ajude, a mim e

a você, a concretizar essa doutrina. Louvado seja Nosso Senhor Jesus. Até outro dia.

+Ano XIV, 09/12/1939, n° 711, página 01

Carta a Filíolo

Desejo, meu Filíolo, num documento breve e compendioso, mostrar-lhe as vigorosas qualidades do Pastor bom que a Providencia Divina nos deu. Na apreciação da fisionomia moral deste Pastor bom, tudo admiro naquilo de ele desejar sempre agir sob princípios sobrenaturais. Toda afirmação exige provas. As provas dessa afirmação são os fatos; *devidamente olhados*. Graças ao Bom Deus, meu Filíolo! E ao Pastor bom o carinho de nossos corações de filhinhos, filíolos, e as homenagens, reconhecidas, de nossas inteligências que veem. Meu Filíolo, ver os atos de D. Justino, *ver cristamente*, é louvar o Pastor bom, esse Pastor, com justiça, valorizado. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 16/12/1939, n° 712, página 01

Carta a Filíolo

Pelo *exercício* da verdadeira humildade, sejamos gotinhas d'água aos olhos do mundo. Pelo *exercício* heroico da caridade, sejamos oceano aos olhos do Bom Deus, que *habita, vive* em nós. Há nisso, bom Filíolo, qualquer coisa de infinito. Qualquer coisa admiravelmente singular, singularmente admirável. Meu Filíolo, eu o convido a tomar posição num lugar de silêncio. Eu o convido ao recolhimento sincero de sua inteligência que vê e crê, ao recolhimento sincero de seu coração que ama. Cristãmente recolhidos, meditemos, bondoso Filíolo, as grandes verdades que devem *orientar* nossa vida. Continuarei a lhe escrever sempre, até quando Deus, Nosso Senhor, for servido. Já estou matutando as cartas para 1940; graças ao Bom Deus, não lhe escrevo á matroca. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até ou-

tro dia.

+Ano XIV, 23/12/1939, n° 713, página 01

Carta a Filíolo

Generoso Filíolo, desejo expressar-lhe com uma simples frase minha pequenina mensagem de Natal. Não é minha. È nossa. È-nos proclamada pelo Bom Jesus, assim: “*Paz aos homens de boa vontade*”... ..

Esta verdade tão grande de como é grande a verdade da existência de Jesus, bem aprofundada, é capaz de santificar toda uma existência. Paz aos homens de *boa vontade!* Filíolo, meu generoso Filíolo, tenhamos *boa vontade* para com Deus, Nosso Senhor, e nosso próximo. Cultivemos, com *sinceramente* a paixão de fazer o bem. Cultivemos, com *simplicidade* de coração, aquilo dos Livros Santos: “foge do mal, *pratica o bem*, procura a paz.” Louvado seja Nosso Senhor, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 30/12/1939, n° 714, página 01

Carta a Filíolo

Nas passagens dos anos, a gente ouve muitas poesias sobre o tempo. Fantasias!... Eu prefiro convidá-lo generoso Filíolo, ao saudável trabalho de pensar. Pensar e realizar. Há certos minutos de valor enorme. Destes minutos a Providencia Divina nos dá muitos. E a perda de um deles pode causar a ruína de nossa alma. Pensemos, meu Filíolo, pensemos muito na seriedade da nossa existencia . E´ muita verdade isto: nosso viver se estabelece por minutos. Contamos as horas, dias, semanas, mezes, anos passados. Não podemos contar os minutos vindouros. O tic-tac e os ponteiros de nosso relóginho nos contam o tempo passado, e, nos mostram o tempo que vem – sem no-lo prometer. Sejamos, meu Filíolo, avaro do nosso tempo. Para longe, bem longe, o viver á larga, o viver de quimeras, o viver de sonhos. Bom

Jesus, Vòs dissestes assim: Eu vim para terem a vida, e para a terem em maior abundancia. Bom Jesus, daí-nos, a mim e a meu Filiolo, daí-nos *vida*; que os nossos anos, mezes, dias, horas, minutos e segundos, poucos ou muitos, sejam *vividos*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filiolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 06/01/1940, nº 715, página 01

Carta a Filíolo

É sempre bom a gente ordenar o próprio procedimento. Ordenar o procedimento e dar a cada trabalho quotidiano sua relativa importância. O ano tem 365 dias; no fim de cada ano, seria tão bom a gente possuir, bem ordenadas, as 365 paginas do viver quotidiano. Deste modo, a gente teria um livro muito util. Deste modo, a norma trivialidade, ser cor, seria substituída por um esforço divinamente inquieto. Deste modo, cada qual diligenciaría no arranjo de um livro onde visse a ordem. Ordem que leva ao progresso. Progresso, cujo termo é a universal concretização do Evangelho. Somente o Santo alcança o verdadeiro termo do verdadeiro progresso. Dar a cada trabalho quotidiano sua relativa importância, eis o verdadeiro começo da ordem no procedimento. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 13/01/1940, nº 716, página 01

Carta a Filíolo

“Na solidão o ar é mais puro, o céu é mais aberto, o Deus mais familiar”. Eu quisera, generoso Filíolo, convence-lo das preciosas vantagens de uma solidão cristã. Somente a alma capaz de se recolher capaz de solidão, é dado “o domínio de si mesma”... é dado o poder de guardar o proprio coração... e, guardar o proprio coração é guardar a fonte de vida. Assim falaram os Livros Santos: “aplica-te com todo o cuidado possível a guarda do teu coração, porque dele é que pro-

cede a *vida*”. Meu generoso Filíolo, ser capaz de solidão é ser capaz de prescrever os atos, as ações daquilo que possa vicia-las, que possa afasta-las de um ideal cristão. Voltarei a este assunto. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XIV, 20/01/1940, n° 717, página 01

Carta a Filíolo

Gostaria de, numa síntese rica de pensamentos, conversar com você, generoso Filíolo, sobre o convívio que devemos manter entre nós e nossos superiores. Você já pensou nisso alguma vez? É coisa importante. Eu penso assim. Entre nós e nossos superiores deve existir um verdadeiro convívio cristão, com proveitosas correspondências, proveitosas e sadias. Convívio leal. Convívio sincero. Convívio íntegro. Convívio incorruptível. Convívio nobre. Convívio cristão. E esse convívio seja mantido com religiosa solicitude. Eu penso assim. Os superiores são administradores, censores, juízes; mas são também amigos, pais, confidentes sinceros. São pessoas que procuram em toda e qualquer contingência, dolorosa ou não, e se encontram no afan evangélico de salutare construções. São pessoas que possuem religiosamente, um grande amor: amor das almas. Eu penso assim, bondoso Filíolo; louvado seja Nosso Senhor Jesus. Ate outro dia.

+Ano XIV, 27/01/1940, n° 718, página 01

Carta a Filíolo

Voltando as considerações sobre as vantagens de um silêncio cristão, transcrevo-lhe, meu Filíolo, alguns pensamentos já proclamados por outros. “Saber guardar silêncio é saber existir”. “Si estas com outro já não é mais que metade de ti mesmo; sozinho, és tu mesmo todo inteiro”. “A maior parte das camaradagens tem por fim único expulsar o silêncio”. “O mundo não é mais do que espetáculo ruindoso e variegado que nos impede de prestar atenção a nossa realidade íntima”.

“O grande perigo do mundo não é tanto o arrastar ao pecado, mas, o fazer perder o sentido dos valores”. “Não se tem em conta aquilo que se faz no silencio, ainda que seja um ato capital, precisamente porque não faz arruído; ao contrario, provoca a admiração o que tem retumbância, ainda que não passe de palha a arder, fogo de artifício, simples relâmpago em noite escura”. Meu Filíolo, que nossos atos sejam influenciados de pensamentos tão salutares. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XIV, 03/02/1940, n° 719, página 01

Carta a Filíolo

Bom Filíolo, meu bom Filíolo, vamos passar um pedacinho de tempo saboreando a gostosa doutrina de nossa incorporação em Nosso Senhor Jesus. A doutrina do “*Corpo Místico*”. Ajoelhomo-nos... Mãos súplices!... contemplemos... Ouçamos o que nos dizem os mestres... Ouçamos o que nos ensina o *Mestre*... Os mestres nos previnem de que essa doutrina se vulgarizou por meio de uma linguagem nova, linguagem nem sempre obvia, linguagem nem sempre obediente as leis gramaticais. São Paulo para explicar essa maravilhosa realidade de nossa incorporação em Nosso Senhor Jesus ajeitou varias palavras ate então desconhecidas ou desusadas. Continuaremos, si quiser, bondoso Filíolo, a conversar sobre esta doutrina. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XIV, 10/02/1940, n° 720, página 01

Carta a Filíolo

Bondoso Filíolo, continuando a conversa de outro dia, acho que não seria oportuno registrar nestas pequenas cartas uma longa lucubração teologica e fisiologica sobre a doutrina do “*Corpo Místico*”. Meu intuito é simplesmente este: provocar salutares inquietações, despertar sadias curiosidades, estimular proveitosas correspondências. Por

isto encerro este assunto em duas vigorosas sínteses que enfeixam bem a doutrina de que falamos. Nosso Senhor Jesus, o Mestre, nos ensina assim: “Eu só videira e vos os ramos”. O que permanece em mim, e eu nela, esse da muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer - Joa. XV- 5. E os autores comentam assim as palavras de Jesus: a doutrina do corpo místico não é uma parábola vazia. Essa parábola é o símbolo da união orgânica vital entre a batizado, o justo e Nosso Senhor Jesus. Continuaremos, si Deus quiser. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 17/02/1940, n° 721, página 01

Carta a Filíolo

Continuemos, bondoso Filíolo. O “*Corpo Místico*” é uma *realidade*. Uma realidade *mística*. Isto é: uma realidade invisível, sobrenatural divina. O corpo místico de Jesus é um *corpo real*. Não é um corpo moral, i. é, não é uma reunião de homens sob a dependência de um chefe com intentos iguais.

E um corpo real invisível, de que nós temos conhecimento somente pela Fé, assim só pela ciência conhecemos muitas funções de nosso corpo físico. As funções deste corpo místico se realizam nos esconderijos de nosso ser moral, operando mudanças vitais, as quais sentimos e das quais temos consciência. Este corpo místico é pois a reunião de todas as almas em que Jesus vive e opera. Enquanto Deus-Homem, Nosso Senhor Jesus possui um corpo como os outros homens; enquanto Redentor de nossa raça possui um corpo espiritual ou, como dizemos, *místico*, formado pela sociedade daqueles que Ele crê. A gente deve falar – corpo místico – e não corpo espiritual, porque essa última expressão claudica filosoficamente. Façamos, bondoso Filíolo, considerações práticas sobre esse dogma encantador, na próxima vez. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XIV, 24/02/1940, n° 722, página 01

Carta a Filíolo

Bondoso Filíolo, margeemos praticamente o assunto da vez passada. “Si não for eu, nada podeis fazer” – Joa. VX-5. Meu Filíolo, no trabalho do aperfeiçoamento moral, os meios, os recursos naturais são necessários, mas sem a graça são completamente *inefcazes*. “A acética cristã é o emprego ordenado dos recursos naturais”. Isso porem, sobrenaturalmente. “Si não for eu nada podereis fazer” nos diz Nosso Senhor Jesus. A graça entretanto, não é santidade; é apenas o principio da santificação. As graças obtidas devem desenvolver-se progressivamente na nossa vida. Vida e ação. E a graça e o auxilio para bem agir. Que de verdades, Filíolo! Quantas consequências praticas defluem disso! Abracemos, á porfia, essas consequências: vida de oração, vida de infinita união a Nosso Senhor Jesus de quem tudo depende, cooperação integra, colaboração sincera com a graça divina, etc. No trabalho do nosso aperfeiçoamento moral, não desanimar jamais! Olhar a Bondade Divina tendo a seu serviço a Onipotência. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 02/03/1940, n° 723, página 01

Carta a Filíolo

Mantendo sempre, bondoso Filíolo, o desejo de cooperar na edificação do Corpo Místico. Minha cooperação é exigua, bem o sei. É uma poeira bem o sei. Mas, confiado no bom Deus, alimento a esperança de ver essa poeira acumulada formando um grãozinho. Grãozinho que terá lugar na edificação referida. E se for da vontade de Deus seja esse grãozinho inusitado, ainda assim ficarei tranquilo. Verdadeiramente se trabalhamos para cumprir um dever, memso que o trabalho seja coroado de êxito – teremos o dever cumprido. Si por permissão divina trabalho em vão, minha boa vontade sera aceita pelo Bom Deus no holocausto que lhe ofereço todas as minhas atividades e de todo meu ser. Dos homens nada desejo, nada espero. Adeus me encomendo

em religiosa – tranquila – confiante submissão. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 10/03/1940, n° 724, página 01

Carta a Filíolo

Bondoso Filíolo, margeemos ainda, margeemos praticamente, a doutrina de nossa incorporação em Nosso Senhor Jesus. Não quero fazer um tratado sobre o sofrimento, quero apenas lembrar que o sofrimento é uma consequência necessária do grande dogma de nossa incorporação em Nosso Senhor Jesus. Incorporados em Jesus, devemos em tudo nos conformarmos com Ele. O homem se atemoriza pensando nas consequências que essa realidade acarreta. E Nosso Senhor Jesus resolve a questão: no batismo é nos conferida entre outras – a graça da crucifixão espiritual. E então, o homem regenerado, o homem novo, o homem sobrenaturalizado – vê em seus sofrimentos a universal lei da redenção, pela qual chegaremos á GLORIA. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 16/03/1940, n° 725, página 01

Carta a Filíolo

Bondoso Filíolo, também agora meu intento é lembrar uma outra consequência de nossa incorporação em Nosso Senhor Jesus: a glorificação no céu. Na terra, temos com Jesus: a unidade de Vida. Todos nós recebemos em comunidade: a seiva divina. E o nosso viver divinizado – continuará no céu, mediante a visão beatifica, para a qual nos torna aptos a graça habitual. Visão beatifica é o claro e intuitivo conhecimento de Deus tal qual é. Aqui na terra, chegamos ao conhecimento de Deus por meios de obras. dos efeitos de sua grandeza e também pela Fé. No céu, nosso conhecimento de Deus será mais perfeito será direto, veremos a Deus tal qual é. Para chegar a essa glorificação já possuímos desde nosso batismo um completo organismo sobrenatural. Na

próxima carta, bom Filíolo, lembrar-nos da estrutura íntima de nosso organismo sobrenatural. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 23/03/1940, n° 726, página 01

Carta a Filíolo

Bondoso Filíolo, pelo santo batismo, o sacramento da regeneração, se inicia em nos a vida sobrenatural, com um completo organismo: princípio vital – faculdades – operações. O princípio vital é a graça habitual: qualidade sobrenatural permanente e intrinsecamente inerente a alma, tornando-a participante da natureza divina, e mediatamente apta para a visão beatífica. As faculdades são as virtudes infusas e os dons do divino Espírito Santo penetram intimamente nossas faculdades naturais aperfeiçoando-as, tornando-as capazes de praticar atos sobrenaturais.

As operações são as graças atuais: auxílios transitórios que movimentam nossa faculdade, fazendo-as praticar atos sobrenaturais e meritórios. Com esse completo organismo tornamos membros do “Corpo Místico” de que já falamos. Essa doutrinação, Filíolo, tirei-a de um compendio de Teologia escolástica. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 30/03/1940, n° 727, página 01

Carta a Filíolo

Senhor meu, Jesus! Fazei de mim e nosso Filíolo um instrumento de vossa paz. Que nos coloquemos amor onde existe ódio. O perdão onde existe a ofensa. A união onde há discórdias. A verdade onde o erro. A fé onde a dúvida. A esperança onde há o desespero. Luz onde há trevas. Alegrias onde há tristeza. Ah! Com a realização disso bem outros serão nossos sentimentos cotidianos. Bem outras atitudes diante de muitos embaraços a nosso aperfeiçoamento moral. Essas convicções cristãs, bondoso Filíolo, devem tanger nossas atividades, todas. Domi-

nados por essas convicções é que devemos andar pela terra da vida proclamando ao mundo o senso verdadeiro dos verdadeiros valores. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 06/04/1940, n° 728, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, de quando em quando, cenas desagradáveis a gente vê. Todos nos temos um fim, único, a atingir: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmo. Os meios para alcançar isto são os mesmos para todos. O que varia de individuo para individuo é o modo pessoal de empregar esses meios. Eis a cena que me referi – Alguns nobremente voluntariosos, se adiantam bastante no caminho da perfeição. Adiantam-se sem a mínima procura de vangloria, de superioridade sobre os outros. Adiantam-se sobre o seu esforço pessoal que não é pequeno. E ao lado a beira do caminho, alguns descansados se agitam em atitudes achincalhadores, atitudes ridículas. Pobrezinhos! Si vissem e reconhecessem a hediondez moral de seus gestos, ficariam envergonhados de si próprios. Pobrezinhos! Falta-lhes o exame de consciência, cotidiano, mais penetrante e mais sincero. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 13/04/1940, n° 729, página 01

Carta a Filíolo

Há dias bondosos Filíolo, você me perguntou qual era a minha maneira de tratar aqueles que não tem Fé e aqueles que não tem verdadeira Fé.

Eu penso assim e me converso para agir segundo este pensamento: devo tratar com muita indulgencia e doçura aqueles que não tem fé, *o dom gratuito e inefável da Fé*. Minha tolerância não é uma concessão, é um respeito. Tenho a convicção absoluta de que só há repouso para o espirito e coração na Fé da Igreja e na sua autoridade.

Mas, quando a gente avalia os suplícios daqueles que não têm Fé, os *suplícios da dúvida*, a gente tem como um crime o maltrata-los. E, si esses infelizes se dão as ousadias de apóstolos falsos, são duplamente desgraçados. Perdem-se e procuram perder os outros. Ao lado, nosso apostolado deve ser duplamente terno: ganha-los, e com eles seus adeptos. Ganha-los!... não amartelá-los deploravelmente. São almas feridas... não espicacemos inutilmente as chagas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia

+Ano XV, 20/04/1940, n° 730, página 01

Carta a Filíolo

Filíolo, meu generoso Filíolo, aceitamos os homens tais quais são. Os homens tais quais são. Verdadeiramente, nem sempre são como deviam ser. Eu também. E você?! – Perturbam com o mau uso de seu livre arbítrio o plano divino da criação. E porque o homem ocupa lugar eminente nesse plano divino, as perturbações por ele livremente provocadas acarretam deploráveis consequências, deploráveis e profundas. O homem desce miseravelmente de sua honrosa eminência. Perturba-se. Acarreta perturbações. E num extremo de orgulhosa arrogância, proclama o próprio Deus como o responsável de seus desafinos... si é que ele existe, diz arrogantemente. De incoerência em incoerência, substitui o juízo pela loucura, diz-se o único sabedor das realidades, vivendo ate a morte numa inrrazoável inquietação. Pobrezinho! Um pedacinho de bom senso bastaria para repor na eminência perdida e não procurada. Pobrezinho! Si ao menos quisesse vê... que de mudanças se operaria! Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 27/04/1940, n° 731, página 01

Carta a Filíolo

Filíolo, você me perguntou como deve tratar aqueles que são

desleais e tem más intenções contra você. Confesso-lhe que também eu me vejo nesses embaraços. Há indivíduos exportados cujos precedentes, talvez muitos e avariados, desconhecemos, e que se colocam ao nosso lado em completo desacordo com as normas rudimentares de bom tom cristão. Si fossem indivíduos que se conhecem a si próprios, seriam toleráveis. Mas, sem esforço, a gente percebe que são desleais e mal intencionados. Procuram viciar todos nossos atos. Fazem-nos doações gratuitas de intenções malévolas. Julgam-nos por si. E tudo isso cobrem com uma fina aleivosia. É realmente duro a gente viver em condições assim. Você pede um remédio, não é Filiolo? - Com energia d'alma e perseverante, abracemos este ideal: a tudo isso operei, com a graça divina, um integro viver cristão. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filiolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 04/05/1940, n° 732, página 01

Carta a Filiolo

Ah! Meu Filíolo, quantos se tornam grosseiramente inconsequentes. Tenho, graças ao bom Deus, o grande temor de me *descuidar* de mim mesmo. Isto porque o primeiro passo do que caem é a ausência do cuidado de si próprios. Governar-se cristãmente é trabalho muito importante e muito difícil. O dominador de si dizem os sábios: é um herói. Infelizmente esse heroísmo nem sempre é bem compreendido e por isto não é bem realizado. Em todas as situações difíceis, complicadas, o primeiro e melhor expediente é o domínio de si, é vencer-se, tão recomendado pelos verdadeiros sábios. Também nisso, meu Filíolo, tenho ainda muito que fazer. Resta-me uma grande caminhada. Meu genuflexório me acusa de muita cousa. Mas, graças ao bom Deus, quero caminhar. Para longe, bem longe, a fantasia de quem reconhece uma deficiência e não tem a hombridade de remedia-la. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 11/05/1940, n° 733, página 01

Carta a Filíolo

As gloriosas criações da ordem sobrenatural a que fomos elevados pela Bondade Divina não são lembradas como deviam ser. São esquecidas: Não vivemos na ordem sobrenatural com o mesmo cuidado que vivemos na ordem natural. Esse desequilíbrio é o grande causador de uma sequencia enorme de ações vãs, de procedimentos injustificáveis. As grandes verdades da ordem sobrenatural, si melhor compreendidas e melhor vividas, fariam transformações singularmente admiráveis. Aumentariam o numero de santos. Filíolo, os meios de justificação, de santificação, que os Santos tiveram e tem são os mesmos que nós temos. Donde a *grande* diferença entre nós e eles? – Não nos escusemos irrazoavelmente. Sejamos sinceros. A diferença está no esforço pessoal de cada um. A graça do Bom Deus não é a mesma pra todos. Convenho. Mas, a todos é dada suficientemente. Alcançar tal ou tal grau de santidade não depende de nós. Mas, alcançar a santidade comum aos filhos de Deus, que nós somos, a todos é possível. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 18/05/1940, n° 734, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, “nossa Fé é apta para satisfazer as necessidades de todos os séculos e para sarar as feridas de todas as almas”. Para isto é mister tenhamos sempre e em tudo: atitudes cristãs. Atitudes tangidas sensivelmente pelas grandes verdades que professamos. Nossa inteligência e nosso coração não se divorciaram do Evangelho. Convenho. Entretanto, numa incoerência incompreensível nosso viver quotidiano se divorcia do Evangelho. Voltemos. Qualquer tempo é tempo de voltar. Não adianta discorrer eruditamente sobre o Evangelho, si nossa vida se afasta dele. Não adianta proclama-lo aos outros, si nós próprios o aceitamos parcialmente e enquanto convém a nossos in-

teresse rasteiros. Ah! Filíolo! Façamos exame de consciência... nem eu e nem você podemos falar logo-logo que nossa vida é evangélica. Conhecer o evangelho é uma cousa, pratica-lo é outra. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 25/05/1940, n° 735, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, há dias que você esta ausente daqui e me pede noticias do nosso movimento católico. Graças ao Bom Deus, é ótimo. Muita união. Muita superioridade de vistas. Boa vontade, muita. Mas, aquele punhado de coisinhas, tão daninhas e contrarias ao espirito evangélico, ainda existe. Com amargura, constato em nossas fileiras: inteligências enfatuadas, vontades pretenciosas, corações verdes. Certamente você que as provas do que lhe estou dizendo. Sim. Quando voltar, observe tudo atenta e imparcialmente. E verá, ... Não se perturbe. Continuemos no cultivo de nosso bom senso. *Bom senso*: mestre da vida. *Bom senso*: a inteligência na função de discernir o justo valor das pessoas e das cousas. *Bom senso*: imperturbável sagacidade em olhar através das aparências. *Bom senso*: que leva consequentemente á simplicidade cristã. *Simplicidade crista*: *única – completa – autentica* fisionomia do Cristianismo existindo em nós. Tudo o mais são perfis ou caricaturas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 01/06/1940, n° 736, página 01

Carta a Filíolo

Filiolo, meu generoso Filiolo, tenhamos bem lembrada esta verdade fundamental: *fui criado á imagem e semelhança de Deus...* devo corresponder a essa sublime criação! Muitos se vangloriam de viver á sombra dos grandes, de merecer a simpatia deles etc... A uma mentalidade realmente cristã tudo isso é fumaça em comparação á

honrosa qualidade, altamente honrosa, de *domestico de Deus* como deve ser um bom cristão. Desgraçadamente, as *vaidades das vaidades* afastam nossa consideração das verdadeiras qualidades que devemos alcançar. Perdemos a visão clara e sincera dessas verdadeiras qualidades. Não somos solícitos em alcançar estas qualidades. Não as procuramos diligentemente. Iludimo-nos com a imaginação dessas qualidades, julgando possuí-las pelo fato de imagina-las. Bom Filiolo, eu também ainda possuo ilusões. Graças ao Bom Deus, porem, quero abandona-las num esforço cotidiano, alimentado por esta convicção; *vaidade das vaidades...* exceto *amar a Deus*, Nosso Senhor, e a Ele servir Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filiolo. Até outro dia.

+Ano XV, 08/06/1940, n° 737, página 01

Carta a Filíolo

Certa vez, foi dito que o bom senso, o *sensu comum*, é o que há de menos comum. Com meus poucos anos, de trabalho para a aquisição de juízo, também lhe digo, meu Filiolo, essa mesma verdade que a experiência cotidiana mostra a cada passo. Esta medicinal plantinha, chamadas de *bom senso*, tão preciosa, tão medicinal, é rara nos canteiros dos convívios humanos. Uma grande porcentagem de males atribuo, sem medo de ser contradito; á falta de *bom senso*. Á falta desse bom senso sobre que tenho escrito repetidas vezes, Filíolo, você também é jovem. Mas, não se engane. Bom senso não é privilegio absoluto dos velhos. Relativo sim, mas, absoluto não. Por isso, continuemos no cultivo de nosso bom senso que pode e deve ser cuidadosamente cultivado. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 15/06/1940, n° 738, página 01

Carta a Filíolo

São João da Cruz interrogado por Nosso Senhor sobre a recom-

pensa que desejava de seus trabalhos, respondeu: *Pati et contemni pro Te - Padecer e ser desprezado para Vós... .. Ah! generoso Filiolo! a “facinação das bagatelas” nos faz, a mim e a você, perder a compreensão e nos impede de aceitar praticamente essas ideais cristãos, altos ideais de cristianismo bem vivido. A teoria desses ideais enanta-nos a mim e a você, mas, nós dois estamos longe de ptaticá-los. Estamos ainda á terra-terra em companhia dos muitos que também não sobem porque se contentam com teorias. Meu Filiolo, mudemos de companhia. Vamos á fileira dos generosos, dos esforçados, dos caminhantes intrepidos, dominado mesquinhos hábitos de vida. Sejam vencidas as barranceiras íngremes, lôdósas, e as florestas incultas que muitos estabelecem com suas praticas rotineiras. Ao alto! Filiolo. Fomos criados para o céu! Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filiolo. Ate outro dia.*

+Ano XV, 22/06/1940, n° 739, página 01

Carta a Filiolo

Filiolo, semana passada, anciosamente você me falou acêrca de *educação*. Logo depois eu peguei a pesar. Rememorei tudo que tenho lido, observado, meditando sobre isso. *Educar, ser educador* é cousa muito difícil. *Educadores* existem poucos. Sem orgulho, louvado seja Deus, sem vaidade, sem amor próprio ofendido, confidencialmente lhe digo: Poucos são os educadores. Pouco nos quais se possa reconhecer a presença do *Mestre* a falar: “aprendei de mim” Por testemunha apresento, com respeito e religião, apresento a Deus, Nosso Senhor. Meu Filiolo, si esta carta fôr aos olhos de alguns educadores “clássicos” – “veneráveis”, etc. provavelmente eles sardonisarão. Por causa desta carta, eu que sou pequeno e jovem ainda, receberei pedradas de muita gente grande. Pedradas irracionais Não quero, e não devo, impíngirl-he, Filiolo, minhas reflexõis. *Estude. Observe. Medite.* Depois tire conclusões por si mesmo. Longe de mim a tôla pretensão de querer mudar a face de terra. Sou um nada. Deus, Nosso Senhor, é que é *tudo*. Dará razão a quem tem. Acima de todas as

cousas esta a Providencia Divina. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 29/06/1940, n° 740, página 01

Carta a Filíolo

Generoso Filíolo, “sempre avante! sempre avante! Dez derrotas preparam uma vitória”... .. As *aparentes derrotas*, mesmo ás duzias, não pertubam, não abatem os que teem como defesa a Providencia Divina. A opinião dos homens, a opinião publica, as aparências, as fantasias, os estardalhaços, tudo ás vezes conspira contra os bons, os filhos da igreja. Mas, “*a cidade de Deus*,” tranquila, atravessa os séculos. A Igreja, essa cidade de Deus, atravessa cantando, as trevas, de tenebrosos periodos historicos. Sobre o barulho enorme que os homens fabricam inultilmente. Sobre as grandes e as pequenas dores da humanidade toda. Sobre o esquecimento dos homens. Sofre... e perdôa. Perdôa... e canta. Condena os erros, os crimes, as barbaridades... e perdoa os errantes, os criminosos, os barbaros. Concretisa plenamente a sublime, a divina filosofia do perdão. Ah! si essa atmosfera do mundo sobrenatural fosse por *todos* respirada, que de maravilhas se operariam. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 06/07/1940, n° 741, página 01

Carta a Filíolo

Filíolo, coloquemos-nos em humilde silencio de resignação cristã... Mons. Nardy faleceu... ..

Falar sobre a guerra é coisa de todos, é coisa de cada dia e momento. Parafusemos nisso também nós, Filíolo, - Um doente toma os remédios indicados ainda que repugnantes; submete-se, confiante, ás sabias cirurgias dos especialistas; e, si é da vontade de Deus, fica restabelecido. Isto que se dá com um doente – dá-se também com os povos, com as *nações doentes*. Por isso a guerra é medicina é cirurgia.

A medicina é bôa e necessária. A guerra também é muitas vezes necessária enquanto medicina e cirurgia para os povos. Guerra sempre houve e haverá simplesmente porque o homem não usa devidamente de sua inteligência e vontade. Perde-se brutaemente, por orgulho, com o dom inefável de seu livre-arbítrio. Si o homem, desde sua primeira queda, vivesse nas condições pré-estabelecidas por Deus, Nosso Senhor - os povos estariam em muito maior grau de progresso. Não sou pessimista, meu Filíolo. Nem idealista. Nem “místico”. Esforço-me para ver as cousas tais quais são. Sem convencionalismos. Nada de artifícios. Nada de linguajar fabricado às pressas e á tôa. Nada de idéas ajuntadas ao acaso. Peço a Nosso Senhor Jesus a graça de passar pela terra cumprindo á risca minha obrigação sacerdotal. A graça de no *corpo místico* fazer meu papel, e faze-lo bem. Conheço, vejo meu lugar. É pequeno. Comparo-o a um grão de areia. Longe de mim ocultar isso. Tenho essa ambição única: estar em meu lugarsinho, e ocupa-lo do melhor modo possível. Para mim, o efeito mais assinalado atualmente é o efeito da *deslocação*. O homem desloca-se. Depois as sociedades, Depois as nações.

Louvido seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

+Ano XV, 13/07/1940, n° 742, página 01

Carta a Filíolo

“O *preço* da vida avalia-se pelo peso e pela grandeza das idéas que a orientam e fecundam”. Assim pensam, Filíolo, as pessoas de bom senso cultivado. E simples bom senso, chegamos á conclusão tranquila de que somente as idéas cristãs satisfazem devidamente á inteligência e á vontade do homem. As idéas cristãs orientam e fecundam nossa vida quando passam da inteligência para a vontade e da vontade dos atos. Urge soldar nossas idéas cristãs ao nosso procedimento cotidiano. Penetremos, Filíolo, a vida dessas idéas, e trasportemos-las para nossa própria vida. Deste modo, a Fé será o coração vivo de nossa vida pratica. Louvido seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate

outro dia.

+Ano XV, 20/07/1940, n° 743, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, você está macambúzio por causa de alguma convivência em que se vê aperreado. Quer um bom remédio? - Cultive nos canteiros dos convívios com os homens a *medicinal* plantinha chamada - *silêncio*. Não o silêncio estoico. Não o silêncio- orgulho. Não o silêncio de quem oculta sentimentos inconfessáveis. Não. Cultivemos sim o silêncio cristão. Silêncio - humildade sincera. Silêncio ativo de quem poderá, silêncio operoso de quem reza, de quem se alimenta - se fortifica - pela meditação cotidiana. Que o saudável trabalho de pensar nos seja frequente. Uma orientação segura, um entusiasmo sadio e fundamentado, um serviço profícuo dependem certamente de um pensar criterioso. Meu Filíolo, *pensando, falando, agindo*, elevadamente, a convivência em que se é aperrea do não passará de mosca importuna. E a mosca não se dá importância que não tem, sob pena de a gente se assemelhar a ela. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 27/07/1940, n° 744, página 01

Carta a Filíolo

É-nos muito proveitoso, Filíolo, lobrigar a vida íntima das almas boas; nas quais Deus, Nosso *Senhor é tudo*. E' realmente tudo o único *eterno*, queiram ou não queiram as criaturas, E as criaturas, todas – todas, só tem valor em relação ao Eterno. O aniquilamento, a volta ao nada ou quase-nada, a destruição – se avalia pelo afastamento de Deus. Com isso a gente vê o rôr de frivolidades em que se agitam ruidosamente os *despreocupados*. Essa consideração nos ajuda a *apreciar* o mundo no seu *justo e real valor* e ao reduzir ao mínimo as muitas validades que nos rodeiam. Faz-nos viver na atmosfera de vida cristã

devidamente compreendida, com a inteligência alimentada por idéas sadias e o coração trabalhado por paixões nobres. E quem vive assim beneficia verdadeiramente o mundo onde vive levando-lhe o perfume das ações boas, contagiando-o com o bom exemplo constante de irresistível. Quem vive assim é *simples*, dessa *simplicidade* que consiste em se colocar sempre – sempre conforme a vontade do *simples*, *Uno*, única *Unidade necessária* às nossas almas. Quem vive assim leva a todos um sol de verdade e amor a iluminar as inteligências sem luz e os corações sem calor. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 03/08/1940, nº 745, página 01

Carta a Filíolo

Que meu ideal não seja sacrificado por mim; eu, sim devo me sacrificar pelo meu ideal. Generoso Filíolo, esse principio superior deve tanger todos os instantes em que nos encontramos diante de um insulto; diante da frieza, da indiferença, da incompreensão, das contradições, dos ataques, estejamos tranquilos ao lado do Bom Deus; diante da incompreensão dos bons, diante do egoísmo, diante das intrigas, invejas, perseguições, traições, aleivosia, ingratidões, infidelidades, desprechos, ultrajes, ardis, combinações malevolas - perversas, maldosos empenhos atentados, doações dolorosas de segundas intenções, suposições tendesiosas, cavilações, odiosas imputações, filauças, deslealdades, preterições, preferencias, predileções, injustiças, diante do xxx encontrados nos pensamentos, palavras, ações de nossos conviventes, displicencias, astucias, enfim diante da maldade dos homens em suas inumeras variedades e manifestações A tudo opôr um integro viver cristão “Vince in bono malum” - Rom.XII 21 - Vença o mal praticando o bem. Louvado Seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 10/08/1940, nº 746, página 01

Carta a Filíolo

Filíolo, meu generoso Filíolo, clamemos constantemente em defesa de nossos Verdadeiros valores. Filíolo, eu o julgo bastante convicto para fazer oposição simples, tranquila, cristã á maneira dos primeiros séculos, aos desvarios dos despreocupados. Pobresinhos! despreocupados, verdadeiramente, porque não se preocupam com a apreciação dos verdadeiros valores. Sabemos que há *distancias* que impedem o progresso. Assim: tal povoação não progride porque está afastada de centros cultos e não possui boas vias de comunicação. Isso na ordem natural. Na ordem moral, a *distancia* mais nefanda é a distancia de quem *está afastado de si mesmo*. E' a distancia de quem está longe-longo, errante nas regiõis do vicio e da culpa, esquecido, completamente esquecido, desta verdade fundamental: *fui criado á imagem e semelhança de Deus...* devo corresponder a essa sublime criação! . . . Louvado Seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 17/08/1940, nº 747, página 01

Carta a Filíolo

“Vaidade das vaidades... ...

Tudo vaidade... exceto amar a Deus, Nosso Senhor, e a Ele servir”.

Filíolo, meu Filíolo, a falta dessa convicção cristã faz que muitos não se governam bem. No grande oceano da vida são navios pomposos... mas, sem leme. E de ilusõis em ilusõis, acabam por estatelar contra recifes inesperados e fatais. Pobresinhos! si olhassem mais pr'a si propios e si tivessem a hombridade de constatar a moléstia que os ataca!...

Ajudeмос, Filíolo, a esses coitados. Levemo-los ao conhecimento das energias latentes em suas almas. Levemo-los ao conhecimento das verdadeiras grandezas a serem colimadas. Que eles vejam

poeiras exaltadas para perdoar e rejeitar, e grandezas humilhadas para reconhecer e pra abraçar. Dominados por essas convicções que de mudanças se operariam no nosso modo de pensar, falar e agir... Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 24/08/1940, nº 748, página 01

Carta a Filíolo

Não se iluda, generoso Filíolo, com certas maneiras de apreciar as cousas. Maneiras apaixonadamente justificadas. Maneiras tendenciosamente arranjadas. A maneira de apreciar segue-se naturalmente a maneira de proceder. E' bem conhecida e explicada esta verdade histórica: a decadência dos costumes é sempre precedida por idéas, juízos, apreciações falsas. Falsas apreciações são semelhantes a germens daninhos. Apodrecem as mentalidades. E as mentalidades apodrecem corrompem os bons costumes, estabelecem uma onda de vícios que termina na depravação completa de um povo. O peor é que essas mentalidades apodrecidas, falsas, se arvoram em grandes, desvelando-se na arte de seduzir e conquistar adeptos. Não se iluda generoso Filíolo. Façamos profissão sincera de em tudo-tudo nos havermos com o *bom senso*, cultivando-o sempre-sempre. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 31/08/1940, nº 749, página 01

Carta a Filíolo

Venha, Filíolo, venha comigo. A' sombra, no silencio cristão de alma recolhida, joelhos por terra e coração ao alto venha, Filíolo, mastigar uma grande verdade. Comeremos de um pão que mata a fome e dá fome. Mata a fome do "homem velho" e dá fome ao "homem novo". Na sua cotidianidade, por entre contingências mínimas e máximas você se lembra, de longe em longe da *imortalidade* de sua alma? Dizer - as almas são imortais... é estilo cheirando a discurso.

Diga você proprio a você mesmo: *minha alma imortal*. Essa grande verdade, mastigada e comida, é base da verdadeira *vida* segundo o *espírito*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 07/09/1940, n° 750, página 01

Carta a Filíolo

As grandes verdades existem imutavelmente. Queiram os homens ou não. Isto: fui criado a semelhança de Deus... amar a Deus e ao próximo, etc... será sempre, eternamente, isto. Essas verdades, bases de tudo, são acessíveis, absolutamente acessíveis, ao letrado e ao iletrado. Nada têm de extraordinário a não ser a grandeza da simplicidade. Quando as engrenagens humanas tentam cirurgia-las - é que se complicam e ficam parecendo um ror de fantasias. Meu Filíolo, entre nós, nossos conviventes, na humanidade de todos os séculos, houve-há-haverá duas facções. De um lado: os que pensam - falam - agem olhando verdadeiramente a real simplicidade de tudo, a começar do próprio Deus Nosso Senhor; e esses são a minoria. De outro lado: os que se agradam nas fantasias e complicações; e esses são a maioria; não lhes aumentemos o numero, Filíolo; cultivemos a devoção das idéas simples e claras - e nossa vida será consequentemente simples como deve ser. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 14/09/1940, n° 751, página 01

Carta a Filíolo

Passo-lhe, meu Filíolo, umas paginas estudadas. Também hoje, a *ordem* é substituída pela *confusão*. Homens - cousas - fatos *deslòcam-se* numa desgraçada perturbação da hierarquia, verdadeira e unica, segundo a qual Deus em tudo é a razão de ser. A propria *vida* não é vivida na sua realidade verdadeira. E) menos ou mais imaginada. Não se estabelece pelo sentido, pelo principio unico e absoluto: fui criado,

e criado para alguma cousa. Tenho uma vida a ser *vívida*, um caminho a seguir, uma verdade que me eleva, uma *ordem* a exercer. Meu Filíolo, vivemos na realidade. Seja compreendida a missão histórica que nos cabe: restaurar, pôr *ordem* em *nós próprios* e levar nosso esforço humilde á obra da reconstrução, preparando um futuro possivelmente mais *colocado*, mais *ordeiro*. Louvado seja Nosso senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 21/09/1940, n° 752, página 01

Carta a Filíolo

Nós, cristãos, Filíolo, estamos numa ordem que se chama: *ordem sobrenatural*. A realidade que isso proclama é a seguinte: podemos praticar atos meritórios. Falemos, cada um de per si a si próprio, - *estou* em condições de *viver* de tal modo a ganhar a felicidade eterna. Para alcançar o resultado dessa *ordem* nada falta ao homem. Os recursos necessários, todos, lhe foram e são a cada momento prodigalizados pela redenção de Cristo Jesus. Essa redenção é completa e absoluta para todos os homens, por parte de Cristo Jesus. Si não se realiza para todos os homens, a culpa mais uma vez corre por conta do próprio homem. O processo da redenção é esta: Deus criou-nos sem nós, mas, não nos pode salvar sem nós. Sem nós, é dizer, sem nossa cooperação. Assim é o plano divino, em uma norma comum, que nos é dado conhecer. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 28/09/1940, n° 753, página 01

Carta a Filíolo

Precisamos, meu Filíolo, *trabalhar* em *nos próprios* e em torno de nos para que o cristianismo seja *vívido*. Aprecia-lo, elogia-lo, bater-lhe palmas, é uma cousa. *Vive-lo* é outra cousa, e a única mais importante. Tudo mais que se faça não vale quando fôra da *realidade vital*.

A seiva dessa realidade vital é a graça divina. E a Redenção é que nos traz a graça. A Redenção se operou pela Encarnação do Verbo. Essa Encarnação envolve a dois: um Deus e um homem. Também em nós a Redenção envolve a dois: a graça de Deus e o esforço do homem. Deus, concedendo-nos graças, dá-nos o que fazer. A graça não é uma redenção feita e pregada em nós. A graça é uma semente da Redenção. Semente que nos é oferecida e germina – cresce – frutifica em nós mediante nossa cooperação. A graça não é a Redenção. É o começo da Redenção. “É um preparo e um estímulo divino, um principio novo e superior de poder e atividade; a vida de cada um de nós é um grave acontecimento na historia do império das almas”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 05/10/1940, n° 754, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, o alcance da verdade não é monopólio de nenhum sabido. É propriedade comum a todos de *bom senso*. Os processos, técnicas, etc., modernos, facilitam ao letrado o conhecimento do verdadeiro e a apreciação do bem. Concordo. Mas, também o iletrado, com *bom senso* não tangido por complicações científicas, enxerga o verdadeiro e o bem. Faz isso e mais. Enxerga o verdadeiro e *vive* bem, numa admirável simplicidade que reflexo da simplicidade divina. Lembro-lhe uma comparação. O ato de *ver* não exige conhecimento técnico das incríveis minúcias do olho. O letrado *vê* e não esmiúça coisa alguma. E depois? - Depois, a superioridade se marcará pela *vida*. E nisso haverá absoluta justiça porque o Juiz será Deus, Nosso Senhor. Louvado seja nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia

+Ano XV, 12/10/1940, n° 755, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, as idéias devidamente concebidas segue-se um

procedimento devidamente ordenado. Assim porque a idéia precede o ato. Do convívio hoje levemos, eu e você, uma idéia sobre o sentimentalismo. Pensemos um pouco. Ter sentimentos e cultivá-los racionalmente é coisa muito importante. Nesse cultivo há uma hierarquia. Essa hierarquia é que garante a eficácia de todos os nossos esforços. Ei-la. – Tudo nos vem pelos sentidos. A imaginação aparece para modificar. A vontade intervém para dirigir. O *bom senso* vê em cada coisa seu *justo valôr*. Em outras palavras: tudo submetido á vontade, a vontade á razão, a razão a Deus Nosso Senhor. Sob essa ordem podemos alimentar muitos sentimentos. Podemos e devemos. O sentimentalismo assim ordenado é uma força muito rendosa. Pensemos, meu Filíolo. Pensemos. Convidalo-ei sempre ao saudável trabalho de pensar. Ao pensamento que estabelece a ordem. E com isto todas as energias, todas as potencialidades existentes em nós, serão ontologicamente aproveitadas numa exuberância de *vida* verdadeira e real. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 19/10/1940, n° 756, página 01

Carta a Filíolo

De há muito, meu Filíolo, ao lado de outros eu também sou revolucionário.

E não posso e não devo me arrepender disso. A revolução cristã é também meu ideal. Eu também não estou procurando fórmulas de proceder. Graças ao Bom Deus, tenho um procedimento vivo. A revolução cristã (revolução – voltar atrás, revolução cristã - voltar as origens cristãs) não significa um atletismo anacrônico, um acese borrenta, uma espiritualidade de “sentimentalista”, uma piedade estética e estatística. Não. Significa, sim, *vida* á maneira dos primeiros cristãos. Significa volta ao *espírito* do verdadeiro catolicismo. Significa volta ás lições vivas de simplicidade. Significa volta á única – completa – autentica fisionomia do catolicismo existindo em nós a santidade. Significa explorar todos os recursos modernos, explorar sob o governo

dos princípios eternos revelados por Cristo Jesus. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 26/10/1940, nº 757, página 01

Carta a Filíolo

Guardemos hoje, meu Filíolo, uma ideia exata sobre o que seja *lei eterna*.

Lei eterna é a razão da sabedoria divina enquanto dirige todas as ações ao último fim. Manifestou-se no antigo testamento em circunstâncias muitas. Para nós cristãos a lei eterna - da qual todas as outras se derivam por participação - é o Homem- Deus: Cristo-Jesus. Cristo Jesus, revelando-se aos homens, é lei e legislador. Eu sou o caminho (Jº. XIV-6). Eu sou rei (Jº. XVIII-37). Uma lei promulgada e um legislador que devem ser ouvidos. Este é o meu Filho predileto, ouvi-o (Mc. IX-6). Cristo Jesus - *lei*, caminho, é também *verdade* e *vida*. Eu sou a vida (Jº. XIV-6). Cristo Jesus, Homem - Deus, é a lei, a verdade, a vida. Dele, *Pontífice* Supremo, mediante a Igreja com seu sacerdócio hierárquico, recebemos a direção, o ensino, e por ele nos santificamos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 02/11/1940, nº 758, página 01

Carta a Filíolo

Do convívio de hoje, Filíolo, guardemos bem guardada a *idéa de fortaleza cristã*. “Virtude moral sobrenatural que rebustece a alma na conquista do bem árduo, sem se deixar abalar pelo medo, sem se quer pelo temor da morte”. A fortaleza reprime o temor e modera a audácia. Empreende e executa, com decisão - coragem - constância, coisas difíceis. Tolerância, com resistência inflexível, as numerosas e árduas provas que a cotidianidade cristã, sincera e íntegra, sofre a cada momento. Na verdadeira prática dessa virtude, como na verdadeira prática de todas as virtudes, a gente encontra um equilíbrio per-

feito. Com essa idéia não se confunde o pensamento de que a fortaleza cristã consiste em um exterior altivo, em palavras fortes ou ríspidas, fisionomia eletrizada, energia barulhenta, etc... Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 09/11/1940, n° 759, página 01

Carta a Filíolo

Há um cultivo, meu Filíolo, de que eu e você devemos cuidar quotidianamente. É o cultivo de nosso próprio coração. Guardemos, sobre isto também, uma ideia clara e uma convicção profundamente eficaz: “Por coração não entendemos propriamente a faculdade que temos de sentir, por vezes de um modo excessivo nossas próprias alegrias e nossas próprias dôres, mas sim de preferencia, esta nobre e tocante faculdade de nos sentir a nós próprios ate o ponto de participamos das alegrias e das dôres de outros; esta faculdade, um composto de vontade e amor, que faz nascer em nós a necessidade de auxiliar a miséria, de consolar o sofrimento, de aliviar o infortúnio e que nos dá coragem de sacrificar mesmo a nossa felicidade á felicidade dos outros. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até ouro dia.

+Ano XV, 16/11/1940, n° 760, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, ouçamos. Pouco é preciso para sustentar uma alma, ou para dete-la no seu vô: uma palavra, um gesto, um sorriso, um olhar de *benevolência* ou de desprezo transformam-se, frequentemente, na coragem que eleva ou no desanimo que abate. Meu Filíolo, cultivemos religiosamente o dom de encorajar. Encorajar é derramar óleo na mecha que se vae apagando. É espargir balsamo ou coração ferido e sangrento. É evitar a palavra e tudo que mortifica irrazoavelmente. É reconhecer os serviços prestados. É mostrar-se satisfeito

com a boa vontade. É combater em si o espírito de contradição, de implicância que fatiga, cança aqueles com que a gente trata e lida. É aquecer com simpatia os germens de grandesa, existentes no próximo... rega-los com o orvalho de um carinho evangélico. Pobre de nós, Filíolo, sabemos ainda penetrar véos de aparências desprezíveis a ocultar grandesas surpreendentes. (Comendo: Lui!... Qu'il régne... Qu'il nous sauve) Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 23/11/1940, nº 761, página 01

Carta a Filíolo

O cristianismo, meu Filíolo, purifica a noção de energia viril; derubas os ídolos do heróismo exterior e revela o que é essencialmente forte e heroico. Nietzsche acusa ao Cristianismo o ter substituído, na formação dos caracteres, as virtudes masculinas pelo culto das virtudes femininas. Acusação falsa. O cristianismo evidencia que a energia viril se desabrocha, antes de tudo, na caridade. Essa transforma a brutalidade em fidalguia. A fidalguia é uma síntese entre virilidade e maternidade. A verdadeira energia viril, Filíolo, não dispensa a circumspecta e amável solicitude pela vida do próximo. A verdadeira energia "viril" é uma síntese entre fortaleza e flexibilidade, veracidade e polidez, firmeza e caridade. Esse conceito, recebido e concretizado, nos protege, Filíolo, contra a violência de impulsos desequilibrados. Esse conceito, exato e compreendido, nos leva a esta convicção: um *caracter de boa tempera é duro* como um diamante, e *terno* como u'a mãe, ou, é uma *vontade forte* - dirigida por uma *consciência tera*. (Lendo uma conferência de um verdadeiro educador) Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 30/11/1940, n° 762, página 01

Carta a Filíolo

Filíolo, meu generoso Filíolo, nossas cartas, pretenciosas, continuarão até quando Deus, Nosso *Senhor*, for servido. Os zoilos não há por que levá-los em conta. O cristianismo sublima a idé'a de independência. Sublima a *idéa* e conseqüentemente opera *atos* de independência, atos *verdadeiros*. Nessa afirmação, Filíolo, não há enigma. Não compreendemos logo–logo, porque a palavra *independência* hoje está com o mesmo significado que possuía antes do Cristianismo. O código humano – sobrenatural do *Sermão da montanha*, único capaz de estabelece independência *verdadeira*, é postergado a cada momento. Até os fieis o postergam intermitentemente. Eu próprio, Filíolo, preciso por isto também rezar meu confiteor. A mensagem do Sermão da montanha é a única, absolutamente única, que nos leva á independência *real, viva*. Descubra-nos um mundo sobrenatural entitativamente superior a esse onde grunem os porcos, coaxam as rãs e pipilas os pavões. Esse código é o unico que ocupa de nossos problemas *vitaes*, resolvendo-os de um modo eterno. Queira pensar, Filíolo. Até outro dia. Louvado seja Nosso Senhor Jesus.

+Ano XV, 07/12/1940, n° 763, página 01

Carta a Filíolo

A ciência e arte de governar é difícil e requer sacrifícios. Nisso as virtudes primordiais, além da prudência, são a justiça e a caridade. Justiça sem caridade seria fereza. Caridade sem justiça correia risco de tornar-se moleza. Mediante essas duas virtudes, a persuasão – o mando – a reprimenda – aceitam-se galhardamente. Nessas condições, o chefe se impõe independentemente de quaisquer particularismos de de quaisquer partidarismos. Nessas condições, o chefe adota sempre este critério: o reconhecimento de virtudes e a defesa de direitos são dependentes, única e absolutamente, do integro cumprimento dos de-

veres; reconhecem-se os direitos e virtudes de quem cumpre o dever conforme deve ser cumprido. Vivendo assim, o chefe está sempre tranquilo e ponderado, merecendo a estima dos sensatos, a estima dos que não governam por sentimentalismos ou interesses subalternos.

Meu Filíolo, vejo em D. Justino o desejo eficaz da realização pessoal dessa doutrina. A D. Justino, pastor, chefe, nossa veneração e amor. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 14/12/1940, n° 764, página 01

Carta a Filíolo

O fato de Incarnação, Filíolo, é mistério propriamente dito. É uma verdade revelada que excede a inteligência humana. A inteligência humana não chega ao ponto de apreender este fato tal qual é em si. A gente não encontra outra realidade semelhante. Outra realidade naturalmente conhecida com a qual tenha conexão. Conexão que nos permitiria, por via de demonstração, explicar uma coisa pela outra. Há dois modos de se conhecer uma coisa. Primeiro: a gente conhece a coisa tal qual é em si. Segundo: a gente chega ao conhecimento de uma coisa mediante o conhecimento de outra; por ex.: um cêgo elabora a imagem visual de uma coisa mediante o tato dessa mesma coisa. O primeiro chama-se conhecimento próprio, quiditativo. O segundo improprio, analógico. Dos mistérios divinos, mesmo os realizados no tempo, não temos conhecimento próprio. Não podemos conhece-los tais quais são em si. O máximo que conseguimos é aplicar na elucidação deles as analogias existentes nas coisas naturais. Elucidar, porém, não é explicar nem compreender, é mostrar que não repugna a inteligência humana. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 21/12/1940, n° 765, página 01

Carta a Filíolo

Meu Filíolo, a maternidade divina da Humildade Virgem Mãe é singularmente admirável, admiravelmente singular. Essa qualidade coloca nossa Mãe nos limites da Divindade. A Humilde Virgem é Mãe de Cristo Jesus, Homem-Deus. É mãe de Deus. Guardemos uma reflexão medular Sobre esse dogma. U'a mãe se diz mãe não do corpo de seu filho; diz-se mãe de seu filho: corpo e alma. A alma é criada imediatamente por Deus. No momento, porém, em que a alma se manifesta pelo primeiro sinal de vida, a mãe chama de filho: o composto de alma e corpo que dela nascerá. O corpo humano que a Humilde Virgem gerou pela virtude do Santo Espírito uniu-se hipostaticamente, no momento mesmo da concepção, á Pessoa do Verbo. União hipostatica significa isto: a Pessoa do Verbo que subsiste na divindade, essa Pessoa mesma subsiste também na humanidade de Cristo Jesus; a natureza humana de Jesus recebe subsistência da Pessoa do Verbo. A Pessoa do Verbo não aniquila a humanidade de Jesus, ao contrario a humanidade de Jesus continua com todas as qualidade e perfeições da natureza humana. Cristo Jesus é Homem-Deus. E' Deus. A Humilde Virgem é Mãe de Cristo Jesus. E' Mãe do Homem-Deus. E' Mãe de Deus. Louvado seja nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 28/12/1940, n° 766, página 01

Carta a Filíolo

Na passagem do ano, não me absorve a sensação de fim. O fim e um ano e o começo de outro, Filíolo, constato sob essa convicção: “heri, et hodie, ipse et in saecula” - (Heb. XIII - 8) Cristo Jesus ontem, e hoje, e o mesmo nos séculos. Filíolo, de joelhos farei com você e de joelhos fará comigo, nesta passagem de ano, uma oração a Humilde Virgem Maria, nossa Divina Mãe. Deante de nosso presépio: Senhora! nós nos colocamos sob nossa mediação materna. Prometemos doci-

lidade aos vossos avisos. Sempre, quando Cristo Jesus, nosso irmão mais velho, nos falar, praticaremos o que certa vez nos ensinastes: fazei tudo o que Ele vos dizer (Jo. II-5). Quando, nos sacrificios em obediência á lei eterna, lembrar-nos-emos de vossa *Fiat* corredentor, e diremos confiantemente nosso *Fait* filial e *vivo*. Quando, cruces, grandes ou pequenas, nos forem propostas - lembrar-nos-emos de vosso exemplo *vital* e *eterno*: *stabant juxta crucem* (Jo. XIX-25). Nas alegrias cristãs, que são muitas, cantaremos vosso Magnificat, hino de amor divinamente humilde. Senhora! em todos os pedacinhos de nossa cotidianidade lembrar-nos-emos de vosso exemplo, *vital* também este: conservava todas estas palavras conferindo-as em seu coração (Lu. II-19). Queremos, a vosso exemplo, guardar, praticar, *viver* a doutrina santa de Jesus; de Cristo Jesus que é verdade e caminho; verdade e caminho que se revelou para que tenhamos *vida*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+*Ano XV, 04/01/1941, n° 767, página 01*

Carta a Filíolo

De agora até quando Deus, Nosso *Senhor*, fôr servido, entabularemos, generoso Filíolo, um punhado de cartas para saborear a doutrina católica sobre a *graça*. E o faremos de joelhos em terra, mãos súplices, almas humildes. Minha preocupação única: quero *viver* cristãmente e a isso convidar meu gênero Filíolo. Essa doutrina devidamente saboreada, Filíolo, lembrar-nos-á eficazmente o seguinte: na ordem sobrenatural da *vida* cristã, somos o que eramos antes da criação. Somos *nada*. Peor ainda: somos *nada* na ordem sobrenatural e, na ordem natural somos alguém e temos alguma cousa contra a ordem sobrenatural. Nosso estado de natureza decaída fala contra o sobrenatural. A voz de nossa natureza decaída é oposta á voz do sobrenatural. Na *pratica* e na arte de *viver* cristãmente aparece de continuo a contrafação do *homem velho*. O integro *viver* cristão é incompatível com o viver natural. E quando a gente, Filíolo, considera as cousas

com lealdade, vê que há muitos cristãos e também muitas caricaturas de cristão, cristãos *naturalizados*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 11/01/1941, n° 768, página 01

Carta a Filíolo

Considerada em sua origem, a graça é o preço do sangue de Cristo Jesus, vale tanto quanto Deus. Em sua natureza: é uma coisa absolutamente sobrenatural. É uma *realidade* em ordem á *vida* eterna: é semente da glória. Porque é uma realidade sobrenatural, as considerações sobre a graça tornam-se difíceis ao homem inclinado naturalmente ás cousas sensíveis. Ainda mais que essa *realidade* é um *mistério*. No mundo sobrenatural, nada somos antes de recebe-la; depois ficamos participantes da natureza divina: nossa dignidade se traslada então entitativamente, mas, não se aniquila em nós a imbecilidade do *homem velho*, pelo que necessitamos de continuo dos auxílios da graça. Esse mistério responde ao desejo divinamente infuso no coração humano: ter Deus próximo de si e poder, numa ânsia de felicidade, adquirir certa semelhança com ele. Ser-nos-á *amor*, Filíolo, entreter esses estudos para saborear o que Deus, Nosso Senhor, se dignou revelar e comunicar aos homens para sua glória e salvação nossa. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 18/01/1941, n° 769, página 01

Carta a Filíolo

Quero, numa síntese rica de pensamentos, proclamar o valor real do *Pastor* que Deus, Nosso Senhor, nos dá. Ele *ama*, deseja amar *positivamente*, o rebanho, a igreja que lhe foi confiada. E a nós Filíolo, nos resta: reconhecer esse amor com *proveitosas correspondências*. Haja entre nos e nosso Pastor o *verdadeiro convívio cristão*. Convívio leal. Convívio integro. Convívio incorruptível. Convívio cristão... ...

... E esse convivo seja mantido com *religiosa solitudine*. O Pastor é mais que um frio administrador, um censor, um juiz. É um *amigo*, um *pai*, um *confidente sincero*. É alguém que se procura em toda e qualquer dolorosa contingência, e é encontrado no afam evangélico de salutarens construções. Saibamos e queiramos compreendê-lo. É alguém que possui, religiosamente, um grande amor; o amor das almas. Meu Filíolo, “amor com amor se paga” ... ao *Pastor* nossos sentimentos e ações de ovelhas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+*Ano XV, 25/01/1941, n° 770, página 01*

Carta a Filíolo

Continuemos, Filíolo, no assunto proposto e já estudado em duas cartas. Assim, até quando Deus, Nosso Senhor, fôr servido. A palavra *graça* significa aquilo que a gente recebe gratuitamente, ou, aquilo pelo que uma pessoa se torna *grata*, i. é., aceitável. Na Teologia (Teologia é instrução religiosa para adultos que sabem pensar, e querem pensar) Católica, essa palavra é empregada para significar um dom sobrenatural em ordem á vida eterna, concedido por Deus á creatura dotada de inteligência. *Dom*, i. é., realidade gratuita, concedida peça benevolência divina. *Sobrenatural*, i. é., supera a essência, as forças as exigências e o mérito de qualquer creatura. Em ordem á *vida eterna* i. é., o fim da graça é tornar-nos participantes da natureza divina; seremos semelhantes a Deus, o conheceremos e amaremos tal como Ele se conhece e ama a si próprio. Concedido por Deus, i. é., Deus é o autor principal, porque só Ele póde fazer que a vida dele seja participada por outrem, os sacramentos e os sacerdotes são causas secundarias. Á creatura intelectual, i. é., os anjos e os homens; as outras creaturas não podem receber a graça que é participação da vida de Deus intelectual. A próxima carta, Filíolo, transmitir-lhe-á um resumo doutrinário sobre a palavra: sobrenatural. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 01/02/1941, n° 771, página 01

Carta a Filíolo

Continuemos, Filíolo. Há duas espécies de sobrenatural: o relativo e o absoluto. O relativo, frequentemente chamado – preter-natural, supera as forças e as exigências de uma natureza; o absoluto supera todas as naturezas creadas. Exemplo do relativo: ciência infusa – que supera as forças e exigências da natureza humana, e, da angélica não. O absoluto assim se divide: absoluto *em si*, e, absoluto quanto á maneira pela qual é operado. O absoluto em si é substancialmente, é entitativamente, é intrinsecamente sobrenatural, a saber, é qualquer coisa de divino, é uma participação da divindade; o que não é divino pode convir naturalmente a alguma creatura perfeitíssima; há só três realidades absolutamente sobrenaturais, a união hipostática, a graça e a visão beatífica. O absoluto quanto á maneira pela qual se opera – é qualquer coisa de entitativamente natural, v.g., a ressurreição de um morto e os outros milagres; outro exemplo: uma virtude natural adquirida (temperança, etc..) pode ser orientada, ordenada á vida eterna, tornando-se sobrenatural quanto ao modo pelo qual se ordena. A próxima carta, Filíolo, será ainda a palavra: sobrenatural. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 08/02/1941, n° 772, página 01

Carta a Filíolo

Pelas explicações que lhe transmiti sobre a palavra *sobrenatural*, Filíolo poderá concluir acertadamente o seguinte: a ordem sobrenatural, na presente economia divina, se acrescenta á ordem natural; está acima do natural. Mas, é mister compreender bem essa conclusão. O sobrenatural se acrescenta ao natural e está acima dele, não á maneira de superposição ou qualidade numérica. Não. O sobrenatural é *entitativamente* diferente do natural. O natural, elevado a sua máxima perfeição, é sempre – natural; somado ou multiplicado indefinidamente

te, é sempre - sempre natural, disso não resultando a mínima parcela de sobrenatural. Somos gratuitamente elevados á ordem sobrenatural. Por nós próprios, não podemos nem se quer pronunciar o nome de Deus com merecimento sobrenatural. Nas cartas seguintes, Filíolo, continuaremos o assunto em questão: a *graça*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 15/02/1941, n° 773, página 01

Carta a Filíolo

Todas as maravilhas do mundo físico; todas os prodígios do mundo intelectual; todos os heroísmos do mundo moral não são susceptíveis de comparação com a *Graça*. A ciência não a pode sondar; a arte não a pode reproduzir; a poesia não pode expressar; a musica não a pode cantar. Tudo que ha de lírico no coração não e compatível a *Graça*. Ela eclipsa toda luz. Mostra o nada de todo heroísmo. Transcende todos os fenômenos do belo. Desafia todos os arrojos da bondade humana. Nas trevas do nosso exílio resplandece, *Participação* da natureza divina, nos horizontes da Fé. O espírito por ela esclarecido possui a ciência da todas as ciências: a ciência da *Vida*. Essas afirmações bem sei, fazem sorrir os corrompidos pelo materialismo brutal. Que importa? A forma da verdade é a afirmação. Que os falsos sábios se reconhecem e desiludam na fugacidade de suas negativas. S. Thomaz diz: o bem da *Graça* e um só homem é superior ao bem natural do mundo inteiro. S. Agostinho: a *Graça* não só excede a todos os bens da natureza, como excede aos próprios anjos. Nessa carta, Filíolo, faça-lhe o resumo de uma vigorosa conferencia que li e estudei. Assim, a meu modo, e mantenho sequencia ao que tenho escrito. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XV, 22/02/1941, n° 774, página 01

Carta a Filíolo

Um so grau da Graça vale mais que toda natureza elementar, humana e angélica. Não é isso imaginação ou fantasia dos teólogos. Não é quimera. Não. É uma realidade. Já lhe transmiti, Filíolo, definições escolásticas. Transmitir-lhe-ei agora comparações. Na natureza há esta lei universal: todos os seres inferiores são penetrados pelos seres superiores. Assim, um pedaço de metal submetido á ação do calor, dilata-se, disjunta-se, derrete-se. Amabas estas substancias –metal e calor – fundem-se ao mistério da liquefação. O metal não deixa de ser metal e o calor não deixa de ser calor; mas, suas substancias como que se identificam, recebendo a substancia inferior todas as propriedades da superior. O mesmo fazem a luz, o magnetismo a eletricidade etc... Nossa própria vida física não é sinão a penetração de nosso corpo pela nossa alma. Outra lei universal: todas as substancias inferiores são exaltadas, enebrecidas, como que honradas pelas substancias superiores, em que se transformam. Continuaremos, Filíolo, na próxima carta. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 01/03/1941, n° 775, página 01

Carta a Filíolo

Continuo, transmitindo. O mineral incorpora-se no vegetal, esse no animal e o animal no homem, cujo corpo exalta, enobrece todas as substancias inferiores, que ele resume em si. O mineral adquire todas as propriedades do vegetal; passam a ser vegetal, sem perder sua substancia, dignifica-se. O pó da terra transforma-se em flôr. O vegetal que dá esta honra ao mineral vai incorpora-se por sua vez ao animal, cuja vida é mais perfeita ainda, porque tem ação, movimento, sensibilidade e, por isso, mais valor. Acima do animal há ainda vida mais nobre: no homem dando-lhe inteligência, razão e consciência. O homem reunindo o pó da terra, o vegetal e o animal, dá a todos esses seres uma vida capaz de glorificar concientemente o Creador. Si o mineral é honrado como a vida da planta; si o animal com a vida do homem; si o corpo do homem reúne todas as vidas inferiores, a vida

do homem não terá também sua exaltação? Não haverá também para o homem uma vida superior? Continuaremos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+*Ano XVI, 08/03/1941, n° 776, página 01*

Carta a Filíolo

Continuando. O homem é honrado, é dignificado, é divinizado, pela vida da *Graça*. Deus a todos os seres dá uma existência natural. Ao homem, além da vida natural, dá sua própria *Vida*. Essa comunicação, essa tradição da *vida divina* do homem, ser finito, é a *Graça*. A *Graça* não é a vida própria e natural do homem, não. É um *dom gratuito*. O homem é homem, não é Deus, e sua vida natural é necessariamente inferior a vida divina, cuja comunicação é uma *dadiva extra-ordinária*. O finito fica sempre finito; Deus fica sempre Deus, mas a criatura vive em Deus pela *Graça*. Deus e o homem ficam em relação *intima, entitativa, substancial*. Deus *reside e opera* no homem por uma penetração real de suas substancia. O homem torna-se *participante da natureza divina*. Volte, Filíolo, às últimas cartas e as explicações ficarão mais claras ainda. Continuaremos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+*Ano XVI, 15/03/1941, n° 777, página 01*

Carta a Filíolo

Continuando. A natureza pode alguma coisa, mas, não pode tudo. A natureza nos serve muito, mas, não nos serve plenamente. Pela *Graça* nos trasladamos a um plano, a um nível superior. De um pai de Família, p. ex., seu amor a esposa e aos filhos traslada-se ao nível de quem em tudo procura a Deus. De um político seu querer a dignificação dos povos se marca pelo ideal de justiça, pelo ideal de Deus. Todos os trabalhos, fadigas, cansaços se trasladam a qualidade divina da obra redentora de Cristo Jesus.

Trasladam-se numa participação vital. Um humilde varredor de ruas, um lixeiro, um mendigo, possuindo uma partícula da *Graça* deifica-se; em tudo procura Deus. Em todas as situações vê com justeza a circunstancia divina que a tudo preside. Com circunspeção, aprecia o porque eterno de tudo que existe. Tudo “in ordine Dei”. Tudo “sub specie deitatis”. Tudo “sub specie aeternitatis”. Continuaremos, Filíolo. Conversaremos sobre a diferença entre Graça habitual e Graça atual. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 22/03/1941, n° 778, página 01

Carta a Filíolo

Graça habitual-Graça atual. A primeira é uma *qualidade* sobrenatural, permanente e intrinsecamente inerente á alma, pela qual nos tornamos *participantes* na natureza divina e mediatamente aptos para a visão beatifica. A segunda é um *auxilio* sobrenatural transitório, pelo qual Deus ilumina nossa inteligência e movimenta nossa vontade em ordem á ação. A primeira é um *habito*, é um *estado* de alma, a segunda é u’a *moção* ou ato; a primeira é *permanente*, a segunda *transitória*; a primeira inere á *substancia* da alma, a segunda afeta somente as faculdades. Um exemplo. Como todos, claudica e é grotesco. A um aleijado restitue-se um estado perfeito de todo organismo; quem faz isto dá-lhe também auxilio para que se mantenha e viva e trabalhe e opere e aja nesse novo estado. Eis aí longinquamente exemplificadas as duas espécies de *Graça*. A *Graça* excede a tudo, absolutamente tudo, inclusive a missão histórica de Cristo Jesus. Continuaremos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 29/03/1941, n° 779, página 01

Carta a Filíolo

Não posso manter hoje a continuação prometida. Fá-lo-ei na próxima vez. Por descuido, deixei de estudar o assunto sobre que vi-

nha conversando. Penitencio-me. Voltarei ao estudo. Porque não estudei fico á margem, respeitando religiosamente a seriedade da matéria. Escrever por escrever não adianta. Nada de sério poder-se-ia escrever sobre qualquer coisa sem preparação necessária. Em tudo deve dominar-mos o respeito á realidade. Ou estuda-la e aprecia-la tal qual é, ou ficar calado á espera de quem o faça dignamente. Ainda estudando num enorme esforço pessoal, é nos necessário aproveitar os esforços dos outros que auxiliam num aumento de luz e penetração. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 05/04/1941, n° 780, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Adquirir e manter a *Graça* é obra maior do que todos os milagres de Jesus. Porque?! os milagres de Jesus se ordenam a bens finitos: saúde corporal, nova vida da carne, etc. Adquirir e manter a *Graça* é adquirir e manter a vida eterna. A *Graça*, participação da natureza divina, é realidade superior a todos os milagres de Jesus; excede essencialmente á missão histórica de Cristo Jesus. Aquele que crer em mim fará as obras que eu faço e *maiores ainda* (Joan. XIV-12). Interpretes autorizados nos ensinam que isto se refere ás obras com que a gente se dispõe a receber e guardar a *Graça*. As duas magnas, supremas operações do Eterno no tempo: a Encarnação e a Eucaristia, nos valem enquanto aquela nos merece e essa nos aplica a *Graça*; em contrario de nada valeriam. Consumada, como está, a Encarnação, ainda assim nos podemos perder; a *vida eterna* depende absolutamente disto: morrer na *Graça*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 12/04/1941, n° 781, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. A *Graça* excede ontologicamente á criação de

todo o universo. A criação dos céus e da terra termina no bem finito da natureza mutável; a *Graça* termina no bem eterno da participação divina (cf. S. Thomaz). Tornando-me justo pela *Graça*, coopero em obra maior e melhor do que Deus fez criando-me (cf. S. Agostinho). A criação do universo é coisa finita; a *Graça* é participação da natureza divina que é finita e eterna, é a própria *vida divina* em nós. Possuindo a *Graça*, um humilde e desconhecido lixeiro, *vivendo* em estado de *Graça*, faz muito e muito mais do que qualquer magnate injusto. Goste dessa doutrina verdadeira, Filíolo; aceite *vitalmente* as consequências reais que defluem dela. Conversa por conversa não adianta nada, é semelhante a comprar sem pagar. Uma doutrina se estuda e aceita para ser *vívida*; em contrario, seria conversa fiada. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 19/04/1941, n° 782, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Uma doutrina se aceita e estuda para ser *vívida*. E o Cristianismo, a única doutrina que se ocupa de nossos problemas *vitaes*, resolvendo-os de um modo eterno, é antes de tudo – *Vida*. “*Vita est magis quam disputatio*”. E’ *Vida* antes de ser um corpo de dogmas e de mandamentos. Os próprios dogmas e mandamentos se organizam em ordem á *Vida*. O cristianismo é um fato, é uma *realidade vital*. E a seiva dessa realidade é a *Graça*. A *Graça* nos é merecida pela Redenção. A Redenção se operou pela Encarnação do Verbo. Essa Encarnação envolve a dois: a *Graça* de Deus e o *esforço* do homem. Deus concedendo-nos a *Graça*, dá-nos o *que fazer*. A *Graça* não é uma redenção feita e pregada em nós. A *Graça* é semente de Redenção. *Semente* que nos é oferecida e germina – cresce – frutifica em nós mediante nossa cooperação. A *Graça* não é Redenção. E’ o começo da redenção de cada um de nós; é o começo da Redenção se atualizando em nós. E’ um principio novo de *ser*, de poder e de *atividade*. A *Graça* não é a santidade; é o principio da santificação. A *Graça* deve desen-

volve-se progressivamente na nossa vida. Vida é ação. E a *Graça* é realidade em ordem á ação. Com essas considerações é que devemos compreender: *ação de graças* que deve fazer depois da missa, i. é., de u'a Missa até outra. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 26/04/1941, n° 783, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Temos um capital divino; estamos numa constante possibilidade de riqueza, de prazer, de honra e de gloria. Ei-lo, o capital divino: fomos creados á imagem de Deus; somos remidos por Cristo Jesus Homem-Deus; somos herdeiros da eternidade beatifica. Devemos fazer da riqueza nossa ambição, mas, sob essa dependência que o bom senso não póde recusar: a riqueza há de ser verdadeira, *real*, e não *aparente*. Tudo que o mundo chama de riqueza é um simples valor de convenção, completamente vasio de realidade intrinseca e eterna. Um milionário, lambusado de ouro e prata, não poderia jamais fazer que sua alma se tornasse de outro e prata. O *bom senso cristão*, parafusando nessas e equivalentes considerações enxerga o casquilho esterco daquilo que o mundo chama - riqueza; enxerga numa comparação medular, a realidade intrínseca da *Graça*: participação da natureza divina. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 03/05/1941, n° 784, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Considere-mos, Filíolo, a *Graça* na sua função educativa – vital. Função vital, porque? Porque a *Graça* nos prepara para a visão beatifica, nos traslada ao plano de mediatamente aptos para a visão beatifica. E a visão beatifica é um estado de *vida* plenamente saciada. Função educativa, porque? Porque a *Graça* penetra *intimamente* nossas faculdades naturais, aperfeiçoando-as, tornando

-as capazes de operar sobrenaturalmente. Mais. A *Graça movimenta* nossas faculdades para operarem atos sobrenaturais e meritórios, Verdadeiramente, desde este mundo, estamos, sob esta *educação*, numa *real* possibilidade de prazer. Possibilidade fecunda mediante nossa *cooperação*. De prazer, não do prazer que nasce e morre nos sentidos, igualando-nos aos outros animais. Do prazer que vigora o espírito. Que sujeita a carne ao espírito. Do prazer da *Graça*, da *Graça* que é semente de *Gloria*. Da *Graça* que prepara também o corpo aos prazeres de impassibilidade, da subtileza, da agilidade e da claridade. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 10/05/1941, n° 785, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Olhemos, com sensatez, tudo que o mundo chama – *honra* -. Olhemos, a olho nú, as nefandas simulações, as inconstantes fantasias que correm terra. Quantas, verdadeiras honras, ocultas, desconhecidas ou vilipendiadas. Quantas honras, das muitas de salão chique, proclamadas á maneira de verdadeiras! Não é raro o sujo passar por limpo e o justo ser desprezado! Por entre essa absurda confusão de honras, devemos passar, Filíolo, a passo firme e com imperturbável *bom senso*. A passo firme e de guerra. Guerra para abaixar as poeiras levantadas e alevantar as grandezas humilhadas. Uma conspiração sadia, a favor do cultivo do bom senso, faria um bem enorme. Cultivo do bom senso que nos leva a apreciar o *justo valor* das pessoas, dos fatos e das cousas. *Bom senso cristão* que, a modo de instinto, nos mostra logo-logo a diferença eterna entre as honras do mundo e as horas da *Graça*. *Graça*: participação da natureza divina. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 17/05/1941, n° 786, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Que é tudo que o mundo considera como *gloria*?! A uma razão esclarecida, ao *bom senso* sob espírito de Deus, que parecem as cousas que para o mundo são *glorias*?! O conjunto de todas as glórias mundo é nada, acareado á gloria da *Graça*. Pela *Graça*, Filíolo, ficamos possuindo aquilo que Deus possui por natureza. Ficamos com as propriedades de Deus, si bem que em substancia não fiquemos – deus. Ao grande ou pequeno, ao rico ou pobre, ao letrado ou não, a *Graça* faz participante da natureza divina. Estamos grangrenados por superstições, pieguices, disfarçados materialismos, elegantes indiferenças, por isto não avaliamos a *Graça* em seu justo preço. Como nas estrelas que são imensas grandezas vemos apenas gotas de luz, assim da *Graça* temos uma idéa muito longe e amortecida. Com relação ás estrelas, o engano dos sentidos corrige-se pela razão científica. Que a *fé*, nossa razão religiosa, nosso *bom senso*, vigorem nossa idéa, nosso conceito da *Graça*. Louvado Seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 24/05/1941, n° 787, página 01

Carta a Filíolo

Dediquei-lhe, Filíolo, uma serie de cartas sobre a *Graça*: seiva comunicante, sangue comunitário da Família Cristã. Dedicar-lhe-ei, ate quando e quanto Deus *Nosso Senhor*, permitir, uma serie sobre a *Igreja*: operação, organização divina, dentro da qual e sob a qual, se plenificam todos os verdadeiros valores. De passagem, deixo-lhe a meu modo uma reflexão medular acêrca da *simplicidade cristã*. Em Deus, simplicidade, é negativa de composição ou divisibilidade. Em nós, simplicidade é a imitação moral desse atributo divino. É simples quem, no pensar, no falar, no agir, *sistematicamente* se afasta de qualquer composição ou divisibilidade que faça periclitlar ou enfraqueça a ordem eterna em eu fomos criados: conhecer - amar - servir a Deus. Por ex: é *simples* quem, no meio de pomposas solenidades, acaricia *religiosamente* a um pobre coitado que dele se aproxima em nome do

Senhor: assim, as pompas, e tudo mais, não impedem ao *simples* sua constante e *solicita* conservação na ordem eterna: conhecer – amar - servir a Deus. Poderia das muitos outros exemplos, não faço para não aumentar o costumário tamanho de minhas cartas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+*Ano XVI, 31/05/1941, n° 788, página 01*

Carta a Filíolo

Na Igreja, operação eterna, organização divina, atuando no tempo de agóra, há uma realidade realmente inspirada pelo Santo Espírito; a *Ação Católica*. *Ação Católica* que é á maneira de *católica* “Ordem Religiosa” dos leigos: é á maneira de atual “estado de perfeição” para os leigos. *Ação Católica* - norma de *vida cristã atual*, de ação, para todos os leigos, clero e para toda a Igreja. Deus, Espírito Santo, permitindo, transmitir-lhe-ei, Filíolo, estudos de *Ação Católica*. Saiba que essa atual *forma* de *apostolado* dos leigos está vivendo seus mistérios dolorosos; está nos caminhos do Gethsemani ao Golgotha. Com muito espírito de Fé, com humildade constante e esperança muita, trilhemos as veredas que a Providencia Divina nos dá. Si nos cabe a participada função do Calvario, si aos vindouros é reservada a ressurreição; que importa? Não é *certo* o triunfo final, completo, e de, que *todos* participarão? Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+*Ano XVI, 07/06/1941, n° 789, página 01*

Carta a Filíolo

Continuando. A *Ação Católica*, Filíolo, é necessária, é insubstituível. Essa afirmação não é minha; você a encontra abundantemente nos documentos pontifícios. Desde as atas do Concilio Vaticano até Pio XII, glorioso reinante, encontramos insistências muitas acêrca do *apostolado* dos leigos. E’ tal a insistência que sensatos e criteriosos

mestres consideram esse *apostolado* como um *preceito da igreja*. Poderia citar-lhe um rôr de textos, cada qual mais expressivo; textos e documentos inteiros, muitos - muitos; estão aqui na mesinha de onde lhe escrevo: não falo para não aumentar o costumário tamanho de minhas cartas. As palavras dos Sumos Pontífices têm valor: significam aquilo que elas querem significar, independentemente de serem mal ou bem recebidas. Disso segue que nenhum *católico*, sacerdote ou leigo, está isento da obrigação de trabalhar na A.C.. A.C.B. segundo os Estatutos Gerais, promulgados solenemente a 9-VI-1937, pelo nosso venerando Episcopado Nacional. Em rigor teológico, não há *obrigação*, e sim – *conselho urgente*. Mas, o Sumo Pontífice pode ser um conselho urgente fazer um *preceito eclesiástico*, obrigando a toda a igreja. Não duvido que, com o andar dos fatos, esse preceito se faça explícito nos mandamentos da Igreja. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 14/06/1941, n° 790, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. A *definição* da A.C. foi dada, Filíolo, por Pio XI: “Participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja”. No-la deu: “refletida, muito deliberadamente, pode-se mesmo dizer: *não sem divina inspiração* (Pio XI, a 19-III-27). Os mestres, e nós com estudo e ponderação, vemos claro o valôr teológico e valor filosófico e valor canônico dessa memorável e memoranda definição. Si você, Filíolo, pedisse-me receita acética que muitos facilitasse a compreensão da A.C. dar-lhe ia candidamente a de que eu próprio me esforço para usar: “Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt” (Mat. V-8). Verdadeiramente, Filíolo, a natureza da A.C. acrescenta paginas na dogmática e nos cânones católicos. A A.C. não pode ser estudada e compreendida por uma estrutura mental formada a dez anos e sem nenhuma evolução. Refiro-me ás lídimas evoluções que constituem uma das verdadeiras leis vitais. A A.C. em seu constitutivo *formal*:

participação no *mandado apostólico*, é uma *novidade* na terra da teologia e do direito canônico. Reclama muito estudo e nenhum “partpris”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 21/06/1941, n° 791, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Estejamos, Filíolo, de passagem no dogma, na moral, na “liturgia”, no direito canônico; estejamos de passagem á busca de *vida*, e compreenderemos a *A.C.*. Saibamos que o Cristianismo é antes e acima de tudo: “fonte de *vida*, profunda, pessoal, comunitária”. “*Vita est magis quam disputatio*”. Si o apostolado leigo recebe do Sumo Pontífice nova *formalidade*; quero dizer: si é participação no mandato á vida mais profunda, mais pessoal, mais comunitária, porque combate-lo? Combate-lo seria equivalente a: desejar que a Igreja não exista ou seja apenas um amontoado de praxes.

“Quem diz *Ação Católica* diz *vida* católica, e *vida* católica não é outra cousa sinão a Igreja Católica. E quem combate a *A.C.* ataca a própria Igreja”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 28/06/1941, n° 792, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. A gente ouve, Filíolo, de nosso Bispo que a organização dos quatro ramos da *A.C.* em todas as paróquias é uma necessidade imperiosa. Isso a gente ouve frequentemente. E essa é a única voz autorizada. É a única bandeira. É o comando único a que nos é valido e licito submeter. Tudo mais, Filíolo, que você ouça e veja acerca de doutrina e pratica e da *A.C.* não é autentico, não leva a marca de Cristo Jesus. O embrulho de preconceitos e pretextos que você houve e vê contra a *A.C.*, em parte eu os atribuo a isso: a *A.C.* é uma *reali-*

dade vital em face à *fita de fitas*. Fita de fitas: índice de dispersão. Fita de fitas: horrenda negativa da *comunidade cristã*. Fita de fitas: ridículo estacionamento de grupos e grupinhos, pretendendo cada um manter “seu espírito”. Ilusão tremenda! Ridículo vergonhoso! Quando surgir um pulso férreo às ordens do Espírito... .. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia

+Ano XVI, 05/07/1941, n° 793, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Conversa para conversa, conversa depois de conversa, não adianta nada. Conversa em ordem a *ação*, isto sim é que vale a pena a gente entabular. Tanto a favor como contra a *A.C.*, vêm-se muitas *deslocações*. Si todos nós, Filíolo, guardássemos lugar, ordem, no: pensar – dizer - agir, -um rôr de dificuldades ficariam radicalmente obviadas. Parolar não paga a pena. Precisamos muito é de *bom senso*. Bom senso; inteligência no discernir o *justo valôr* das pessoas e das cousas. Bom senso: base da verdadeira *cultura*.

Cultura que é *vida*. Vida que é santidade. Santidade: única – completa – autêntica – fisionomia do cristianismo existindo em nós. Tudo mais são perfis. É assim, Filíolo, que á carência do bom senso segue-se a carência de santos. Não acalentemos esta ilusão: ser batizado, confirmado e receber os outros sacramentos é ter o céu ganho. Os sacramentos são *meios*, meios que exigem nossa cooperação, individual, voluntária, íntima, pessoal constante. Nossa redenção não é causa feita e pregada aos nossos ombros, não. Nossa redenção é *realidade* que exige (assim está atualmente a economia divina) nosso esforço. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 12/07/1941, n° 794, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Usamos, hoje, com maior abundancia Filíolo,

das expressões: Comunidade cristã, Corpo místico. Comunhão dos santos. Significam realidades imensas, *eternas*. Mas, realidades de que nos beneficiamos somente por nossa *cooperação individual*. Cada um de nos se integra na Comunhão dos santos, mediante *trabalho pessoal*. A comunidade cristã é perfeita, o Corpo místico é total, a Comunhão dos santos é plenamente eficaz, - quando *cada* cristão *realiza* em si as afirmações do cristianismo. E isso exige nossa contribuição, nosso esforço. Esse esforço é a *virtude* de cada um. E a virtude é a função individual. Não é a comunidade ou sociedade quem pratica a virtude. A virtude é praticada por todos, cada um em particular e segundo a vocação recebida. E a Comunidade, assim *realizada*, se diz então perfeita, e a Corpo místico total, e a Comunhão dos santos plenamente eficaz. Cristianismo não é prebenda, não: é *vida*, e vida plenificada e cheia em proporção ao suor de nosso rosto e á força de nossos braços. A ortodoxia desse modo de falar fica garantida pela acareação dele á parábola dos talentos e muitas outras passagens evangélicas. É isso que a Santa Mãe Igreja ensina em seus dogmas e praticas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 19/07/1941, n° 795, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Meios são *meios*. Há os bons e os melhores. O resultado, o fim a alcançar, depende do meio empregado e do empregador. O meio é corpo, o empregador é alma. A praxe litúrgica (“piedade de litúrgica”) é o melhor meio; as praxes extra-litúrgicas ou alitúrgicas são boas, aprovadas, abençoadas, incentivadas, indulgenciadas pela Igreja. Pode acontecer isto: nenhuma piedade num portador de missal, e, profunda piedade litúrgica num pobre coitadinho que nem rezar sabe, nem Padre Nosso nem Ave Maria. Não sabe formula alguma, mas, pelas suas disposições pertence ao Corpo místico, pertence ao corpo e á alma da Igreja. Pelas suas disposições é um *cristão* em santa rusticidade diante do *Pai*. Para ele que não se educou em outro

meio, ajoelhar-se, colocar as mãos postas e balbuciar sílabas truncadas e confusas - é liturgia. Não disciplinarmente oficial. Porque o pobre coitadinho realiza o ofício religioso de se voltar publicamente para Deus. E esse é o fim a ser por todos alcançado. Houve, há, haverá *meios*: Deus não se amarra e os homens não são amarrados a *um* meio; e isso independe de menor ou maior cultura. “De modo algum se pode opôr uma á outra, a vida esp. individual como todo seu particularismo e a vida litúrgica com seu caráter essencial de universalismo. Não se pode dizer: isso ou aquilo, mas, isso e aquilo. Estas duas espiritualidades devem coexistir em *viva* colaboração. Nada seria mais falso que pretender impôr a vida esp. de cada um o quadro exclusivo da liturgia”. Que bom senso! Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 26/07/1941, nº 796, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. É conhecida a declaração de Pio XI: sem a ação católica, a não ser por um milagre a que Deus não está obrigado, não se poderá salvar a sociedade moderna. Recentemente, uma voz episcopal conclui com edificante convicção: Deus fez o milagre... fez a Ação Católica. Isso foi proclamado ao depois de uma “experiência *vívda* num longo e feliz paróquiato”. Não há nessa convicção acêrca da excelência, possibilidade e necessidade da A.C. uma teoria a ser problemáticamente experimentada. Há uma experiência *vívda* com fome e sêde. A A.C. pode e deve ser estudada sob todos os prismas. O mais importante, o *miôlo* é a função *vital*. A A.C. é a *vida católica, vívda* e difundida pelos leigos. E si á vida quiséssemos opôr cânones, lembrar-nos-íamos, Filíolo, que a legislação eclesiástica não é uma encaenamento estático. Ao contrario, é uma disciplina de sabia evolução em favor da *vida*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

+Ano XVI, 02/08/1941, n° 797, página 01

Carta a Filiolo

Continuando. Que visão consoladora, Filiolo! Com o normal andar dos fatos e cousas, a A.C. vai se estendendo e arraigando. Nesta séde episcopal, como a gente sabe pelo *mandamento* baixado pelo Sr. Bispo a 29-III do corrente, a A.C. *existe e caminha* regulamentarmente. Nesse admirável mandamento. Sr. Bispo fala assim: “temos constatado pessoalmente(!) os edificantes esforços e profícuos exercícios de formação, realizados nesta Nossa séde episcopal. Tudo *em ordem* aos verdadeiros *fins*, propostos e *vitalmente* desejados, (...). Queremos que todos secundem *as energias existentes*”. Como está claro nesse mandamento, não se trata de organizar ou reorganizar os trabalhos de A.C. já *existentes*. Trata-se de *estender* o que já existe sob a aprovação, louvor e benção de S. Excia. Pensar outra cousa e pretender outra cousa seria descoroçoado espalhar cizânias. Si houve defeitos: com aguas passadas não moem moinhos. Si há defeitos, o que seria ousadia afirmar depois de tal mandamento, sejamos *construtores*, Filíolo. Não apaguemos a mécha que tremúla, tímida, á espera de mais Caminho, mais Verdade, mais Vida. Haja paternidade. Haja pastoreio de almas. Não sejam casos, (si é que existem) particulares e isolados, atribuidos ao todo. Não sejam picuinhas exalçadas e exprobradas como se fossem crimes. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

Ano XVI, 09/08/1941, n° 798, página 01

Carta a Filiolo

Continuando. Que realidade consoladora, Filiolo! Nesta cidade todos os sarcerdotes estão desejosos de estender a mão aos movimentos de Ação Católica já iniciados. Também outra cousa não se esperava dos dignos ministros que Deus, Nosso Senhor, coloca como nossos pastores.

Pastores, guias, amigos, confidentes seguros no jornadeio para

o céu. Sejamos agradecidos, Filíolo. Agradecidos, afetiva e efetivamente. Amor com amor se paga. E a prova real do amor é o trabalho. Estejamos, humildes, aos pés de nossos pastores. Humildes e atentos ao comando da Santa Igreja que pensa, fala e age pelos seus sacerdotes. E no pensamento, fala e ação da Santa Igreja, destaca-se hoje, com urgente clareza, a Ação Católica. Não sejamos empecilhos, Filíolo, aos nossos mestres. Sejamos humildes, dóceis aos seus ensinamentos e praticas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

Ano XVI, 16/08/1941, n° 799, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Não se assunte, Filíolo, si em tais lábios a Ação Católica não aparece como devia aparecer. É que a língua fala conforme o que vai pelo coração. E, não se iluda, *vida católica* (miúdo da A.C.) não existe por toda a parte onde devia existir *exemplarmente*. Porque A.C. é *vida*; porque o exercício da A.C. requer que a gente estude profundamente a *vida* da Igreja e na Igreja; porque esse estudo nos mostra a *vida* da Igreja e, conseqüentemente, a *vegetação* dos que vegetam na Igreja, por isto é que por muitos não somos “*compreendidos*”. Não somos compreendidos porque não encontramos as *realidades* que o Evangelho propõe. Não somos compreendidos porque há muita fantasia em substituição ao realismo evangélico. Não somos compreendidos porque há muita mecânica engenhosamente maquinada em substituição á *vida*. É doloroso mesmo, Filíolo, constatar uns tantos procedimentos não ensinados pela Santa Igreja, mas, encontrados na vida de muitos que também constituem a Igreja. É doloroso mesmo, muito, tremendamente doloroso. Para não lhe parecer pessimista, Filíolo, reparto com você este pensamento: quanto mais na terra da vida me é dado conhecer os *homens* – mais me defino e afervoro no amor a Cristo Jesus. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

Ano XVI, 23/08/1941, n° 800, página 04

Carta a Filíolo

Continuando. Louvado seja Deus, sou dos que ouvem, compreendem e querem *cooperar* na *realização* das ordens do Sumo Pontífice. A inexistência da *Ação Católica* implicaria a negação do que Roma ordena. Implicaria a existência de uma Igreja farta em Associações sem espinha dorsal. Implicaria a existência de uma Igreja: possante maquina destemperada. Implicaria a existência de: energias muitas, motores muitos e muitos *mentores* a serviço de horrenda *desorganização*. Reflita seriamente no que é a A.C., Filíolo, e veja a gravidade dessas afirmações. A.C. é *realidade absolutamente* desejável e *insubstituível*. Não há meios termos. Ou A.C., tal como idealizam e querem os Sumos Pontífices, ou esse rô de dispersão que a gente vê por esse mundo de meu Deus. Ou A.C., ou tapeação. Tapeações que não resolveram e não resolverão caso algum. Ao contrario, criaram, criam e criarão indesejáveis, repugnantes situações. Afirme ou negue isso que escrevo, Filíolo. Afirme ou negue como animal racional, e não como animal só, porque então o abandonaria aos cuidados de um bom domador. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

Ano XVI, 30/08/1941, n° 801, página 01

Carta a Filíolo

Continaundo. Precisamos, Filíolo, cultivar também o conceito medular de Igreja. De mistura com lucubrações canonísticas, consideremos a Igreja enquanto *mãe* que possui e transmite *vida*. Na Igreja, Filíolo, somos, antes de tudo, *vivos*. Vitalizados pela graça devemos agir. Agir de acordo com as normas sabiamente estabelecidas. Normas que *supõem* vida e protegem a *manutenção* da vida. Veja, consideremos bem isto: os cânones não *contêm* nem *transmitem* vida, protegem a vida, já *recebida*. Alguém poderia cumprir á risca todos os câ-

nonas, e ser um refinado tapeador, de vida muito pequena, quasi zero. Sempre, Filíolo, que estamos olhando cascas e mexendo com elas, lembremos-nos de que as cascas valem tanto quanto miolo possuem. Não é rara a existência de cascas chôchas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 06/09/1941, nº 802, página 01

Carta a Filíolo

5/IX/1941. É possível, Filíolo, que digam a meu respeito: “que tipo formidável”. Ironicamente ou não, Deus o sabe. Maldosamente ou não. Deus o sabe. A verdade é clara a quem olha com lhaneza. Pe. Rui é um pobre coitado que de quando em quando fazem de bobo e suporta misteriosamente. Fisicamente sem representação. Financeiramente vive lambendo embira. Moralmente é um trabalhador que não tem muitos trabalhos, mas, é pequeno e não realiza como devia os trabalhos que lhe dão. No ás vezes irrisório mundo diplomático e canônico é um vago, não tem provisão alguma, recebe ordens orais, todas em caráter interino. Possível que por diversos seja, a um só tempo, tratado como: irracional, homem, anjo. A quem respeita nem sempre sabe dizer o que é e que faz ou para que presta. Exercer não exerce, nem poderia faze-lo, influencia alguma sobre este ou aquele, nisto ou naquilo. Vive a vida sacerdotal, com sinceridade, é certo, mas, não é nada fóra do comum. É um arrependido e penitente que já deu muitas cabeçadas, e dará ainda si o auxilio divino não empurra-lo. Não se fantasia de grande, e com a graça de Deus, não o fará jamais nem poderia faze-lo. Essa a verdade clara a todos que olham com lhaneza. A todos que olham o próximo, as cousas, os fatos e contingencias muitas á luz da eternidade, “in ordine Dei”. Não se assuste; não estou á espera do tapeador “não apoiado”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 13/09/1941, n° 803, página 01

Carta a Filíolo

12/IX/941. Continuando a carta de 5 do corrente. Pede sempre a graça de manter-se sacerdotalmente desapegado de tudo. Não lhe é difícil o desapego da riqueza, de honras, da gloria e da fama, Mas, o desapego de amizades puras e cristãs é-lhe muito difícil. Propõe-se o trato de “sine patre, sine matre, sine genealogia”. Seu Pai é Deus. Sua Família é a Igreja *Católica*. Sua casa é a terra. Seu fim é o céu, ardentemente desejado. Mas, é-lhe difícil manter-se nessa altura. Será culpado por ter recebido de Deus um temperamento terno e delicado? Ternura e delicadeza que a brutalidade e verdura alheias não conseguem destruir. Com solicitude se esforça por nada fazer para ‘agradar’ a esse ou àquele. Igualmente para não “desagradar” a quem quer que seja. De erros e defeitos não se publica inocente; entretanto fica salvo pela pureza de intenção, pela sinceridade com que tempera seu viver cotidiano, humanizado sacramentalmente. Fecho, Filíolo, o parêntesis aberto por essas duas ultimas cartas. Continuarei no assunto de que vinha falando. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 20/09/1941, n° 804, página 01

Carta a Filíolo

Continuando a ante penúltima carta. É verdade, Filíolo, a A.C. é eminentemente paroquial. Eminentemente, quer dizer, a *ação* da A.C. desenvolver-se na paróquia sem diminuição do pároco, ao contrario, levando ao longe a ação do pároco. O pároco age e sua ação tal qual é atualizada em toda paróquia. Mas, antes disso a A.C. é eminentemente diocesana, e antes ainda é eminentemente pontificia. E assim numa ordem ontológica. Por isso a organização da A.C. só pode ser esta: pontificia / diocesana / paroquial. Por ex: a paroquialidade da A.C. da diocese de J. de Fôra será necessária, única e absolutamente a extensão

dos quatro ramos diocesanos já organizados na séde episcopal. E não haja ilusão. Estamos na fase diocesana que durará tanto quanto durarem dificuldades e perigos. Fase diocesana que será abreviada quando e onde encontrar preparatório movimento paroquial ascendente, havendo então consolador enlace de aspirações ligadas pelo mesmo espirito. E para isso requerem-se: boa vontade, compreensão, alcance e cultivo do espirito da A.C.. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 27/09/1941, n° 805, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Precisamos, Filíolo, em tudo entender, falar, e agir com circunspeção em bom senso. Os acistas compreendem e querem viver realmente a “vida litúrgica”. Entretanto, fazer compromisso de A.C. não significa fazer compromisso de pregar “vida” litúrgica. Que acistas preguem, por palavras e fatos, a ‘vida’ litúrgica, está bem; que eles ponham á altura de quantos puderem o *meio* principal de cultivar a *mesma vida* que todos possuem. Deixemos que o bem se espalhe ... bonum diffusivum. Mas, não identifiquemos isso com a A.C... Isso deflue da estrutura íntima da A.C.. Isso é um efeito ao lado de muitos outros, p, ex.: a pregação, por palavras e fatos, da beneficência em conjunto, em comunidade; as muitas interferências em todas as atividades sociais em ordem a cristianiza-las, etc.. Em ultima análise teológica, A.C. é o leigo compreendendo e vivendo e atualizando ate as ultimas sequencias a comunitária participação da natureza divina. Os cristãos têm um sangue comunicante. Uma seiva em *unidade*: a *graça*. E essa é a constituição íntima, ontológica, da A.C.. O mandato apostólico, hoje *germinado* para os leigos, já é sequencia canônica da vida divina comunicada e participada e comunitária. Já lhe transmiti em outra carta esta elucidação: em nossos dias, o apostolado leigo recebe do Sumo Pontífice nova formalidade, tornando-se *participação* no mandato apostólico – em ordem á *vida* mais profunda, mais pesso-

al, mais comunitária e missionalmente ativa. Na A.C. o *mandato* está para a graça assim como a crisma está para o batismo. Louvado senha Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 04/10/1941, n° 806, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. A A.C., em ultima análise teológica, é o leigo compreendendo, vivendo e atualizando ate as ultimas sequencias: a comunitária participação da natureza divina. Que rôr de consequências *vitais* defluem desse *estado*! Essa constituição íntima existe desde o começo da Redenção. E agora com a *germinação*, para os leigos, do *mandato* apostólico, a A.C. com organismo social é a *católica ordem religiosa* dos leigos. É para os leigos o *estado de perfeição*. Com o curso normal das realidades vitais que existem e progridem independentemente de peias acidentais, encontraremos para a A.C. composições novas. Uma tese em Dogma. Um principio em Moral. Uma regimento em Pastoral. Canones na legislação eclesiástica. Um exercício, um caminho, uma estrada, uma via, uma espiritualidade marcada e inconfundível em Acética e Mística. A A.C. é germinação e desabrochamento que não pedem espaço vital, mas, impõem um espaço vital previsto e ordenado nos planos eternos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 11/10/1941, n° 807, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. A A.C. impõe um espaço vital, *católico*, universal. Será o estado comum de todos os cristãos. Si houve defeitos no modo de agir desse ou daquele acista; si há defeitos mesmo na mentalidade de um ou outro, não identifiquemos isso com a A.C. Isso não corre por conta da A.C, assim como os defeitos de tal ou qual clérigo não correm por conta da hierarquia. Não sou terrorista, não desejo a

morte de ninguém, Filíolo, mas, convenho em que A.C, lucra com a morte de muitos que são substituídos cronológica e localmente bem. Assim falo por objetividade, apesar de estonteante para nosso subjetivismo sentimentalista e egoísta. Somos criaturas, *instrumentos*. Eu próprio, Filíolo, quando por desventura me vejo culpadamente indigno de exercer esse ou aquele mistér, encomendo-me a Deus numa entrega de vida. Entrega essa que, na terra, é a ultima criação da força divina do Amor. Antes de me ordenar rezava assim: meu Deus, antes morrer que prevaricar na ordem sacerdotal seja feita a vossa vontade. Si isso nos planos eternos entra como elemento de ordem, porque evitar essa linguagem? Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 18/10/1941, n° 808, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Com o desabrochar de vida que a A.C. contem em inexaurível potencialidade, encontraremos composição novas. Uma tese em Dogma. Um principio em Moral. Um regimento em Pastoral. Um exercício, um caminho, uma estrada, uma espiritualidade marcada e inconfundível em Acética e Mística. Não alimentemos, Filíolo, a ilusão de que a A.C. é ação e nada mais. È ação que se mantém conveniente na medida em que for estudada, e posta em harmonia, em ordem com o ser que ela supõe. Ação que deflue de uma estrutura íntima tanto mais rendosa quanto compreendida, e guardada pela inteligência e vontade bem esclarecida e bem formada. Sem isso, clero e leigos correm o risco de agitações em lugar de ação. Sem isso, as razões íntimas, o espirito da disciplina da A. C. não seriam alcançados, - seriam frequentemente postergados em tremenda desorganização. Ah! Filíolo, a A.C. merece estudos. Estudos que em nós e para nós são a lídima garantia da mesma A.C.. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 25/10/1941, n° 809, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. A A.C. não reclama apologéticas, polemicas, etc... O que reclama é vida. Vida antecedente, concomitante e consequente. A A.C. é *católica*, não pode limitar-se ao enxergar e ao agir desse ou daquele. Ao contrario, o enxergar e o agir desse ou daquele e que se devem ordenar á A.C.. O espirito, a mentalidade de fulano e de beltrano é que se devem catolificar. A A.C. não se organiza em ordem a formar acistas dentro de fôrmas... não é isso que estou dizendo. Digo que a A.C. tem um quê universal, um quê ontológico que não fica nem pode ser mudado a gosto ou contra gosto de quem quer que seja. Há objetividade que se mantêm independentemente de subjetivismos. E essas objetividades não são apreciáveis ao sabôr de individualistas. Os fieis se congregam na A.C. mediante condições sociais que não ficam e nem poderiam ficar á mercê desse ou daquele pessoalista. Também na A.C., o que se empenha em primeiro lugar é o bem comum, católico, o que não se daria se fossem atendidas vantagens particulares e imediatas. Tudo isso, Filíolo, merece estudos. Estudos e estudiosos. Estudos, e não lutas de personalidades que se desejam impor. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 01/11/1941, n° 810, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Em A.C., Filíolo, seria monstruosa a luta de personalidades que se desejassem impor á custa de “ciências” menores ou maiores nisso ou naquilo. A A.C. não se indentifica com a Ciência, assim como a Santidade não se intendifica com a Teologia. Alguem pode ser um sabichão de primeira, e também um safado de primeira. Todas as ciências servem e podem louvavelmente se ordenar para e na A.C.; todas as ciências e qualquer atividade humana. É que na A.C. compreende-se, com o aumento de luz e percepção, esta verdade: tudo

é vosso; vos sois de Cristo, e Cristo é de Deus (Iº. Cor. III – 23). Também na A.C. o obstrucionismo seria incompreensível. Seria cegueira de quem tivesse olhos e não quisesse ver. Seria particularismo ou particularismo de quem pretendesse impor “seu espírito” á custa do espírito católico. Seu espírito ou a de sua turminha. A A.C. é precedida ontológica e cronologicamente por ideias lídimas, já coordenadas e postas em função do alto. A quebra dessa ordem provocaria calamitosa desordem intelectual e tremenda desorganização prática. Tudo isso, Filíolo, merece estudos. Estudos e não turras provocadas por ignorância ou más vontades de quem querer não quer e não quer enxergar também. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 08/11/1941, nº 811, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Não basta, Filíolo, ouvir acidentalmente algumas palestras sobre A.C... Urge compreendê-la. Urge receber seu espírito numa interna e profunda e sincera atitude. Se houver superficialidade, se houver visão de periferia e nada mais, a sequencia será logicamente horrível: ação superficial. Ação tem que arrumasse cascas sem observar se tem ou não miolo. Se não houver estudo pessoal, se não houver convicção própria, em breve multiplicar-se-ão embaraços, criados pelos doutrinários apressados. Apressados e sem pressa para enxergar e corrigir suas aberrações. Haja discricção, haja modéstia. Também nisso haja boa acética. Haja bom espírito. Tudo isso supõe: dignidade natural, nobreza humana, lealdade, ausência de enfatuações teatrais. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 15/11/1941, nº 812, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Sei, Filíolo, que você esta contente com o realismo, simplicidade e fraqueza com que lhe escrevo. É mesmo, cartas

á maneira de cartas de namorados, não lhe saciariam a fome e sede de *formação católica*. Longe de mim a ilusão de o estar conseguindo plenamente. Meus ombros apenas me permitem provocar inquietações. Inquietações medicinais e salutareis, em ordem a cooperar no restabelecimento do verdadeiro e justo critério para apreciação das pessoas, fatos e cousas. *Catolicidade!* Quanta confusão acerca desse conceito... Confusões teóricas, não sei. Confusões práticas que supõem aquelas, quantas! Se minha “entourage” não partilha *realmente* o pensar, falar, e o agir da *Igreja*, e seu faço profissão de me manter ferrado a tal “entourage” serei *católico* de verdade? Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 22/11/1941, n° 813, página 01

Carta a Filíolo

Nossa coletivização no altar, Filíolo, não destrói nossas pessoas. Ao contrário, marca-as numa enorme multiplicidade. Também na criação, vocação e governo das pessoas, Deus, *Nosso Senhor*, não se repete. Vamos ao altar e voltamos do altar tantos quantos *somos*. O operar divino revela também a infinidade. A vida *cristã* é essencialmente comunitária um só e o mesmo espírito vivificando todos. Todos, porém, é cada um de nós, *individualmente*, somos membros *vivos* no corpo total da Igreja. Esse *todo* não seria um *corpo vivo* sem a *vida pessoal* de seus membros. A multiplicidade das pessoas, no livre e harmonioso desenvolvimento de *vidas particulares*, participantes da *Vida Infinita*, faz da *comunidade* cristã, um organismo vivo e contínuo crescimento e prosperidade. Todos, e *cada um* individualmente, progredimos á plenitude. Quanto e quando, Deus, *Nosso Senhor*, permitir, far-lhe-ei considerações acêrca desse assunto hoje tocado. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 29/11/1941, n° 814, página 01

Carta a Filólo

Continuando. - Na reunião da Missa, nessa *como-uma-unidade* (- comunidade) real / verdadeira / eterna / enxergamos a absoluta *unidade* em que *somos e vivemos*. A Deus: uma só e única ação latreutica / eucarística / propiciatória / impetratoria, um só e único *sacerdócio*; uma só *vítima*, abraçando e modificando todas as criaturas para volta-las ao *Pai*, numa oblação pura e eterna. Aos homens: um só e único *Pão*, distribuído a todos, num ágape imenso. Ágape em que, um e todos, recebemos cada um *individualmente*, o *Pão* inteiro, não partido, fracionado, não dividido. Essa *unidade*, absoluta e eterna, não implica, entretanto, a destruição ou morte das pessoas *humanas*. Ficamos tantos quantos *singularmente* fomos criados. Cada um teve sua criação, sua regeneração, tem sua vocação e sua missão. Lembremos também que a unidade referida não implica necessariamente a correspondência pessoal de cada um. Alguém, por eterna organização divina, pode ser colocado aqui ou ali - e não manter na íntegra a posição, a linha que devia manter. Uma só linha de viagem, um só *Caminho*. Uma só *Verdade*. Uma só *Vida*. E multiplicidade de caminhos, de cousas, realidades verdadeiras, e de *vidas particulares*, com enorme diferença de *exitos*, terrenos e temporais, que passam a eternidade e permanecem diferentes dentro da *visão beatífica*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filólo. Até outro dia.

XVI, 06/12/1941, n° 815, página 01

Carta a Filólo

Continuando. A personalidade não é absoluta. De sua natureza limita-se pelo espaço/ pelo tempo/ pelo sensível. Recebe a verdade, a doutrina, podendo manifesta-la em diversas maneiras. Por isso não podemos impor nossas individualidades aos outros. Essa acética estaria às avessas. Far-se-ia de fóra para dentro. Quando a certa se faz de den-

tro para fora. O modo razoável de a gente imitar esse ou aquele procedimento é o de cavar em si as qualidades em que o tal procedimento se fundamenta. Feito isso, a sequência segue-se normalmente, sem diminuição de pessoas e de vida cristã individual. O exterior do cristão é o reflexo do *interior*, do *espírito* que o anima. E esse reflexo tem variedades tantas quantas são as pessoas onde se forma. Estruturem-se o *intimo* à luz e ao calor das revelações divinas, e o resto virá como o efeito de causa. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 13/12/1941, n° 816, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. O que tenho falado não fere, de modo algum, os paradigmas de santificação: os santos patronos. Eles nos mostram ao *vivo* como, em tais e tais conjuntos de circunstâncias, a gente pode atualizar diversamente o cristianismo, interior e fecundo, trazido pelo batismo e demais sacramentos. Assim, p. ex., a espiritualidade de Santa Tereza de Lisieux (S. Terezinha), enxergada no seu *realismo*, é um encanto, e exequível com vantagens muitas. Quem, ao depois de estudar-se e estudá-la, a tomasse como mediante paradigma, não se arrependeria. É *realmente* um paradigma. Paradigma que nos auxilia muito na *conjugação* de nós próprios ao *Modelo*: Cristo Jesus. Isso é vantajoso porque a gente fica se construindo e governando à custa de experiências e práticas já sabiamente provadas e *vividas* com êxito bem aventurado. A compreensão e conseqüente exequibilidade do que estou falando fica ligado às diversas famílias espirituais, em que os indivíduos se agrupam. A esse, pertencente a essa família: esse modelo intermédio. Àquele, pertencente àquela família: aquele modelo. Etc. Ontem, hoje e sempre o mesmo e único *Cristo Jesus*, sacramentalmente incarnado e refletido na e pela infinta variedade dos seres humanos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 20/12/1941, n° 817, página 01

Carta a Filólo

Transcrição. Quantos equívocos pelo mundo além! ... Quantos corações desunidos, porque as cousas foram consideradas *de baixo* e somente *de um lado*! Não se soube *subir*... não se olhou *do alto*. Paulo vê uma cousa de um lado; vê-a branca / Pedro vê a mesma cousa de um outro lado: vê-a negra / Ambos têm razão; ambos não têm razão, porque a cousa é branca de um lado e negra de outro/ E' branca! Exclama Paulo / E' negra! Exclama Pedro / E fazem-se dois inimigos ou dois tapeadores / Para separar-se o mais possível, ambos deixam o vale da discursão. Pedro dirige-se para a montanha á direita... Paulo para a montanha á esquerda. Daí olhando novamente para o objeto que os desuniu, este se lhes aparece como é *na realidade*: branco de um lado e negro de outro. Supondo que Pedro e Paulo *são sinceros e leais*, que sucederá? - Sentir-se-ão presos imediatamente pelo testemunho da consciência que lhes acusa o terem combatido: a *verdade*. E se há *sinceridade*, descem, e encontrando-se de novo no vale, abraçam-se como irmãos para perdoarem-se mutuamente o mal involuntário que se fizeram. Louvado seja nosso Senhor Jesus, Filólo. Até outro dia.

XVI, 03/01/1942, n° 819, página 01

Carta a Filólo

Parafrazeando. Grande e cada um de nos, ao efetuar *simplesmente o ser humano*, pela graça elevado á participação da vida divina. Assim *vivificados* (é verdadeiramente *vivo* somente aquele que possui esta vida que é a vida), nossos atos, os mais simples e pequeninos, tornam-se capazes de dar muita gloria ao Pai pelo Filho no Santo Espirito. Cada cristão é feito grande; cada cristão beneficia-se e aos outros dessa grandeza a que é trasladado, quando desenvolve os elementos dessa mesma grandeza. Para isso é preciso que cada um utilize a si próprio; mesmo as eleições divinas, (e todo batizado é um eleito divi-

no) não dispensam isso, não são infalíveis. Por ex: as eleições divinas, por que estabelece toda a hierarquia eclesiástica, não implicam *necessariamente a correspondência* pessoal de cada ab eterno escolhido. Posto isso de lado, nem o nome, nem a fatura, nem a posição ocupada, nem as honras subsistem. O valor fundamental a que tudo o mais pode-se acrescentar é o valor que o batismo nos confere: faz-nos filhos vivos de Deus *Vivo*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 10/01/1942, n° 820, página 01

Carta a Filíolo

Parafrazeando. A Fé transporta a cada crente as revelações divinas. E o *Batismo* traslada o eu de cada crente á possibilidade de re-abilitar-se á luz e ao calor e á força dessas mesmas revelações. E, por toda parte, há ambiência favorável a essa operação trans-formadora? Não, evidentemente. Que fazer? Recorrer á publicidade? polemica? discursivas? farolagens? tapeações? pretender uma absoluta concórdia de Cristo Jesus e do Cristo com tudo e com todos? Não evidentemente. Que fazer? – A resposta è simples, e a ação simples também: viver, vivendo vividamente, nossa vida cristã. Digo simples significando ausência de complicações e não facilidade. Aproximemo-nos de todos. Misturemo-nos com todos. Aproximação mistura, na base do amor. Do amor, força divina agindo como *fermento*. Força divina, que, no tempo, estatue as re-criações, as re-novações, de tudo e de todos numa constante passagem terrena. Passagem terrena, abraçando todas as fases de vida ou existência para volta-las ao Pai pelo Filho no Santo Espirito. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 17/01/1942, n° 821, página 01

Carta a Filíolo

Continuando. Disse: viver, vivendo vividamente, nossa vida

cristã. Isso, Filíolo, *compreende* todas as atividades humanas de cada um e de todos nos. Também na terra e no tempo, cada um tem uma *vocação a exercer*, u’*a missão* recebida e a executar. Na terra e no tempo, *vida é o todo* dessa vocação e dessa missão, às quais cada um se não pode furtar sem negar a si mesmo. Ao homem, na terra e no tempo, em ordem á eternidade, “cumpre-lhe desenvolver a sua inteligência com a conquista da realidade na variedade inesgotável de seus segredos: missão da ciência. Cumpre lhe praticar o bem governando os próprios atos em harmonia com as exigências da razão, na coerência de uma vida interior pacificada: aspiração continua da moral. Cumpre-lhe dominar as resistências da matéria e subjugar as suas energias, modelando o mundo segundo as próprias necessidades ou plasmando-o para exprimir a beleza de seus ideais: função das técnicas e das artes. Cumpre-lhe estreitar as suas relações com Deus, Principio e Fim de todo ser, alimentando a vida divina que o batismo lhe dá, razão suprema de nossa existência e resposta ás mais profundas tendências de nossa alma em busca de felicidade: missão sublime da religião”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 24/01/1942, n° 822, página 01

Carta a Filíolo

Em todo movimento, também na ascendência para Deus, também no receber as revelações de Deus, há lugar para romantismos e desvios e falsificações. Imaginemos, Filíolo, que alguém desejasse ser monge para evitar os trabalhos e aborrecimentos do século, á procura de uma imaginada paz, bucólica e burguesa e mediocrisada... que romantismo, que fantasia! Desejar alguém aprofundar-se nos estudos do primeiros séculos do Cristianismo, pensando realizar com isso sua volta ao Pai... que desvio! Desprezar alguém a verdadeira função intelectual (batizada, sacralizada com todas as outras), ou pretender atingir o pneumatismo com recalques e acrobacias mentais ou vadiações a tôa ou atéas... que falsificação! Ser pneumático (conforme nos ensina

São Paulo), voltar ao Pai, exercitar-se em monarquismo verdadeiro – tudo isso é uma realidade única que o batismo nos translada a todos nós. Há especiais vocações ao monarquismo holocaustico, absoluto e profundo e vivido nuclearmente: mas, todos – todos *podem* e *devem* refletir, levar a tudo e todos sua consagração batismal que é e será a mesma, absolutamente, desde o primeiro batizado ao ultimo que o fôr no fim dos tempos. U’t in omnibus glorificetur Deus... em tudo e por todos seja Deus glorificado. E assim, só e unicamente assim, o cristianismo é existencial e eficiente. Quisera, Filíolo, possuir e dar-lhe uma profunda sabedoria e convicção do que lhe estou falando... entretanto, só o Santo Espirito as pode dar e é livre de dar na medida que quiser. Peçamos-lh’as. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 31/01/1942, n° 823, página 01

Carta a Filíolo

Você já pensou fundamente todas as formulações de que usa?! Por ex.: porque e para que usa tanto a expressão: “mediocre”?! Essa expressão será mesmo ajuisadamente aplicada quando repetida a torto e a direito? Essa expressão, usada á luz do Santo Espirito, significa ausência ou grande diminuição de vida. Mas matutemos um pouco. Si alguém não adota *meu modo* de falar (meu ou de minha “entourage”), não pratica as praxes (sejam quais forem) que eu pratico, não possuem tal ou tal “formação” de que me imagino possuidor – posso, por isso, chama-lo de “mediocre”? Não devo impingir-lhe minha reflexão, Filíolo. Pense por si e para si religiosamente. Ordinariamente não uso da palavra “mediocre” contra um batizado. Si é *batizado* é possuidor de vida. Também no falar estejamos ás ordens do Espirito. A palavra falada é *dom*. È tradição da verdade. È tradição, comunicação de vida, e não ruína ou desdém ou fantasia e romantismo. Um batizado torna-se “mediocre” quando posterga as promessas batismais. O que acontece a cada um de nós, do Papa ao mais apagado dos fieis, em nossas fases

de morte. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 07/02/1942, n° 824, página 01

Carta a Filíolo

Parafrazenado. Haja vitalismo cristão; e muito e sincero e missionário, em meio, em face, em penetração do vitalismo animalizado e animalisante. Penetração nuclear e ontologicamente *trans-formadora*. Existe vitalidade cristã, eficiente, quando as verdades reveladas operam em nós tudo que podem e devem operar. Vitalismo animal é a coexistência em nós e a manifestação do *homem velho*, possuindo e governado pelas forças e desordens de sua natureza ferida machucada, rebelde. Positivas expressões de vitalismo animal encontram-se nos: cassinos, cinemas imorais, exquisites dos vestuários, carnaval, etc... Em tudo isso pululam grosseiras manifestações do homem decaído a postergando a reabilitação que lhe é oferecida pelo Cristo Jesus. De vitalidade cristã a marca mais pura e nuclear e dinâmica é o *Amor*. Amor que, bem compreendido e exercido, mesmo aqui na terra e no tempo estatui uma relacionada totalização de ser e agir em ordem á eternidade. O vitalismo animal, ao contrario, estabelece espalha: o homem velho e vasio, possuido não do amor, nem do ódio, mas, da fantasia do amor, pela qual se deixa iludir e se distrai e se destrói em ingnorância ou esquecimento ou desprezo da ordem eterna. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 14/02/1942, n° 825, página 01

Carta a Filíolo

A ascese crista, absolutamente indisputável quando bem compreendida e *realizada* segundo o *Espirito*, marca particularmente também o começo do dia. Nos Seminários, por ex: os jovens levitas despertam-se por badaladas de sino, e o primeiro gesto em comum, em côro, faz-se á proclamação de: “*Deo gratias*”! Louvor a Deus!

Um dia, ao depois de muitos e muitos, começa e deve ser *oferecido / consagrado / vivido* em comunhão com Cristo Jesus. A oblação nos coloca às ordens do Santo Espírito. Pela consagração nos *trans-figuramos* pelo mesmo Espírito. E a *vida* em comunhão com Cristo Jesus é o constante refletir de si essas operações eternas que se processam em contínuas fases de morte e de vida. *Mortes* fazendo surgir a *Vida*. Fases de vida em nossa personalidade, tantas vezes fantasiosa, reage sob dependência das realidades íntimas que possui e pelas quais deve *re-nascer* e sob as quais deve operar. O “Deo gratias” matinal significa isso tudo. E, si não se dá o “signum sine significato”, as sequências cotidianas, até ao adormecer, são outros tantos louvores a Deus. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filho. Até outro dia.

XVI, 21/02/1942, nº 826, página 01

Carta a Filíolo

A vitória Cristã em cada cristão se processa pelas fases de Belém ao Calvário. Em tal situação, você sairá vencedor se se deixar vencer pelo amor, tudo possuindo sem nada possuir. Por tudo se interessando, sem deixar prender por coisa alguma. Antes de exigir isso ou aquilo, antes de pedir ou mandar, - dar e dar-se a si mesmo, servir e fazer numa oferta e imolação às vezes formidáveis e na sombra do esquecimento humano... como morrendo, e eis que *vivemos*.

A primeira vista, por algum tempo, aqui, alhures, você será tido como derrotado (Cf. IIª Cor. 6,3 a 10). Si você é temporal e terra-terra só, então está perdido, pode sumir. Sé crê, se quer agir por fé, deixando-se vencer pelo amor, então... Em todas essas coisas saímos vencedores pela virtude daquele que nos amou. Pois estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem, as coisas presentes, nem as futuras, nem a violência, nem a altura, nem a profundidade, nem outra qualquer criatura nos poderá apartar do *amor* de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm. 8. 37). Pra mim o viver é Cristo (Fp. 1,21). Ontem e hoje, e ele

também para sempre (Hb. 13,8). Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVI, 28/02/1942, n° 827, página 01

Carta a Filíolo

Brevemente, em Março recomeçarão, os trabalhos da Ação Católica.

Os homens, as senhoras, as moças, todos terão muito o que fazer. Louvado seja Deus, tudo vai bem! Bom espírito, boa vontade, eficiência em todos por toda parte. Há realmente um esforço comum, uma guerra para o bem, para o melhor, para o ótimo, para o céu. Nossa Família Diocesana, em cinquenta paróquias, compreende e certamente quer realizar o “vince in bono malum”... vencer o mal pelo bem. Nesta Sêde Diocesana, como estamos em unidade, em organicidade, em organização eficaz, nós a Família, de Filhos vivos de um só Deus Vivo!... quanta santificação cotidiana nas quatro paróquias, nas capelanias, nos Colégios, no Seminário. Temos o “Lar Católico”, semanário de dignidade imperecível. Temos o “Lampadario”, onde Pe. Huberto gasta-se num trabalho constante, humilde e sincero, espalhando ótimas colaborações. A tudo e a todos não falta a benção do pastor, do Sr. Bispo. Em Família, e o somos sob pena de auto destruição, caminharemos sempre. Seja imenso o jornadeio de 1942... chegaremos, irmãos entre irmãos de uma só Família de que Cristo Jesus é o primogênito. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 07/03/1942, n° 828, página 01

Carta a Filíolo

Encerra-se hoje á noite, ás 20 hs., a semana de estudos sociais. Costumariamente promovidos, uma vez ao ano, pela União de Moços Católicos, essas semanas fazem muito bem. Desta vez o primeiro conferencista foi o Dr. Heraclito Fontoura de Sobral Pinto, um dos nossos

ardosos trabalhadores pela Verdade e pelo Bem. Olhou e ajudou-nos a olhar muitas realidades sociais com coragem e intrepidez de um católico não iludido, não fantasioso. De segunda f. até hoje, recebemos, de diversos moços da União, estudos sobre estes temas: Socialismo/ Trabalho/ Intervencionismo/ Propriedade/ Sindicato/ e Corporação. Hoje, no lugar costumario, partilharemos os estudos do Prof. Hargreaves sobre: Individualismo. Também isso não faltou a benção de nosso Pastor que nos telegrafou: bênçãos e votos feliz êxito semana estudos sociais - Dom Justino. Quem bom ! estudos bem feito ajudam-nos na conservação de nossa imperturbabilidade cristã. Arrancam-nos da frivolidade de espíritos fantasiosamente nucleares sem relação com a periferia. Mostram-nos que a fato de nossa vida cristã, de nosso cristianismo existencial em cada um de nós, não nos coloca além dos sofrimentos, lagrimas, sombras do tempo e do espaço em que labutamos. Ajudam-nos a absorver e realizar a espírito de ofertório, consagração, de comunhão, de vitoria, de alegria, espírito missional, sob que se deve processar a peregrinação cristã de cada cristão para a eternidade. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 14/03/1942, n° 829, página 01

Carta a Filíolo

Acompanhamos com sincero interesse todos os trabalhos que se ordenam pró regularização do Paraibuna. De todos que há 50 anos cogitaram nisto, elaborando projetos que muitos ajudam hoje ao eminente profissional Dr. Hildebrando de Araújo Góes, alimentamos agradecidas recordações. Felicitamos ao Dr. Rafael Cirigliano, nosso Prefeito; e por ele, ao Sr. Presidente da Republica; ao Dr. Hildebrando desejamos o que ele próprio se deseja com entusiasmo e a toda Juiz de Fora: “o inicio dos trabalhos importa na sua conclusão”. Peregrinos para Jerusalém Eterna, Filíolo, deixemos na Jerusalem Temporal rastros de todos os rendimentos de que somos capazes. Podemos e devemos sacralisar tudo que pode ser sacralisado. A isso nos traslada

nosso batismo. E a missa comporta, compreende o *ordenado* exercício de todas as atividades humanas. O plano, a qualidade sacramental que em Igreja possuímos, recebemos, pode e deve sacramentalmente penetrar todos os nossos trabalhos, do simples remendar meias á mais difícil e complicada profissão. A não ser assim, não haveria uma piedade orgânica, e sim um devocionismo artificioso, vasio. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 21/03/1942, n° 830, página 01

Carta a Filíolo

Deste criança, nos tempos do primário, seminário menor, seminário maior, ando desejando com fome e sêde, de mais *vida*, vida *verdadeira*. Não podia me expandir, e que quando fazia com sinceridade – era olhando problemáticamente como incompreensível, carbonário enigmático, “pneumático” (por acinte). Hoje, um pouquinho saciado, ando ainda com fome, sêde de mais vida, *verdadeira*, para mim e muitos que conheço e amo. Agora, na Semana Santa, quantos desejos de cristianismo autêntico e profundo... e, por ilusão, ou iludidos, alimentam-se de devocionismos artificiosos, mantendo exterioridades vasias de interioridades. Ate quando, *Senhor*, umas tantas realidades serão fantasiadas sob pretexto de tradição?! Quando a *verdadeira Tradição* fôr restabelecida (graças a Deus há *re-volutio*: buscando na verdadeira Tradição o verdadeiro caminho), mais verdadeiros e autênticos e simples e basilares e orgânicos e vitais tornar-se-ão: o púlpito, o confessionário, etc... Não estou por particularismos excêntricos ou incêntricos, enigmas carbonários, partidarismos politicantes, não. Não estou com gloriola de desejar vencer pela ou com a verdade; estou pedindo ao *Senhor* que a *Verdade* vença. Estou desejoso de mais vida, *verdadeira*. Sinto as fantasias que pretendem encaixotar-me a mim e aos muitos que conheço e amo. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 28/03/1942, n° 831, página 01

Carta a Filíolo

Nossos trabalhos, todos tornam-se simples sem afetação, á medida que nossa consequência aos que somos pela Graça. Á medida também do que não deixamos de ser depois da Graça. Nosso dinamismo cristão é simples quando não exorbita da base ontológica que o sustenta. A base ontologia de nosso dinamismo cristão é a participação da natureza divina. Participação essa elevando-nos, transladando-nos á ordem sobrenatural, e, conseqüentemente, ausentando ao infindo nossas possibilidades. E mesmo fóra da ordem da Graça, o homem permanece: á imagem e semelhança de Deus, com a possibilidade de receber a Graça num recebimento de conteúdo imenso. Nossa base ontológica cristã e nosso dinamismo cristão, transfigurando-nos nos tornam participantes também da: simplicidade, uma das qualidades divinas. Nas praticas, hábitos, costumes cristãos, a simplicidade é conservada e traduzida, levada á periferia, por todos aqueles que incarnaram este conceito nunca repetido demais: cristianismo é "espírito e vida" (Jo. 6,64). Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 04/04/1942, n° 832, página 01

Carta a Filíolo

“Mors et vita duelo confluxere mirando: dux vitae mortuus regnat vivus” (Seq. da Missa de Pascoa) - com a morte, a vida se bateu em duelo estupendo; morreu o Rei da vida e reina vivo. Cristo Jesus, Homem-Deus, humilhou-se a si próprio até a morte, e morte de cruz. Absolutamente vitorioso, mediante o mistério (mistério realidade que a razão humana não *compreende*) das suas humilhações, Cristo Jesus operou uma vez para sempre: o transito *eterno* da morte e vida. Para cada um de nós, individualmente, e para a igreja toda, não há porque a gente pretender subjugar o mal. Isso seria matar defunto morto. O mal já esta absolutamente dominado pelo Cristo Jesus. Há um Cristo

Jesus *eterno*, e milhares de cristãos atualizando no tempo e no espaço, mediante a Missa, a gloria existencial de uma Ressurreição de que todos essencialmente participamos desdeo batismo ao momento final em que cada um, corpo e alma, passará á plenitude que o Pai lhe marcou. Lutamos, é certo, lutamos muito, e ás vezes numa escuridão tremenda; mas, não para fazer luz, sim para beneficiar-nos da Luz já manifestada, glorificando-nos na gloria ao Pai pelo Filho. O Filho nos trasladou á qualidade de filhinhos, filiolos, possibilitando-nos essencialmente a nossa volta ao Pai num mesmo *Espirito*: de sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade, temor a Deus. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 11/04/1942, n° 833, página 01

Carta a Filíolo

Lutamos muito, Filíolo. E devemos lutar mesmo. Há no viver cristãmente ascêses formidáveis. Quantas vezes, nossa cotidianidade abrange e sofre decomposições e descomposturas ruindo por uma queda total! a tal ponto de até a vida nos causar tédio (II Cor. I,8). O dom da sabedoria, entretanto, nos leva a enxergar na ascêse não uma fabricação de receitas para nos *possibilitar* a volta ao Pai, sim uma serie de *condições favoráveis* á volta ao Pai pelo Filho no mesmo Espirito. No mundo, em Igreja militante, teremos aflições, apertos, pressões horríveis; mas, *podemos* ter confiança porque somos cristãos, essencialmente participantes e portadores da vitória de Cristo Jesus (Jo. XVI, 33). Vitória que cada cristão *manifesta* no tempo e no espaço pelos modos marcados pelo Pai. Modos, fôrmas, as mais variadas, múltiplas, *revelando* a infinita força do Amor, do Santo Espirito que pode transfigurar, renovar tudo que quiser. O cristão pelos dons do Espirito Santo, é um sábio. Se consente no dom da sabedoria que lhe é dado também, enxerga numa visão trans-natural, o amor nas abominações, a força na fraqueza, a elevação na ruína, a vitória na quéda, etc... A vida crista se processa por ressurreições parciais e intermitentes, até a

ressurreição última, completa e individual: corpo e alma ressurgidos para a eternidade. Tudo á luz, virtude, força, da Ressurreição de Cristo Jesus (II Cor. I,9), sob a qual tudo pode e deve resplandecer pela Missa operando para sempre. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 18/04/1942, n° 834 página 01

Carta a Filíolo

Não adianta muito a gente abreviar-se contra as *modas e modas*. E abreviar-se e em seguida ficar na ilusão de que tudo será alcançado. Também nisso a *visão cristã*, verdadeira, nos mostra que o processo deve ser de do interior para o exterior. Antes de condenarmos os vestidos exteriores, precisamos acordar nós cristãos a eficaz, lembrança do que somos, *vestidos de Cristo Jesus*. A ação exterior de autoridade (mesmo a mais forte) jamais poderá obter - por elogiável, útil e necessária que seja - aqueles frutos profundos e salutares que podem curar as almas, sobre as quais é *mister atue numa virtude mais alta*. A virtude de Cristo Jesus. Acordemos a consciência do que somos. Saibamos sabiamente que a chama do pecado original apaga-se pelo Batismo, ficando em nosso ser humano: a *mancha* do carvão apagado, provocando profundo desequilíbrio interior, orgânico. Mancha sensível, sentida, experimentada, áspera, perturbando a livre e harmoniosa circulação da seiva divina: a *graça*. Mancha tão grande que é *lei: lei do pecado* opondo-se á *lei de Deus* (Rom. VII, todo). Essa e *consequentes convicções* é que devem clarear e estabelecer nossa indumentária, nosso toucador, e *todas as nossas atitudes internas e consequentemente externas*. Somos carne e espírito. Nessa escada, nesse composto, nessa escala gradual, indivisível, individual, é que voltamos ao Pai pelo Filho no mesmo Espírito. (cf. S. Padre Pio XII, a 22-V-1942). Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

Carta a Filíolo

A existência da Igreja, Filíolo, é um milagre vivo. As causas de ruína, existentes dentro da organização íntima da Igreja, já teriam acabado com ela si não fosse sua organicidade divina. Os sacramentos / *vida cristã* (Jo. X, 10) será sacramentalmente oferecida aos homens até o fim dos séculos (Mat. XVI, 18). Não por causa do que os homens fazem, mas, apesar do que fazem. Si você visse, Filíolo, uma tantas misérias, você não teria nem explicações humanas (Mac. VII, 7) porque são animalidades puras e satanizadas. Só lhe restaria o: *andaugē nobis fidem* – ausentai-nos a fé (Lc. XVII, 5.) Outro dia, recebi duas cartas anônimas, dirigidas a Redação. Tenho recebidas outras. Todas concretizando o qualificativo comum do anonimato: sem responsabilidade. Graças a Deus, conservo imperturbabilidade que me é dada pelo Espírito na virtude da Fé, da Esperança e da Caridade. Como você sabe, trabalho e ajudo em alguns mistéres, conservando sinceramente a vocação ao monarquismo holocáustico. Não quero vestir roupa de frade, fabricar ascése, e ficar com cara de santo. Não é isso que desejo. Seria tapeação como muitas outras. Irei, assim quero, e confio não em mim, mas na graça, na *vocatio* recebida. Não vou agora, porque devo, por mandato também vocacional, atender a umas tantas cousas. Entretanto, não estou preso a cousa alguma e a pessoa alguma também. Enquanto estiver por aqui, continuarei a escrever, não *profissionamente*, mas *profissionalmente*. Baseado no meu batismo, confirmação e ordem: constantemente rehabilitado pela penitencia verdadeira, sacramental, não tapeações farisaicas; quotidianamente alimentado pela Eucaristia; episcopo religioso subditus. Terei ainda que escrever diante também das profanações (Apoc. III, 16) que não destroem a Igreja, mas semeiam igrejinhas que são caricaturas da Igreja (Apoc. XXII, 19) e vegetam arrogantemente. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 02/05/1942, n° 836, página 01

Carta a Filiolo

O Senhor o guarde... e não o deixe cair nas mãos dos seus inimigos. Entre outros bens, pedimos esse para o Sumo Pontífice. O Sumo Pontificado é também um mistério. É mesmo, ao lado da Eucaristia, o primeiro mistério que se perpetua no tempo através da sucessão dos Papas. A Eucaristia, o *mysterium fidei* por excelência, mediante a Missa, alimenta a vida divina nas almas, garantindo a unidade e a universal caritas entre os cristãos. Eucaristia: pão trassubstanciado e *transsubstanciadador* das almas. Mistério da vida eterna de Cristo Jesus que os Cristãos comungam sob as aparências do pão. Vida eterna, mediante o aniquilamento completo: repetição incruenta da morte, do sacrifício de Cristo Jesus, Cordeiro Imolado, polarizando eternamente todos os mistérios de vida, mediante o absoluto triunfo sobre todos os problemas de morte. No Sumo Pontificado encontramos, sob aparência humanas, a mesma existência: Cristo Jesus, Cordeiro Imolado e Pastor Eterno, levando ao Pai multidão dos crentes, das ovelhas que aceitam sua voz. Pode ter miseráveis aparências, mas, é uma realidade gloriosa. Eucaristia e Sumo Pontificado: o mesmo Cristo Jesus sob aparências e mistérios diferentes. O mesmo mistério em ministérios que se compenetraram em mutua dependência: sem eucaristia não há Sumo Pontificado; sem o Sumo Pontificado não há Eucaristia / O Senhor não o deixe nas mãos de seus inimigos: os politíqueiros, os lisonjeadores, os tapeadores, raça de víboras. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filiolo. Até outro dia.

XVII, 09/05/1942, n° 837, página 01

Carta a Filiolo

Realizou-se, Filiolo, a anunciada festa em benefício de nosso Patronato São José. Irmãs Filhas da Caridade, senhoras, moças, em todas, quanta generosidade afetiva e efetiva! Sei do espírito que a todas

e a tudo animou, por isso, com fé, sacerdotalmente, tenho e proclamo esta visão: tornou-se visível a realidade sobrenatural da comunhão dos santos. Visível aos olhos daqueles que têm para ver coisas elevadas. Aos olhos beneficiados pelo batismo. Ao olhar cristão que vê e conseqüentemente realiza a *esmola* como ofertório de amôr realizado que se perde em Deus. A beneficência cristã vindo da misericórdia; a misericórdia vindo da caridade; a caridade seiva sobrenatural, circulando ininterruptamente de Deus ao homem, do homem a Deus, eis a gênese legítima de esmola. Fôra dessa base o que a gente vê é um grosseiro e fugaz e politicamente comercio por automáticas funções de taxas. O que a gente vê é tapeação, fabricada á força de fantasistas mediações sociais. Fabricada e exportada sob ilusório sentimento de solidariedade. Fabricada e imposta á força de legalidades existentes nas papeladas dos escritórios burocráticos / Não me preocupo com agradecer insistentemente a todos que trabalham mais uma vez pelo Patronato. Fez-se do alto e para o alto. Também assim é e será: o verdadeiro e correspondente agradecimento. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 16/05/1942, n° 838, página 01

Carta a Filíolo

Com frequência ouvimos e falamos assim: a Igreja quer... a Igreja... E, que é Igreja? Igreja não é o Papa. Não são os Bispos. Não são os Párocos. Muito menos as Ordens e Congregações Religiosas. E' tudo isso e mais. A Santa Igreja Católica é a sociedade de todos os cristãos que professam a mesma fé e recebem os mesmos sacramentos, sob a obediência dos legítimos pastores e principalmente do Papa. E' uma sociedade essencialmente (e não por conveniência apenas) comunitária: um só e mesmo Espírito vivificando todos. Não é apenas uma sociedade com a mesma fé, com a mesma bôa vontade comum, com os mesmos valores vitais, peregrinando para o mesmo fim. E' isso e mais do que isso. E' uma sociedade ecumênica, universal, em que todos, in-

dividualmente, possuímos vida pessoal, mas, na obediência a um só e mesmo Espírito (Jo. XIV, 26/XVI,7-13 / etc.). E esse Espírito não é apenas um canon de referencia comum ou de concórdia jurídica. E' mais do que isso. E' a *terc Pessoa* da SS. T., o S. Espírito, vindo em Pentecostes, e veniente até o fim dos séculos, a cada cristão e aos cristãos. Entre cada pessoa cristã e a sociedade das pessoas cristãs, há esse termo medio: a Pessoa do Esp. real e essencialmente unificando todos por si e em si; hipostaticamente, diria o Conc. do Vaticano em 1870. O próprio N. S. Jesus, orando ao Pai, fala: para que sejam um como nós somos um (Jo. XVII, 20-22), comparando nossa união á sua união hipostática. Nós, os cristãos, Nós a Igreja, temos uma personalidade comum na Pessoa do S. Esp. A Igreja é essa Pessoa em múltipla e inesgotável manifestação ao correr do tempo e por toda parte. A Igreja é pessoa na Pessoa do S. Esp.. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 23/05/1942, nº 839, página 01

Carta a Filíolo

Numa semana da 2ª quinz. de jun. p., recebemos, Filíolo, a visita de D. Martinho, beneditino do Mosteiro do Rio. Será hospede do Sr. Bispo que o admira muito, aprecia seus trabalhos e que quer ele nos ajude em muitas cousas. Pela manhã e á noitinha nos reuniremos, Sr. Bispo, os padres que puderem, você e todos os fieis com fôme e sêde, para fazermos em comum considerações sobre o que cada um de nós é e o que somos em Igreja. Nenhum "espírito de novidade" Nenhuma "inovação". Nenhum "transe". Nenhuma "fabricação de grupinhos": sim, elites-fermento a lembrar, a reafirmar, a factuar fielmente o *que somos em Igreja*. Toda e qualquer *presença cristã*, seja onde for (na sala, no refeitório, no dormitório, nos postos de trabalhos, na rua, nas festas, nas diversões), é cristã enquanto, quando, quanto deflue do altar. E altar é o Cristo Jesus; único mediador entre Deus e os homens, E incorporados no Cristo Jesus, possuidores e portadores do mesmo Espírito (cuja descida estamos comemorando solenemente) somos, vivemos e

nos movemos em tudo sempre, voltando a Deus Pai. Deus Pai que, com o Filho e o Espírito Santo, sendo infinita simplicidade, permite participemos também da própria simplicidade dele: ausência de composição ou divisibilidade. Composição que enfraqueça ou arruíne ou faça periclitar a ordem eterna em que e para que fomos criados: conhecer, amar, servir, louvar a Deus. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 30/05/1942, n° 840, página 01

Carta a Filíolo

Em sincera, íntima atitude cristã; atitude construtiva e equilibrada e harmoniosa; atitude sem artifícios abonados por paixões inconfessáveis e felinas e subornadas por vencimentos mensais e posições cômodas e talvez imerecidas, e por isso defendidas com zelo indiscreto e covarde; consideremos os trabalhos do autor de “Pela construção de nossa Catedral”. E’ um sacerdote que tem Fé. É nessa vitória que vence o mundo, batalha o bom combate na carreira cotidiana. Em Cristo Jesus, vencedor do mundo em suas muitas e grosseiras manifestações: maquiavelismo, aleivosia, cinzania, obstrução, etc.. Olhando o bem comum, e nesse o bem pessoal dele que também não deve olhar outra coisa, desejo-lhe a manutenção constante do verdadeiro espírito sacerdotal. Que o Senhor Jesus o conserve sempre em altar. Em ofertório. Em consagração. Em comunhão. Às ordens do Espírito. Transfigurado pelo Espírito. Refletindo em tudo essas operações eternas. De jornada em jornada, pela lama ou charco ou planície ou colinas ou vales ou montanhas, louvando a Deus Pai pelo Filho no mesmo Espírito, na santa independência dos Filhos de Deus. Não se deixando encaixotar pelo mal, sim vencendo mal pelo bem. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 06/06/1942, n° 841, página 01

Carta a Filíolo

Nosso Seminário Diocesano vai bem, Filíolo. Nosso, é em profunda razão q. podemos e devemos falar assim. O interesse pelo Sem. Dioc. deve ser á medida do int. q. cada católico tem e deve ter pelo seu lar. Outra verdade q. não esta, é verd. diminuida ... e há tantas! Outra visão q. não esta, é visão sinuosa; outro int. q. não assim, é int. refractário. O Sem. Dioc. é parte da Comunidade Católica Dioc... E' o Lar Comum onde vivem os vocados de diversas famílias ao exercício do Sacerdocio Eterno. Uma família, aquela, aqueloutra, diversas, teriam q. cultivar, cada uma sosinha, a vocação sacerdotal de seus filhos. Isso seria possível... mas, com dificuldades muitas e riscos e desvantagens imensas. Desse geito, a primeira consequência obstante seria a negação pratica do ser comum q. é o exercício do Sacerdócio Et... Esse exercício sacrosanto é um sêr comum q. se realiza em condições igualmente observadas por todos os vocados. Esse sêr comum reclama uma preparação comum, um Lar comum. Uma vida em comunidade. Um ar, uma agua, um pão, uma luz, expecificadas pela missão a exercer. Sem. Dioc.! ... quando e quanto cada um de nós olhasse essa realidade como olha a própria família... .. teríamos o Clero desejado por muitos. Clero Dioc., Clero Episcopal, para servir não a essa ou aquela Ordem ou Congregação na Igreja... para servir não sob esse ou aquele espirito... mas, para servir à Igreja sob as ordens do Espirito, em Paroquia, em Diocese, no Mundo Secular, sem se deixar secularisar pelo Mundo, ao contrario manifestando-se no Mundo e ao Mundo como humilde Religioso do Pai, com o Filho tomando como alimento: fazer a vontade do Pai no mesmo Espirito. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 13/06/1942, n° 842, página 01

Carta a Filíolo

Em bôa consciência *católica*, não podemos olhar assim o fim colimado. Talvez seja bom. Problematicamente bom. Não podemos, porém, convir nas condições desgraçadamente em aceitação. Não podemos com tudo, por tudo, de todo. Não podemos convir á custa da visão verdadeira do que seja Diocese. Diocese em construção. Diocese em que filhos legítimos estão á espera de um Seminário mais apropriado. Estão á espera de uma Catedral. Não podemos tirar a manutenção dos lidimos ideais dos filhos para prodiga-la aduladamente a advêncios ainda que anjos caídos do céu. Somos filhos legítimos, não podemos constringer nossos irmãos á força de sofismas. O fim não justifica os meios. E saibamos que o fim em jogo está mesmo em jogo. Si temos que esperar algum tempo, e depois aceitar coisas feitas a bel prazer *de mais esses que também se impõem e* impõem seus jeitos e fabricações, porque não prepararmos nós próprios, em Seminário, em Paroquia, em Diocese, em *Igreja* - nossos irmãosinhos e irmãos?! Podemos nos organizar organicamente. Estamos nos organizando assim. Porque cizaniar casa, capela, oratório privado... onde os filhos estão plantando Seminário, Paroquia, Diocese?!... Onde os filhos querem factuar o que são em *Igreja!* Haja o que houver, seja dito o que fôr, seja qual fôr a sequencia, seja qual o resultado humano, não idolatremos nas igrejazinhas, Filíolo, que, embora aparentem grandeza artificiada embriagando a muitos *não são a Igreja*. In te, Domine, speravi non confudar in aeternum. Fracassos no Tempo e na Terra, provocados por sábios e sabichões, não correspondem a fracassos na Eternidade. Vivamos da fé, pela fé, com fé. Fiat... faça-se a vontade do Pai pelo Filho no Espirito. E o Pai é dono do Tempo, da Terra, dos homens e da Eternidade. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia,

XVII, 20/06/1942, n° 843 página 01

Carta a Filíolo

Há dias anunciou-se a vinda de D. Martinho, do Mosteiro de São Bento no Rio, numa semana da 2^a quinz. Deste. Passará conosco

de 24 a 29. Reunir-nos-emos pela manhã e á noite, na Séde da U. M. C. e Centro D. Vital. O primeiro convívio será as 20 hs. de 24. Sr. Bispo Diocesano confiou paternalmente os preparativos simples desse evento aos moços da União. Espera S. Excia. que muitos de bôa vontade tenham oportunidade de ouvir uma exposição forte e viva e vital do que seja cristianismo sinceramente vívido e não desfigurado. Nós católicos nos tapeamos muito, e consequentemente nos iludimos num ir vivendo pela metade ou menos e peor ainda. Sinto-mas disso são o moralismo casuístico e o ascetismo materialista em que e com que nos temperamos. Casuistica e ascése, *deslocadas*, consequentemente a muitos causando profunda indiferença. Fôsse cristianismo isso aqui-lo, eu também não quereria saber dele. Si todos nós que precisamos matutar nessas considerações, nelas matutamos lealmente... que vigor, que *vida* manifestaria nossa *vida*, toda numa existência fecunda e sabiamente aproveitada. Temos em nós e contra nós labutamos numa desgraçada ilusão: não enxergamos e não admitimos que nos mostrem esta realidade: factuamos, atualizamos, realizamos, concretizamos *desfiguradamente a Ecclesia*, na ilusão de estar fazendo bôa figura. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 27/06/1942, nº 844, página 01

Carta a Filíolo

Factuamos desfiguradamente nosso ser cristão. Nossa vida cristã é muito banalizada. Abafamos os *traços* divinos em nós, ou mesmo apagamos, substituindo-os por linhas e gestos humanizados... e humanizados somente. Deixamos de factuar o que somos - para imitar o ser e as ações do Mundo. Encaixotamo-nos mediocrementemente pelas celebres ou celebradas, clássicas ou classificadas: “publicas manifestações de fé.” E imaginamo-nos numa situação de ouro, honra, gloria, prestígio. Exerguemos com lealdade isto: “publicas manifestações de fé,” humanizadas, e humanizadas somente, não são aquilo que parecem ser. Não são o sêr e a vida dos cristãos em *Ecclesia*. São o ir

vivendo dos cristãos mediocrezados. Mediocrizados porque efeitos ao mundo e seus metodos e farolagens. Em lugar de portarem-se ao mundo e no mundo para transfigura-lo - desfiguram-se pelo mundo. Ungidos para ungir, não realizam a missão recebida. O sêr, o gesto e as promessas batismais são deslocados pelas profanações mundanas, e sacrilegamente postas num plano secundario. E assim, que rôr de tapeaçõs, quanto terrenismo! Filíolo, agradecemos ao Pai este enxergar. Que Ele o dê a todos. Não é meu nem seu. Deve ser de todos porque é do Pai que a todos pode e quer dar pelo Filho no Espirito em santa *Ecclesia*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Filíolo. Até outro dia

XVII, 04/07/1942, n° 845, página 01

Carta a Filíolo

Não se trata de usar esse ou aquele modo de falar. Não é coisa mais importante fazer exposições e bater-se por esta ou aquela, No lidar cotidiano, nas situações as mínimas ou maximas, vistosas ou não, o importante, o ponderável á luz da eternidade, é ser cada um a *traditio* viva e vital. Tradição viva e *construtiva* que pode e deve animar o ser cristão de hoje, como animou o ser cristão dos primeiros cristãos. Tradição que se transmite num único veio vital que é a Graça, participação da natureza divina. Na Graça, o cristão resolve todos os seus casos dos mais simples aos mais complicados. Cada um possui esse veio vital que lhe é dado para que possa viver e factuar realidades eternas veladas por muitas e múltiplas e variadas fôrmas e fôrmas. P'ra mim próprio e p'ra muitos irmãos, peço, Filíolo, progressivamente menos ilusões e fantasias. Em tudo a fantasia se mete. É necessária. E um dos instrumentos com que lidamos. Vale, porém, enquanto é o que é sem mais nem menos. Vejo um rôr de composições e serem animadas devidamente. Vejo, e ás vezes não sei como agir praticamente in loco, in actu, hic et nunc. Preparar, fôrmar, etc... é verdade... mas, no presente, na situação de agora, como fazer?! Não me refiro aos efeitos imediatos, não. Refiro-me a um mínimo de atualização do que

sou e do que devo realizar em situações já diminuidamente existentes. Esse pensamento me tranquiliza: si cousa alguma me fôr dado fazer, testemunharei silenciosa e humildemente a realidade eterna que devia prevalecer e não prevalece (pré-valere), e com esse testemunho vivo opera-se minha entrega ao Pai pelo Filho no Espirito. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 11/07/1942, n° 846, página 01

Carta a Filíolo

Uma meia dúzia de beatos e beatas estarão á fartura de comentários baratos. A pretensa religiosidade dessa marca falsificada vale tanto quanto os tabús pelos quais parece enfeitada. Houvesse menos papas-hóstias e mais hóstias vivas em cada cristão verdadeiramente em comunhão e comungante... quantas cousas receberiam outra fôrma: a verdadeira, a eterna. Há outra fauna muito felina: os fiteiros, os faroleiros, os tapeadores, farejadores de “representação”. Preocupam-se e ocupam-se enormemente com a celebrada e classificada “representação. Dão se por salvos e respeitáveis e incensatos pelos da mesma marca. Sejamos o que devemos ser diante de Deus, sem preocupações de carolice ou politicalha. Aceitemos o vocatio do Pai, realizando, com simplicidade de coração e de vida, a missão recebida. O ponderável á luz da eternidade é a gente *estar* ás ordens do Espirito que age em nós e por nós. Não nos encaixotemos por estas insinuantes e desgraçadas ilusões: ‘ser pessoa de reflexo’, “ter prestígio” e outras quejandas. Quando a isso colamos um valor que isso não possui, caímos numa confusão horrível, muito peculiar aos cristãos mediocrizados. Mediocrizados ou peiores ainda. Porque não factuamos o que somos ou devíamos ser, por isto alimentamos a tremenda e pagã inversão ou transmutação dos valores, tão lastimada pelos verdadeiros cristãos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 18/07/1942, n° 847, página 01

Carta a Filíolo

“O Diário” de B. Hor. merece indiscutivelmente nossa benevolência. É nosso jornal. Sem farrombas e sem esconder felinamente as fragilidades a que todos e tudo estamos sujeitos, tem realizado o que é: jornal católico. Nas confusões em que viajamos; nos tropeços, nas sinuosidades das entradas; na poeira absorvente e absorvida em que nos movimentamos; é edificante o estar, o caminhar, o agir, o viver do nosso jornal: “O Diário”. Fazer o que pudermos para que ele corra bem - não é um dever, uma obrigação. Um dever, uma obrigação, entendidos por uma diminuída linguagem jurídica. Linguagem diminuída, sem cor, fria, artificiosa, mecânica; muito mecanizada e pouco espirituosa; linguagem assim porque as ordens do Direito mal visto, mal interpretado e mal aplicado. Direito = cano. Direito = canalização. - Fazer o que pudermos para que ele corra bem - é um dever, uma obrigação, entendidos por uma integra e sadia linguagem jurídica. Linguagem do Direito = canon. Direito = canonização. Direito = normas, segundo as quais a Verdade aparece em analogias concretas. Canones do fazer, do operar aquilo que se deve fazer para que a Verdade se atualize e atue. Corra “O Diário”, vivendo nossa vida, á luz, ao calor, á força do que cada um de nós é: sêr cristão. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até ouro dia.

XVII, 25/07/1942, n° 848, página 01

Carta a Filíolo

Há quasi cinco anos, em setembro de 1937, na noitinha de 24, o seminarista José Eugenio Corrêa, escolhido para Roma, começava sua viagem pela despedida coletiva a todos os colegas. Nada acontece sem que Deus o permita. Por isso podia-se dizer o que disse: Oportet mihi Romam videre. Agora está conosco, humilde e simples como sempre, Padre José Eugenio Corrêa. Possuidor e possuido do Espirito,

Pe. Corrêa realizará muitas missões. Compreendeu profundamente sua ida a Roma; o modo porque pensa, fala e já está trabalhando o proclama. Como poucos dias de convivência com ele, estou muito edificado e religiosamente consolado. Há tantas cousas para fazer... há tantas funções á espera de operários... e a gente fica satisfeito quando vão chegando novos operários, animados do verdadeiro Espirito. Ao Pe. Corrêa minha incondicional amizade, porque cristã, porque no tempo para a eternidade. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 01/08/1942, n° 849, página 01

Carta a Filíolo

O dia a dia, o cotidiano, como manifestação de Deus Pai. Manifestação em modalidades muitas, infindas. O preferir isso ou aquilo, não é o mais perfeito. A doentia esperança de melhores situações em que a gente possa viver mais cristãmente - é doentia mesmo. É esperança de uma vida na base de caprichos, quando nossa vida, todinha, pode e deve ser temperada pela Providencia do Pai. É no dia a dia tal qual, previsto ou imprevisto, querido ou não, agradável ou desagradável, sistematizado ou não, na enfermidade ou na saúde, que o Reino de Deus realiza hora a hora, minuto em minuto. Contar com a vida futura e espera-la sim, e até ansiosamente... sem desprezar os instantes do tempo por que e no qual a gente está peregrinando. “Podemos pois dizer que a mensagem do Reino se equilibra no ‘quotidianum’, mas num estranho tipo de *equilíbrio* que o mundo rejeita: a vida será plantada no presente, mais do que nenhuma outra, fiel ao chão, humilde no marchar, realista em relação ás pedras do caminho, paciente com os calos, obediente até o sangue, mas também toda orientada pela esperança da Ressurreição... o caminho dos redimidos é o mesmo do Redentor, passa pela Cruz”... a eternidade começada no cotidiano. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 08/08/1942, n° 850, página 01

Carta a Filólo

O Cristianismo não é um “ideal”, que para se conservar intangível deva pairar muito acima das realidades terrestres, como uma estrela de pureza, atraindo o olhar nostálgico de alguns visionários, enquanto o mundo afunda no caos. O Cristianismo não é esse “ideal”; é uma humilde realidade de semente que caiu sobre a terra, e que deve perder-se em suas profundezas, afim de resolvê-la, convulsiona-la e impedir assim que ela estagne e apodreça e se dissolva no nada. E cada cristão, um por um, é essa semente. É o fermento escondido que faz levedar a massa inerte. É um milante. Um soldado do Reino de Deus. Não um soldado da violência, segundo a hierarquia da opressão, mas um soldado da liberdade, segundo a hierarquia da Charitas = Caridade: “Si alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro e o servo de todos” (Mar. 9,35). “Os reis das nações dominam sobre elas como senhores, e os que exercem autoridade fazem-se chamar de benfeitores. Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós seja como menor, e quem governa como quem serve (Luc. 22, 25-26). E essa semente subsiste sempre numa incorruptível e eficaz fecundidade. Negados, combatidos os valores cristãos, o fermento que tudo vivifica permanecerá. A semente que morre na terra, nela germinará sempre sem exigir propagandas de sua vitalidade. (De “A Ordem” / Julho). Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filólo. Até outro dia.

XVII, 15/08/1942, n° 851, página 01

Carta a Filólo

Liturgia não é ciência da antiguidade. Não é cambada de cerimônias. Não é sistematizada coleção de rubricas. Não é nova fôrma ou fôrma de piedade ou devoção. Não há “liturgistas” e “não liturgistas”. Não é uma especialidade dos Beneditinos e seus simpatizantes. Não é pronunciar latim á romana. Não é preferir essa ou aquela para-

mentação, esse ou aquele símbolo, esse ou aquele estilo, ter ou não ter imagens. Não é só buscar somente o “essencial”, e desprezar o “acidental”, o secundário. Não é “combate” às devoções particulares. Não é novo feitio de “apologética” ou “mística” ou “racismo” ou “totalitarismo” em que alguns pretendem fama com o estabelecimento de “A Jovem Igreja” em “nova ordem”. Não é uma enfiada de cânones disciplinares, às vezes olhados – apreciados – aplicados como canos. Não é fôrmação nem fôrmação. Não é sentir com a Igreja nem deixar de sentir com a Igreja. Não é somente “o culto oficial da Igreja”, é mais do que isso. Não existe *na* Igreja (entenda-se). O Clero e os Fieis fôrmaços e fôrmando-se em Igreja (Igreja somos todos cada um de nós), recebem e aceitam os dons de Deus, do Pai pelo Filho no Espirito. “Liturgia é mistério e culto”. Misterio: descida de Deus ao homem; culto: resposta (aceitação, entrega, volta) do homem a Deus. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 22/08/1942, nº 852, página 01

Carta a Filíolo

A historia do apostolado mostra ex-centricidades. Foi a partir da Idade Média que começaram a distinguir mais nitidamente duas fôrmas de apostolado: um mais doutrinário, o outro, exortativo. Completavam-se mutualmente, e havia perigo em separa-los, como foi provado pelos fatos. Mais tarde, chegaram a distinguir também no campo da doutrina e da vida cristã os dois aspectos: o dogmático e o moral. Os moralistas não pretendiam realizar uma separação. Bem sabiam que a moral jorra do dogma, e que as leis ou normas são apenas explicações de tendências mais profundas e são determinadas pelas exigências de uma vida que se quer expandir. Mas os dois aspectos estão desligados. Aparece conseqüentemente uma distinção entre o interior e exterior, a vida e suas manifestações externas. As tendências materialistas de hoje fixam-se na preocupação da quantidade e das aparências. Quebra-se a ordem pelo esquecimento da qualidade e de todos os valores íntimos e

profundos. O dogma estaciona nas formulas. A moral e a ascética nas praxes. A vida fica sem linha, fica interrompida e tapeada. Urge desobstruir a base, a linha autentica, o veio *tradicional* das formulas e das praxes. Urge religião (re-ligio), pela qual recebemos de Deus Pai, pelo Filho, no Espirito, a Vida. Todos os atos do cristão, todos os acontecimentos do mundo, apreciados á luz e á força e ao calor do mistério do cristianismo. A mística do cristianismo como bem comum, partilhado no cotidiano pelos muitos irmãos, e não como privilegio de alguma casta exótica. (Transcrição assimilada) Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 29/08/1942, n° 853, página 01

Carta a Filíolo

Aceitemos e *realizemos* o sêr cristão que cada um de nós é em Igreja. Em tudo nossa presença deve ligar as duas ordens: temporal e espiritual, numa união orgânica em que esta vivifica aquela. O cristianismo, nós, em Igreja, não criamos nem fazemos politicas. A Revelação, o Evangelho, Cristo Jesus não pro-núncia politicas. Mas no cristianismo baseia-se a verdadeira Política. A verdadeira Política é cristã. Negar ou aceitar isso é atitude de morte ou de vida. Política cristã não é clericalismo de nenhuma espécie. Não é desejar e trabalhar pró prestigio da Igreja, nem fazer rezas p'ra isso. Não é passividade; não é misticismo excêntrico e petulante e fantasioso e mecânico e artificial, inorgânico; não é posição de não resistência ao mal; não é sermonario pavoneado e blandioso; não é debilidade ou diplomacia pseudo-evangélicas. Política crista é a Política verdadeiramente *Política* que, estabelecida na ordem e para a ordem temporal, recebe e realiza o Evangelho que é *eficaz* na Terra e no Tempo para a Eternidade. É politica *forte* porque verdadeira. Porque verdadeira, está pela justiça concreta e real, pela justiça *de fato*. Força, perspicacia, prudencia enérgica e decisiva; testemunho violento pela luta, pela guerra conta o maquiavelismo de doutrinas e partidos bárbaros, apoiados em sangrenta ilusão politica.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 05/09/1942, n° 854, página 01

Carta a Filíolo

Queiramos ou não, sob pena de vida ou morte, temos que optar pró ou contra o Evangelho. Aceitamos o espírito cristão e dele ficamos possuidores e por ele possuídos, ou, aceitamos o anti-cristão.

“A ação tomada, hoje, pelo vosso Governo, apressou o advento da vitória inevitável da liberdade sobre a opressão, da religião cristã sobre a forças do mal e a escuridão”. (Roosevelt aos Brasileiros). As estruturas, todas, os processos, toda e qualquer organização material, tudo que se fizer pró reconstrução do mundo não pegará si não houver o veio, a linha, a seiva do espírito. Possuidor e possuído do e pelo espírito, é que o *Homem* comunica-lo-á tudo que fizer. Fóra desta *ordem*, podem-se arquitetar “ordens”, as mais possantes, mas... sobre areia, e os próprios construtores, em paradoxo, as farão ruir, chegando eles mesmo ao suicídio de si próprios. Fóra desta *ordem*, o *Homem* perde-se e perde a própria casa que constroe.

“Há dois elementos em luta: um mundo *material* aperfeiçoado e certa *mentalidade* que dispõe dele. É evidente que o mundo material, em si, é irresponsável e as diatribes contra a maquina (contra as técnicas e todas as organizações materiais) são puros verbalismos. A única responsável é a *mentalidade do Homem* contra si próprio, incapaz de organizar o mundo por ele maquinado e dele servir-se ordenadamente. O problema é unicamente espiritual e a solução só pode ser da mesma ordem. Toda tentativa de organizar o mundo moderno segundo uma ordem puramente material é condenada ao insucesso”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

Carta a Filólo

“Não bastam, entretanto, os aparatos materiais, a perfeição das organizações de Estado ou de particulares... Sinto-me contrariado pela magnanimidade dos vossos gestos, pela vossa Fé em Deus e nos destinos da nacionalidade... Ergamos os olhos para o alto, elevemos os corações irmanados na mais completa comunhão de pensamento, para orar e combater até o fim, até a vitória” (Nosso Pres. Dr. Getúlio Vargas, na man. de 1 do c.) Os aparatos *materiais*, a perfeição das *organizações* dão em nada, quanto puramente técnicas, artificiadadas, chôchas, gôradas, sem organicidade. Não adianta descassar as superfícies, na doce ilusão de refôrmadas. A mudança só das superfícies dá em re fôrmas. Sem diletantismos ou snobismos, ou filosofismos, ou diabo a quatro, humildade e sinceramente – atentemos no fundamento certo: *a pessoa humana*, o *Homem*, alma imortal, ordenada a valores supratemporais; nessa ordem, o Criador, diante do qual, o Homem criado á imagem e semelhança divinas é *livre*. É livre, numa liberdade – dom. Liberdade - responsabilidade. Liberdade de que prestará contas. *Dentro* dessa ordem, o homem é parte da comunidade nacional, onde ele encontra os meios para o completo desenvolvimento e atuação de sua pessoa. Como parte, é inferior ao todo e dependente dele. O Estado pode, para o *bem comum*, impôr restrições aos direitos pessoais, e exigir de um por um - o serviço de que cada um é capaz. Mas, o Homem é parte de ordem nacional – *em parte*. Há nele - a consciência de seu destino eterno; e essa ordenação ao *eterno* fica acima dos limites da com. nacional que é do e para o tempo em ordem á eternidade. Possuidor e possuído dessas e por essas convicções, incarnando essas figurações, o Homem é assumido, é transfigurado, e tudo aprecia, pela medida / peso / conta do Homem-Deus, Cristo Jesus, que nos resgatando, conosco tudo resgatou ao Pai, dando-nos o mesmo Espirito em comum-união. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filólo. Até outro dia.

Carta a Filíolo

Peçamos a Deus Pai que nos dê: o aceitar o *novo ser*, o sêr cristão no Cristo; nos dê: o deixar-mo-nos *trans*-figurar por um cristianismo puro e simples. No Cristo: *compendio* do Universo. Nele se encontra, em natureza humana e divina, a causa de toda e qualquer perfeição no tempo e na eternidade. Todos e tudo têm nele sua semelhança. Todos e tudo existem á semelhança, á imagem dele. “A presença de Deus, causa primaria e regente universal, não levanta, de per si, o universo acima de suas condições normais. O que sagra a criação é a *presença*, nela, daquele Homem que é *pessoalmente* Deus e deificador universal. Ele é o Medianeiro único entre nós e o Pai, num só Espírito. Temos um só Pontífice: é Ele. A Graça é um eflúvio da sua vida, dele com o Pai e o Espírito. Em todas as cousas Ele é tudo: omnia et in omnibus (Col. III,11)”. Na *medida* em que dele se chegam, em que o recebem e se deixam *trans*-figurar por ele e nele, anjos e *homens participam* da luz e perfeição naturais e sobrenaturais. É dessa *medida* que precisamos. É essa *medida* que quasi não existe numa profana, sacrílega desfiguração solenemente guardada e missionada. Sistemas de reordenação do mundo, baseados no *homem bastando a si mesmo*, são artificios. São ideologismos, Filosofismos. Sociologismos. Figuras sem vida ou imitando a vida. O homem, causa segunda de muita cousa, pode imitar a vida, recebendo o primeiro sopro de vida da causa primeira, e depois ficando cheio, inchado, orgulhoso e regeitando o *veio tradicional* por que a vida seria garantida e autenticamente alimentada. Veio, *linha tradicional*, com um só Pontífice, um só Medianeiro entre Deus Pai e o Universo. O primeiro sopro de vida é realidade tão existencialmente imensa e poderosa que mesmo desligada de sua causa, persiste. Persiste numa desordenação enorme, causando, antes e até chegar ao nada, desordens horríveis. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 26/09/1942, n° 857, página 01

Carta a Filíolo

Creio no Espírito Santo. Mesmo fóra da Igreja verdadeiramente *praticada*, realizada, uma alma é de valor imenso e merece profundo respeito. Quando a gente aceita sinceramente esta verdade – o Espírito pode operar independentemente de quaisquer circunstancias – nosso respeito, humilde, se manifesta até diante de erros e patifarias e ascetismos artificiadados e misticismos fantasiosos. Depois da carta que lhe escrevi, Filíolo, em 13-VI do c., carta sincera de que retiro uma palavra, ando tranquilamente á luz e á força do *Credo in Spirtum Sanctum...* creio no Espírito Santo que pode operar independentemente de quaisquer circunstancias. Não creio na *sinceridade* de um ou outro, mas, creio, no Espírito que a qualquer momento pode torna-lo sincero. Não aceito as tapeações com que consegue enganar até os bons e dignos, não creio no Espírito que pode *trans-figura-lo* apesar de suas figurações felinas. E vivo nesta crença absoluta. Possivelmente não terei o consolo de ver as operações do Espírito. E si essas operações só realizarem se no ultimo momento de peregrinação terrestre... alguém poderia saber?! Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 03/10/1942, n° 858, página 01

Carta a Filíolo

A gente vê e quer segundo o espirito que possui. Então vai-se formando num espirito, ou, formando-se (formando p'ra si) um espírito. E você pensa que há ou possa haver muitos espíritos?! – Há um só *Espírito*, como há um só Pai e um só Filho. Um só Espírito em múltiplas, ínfidas revelações... mas, um só espirito. E nossa *eficiência cristã* (de um por um) é absolutamente condicionada á aceitação do Espírito. À permissão de que o Espírito Santo aja em nós e por nós. Não se forme um espirito, ou, não se forme num espirito,

Filíolo. Não se imagine na possibilidade de, por ascetismos e misticismos descentrados, ou, por voluntariedades caprichosas na base da prudência humana e humana sómente, criar um espírito. Deixe de ser idiota; o Espírito Santo já existe. É Deus com o Pai e o Filho. Espera nossa correspondência que consiste em aceitarmos nós as dadas dele que está em nós. Correspondência numa Ascese profunda ás ordens de Cristo Jesus, com o qual, no qual pelo qual voltamos ao amor de Deus Pai, possuidores e possuídos de um e por um só Espírito. Ascese profunda, toda polarizada em Cristo, e na *medida* que ele de nós exige a *proporção* de maior ou menor *aproximação* dele. Dele que nos *trans*-forma nele segundo os limites, marcados para cada um. Ascese cuja perfeição é a Mística. Mística cuja perfeição é o aceitar, humilde e sinceramente o dia a dia. O dia a dia no “amor do Pai, no *Sacrifício* do Filho, na santificação do Espírito.” Ascese e Mística numa cotidiana coexistência em nós que “do bem querer do Pai não nos afastemos jamais”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Ate outro dia.

XVII, 10/10/1942, n° 859, página 01

Carta a Filíolo

Há muito tempo, publicam-se as colaborações da JEC e da LFAC. Colaborações em que há o veio, o único admissível, o veio *tradicional* de um cristianismo não desfigurado, não apaixonado. Há nesses artigos, o esforço sincero de “contribuição a esse trabalho de puro amor pela verdade integral e *tradicional* do cristianismo, tal como nô-la propõe infalivelmente a nossa Santa Mãe Igreja, pelo magistério ordinário e extraordinário da hierarquia e pela realização quotidiana do mistério do seu culto em todo o mundo”. Há um sincero despertar de consciência cristã, verdadeiro. Há fome e sede de *re-ligião* (re-ligio) pela qual recebemos de Deus Pai, pelo Filho, no mesmo Espírito a *Vida*. Religião em que, só podemos almejar: pre-valeça, (de praevalere) “o eterno ao passageiro”. Não creio na sinceridade de algumas criticas contra essas publicações. Não creio na *religiosidade* dessas

críticas. E dizer que essas críticas, em feixe bem maquinado, já se publicaram caluniosamente por alguém metido e sebo... e dizer que ainda há carneiros de Panurgio, bestificadas pela “representação” do metido sebo... é duro. Creio no Espírito Santo que a qualquer momento pode torná-las sinceros, independentemente de quaisquer circunstâncias.

Não permitais, Senhor Jesus, que essas colaborações da JEC e da LFAC se amedrontem pelo som de trovoadas diabólicas. Conservei-nos, Senhor Jesus, á luz do Dogma, da Moral, do Canon, da Liturgia, das Letras Santas, da Ascese, da Mística, não desfigurados, não banalizados, não a serviço de psiquismos descentrados ou falsamente centrados. Não permitais, Senhor Jesus, que um ou outro de nós possa a “beirar a heresia”, conforme a calúnia sacrilegamente publicada. Não permitais Senhor Jesus, que nos metam a ridículo com prejuízo a *Comunidade Católica* e a favor de Companhia sela qual for. Nossa vontade, Senhor é a vossa vontade. Seja feita a vossa vontade. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 17/10/1942, n° 860, página 01

Carta a Filíolo

A base de defesa da “Civitas Dei” repousa na fôrça transmitida ao “*miles Christ*” pelo sacram, da *Crisma*. Este imprime no confirmado o caráter indelével que o habilita a confessar, por palavras e exemplos, ao Chefe Supremo, em todas as circunstâncias de vida, Tal caráter é consagração do sacerdócio eclesiástico. Ao realizar-se a incorporação e a consagração para a vida divina e apostolar, o Espírito derrama sobre o apóstolo leigo as mais exuberantes graças, dando-lhe o espírito de caridade em ordem a santificar-se e santificar. (Um dia, Filíolo, farei com v. um estudo sobre - sanctificari et sanctificare) De verdade, os efetivados na Ação Católica recebem o mandato ou a jurisdição de exercer a ordem leiga sacerdotal que lhes foi conferida na Batismo e na Crisma. A A.C., ou os leigos jurisdicionados para o apostolado, tem, como o sacerdócio eclesiástico, seus seminários, sua

disciplina formativa e escolar nas tardes, manhãs, dias de formação, círculos de estudo, etc., abertos a todos os que desejarem militar na A.C. e conhecer o dogma, a moral, o direito, a liturgia que dignificam a doutrina do apóstolo oficial dos leigos. A A.C. tem o dever de cooperar com os Bispos no exercício do magistério eclesiástico e para tanto recebe da hierarquia o mandato apostólico. E assim torna instrumento e meio concreto de que se servem os Bispos e a Santa Sé para difundir na sociedade universal “*tanto em extensão como em profundidade*”, a verdade revelada e os princípios religioso-sociais católicos - Mons. José de Andrade Lima, no art. A Ação C. á luz da Teol. – R. E> da Baía, Agosto / Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 24/10/1942, n° 861, página 04

Carta a Filíolo

Tipografou-se na ult. esta frase: Tal caráter é consagração do sacerdócio eclesiástico. Mas, eu escrevi assim: Tal caráter é consagração do sacerdócio leigo como o da Ordem o é do sacerdócio eclesiástico / Amanhã, Filíolo, três Diaconos receberão o Sagrado Presbiterato. Veremos e ouviremos a Santa Mãe Igreja na sua maternidade fecunda, em plenitude de autoridade, no exercício da delicada missão de garantir a perpetuidade do Sacerdócio; a Santa Mãe Igreja numa expansão de temor e de esperança / Colega, amigo, na base de uma profunda amizade e coleguismo in Domino (isso, assim e somente isso, assim, e eficaz na Terra e no Tempo para a Eternidade) desejo aos três neopresbiteros: Padre Waldemar – Pe. Geraldino – Pe. Derossi – a permanência no estado em que se encontram. Que admirável a alma de um jovem na manhã de sua ordenação sacerdotal! Os que já acompanham concientemente os ritos e as formulações sagradas, com que o Pontífice realiza a ordenação, podem aquinhoar as comunicações divinas que então se estabelecem num plano eterno. Senhor Jesus, Sacerdote Eterno, único Sacerdote de que somos Ministros, sanctifica eos in veritate

(Jo. XVII, 17)... conservai-nos o vosso Espírito... não permitais que o Espírito de cada um de nós algum dia se esqueça de que vale enquanto, e somente enquanto, está às ordens do Espírito... *assim ordenado*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 31/10/1942, n° 862, página 01

Carta a Filíolo

O Clero Diocesano, Episcopal, realizando missões quotidianas, anônimas, humildes nem, sempre devidamente compreendidas e aceitas... O Padre diocesano... o Pároco... o Vigário... o Capelão... o Cura... sinceramente devotado às almas de Deus lhe confiou. Terá ele uma “Ordem”? Sim, tem: a Santa Mãe Igreja Católica – Apostólica – Romana. Terá uma “Congregação”? Sim: a Congregação das Três Pessoas Divinas e a Comunhão dos Santos. Terá um “Espírito”? Sim: serve, trabalha na “*unam – sanctam – catholicam et apostolicam ecclesiam*”, às ordens do Espírito. Trabalha nas ruas, nos campos, nas selvas; de jornadeio em jornadeio, pela lama ou charco ou planície ou colinas ou vales ou montanhas, louvando a Deus Pai pelo Filho no mesmo Espírito, na santa independência dos filhos de Deus. Trabalha sinceramente á luz e ao calor e a força do: *Adveniat regnum tuum...* no dia-dia tal qual, previsto ou imprevisto, querido ou não, agradável ou desagradável, sistematizado ou não, na enfermidade ou na saúde. E o Reino de Deus se realiza hora a hora, minuto a minuto, independentemente de quaisquer circunstancias. Independentemente dos múltiplos e multiplicados fracassos humanos nas suas infindas modalidades. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 07/11/1942, n° 863, página 01

Carta a Filíolo

Convidados por D. Justino, estiveram nesta cidade o Sr. Dimas Antuna e o Sr. Bernamos. Sr. Dimas nos fez algumas conferencias.

Gostei muito. Se a gente pudesse congregiar todas as *boas vontades*, trabalhando para realizar realmente o “instaurare omnia in Christo” - restaurar tudo em Cristo... / Estamos no fim do ano eclesiastico; ao ver cristão, a vontade de Deus Pai não se quebrará também nas situações atuais. A linha da Providencia do Pai, pelo Filho, no Espirito, não se traça pelas precariedades humanas As cogitações humanas podem falhar... os calculos humanos quebram-se ás vezes loucamente... mas, Deus sempre escreve direito. A mim, Filíolo, quanto mais na terra da vida me é dado conhecer as almas, os fatos, cousas e acontecimentos - mais me defino e afervoro no amor a Cristo Jesus. O Cristo Jesus de ontem, de hoje, dos séculos e da eternidade. Não posso confiar em mim. Não posso confiar nesse ou aquele gosto humano somente. Mas, posso e devo confiar absolutamente na Providencia de Deus que não dorme. Enxergo, pela Fé, em Esperança, no Amor, esta realidade absoluta: o Reino de Deus realizando-se não por causa do que os homens fazem, mas, apesar do que fazem. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo, Até outro dia .

XVII, 14/11/1942, n° 864, página 01

Carta a Filíolo

Nosso “Lampadario” vai bem. Com alguns anos de grande dedicação, Pe. Humberto muito fez pelo nosso jornal. Queremos continuar nosso jornadeio. Queremos, nos alicerces que em comum já se preparam, continuar nossas edificações “in Domino”. Detestaremos as a “polemica”. Detestaremos as “apologéticas”, Detestaremos as *re-presentações* humanas somente. Detestaremos as “diplomacias” as tapeações das “tradições humanas” opostas a única *Tradição*. Detestaremos o falar por falar, o escrever por escrever. Estamos cansados de mais; estamos enfraquecidos quase ao desfalecimento, estamos inchados por tantos e tantos encher-linguiças. Grandis enim tibi restat via (III Reg. XIX - 7)... também a nós, a cada um de nós, resta-nos uma grande caminhada. E também nós precisamos de necessariamente de

pão. Precisamos do Pão. E receberemo-lo para nós e para muitos que nos queiram acompanhar no jornadeio, na peregrinação para a *Pátria*. Nosso Lampadario, sendo o Orgão Diocesano, a gazeta oficial da Diocese, quer distribuir, às ordens do Bispo, o pão da palavra de Deus, em suas múltiplas resonancias em beneficio da comunidade toda. Todos os irmãos da Família Diocesana, as ordens do Bispo, padres e leigos, diremos *em comum*: nosso jornal. Nosso jornal: o meio que a Providencia do Pai nos dá para que, *filhos no Filho*, possamos nos distribuir, mutua e constantemente, os dons do Espirito, na absoluta edificação do Reino de Deus em nós. Isso sem acepção de pessoas e pessolismos ou subjetivismos... mas, na absoluta / existencial / ontológica / concreta / substancial / única comunidade da *comunhão dos Santos*. Nesta base, até os “inimigos” realizam-se no Reino, enquanto são instrumentos, de que serve o Pai, para purificar em muitos a imagem do Filho. Ao depois... a esperança de que os próprios “inimigos” se convertam diante da imagem que eles purificaram e então podem olhar mais e melhor, e de melhor para ótimo, e de ótimo para o céu. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia

XVII, 21/11/1942, n° 865, página 01

Carta a Filíolo

A falta de *unidade* no compreender e aceitar os homens, as cousas e os fatos, explica-se basilarmente pela falta de *distinção*. Não distinguir para complicar, mas, distinguir para colocar cada cousa em seu lugar, ou, distinguir para ver cada cousa em seu lugar. Distinguir para ver pedra o que é pedra: pão o que é pão; queijo o que é queijo; doente o que é doente; são o que são; defeito o que é defeito; qualidade o que é qualidade; humano o que é humano; misturado aquilo o que há mistura. Distinguir para encontrar a *unidade*. Para encontrar o *Unum*. O Cristão é exclusivista, é estandardizado, é patronizado - porque é cristão. Só há um Cristo Jesus. O cristão tem uma fórmula única. Uma fides. Unum baptisma. Unus Christus. Unus Spiritus. Unus Deus et

Pater omnium. Essa fôrma única revela-se por uma fôrma única: a Revelação, contida nas Sagradas Escrituras, e guardada e *traduzida, tradicionalizada* pela Igreja. E a Igreja tem uma só *linha autentica*, porque realiza única fôrma. Essa única linha a autentica é a Missa com os Sacramentos e Ofício Divino. O mais, aprova-se, aconselha-se, abençoa, indulgencia-se na Igreja. Assim, porque os cristãos têm seus livres arbítrios doentes da doença do pecado original e dos pecados pessoais, e Deus, Nosso Senhor, respeitando o livre arbítrio que Ele próprio permite ao homem, pode se servir dele para muitas providencias. E os cristãos, *apesar* da única fôrma e única fôrma (único *bom e bem*), não *por causa da* única fôrma e única fôrma, podem aplicar-se á Redenção por modos e modas que Deus respeita. Podem chegar a única fôrma e única forma por metodologias as mais diversas, e... às vezes nem chegam... mas, Deus é infinitamente misericordioso... e no fim, *todos sinceramente de boa vontade* serão “cor unum et anima uma”. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 28/11/1942, nº 866, página 01

Carta a Filíolo

Desejaria escrever-lhe como sempre. Mas, nesta semana, por imprevistos diversos fiquei muito preso a muitas causas. Muito pensei ás ordens de Deus Nosso Senhor. Muito tranquilo em tudo. Mas, o horário dos minutos, horas e 7 dias não chegou para eu lhe preparar uma carta. Eu não sou “*aquele que é*”. Sou mais aquele que não é. Vejo-me entre o *nada* e o *Ser*. Nada em mim próprio e por mim próprio. Tudo, enquanto, e somente enquanto, ás ordens do Todo Poderoso. No momento em que lhe escrevo, estou recebendo aquela *palavra* de São João: “qui amat animam suam, perdet eam”, XII-25. Não posso confiar no meu amor de mim mesmo terra-terra... posso e devo confiar no *Amor* que é mais forte do que a morte. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 05/12/1942, n° 867, página 01

Carta a Filíolo

Nosso Lampádario não pode ainda decidir o “misturar alhos com bogalhos”. Quando poderá? Não sei. São tantas e tamanhas as cousas desfiguradas... são tantos e tão grandes os desfiguradores ... Caramba! então, esse tal padre Rui é protestante?! Sim, é. Protesta contra toda e qualquer tapeação. Não é doutor, não é teólogo, não é filósofo, não é nada. É um pobre coitado que vive trabalhando “ut in omnibus glorificetur Deus”. É um cristão, é padre, deseja o céu p’ra si e para todos. Há quatro anos exerce continuamente cura d’almas. Não sofre o trabalho. Sofre os trabalhos provocados pelas desfigurações. O altar desfigurado, o confissionário desfigurado, o pulpito desfigurado. E o padre ou desfigura-se para *conformar-se* ... numa repugnante deformação, ou, parece... .. / Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 12/12/1942, n° 868, página 01

Carta a Filíolo

Somos, de coração e de altar, agradecidos a todos que nos ajudam com valiosas colaborações. Temos publicado os artigos que nós próprios pedimos ao Sr. H. J. Hargreaves; nesses artigos, está desejoso de elucidar, com precisão doutrinária, o conceito de IGREJA, e o conceito de nosso SER em Igreja. No penultimo artigo e neste, perscruto a percuciência de um pesquisador persistente. Desejo que esses artigos persistam e nos tradicionem uma pesquisa tradicional acêrca de: unidade / uniformidade / modalidade / uniformidade da Igreja, e, em Igreja; acêrca de nossa individualidade e pessoalidade em Igreja. Por um dos autores apontados, Moehler, podemos avaliar a base segura em que se firma Sr. Hargreaves. Que esses artigos continuem, e a luz se faça, e nós nos realizemos verdadeiramente em “unam / sanctam / catholicam / et apostolicam Ecclesiam”. Eu proprio ainda não enxergo

o claro de alguns tópicos desses artigos, v. g. ,este: “a unidade, na essência da Igreja, não é uniformidade”. Sim, porque, no caso, uniformidade é efeito da unidade? / Continuarei eu também a matutar ás ordens da Graça, sem procurar a Verdade nessa ou aquela classificação, mas servindo-me das classificações para receber a Verdade. Caminhemos. No jornadeiro si o “cor unum et anima uma” não faltar, todavia nunca faltará. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 19/12/1942, nº 869, página 01

Carta a Filíolo

Lei / obrigação. A LEI como expressão da vontade de Deus Pai. E a OBRIGAÇÃO de cada um é permitir que a Lei se realize em tudo e em todos. Nossa obrigação é aceitar a vontade de deus Pai. E a plenitude da vontade do Pai é o Amôr: plenitudo legis, dilectio. Realizamos (tanto quanto podemos) essa plenitude quando amamos muito, sem medir, nem pesar, nem contar. AMOR - CARIDADE. Caridade que não é tapeação, não é conversa fiada, não é confusão artificiada para cobrir miserias. Caridade que não por consiste, absolutamente, em impingir gato por lebre, cabrito por cordeiro. Por caridade mesmo é que não se deve compactuar com a tapeação, favorecendo a ousadia de lobos contra cordeiros inconciêntes das proprias feriadas mortais que lhes causam aqueles. Por caridade mesmo, temos que desejar esta ou aquela purificação, esta ou aquela cirurgia e ás vezes este ou aquele drástico. Muita dôr para alguns, muita bazofia de mascarada, mas também muita purificação (e isto é o que vale) em ordem a realizar, em toda sua pureza, a vontade de Deus Pai, pelo Filho, no Espirito. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 26/12/1942, nº 870, página 01

Carta a Filíolo

Celebração do Natal! ... Si ao menos com todos com os quais

convivo, pudesse celebrar verdadeiramente o Natal! Perguntamos com lealdade: o Natal é celebrado mesmo?! Esta pergunta pode e deve ser feita por qualquer cristão sincero. Missas do galo, tais como se realizam, são mesmo: celebração do Natal?! O que se faz, e o modo por que se faz, constituem verdadeiramente um hino do Natal?! Nisto está a ilusão: apegamo-nos a mil artifícios sob pretexto de “tradições”, e o único modo por que se celebra uma realidade única com absoluta TRADIÇÃO - não se compreende ainda. Não se compreende porque não se explica. Não se explica por que / Sempre respeitei e respeitarei absolutamente a tudo e a todos, dominado que já estou (Graças a Deus) pelo “miserior” pelo “pati et contemini”. Nesse fundamento é que vivo, não fingido com duas caras, mas, com a mesma cara, alegre ou triste / reservada ou expansiva rechonchuda ou cadaverica / diante dos bem carados e diante também dos mascarados ou des carados ou desfigurados e desfiguradores. Não acendo duas velas. Á luz, ao calor e á força de uma só vela, de um só Círio Pascal, quis, quero e quereirei abraçar a todos, absorvido, como também agóra no Natal pela “Charitas Christi urgetnos”. E isso não equivale a aceitar tudo, numa mistura desesperada. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia

XVII, 02/01/1943, n° 871, página 01

Carta a Filíolo

Agradecemos, de coração e de altar, todos os cartões de boas festas, enviados a mim pessoalmente e á direção do nosso jornal, pedindo a Deus nos permita e nos conceda crescer no seu Amor. Impossibilitado de responder a cada um, tranquiliso-me com essa publicação que ora faço ao depois de ter celebração u’a Missa pelas intenções de todos. Nessa Missa, ao Padre Nosso, recebi e falei esta palavra também: ... mas, livrai-nos do mal. Nós cristãos nos intimidamos com o mal, pois cremos na existência do causador do mal e dos males: o demônio. Deus não abandona um cristão humilde e sincero, mas, pode permitir-lhe males, ás vezes, machucado, que a gente sente-se numa

feliz ventura que na ordem temporal pode ser uma desgraça. Ao - livrai nos do mal – é certo que Deus só corresponde afirmativamente; entretanto, os modos por que o sim paterno se realiza são muitos e não ficam á mercê das contas, pesos e medidas do homens. Assim, aceitemos o sim paterno, não na luz da Fé. A Fé não é dia, è noite. Aceitemos o sim paterno na noite da Fé. Enxergar, saber porque e para que e para onde, onde - como – quando e quanto de perdemos a paz. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo, Até outro dia.



XVII, 09/01/1943, nº 872, página 01

Carta a Filíolo

Senhor Jesus, começado o ano de 1943, concedei-vos possamos servir com muita fé. Com muita fé e consequentemente com simplicidade, sem compromissos com as corrupções que nos molestam. Permití, Senhor, que nosso jornal possa espalhar boas colaborações. Dai-nos, Senhor, sejam lidas verdadeiramente e divulgadas ente muitos irmãos codiocesanos. Dai-nos, Senhor o ser cristão e o trabalhar sinceramente para que o sejam tantos e tantos caríssimos irmãos.

Fortificai, Senhor, os colaboradores, confortai os com vossa Graça; e permiti - sejam os leitores alimentados e fortificados pelos ensinamentos por eles distribuídos . Queremos, inteiramente, de corpo e alma, trabalhar pela afirmação da vida cristã em todos que nos lerem.. Vida cristã realmente existindo e eficazmente operando em tudo. Em muitos, queremos despertar a consciência de que, apesar de bem intencionados, estão apegados a coisa de menor ou quase nenhuma importância. No sincero lidar com os fieis, na cura d'almas, a gente constata que o espírito verdadeiramente cristão não é como devia ser. As vezes há sinceridade, mas ainda não se enxergaram algumas coisas indiscutíveis, algumas coisas que, ou aceitamos para ser cristãos de fato, ou não aceitamos e ficamos cristãos intermitentes. Por ex., no confessorário, quanta lenga, lenga perturbando a simples e profunda recepção do sacramento. E assim em todos os sacramentos, a ponto de causar profunda dor em qualquer pessoa verdadeiramente sincera e que vê as coisas como as coisas devem ser vistas e não fantasiadas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo, Até outro dia.

XVII, 16/01/1943, n° 873, página 01

Carta a Filíolo

Jamais desejaremos um trabalho, qualquer que seja, sem a circunspeção necessária. Em tudo, atendamos a tudo, em ordem a respeitar o mínimo vestígio de verdade, por mais desfigurado que apareça. Experimento verdadeira angústia por ocasião de lhe escrever isso ou aquilo que, se lhe é áspero, a mim é me cruciante. Jamais lidei e lidarei a não ser com fome e sede de *comunidade*, possuído (graças a Deus) pela convicção de que devemos viver “*communicantes*”. E essa convicção não se me abalará nunca, porque a pedra fundamental é Cristo Jesus. Na delicadeza do Senhor Jesus, na Sua caridade, em Seu nome, devemos realizar nosso “*communicantes*” matinal, começado no altar, e refletido por todo o dia e pela noite até a re-afirmação do dia seguinte, assim enquanto peregrinarmos, Sejam positivos, de uma

positividade que nos faça enxergar qualquer partícula de *sêr*, esteja onde estiver. Louvado Seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 23/01/1943, n° 874, página 01

Carta a Filíolo

Por amor á justiça e á verdade / Esta serie de pequenos artigos, que toda gente pode ler sem o inconveniente de serem grandes e cansativos, fará bem a quantos os lerem do modo por que foram escritos: com fé e conseqüente pureza. A serie não será extensa; já está no III numero, e não irá muito além. Também por esses oportunos artigos, rendo graças a Deus, Nosso Senhor, que, em hora matematicamente azada, na hora H, no-los está concedendo. Dessas colaborações construtivas; dessas colaborações que nos façam enxergar as maiores e mínimas e minusculas partículas de *sêr*, estejam onde estiverem; dessas colaborações precisamos grandemente. Dessas colaborações *positivas* que nos levem a respeitar qualquer vestigio da Verdade e do Bem. Respeitamos o *Todo*, respeitando suas partículas por mais desfiguradas que se tornem. As desfigurações das partículas não impedem sua incorporação no *Todo*, por meio daquele minimo da Verdade e do Bem que ainda as vivifica. Sejamos *objetivos*. Sejamos *positivos*: De uma *objetividade*, de uma *positividade* que nos faça enxergar profundamente e respeitar sagradamente a minima partícula de *sêr*, ainda que de mistura ou perda num rô de esfacelamentos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro.

XVII, 30/01/1943, n° 875, página 01

Carta a Filíolo

Terminou hoje, Filíolo, o Retiro do Clero, começado segunda feira passada. Você talvez não se imagina (sob pretexto de que não lhe interessa) o valor imenso deste Retiro. Os santos varões, os santificados presbiterios, velinhos uns, menos velhos outros, moços diversos,

possuidores e possuidos de um e por um só ESPIRITO. E todos os Fieis, da Diocese em suas Paroquias, teem o direito de anciosamente aguardá-los á espera dos misterios divinos que devem factuar constantemente. Renovados nas suas visões largas e profundas acêrca do autentico fato - PAROQUIA - (e nesta palavra até a etimologia ajuda a evitar qualquer jurisdismo ou teologismo ou moralismo ou pastoralismo ou litugicismo) não lhes faltou ocasião de reencontrarem-se consigo propios no plano em que ESSENCIALMENTE está a BASE do ministerio sarcerdotal. De coração unidos pela FÉ, independentemente de qualquer psiquismo ou qualquer outra precariedade humana, não lhes faltou (ao contrario, fartou abudantemente aos que tiveram ouvidos dará ouvir) a exposição da TEORIA UNICA o ABSOLUTA em que se firma categoricamente a PRATICA do ministerio sacerdotal. Unidos profundamente, de coração e de altar, a todos os santos varões, nossos guias espirituas, realizemos por nós, Filíolo, e por muitos, a glorificação divina sempre e em tudo. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 06/02/1943, n° 876, página 01

Carta a Filíolo

Duas conferencias que estamos publicando “DUAS CONFERENCIAS SOBRE ASSUNTOS LITURGICOS”, são verdadeiramente duas conferencias. Os desejosos de leituras mais cheias de succulentas nelas encontraram exatamente isso. O autor delas virá a esta cidade agòra em Fevereiro, e fará uma serie de conferencias na “União dos Moços Católicos”. Cientes de que também esta vinda fará bem a quantos queiram receber o bem, fazemos essa publicação á guisa de convite. Ele é de uma visão plenamente cristã e católica. Também suas conferencias distinguem-se pela sua perspicacia ás ordens de uma retidão verdadeiramente retidão. É tão bom receber as comunicações de pessoas assim. A gente abandona de si proprio as facciosidades as mininas e mais refinadas e iludentes. A gente abandona de si proprio

(si há sinceridade) todos os recalques de falsificado cristianismo. A gente recebe esclarecimentos que ajudam muitissimo na realização do que cada um de nós é: SÊR CRISTÃO. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 13/02/1943, n° 877, página 01

Carta a Filíolo

Aos fervorosos autores de “CARIDADE” e de “MARTELO SONORO” que toda comunidade diocesana para quem se publica o “Lampadario”, seja agradecida também a esses dois sacerdotes. Não recusam o chamado que lhes fez, e cheios de fé, nos prometem uma serie de artigos. Cada um, no plano que lhes apontou, distribuirá aos muitos irmãos aquilo que já alcançaram, aquilo que já lhes foi dado ver e devem testemunhar. Permití, Senhor Jesus, que eles também nos possam bem fazer o bem. Permití, sejam lidos verdadeiramente. Dai-lhes, Senhor Jesus, realizem sua consagração ao vosso serviço, também nisso descrever aos muitos irmãos. Realizem sua consagração, e contribuam para que se consagrem e muitos leitores dons desconhecidos e não aproveitados. E nesta constante reciprocidade de dar e receber, receber e dar, vamos peregrinado na santa liberdade dos filhos de Deus. Livres do pecado, e desejosos de alcançar, em tudo, plenitude que Deus Pai nos marcou. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 20/02/1943, n° 878, página 01

Carta a Filíolo

No autentico CULTIVO da VINHA DO SENHOR, quanta solicitude tem demonstrado também nossa “COLUNA JECISTA”. Constante e diligentemente quanta FIDELIDADE ao primeiro ‘QUERO’ (Batismo)! Quanta ESPERANÇA e AMOR no ‘AMEM’ (crisma) que se

factua em variadíssimas e multiplas modalidades repugnam, é certissimo, toda e qualquer padronização mas, em toda as modalidades, absolutamente, há um VEIO, único e absoluto, por que elas se prendem e tem SUA RAZÃO DE SÊR. Vamos ao fundo: TEM SUA RAZÃO DE SÊR - existem põe causa desse veio para ele numa relação existencial. Esse Veio é a EUCARISTIA. Eucaristia - SACRIFICIO. Sacrificio: glorificação de Deus Pai, prestada pelo FILHO. E para que em todas as modalidades de nossa peregrinação pelo tempo, não nos advenha “deficere in via” - recebemos a Eucaristia - Sacramento: PANIS VIA TORUM. E a Eucar. Sacram se ordena á Eucar. Sacrif. . A Eucar. existe para a Eucar. Sacrif. . Que propriedade, bem compreendida, na seguinte formulação: a Eucar. na nossa vida! É verdade, nosso viver entregue ao Cristo Jesus é por ele, nele e com ele, entregue ao Pai, é solene eterna glorificação que se manifesta em tudo até ás minimas consequencias do menor dos preceitos moraes. Louvado seja nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVII, 27/02/1943, n° 879, página 01

Carta a Filíolo

Nas perspicazes e CIRCUNSPECTAS: conferencias de D. Paulo, a gente fica enchergando com maior pureza e fixidez: a Encarnação da verbo como A MEDIDA / peso / conta de toda e qualquer RESTAURAÇÃO HUMANA, e consequentemente, de todo e qualquer AGIR. O homem, FEITO á imagem e semelhança de Deus, querendo orgulhosamente independer-se dele, fica depois á procura da origem de sua imagem. . .”foge de Deus . . . em tudo procurando o desesperadamente”. Essa FUGA é nota marcante de todas as REVOLTAS e RE-VIRAVOLTAS do HOMEM, da Humanidade e das Sociedades. A IMAGEM DO HOMEM, que è a semelhança de Deus nele, jamais poderia e poderá voltar ao nada. . . mas, pode, pode e poderá apagar-se, desfigurar-se completa ou parcialmente. Essa desfiguração e essa fuga e a ancia de ser o que devia ser, TRANSPARECEM

em todos e em tudo: nas maiores e nas mínimas atividades. Essa fuga desfaz-se pelo ENCONTRO com o Verbo: Cristo Jesus. Essa desfiguração refaz-se pela transfiguração operada pelo Cristo Jesus; transfiguração que pode e deve transparecer em nós: no que somos e em tudo tudo que operamos. E assim se realista a RESTAURAÇÃO. Louvado seja nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVIII, 06/03/1943, n° 880, página 01

Carta a Filíolo

Em 1, passamos pelo nosso 17° aniv. Não queremos, nem poderíamos apresentar ‘tesourinhos espirituais’. Não podemos contar vantagens.

Não podemos propor novos rumos. Não maldizemos do passado; não lastimamos o presente; não nos perturba o futuro. Já passámos por muitas fases, passamos por outras. Já nos foi dado enxergar com bastante clareza que a REALIZAÇÃO DO REINO, se pode ser condicionada jamais seria dependente de linhas e cálculos no tempo para o tempo. Trabalhamos e trabalharemos na santa independência dos filhos de Deus, sem ligar a maior importância aos ‘relatórios’, ‘às folhas de serviço’ aos ‘méritos’, sem ficar atarefados com arranjos de ‘tesourinhos espirituais’. Em tudo isso há valores, mas, o maior VALOR está em passar por esses valores sem se prender a eles, na doce ilusão de um mistério cumprido porque encaixotado e levado por tais e tais linhas ‘impecáveis’. Registando nosso 17° aniv., pedimos aos leitores que aceitem EM PRIMEIRO LUGAR - o primeiro artigo que sempre publicamos: a EXPLICAÇÃO DA MISSA DO DOMINGO - Vejamos nessa publicação não uma outra espécie de tesourinho, ou, uma leitura para desocupados ou livres de grandes embaraços na vida. . .Vejamos nessa publicação o que lá está: A PALAVRA REVELADA que nos mostra, de semana a semana, EM TUDO, a RAZÃO DE SER - o PORQUE - de nossa vida; que nos mostra nossa volta a Deus em tudo que pensamos, falamos, fazemos. Louvado seja Nosso Senhor

Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVIII, 13/03/1943, n° 881, página 01

Carta a Filíolo

“O CATECISMO é o primeiro dos apostolados”. A Semana catequética que se está projetando para o começo de Maio próximo DEVE merecer a atenção e a solicitude de muitos e a participação de TODOS absolutamente. Participação cujas as modalidades permitirão a todos menos ou mais eficiência. E dura afirmação de que não temos a centésima parte das catequistas necessárias. Sabesse o numero, p. ex., dos habitantes da paróquia de Santo Antônio, sabe-se o numero de crianças; sabesse o numero de catequistas, sabe-se o numero das crianças que recebem catequismo, sabe o numero das que não recebem. Olhando tudo isso, a gente fica simplesmente desapontado e formidavelmente desiludido com a qualquer organização ou movimento que, sob pretexto de fixação num ponto primacial, deixasse de lado a obra do Catecismo. É bem certo que teoricamente, o Catecismo não é posto de lado mas... PRATICAMENTE, que lugar ocupará no pensar e no agir de muitos?! Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

XVIII, 20/03/1943, n° 882, página 01

Carta a Filíolo

Podemos começar neste numero a publicação de “O DIARIO DE UM PAROCO DE ALDEIA”. A divisão é muito difícil. Pedimos aos leitores que nos perdoem algumas divisões mal acertadas ou mesmo erradas e dificultando a compreensão. Fiquem prevenidos de que certas passagens só se entendem no conjunto e com o conjunto. E muitas vezes não poderemos publicar esta e aquela passagem no seu conjunto, porque então ter-se-iam que publicar muitas paginas de uma só vez, o que não é possível. O “DIARIO” é tal que certamente fará os

leitores colecionarem os folhetins para poderemos saborear o encanto nele contido e espalhado em todos os DIAS como a alma no corpo. Pecorremos pagina por pagina, atentamente, e iremos enxergando o BOM e o BELO e de muitas elevações provocadas por esses dons. Ah! Si cada um de nós simplesmente recebesse os dons prodigalizados pela Providência! Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

Supostamente escreveu os “Communicantes” a partir do número 883, de 27.03.1943

PELA CONSTRUÇÃO DA NOSSA CATEDRAL

+Ano XV, 08/06/1940, n° 737, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A necessidade de uma catedral em Juiz de Fora é cousa absolutamente vista e sentida por todos de boa vontade. Não há mister mostrar essa necessidade. Para bom entendimento, para provocar entusiasmo sadio, para despertar energias, para concentrar forças, e necessário dizer que a construção de nossa catedral é possível. Só que querer uma organização e operosa estabelecida. De presa não se precisa. De precipitações menos ainda. Deseja uma construção a altura de figurar dignamente, com religiosa majestade liturgia. Entre nossos edifícios que se multiplicam com arte. Nossa “Juiz de Fora” sede de bispado há quase 16 anos, merece uma catedral. Nisso não se empenham vistas humanas quaisquer que seja. Não. Nisso se empenha a catolicidade, catolicidade realmente grandiosa, de nossa ‘Juiz de Fora’ cujo centenário já se prepara remotamente. A inauguração de nossa Catedral se fara na ocasião do centenário daqui 10 anos? Todos os de boa vontade respondem sim. Assim seja. Essa palavra sacerdotal ao digníssimo senhor Prefeito, as autoridades todas, as nossas colendas Famílias, sendo orgulho de uma civilização cristã vivida. Essa palavra sacerdotal de coração juiz-forano aos corações juiz-foranos. Haja compreensão e boa vontade e haverá realização de um trabalho - precioso patrimônio as gerações vindouras. Nessa realização seja lembrado que um nada é sempre um nada, mas de nada se fazem grandes cousas.

+Ano XV, 15/06/1940, n° 738, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Reconhecer a necessidade de uma cousa, a possibilidade de realiza-la e mesmo uma certa obrigação de realiza-la e ficar nisso - é ter uma responsabilidade culpada. Longe de mim todas e quaisquer vistas humanas. Pra mim nada procuro a não ser amar e servir a Deus. Nosso Senhor. O que estou fazendo é gagueijar aos grandes e a todos sobre uma empresa absolutamente acima de meus ombros, pequenos e de quase nenhuma valia. Não tenho a tola pretensão de agradar a quem quer que seja. Não busco honras e dignidades. Louvado seja Deus, me alimento cotidianamente destas convicções “ Pati et contmni” - Padecer e ser desprezado ... etc. Si acontecimentos fortuitos me proporcionam ocasião de gloria, prefiro, e, si Deus quiser, hei de preferir sempre a gloria eterna da cruz. O que faço é balbuciar humildemente, a maneira de criança, sobre uma empresa que se impõe pela sua absoluta necessidade. Sou uma criança que esta com fome e sede de ver sua terra com uma catedral digna de seus filhos. Sou uma criança sem lar. Um filhinho de Deus, de Deus sem casa que caiba seus filhos nos dias de festa. Para o Pai de todos é que peço uma casa. Uma casa bonita que se chama Catedral. Casa que será uma herança comum a todos os filhos de Deus. Herança comum e inalienável. Herança, destas que recebemos dos nossos antepassados laboriosos e que devemos aumentar e construir a nossos avindouros. Si assim não fosse, nossa missão histórica, relativamente a isso, estaria falida.

+Ano XV, 22/06/1940, n° 739, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Vantagens de a Catedral ser construída em outro lugar que não a da Matriz de Santo Antônio de Juiz de Fora. Há variantes no modo de expor estas vantagens. Prefiro epiloga-las assim: vantagem histórica, vantagem econômica, vantagem litúrgica, vantagem artística.

Vantagem historica: aniquilar a primeira sede paroquial de Juiz de Fora?!... quebrar bruscamente agradáveis, legítimas tradições da primeira igreja de juiz de fora?!... destruir a igreja á sombra da qual se construiu “Juiz de fora”?! Si assim procedermos, mereceremos justificadamente severas objurgações.

Vantagem economica: construir sem destruir ... destruir?! ...nós que precisamos de igrejas?! ... destruir , uma igreja solida?! ... Destruir, arrastados por motivos de segundo plano?!...destruir uma igreja que não se controe por menos, no mínimo, de 800:000\$000?! Não há exagero nessas afirmações. Sejam atentamente examinadas e serão devidamente aceitas.

Vantagem liturgica: remodelar por diversas vezes... disso resultaria coisa artistica?!... quem admite essa hipotese poderia fazer o obsequio de pedir a opinião dos especialistas. Veria logo o engano em que labuta a hipótese admitida.

COMISSÃO DIOCESANA PRÓ-CATEDRAL

Presidencia: Excmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano.

VICE “ “ “ Excmo. Mons Vigario Geral.

SECRETARIADO; Revmo. Sr. SECRETARIO do Bispado. TESOURARIA; Revmo. Sr. Aprigio Ribeiro de Oliveira.

Conselho: Excmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano, Excmo. SR. General Christovão Barcellos. Excmo. Sr. Major José Coelho de Araujo, Excmo. Sr. DR. Aprigio Ribeiro de oliveira, Excmo. Sr. Dr. José Procopio Teixeira, Excmo. SR. Dr. João Nogueira Penido , Excmo. Sr. Dr. João Nogueira Penido, Excmo . Sr. Dr João Ribeiro Villaça, Excmo. Sr. Dr. Enéas Mascaranhas, Excmo. Sr. Dr. João Tostes, Excmo. Sr. Dr . Antonio Augusto Teixeira, Excmo. Sr. Dr. José Baptista de Oliveira, Excmo. Sr. Dr. João Nunes Lima, Excmo. Sr. Dr. Frederico Alvares de Assis, Excmo. Sr. Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, Excmo. Sr. Dr. João Nunes Lima, Excmo. Sr. Dr. Frederico Alvares de Assis, Excmo. Sr. Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, Excmo. Sr. Dr. Josué Lage Filho, Excmo. Sr. Prof. Henrique Hargreaves, Excmo Prof. Lindolfo Gomes,

Excmo. Sr. Dr. João Bernadino Alves, Excmo. Sr. Francisco Azarias Vilela, Excmo. Sr. José Augusto Alves, Excmo. Sr. Arnulfo Nascimento.

Muitos outros excmos. srs receberão importantes incumbências: Também as excmas. Sras. e senhoritas. Também os moços, as crianças e criancinhas. Todas as classes e posições sociais, em todas as paróquias organizar-se-ão, em tempo oportuno, atividades sob a benevolência e apoio dos Revmos. Srs. Párcos.

+Ano XV, 29/06/1940, n° 740, página 04

Pela construção de nossa Catedral

No centenário de nossa 'Juiz de fora' haverá sem duvida a proclamação viva de suas grandezas. Grandezas justificadamente louváveis. Haverá também acareações, involuntárias talvez, entre os diversos progressos realizados á porfia de seus laboriosos filhos. Canto. Louvor. Admiração. Tudo se justificará diante das inconcussas provas dos fatos. E quando chegar a vez de considerar a VIDA CATOLICA de Juiz de Fora no correr dos 100 anos que se passaram?! A vida católica interior foi, é e será sempre um santo orgulho de nossas colendas Famílias. Idem quanto á vida católica de caridade. Si alguém ousasse desmenti isso eu chamaria a examinar de perto as realidades. Criei-me aqui. Deste pequenino, batido por circunstâncias que Deus, nosso Senhor, sabe quais foram e quais são, acostumei me á pratica da "logica viva", i. é.; á pratica de desenvolver meu espirito pelo contato dele com a VERDADE . Conheço grande porção de almas elevadas, simples e escondidas: humildemente escondidas, sob o veio discreto de um evangélico anonimato Graças ao Bom Deus! E porque sou daqui, e porque conheço a terra, terra boa, em que vivo é que me animo a gaguejar – lhes sobre a possibilidade e urgência de construir nossa CATEDRAL . Nosso centenário, teremos nossa catedral, LITURGICAMENTE APARELHADA, ao lado dos majestosos edifícios que se multiplicam

com arte. Teremos uma catedral a proclamar aos séculos, numa lição viva de fé e amor ao Bom Deus, nossa religiosidade operante em tudo.

+Ano XV, 06/07/1940, nº 741, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Com relação á morte do Excmo. Sr. Mons. Dr. Domicio de Paula Nardy, a comissão Diocesana pro catedral coloca-se em humilde silencio de resignação cristã. A gente se preocupa com um rôr de questões e questiúnculas. Muitas louváveis, dignas sem valimento ou de valor muito pequeno. Poderia, para falar com provas reais, citar alguns exemplos. Isso faria em outra ocasião, si fosse necessário. Não deve provocar susceptibilidades. Ao jornal não venho para isso. Se um irmão se susceptilibisa, saiba ele que o caso se dá fortuitamente. Escrevo a todos os leitores de O LAMPADARIO em completa e sincera impessoalidade. Por meio deste pequeno cantinho de nossa gazeta, desejo colaborar despretenciosamente no alarme de uma ‘revolução cristã’ (revolução - voltar ás origens cristãs). O mesmo ideal que mantendo em minha ‘cartas’. Nesse ideal, á medida que jornadeio minhas ideias se simplificam e se fortificam. Louvado seja Deus, não ando á procura da verdade e desejo espalha-la. Voltar as origens cristãs!.. voltar aos primeiros tempos pela participação direta dos Fieis no ‘Misterio’ da igreja. Explico – me: que a igreja seja, como realmente deve ser, a reunião de todos os fieis. Reunião de corpo e de alma. Reunião quanto as verdades professadas. Reunião quanto á vida pratica. Reunião quanto á *vida litúrgica*, pela qual todos os fieis se agrupem em derredor do altar eucarístico. Altar, único ponto de contato entre Deus os homens, entre os homens e Deus. Falar assim, a muitos parece fantasia. A mentalidade cristã de muitos está asfixiada por ideias extravagantes. Ideias sem razão. Ideias sem bom senso. A muitos cristãos a gente precisa falar sobre o Cristo Jesus como falaria a qualquer pagão.

Benévolo leitor, falamos da reunião litúrgica dos fieis... como conseguir isso nos dias de festa? Quanto o *Pontifice, Pastor, Cristo*

Jesus continuado, pontifica numa catedral provisória? Vê-se então o rebanho dividido. Não se realizam as humildes apoteoses de Cristo Jesus: esses argumentos alto falantes de uma fé vivida. Não temos uma Catedral. Não temos. Precisamos fazer. Não podemos passar ao amanhã a *provisória* que aí está. Ficar durante bom numero de anos com essa *provisória*, e ainda passa-la ao futuro, seria risível. Nossos sucessores depois de historiar lealmente as condições em que vivemos, nos estigmatizariam com justiça. Falo a bons entendedores. Templo que caiba a todos é irrealizável. Trata-se de um templo que caiba muita gente.

+Ano XV, 13/07/1940, nº 742, página 04

Pela construção de nossa Catedral

E cousa sabida que a velhice não se marca pelos anos, sim pelas disposições da alma. Há muitos velhinhos – moços. Há muitos moços – envelhecidos. “Juiz de Fóra”. Aos cem anos (!) de idade, quer provar com fatos o vigor de suas disposições da alma. Provará que não é velha. Ao contrario, moça em completa e robusta vitalidade “Juiz de Fora” idealiza progressos e sabe o que deve realizar ainda. Não se embevece com o que possui. Sabe que muito lhe falta e muito quer fazer. Assim, reconhece a necessidade premente de uma CATEDRAL. E não fica a lamuriar... Dispõe de recursos de devidamente ORGANIZADOS lhe permitem caminhar sempre “Juiz de Fora” nunca pretextou mingua diante de realizações necessárias. Caminha sempre empregando bem seus próprios recursos. Essa “Juiz de Fora” assim moça forte. Dará de ombros, quanto a construção de sua CATEDRAL? Não. Seria injúria admitir tal possibilidade. Também nessa realização, “Juiz de Fora” será “Juiz de Fora”. Não consentira que alguém desmintira a generosidade com que sempre acolhe os nobres empreendimentos. “Juiz de Fora” é a semelhança destas grandes almas que não poupam sacrifícios em favor do próximo. “Juiz de Fora” se elevava com a ideia de sua futura CATEDRAL. Essa ideia num futuro próximo será plenamente

concretizada. Não se duvida que haverá canseiras. Desfalecimentos. Para alguns: noites mal dormidas. Machucados. Mãos calosas. Vestes empoeiradas. Jornadeios compridos, estafantes, ingratos. Sim... e uma persistência cristã a tudo responderá.

+Ano XV, 20/07/1940, n° 743, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Em 8 d. as 14hrs., no salão nobre da catedral provisória reuniu-se pela primeira vez a Comissão Diocesana pró-Catedral. Referente a reunião o secretariado registrou a seguinte crônica – ‘Estiveram presentes: Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano D. Justino José de Sant’Anna, Exmo. Sr. General José Christovão Barcelos, Exmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano – d. d. Prefeito Exmo. Sr. Major José Coelho de Araujo – d. d. Comandante da Policia, Exmo. Sr. Aprigio Ribeiro de Oliveira – d. d. Tesoureiro da Comissão Sr. Dr. João Nogueira Penido. Exmo. José Procopio Teixeira, Exmo. Sr. Dr. Luiz Fossati. Exmo. Sr. Dr. José Baptista de Oliveira, Exmo. Sr. Dr. João Bernardino Alves. Exmo. Sr. Dr. Antônio Augusto Teixeira, Exmo. Sr. Dr. Josué Lage Filho, Exmo. Sr. Prof. Lindolfo Gomes, Revmo. Sr. Pe. Rui Nunes Vale. Justificaram sua ausência: Exmo. Prof. Hangreaves, Exmo. Sr. Dr. Aprigio de Ribeiro de Oliveira e Exmo. Sr. Dr. Eneas Mascarenhas. Os outros membros da Comissão, todas foram convidadas, mas, não estiveram presentes. Trocaram-se ponderadas reflexões sobre a construção de nossa catedral, sobre o local trançando-se as linhas gerais de um estudo fundamental sobre o estilo a ser adotado. Dr. Luiz Fossati, o arquiteto convidado proclamou com inteira sensibilidade artística, a convicção ardente de apresentar um anti-projeto bem digno, considerando todas as circunstâncias necessárias. Olhou-se lealmente, o lado econômico do grande problema, ficando recalcada a necessidade de uma organização esclarecida. Há oportunamente apresentação de resoluções praticas e eficazes. Dr. Josué Lage Filho ofereceu-se galhardamente para estudar a natureza do terreno apresentado para a

construção. O Secretariado ficou encarregado de passar ao Dr. Fossati os memorandos que observará na elaboração do anti-projeto.

Graças ao bom Deus! Sem vaidade confidencia-lhe, benévolo leitor, o seguinte: minhas aspirações primeiras – coloquei-as no meu genuflexório. Minhas primeiras aspirações, ganhas no convívio cristão, integro com o amigo, pai, confidente, sincero que é Exmo. e Revmo. Sr. Bispo. Peço ao Bom Deus para me conservar nesse procedimento. Minhas lidas, minúsculas, passaram primeiro pelo genuflexório cotidiano, sempre mantido numa profunda submissão ao Bom Deus, a Quem toda honra e gloria.

+Ano XV, 27/07/1940, n° 744, página 04

Pela construção de nossa Catedral

“Juiz de Fora” é a mãe equitativa. Por isso quer responder dignamente a insistente exprobação de um de seus filhinhos, de um e de muitos. Insistente e aparentemente desrespeitosa. “Juiz de Fora” quer responder. Significa “Juiz de Fora” responde com o silencio ativo de preparações sinceras. Silencio realizador e produtivo assim como o silencio das aguas nos grandes reservatórios, que, saindo de sua concentração, desenvolvem energias prodigiosas produzindo força, produzindo luz. Temos uma catedral: força corporificada.

Teremos uma *Catedral*: luz materializada. Teremos uma *Catedral* enorme, possante, esplenderosa. Teremos uma *Catedral*: símbolo dos corações e inteligências, juiz-forana. Teremos uma *Catedral*: fato eminente na historia da cidade. Teremos uma *Catedral*: marco indelével do centenário de “Juiz de Fora”. Não estou fazendo hipóteses. Brincando com palavras. Jogando frases. Nem admitindo utopias. Não. Estou lidando com dados reais que me permitem essas conclusões. Conclusões em que prelibo o enlevo de nossa futura Catedral, *liturgicamente aparelhada*. De um bom começo depende muita cousa. Não haja lugar para se dizer mais tarde; si nós soubesse- nos!!!... Haja estudos rigorosamente meticulosas. As mínimas cousas sejam seria-

mente examinadas. A construção seja tão perfeita quanto possível a trabalho humano. Prevejo o orgulho de “Juiz de Fora” ao inaugurar sua Catedral. Então, será dito: orgulho razoável porque grande coisa se fez. Realizou-se um trabalho que merece, sem favores, os encomios dos séculos.

+Ano XV, 03/08/1940, n° 745, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nossa “Juiz de Fora” repete, sem querer, um drama evangélico. O drama, a passagem do Centurião a dizer ao Mestre Jesus: Senhor, minha casa não é digna... .. _ Nosso Senhor Jesus vai igualmente á choupana do pobre como ao palácio do rico. Mora com o pobre. Mora com o rico. Sempre o Amigo, sempre Deus, sempre o mesmo para todos. E’ verdade, e verdade destas que ocultam uma profunda lição pratica... ..

Mas, “Juiz de Fora”, repetindo, sem querer, a passagem referida, não se justifica. Justificar-se ia se tivesse somente a choupana do pobre. Ao contrario, num continua afan de progresso e de beleza, possui palácios e mais palacetes, nos quais recebe nossos chefes, nos quais abriga a muitos dos nossos irmãos materialmente mais afortunados. “Juiz de Fora”, que é assim, não pode repetir inocentemente o drama mencionado. Não pode. Seria rízivel. Dar-se ia isto: a nossos chefes e irmãos materialmente mais afortunados receberia e agasalharia em palácios, - e a nosso *Chefe Supremo, a casa provisória*.

Deus, nosso Senhor, possui aqui muitos templos, muitas casas. Esta bem, Mas, não possui seu *palácio*, sua *Catedral*. Deus, Nosso Senhor, aqui em Juiz de Fora esta em condições materialmente inferiores as daquelas que possuem palácios residências e muitas casas de aluguel. Deus, Nosso Senhor esta pacientemente com sua *casa provisória*... esperando calmo, o curso normal das cousas, que ele próprio permite seja dirigido acidentalmente pelas cousas segundas. Esta com sua *casa provisória*. Casa que já sofreu provavelmente diversos con-

certos. Casa á maneira de vestido remendado. Falo a bons entendedores. Para o Bom Deus, ser digna nenhuma casa é. Trata-se de uma construção menos indigna. Construção de que é capaz “Juiz de Fora” sempre cativa de altos sentimentos.

+Ano XV, 10/08/1940, n° 746, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A *família católica* da Diocese de Juiz de Fora, com uma só alma com o mesmo ideal e entusiasmo, construirá a *Catedral* desejada. Essa *Família, unida em Cristo Jesus*, conservará religiosamente essa *união*. Sabe que a *Catedral* será para todos, tendo um proprietário único: Deus, nosso *Senhor*. Deseja manter e aumentar entre seus membros a cooperação necessária para um trabalho tão importante. Essa *Família* se enleva com o pensamento de que a *Catedral* será dedicada a Deus, Nosso Senhor, na glorificação mediata de Santo Antônio.

Na Construção de um edifício, observam-se, sob pena de ruína, as leis referentes ás proporções, ás residências, etc. Observando-se sob pena de lastimável engano, as qualidades de todos os materiais a serem empregados *Sacrificam-se* detalhes em relação *ao todo*. Acrescentam-se detalhes em benefício do efeito total desejado. - Cousas semelhantes se operam em nós, filhos da *Família católica* da Diocese juiz-forana. Somos o “tempo vivo de Deus”. Um “tempo vivo” a construir um tempo material.

Nós, com a lembrança eficaz destas responsabilidades, manteremos *em ordem* nosso «tempo vivo”... e o tempo as ser construindo será a reprodução material do que se passa em nós.

A *doutrina* pela qual sabemos com certeza sermos “tempo vivo de Deus” - é *mãe* também do ideal que nos leva a construir nossa *Catedral*. A doutrina do “templo vivo de Deus” – insiste profundamente sobre a caridade fraterna. E’ doutrina revelada, E’ doutrina de Deus.

Nossa Catedral será construída *crístamente*. A *Família católi-*

ca Diocese Juiz-forana é e será antes de tudo - *cristã* e cristã em tudo e sempre sempre.

+Ano XV, 17/08/1940, n° 747, página 04

Pela construção de nossa Catedral

“Juiz de fora” multiplica trabalhosamente seus muitos meios de recreação. Divertimentos muitos. Poderia citar fatos. Quais todos razoáveis e em ocasiões também razoáveis. Não os critico. No convívio íntimo de hoje, convido meu irmão leitor á esta reflexão que é recrear?.....

Recrear, a própria palavra indica, é crear de novo. Relativamente ao homem a recreação física: revigoração, etc; há a recreação espiritual: desenvolvimento mortal, aperfeiçoamento, etc.. Esses fatos são recreações novas no sentido vulgar palavra criação. Esse sentido é que estou adotando agora.

Quando as recreações espirituais ha tempo especialmente próprios. Entre outros destaco o tempo das grandes concentrações católicas. Todos revirados pela mesma Fé. Todos vigorados pelos mesmos principios. Todos formando um só coração e uma só alma. Todos sob a mesma cobertura de majestoso tempo, quando se operam as solenes cerimoniais pontificais do pastor-chefe. Templo que acaba a todos é irrealisavel. Trata-se de um templo que caiba muita gente.

Essa *ação comum* de milhares de fies constitui verdadeiramente um tempo de *recreações* espirituais. Falem nisso os que se reúnem-se com compreensão. Ainda estamos privados dessa *ação comum* pelo fato de não possuímos nosso *grande templo*. Grande, semelhante ás almas Juiz-foranas. Essa lacuna não pode ser por muito proclamada. “Juiz de Fora” não suportará, indiferente, esta repetida recriminação. Daqui a pouco haverá o desejado começo do grande empreendimento.

Pela construção de nossa Catedral

O Secretariado Com Dioc. pró-Catedral enviou ao Dr. Luiz Fossati, arquiteto convidado á elaboração da planta, os seguintes memorandos gerais para o anti projeto Uma conjectura: Cripta- Matriz-Catedral, superpostas, linhas goticas Cripta: simples, disposições para panteão. Matriz: Simples, estilo interno diferente do estilo da Catedral, batisterio ao lado esquerdo de quem entra seis altares laterais - 3 de cada lado, coro pulpito do lado esquerdo de quem entra, sacristias- {de cada lado espaçosas e sem escadas, para trás das sacristias- 4 salões- sendo 3 de tamanho regular e 1 grande, havendo por cima um terraço de acesso para a Catedral. Catedral: simplicidade majestosa, no fim da nave direita - capela do Santíssimo, no fim da nave esquerda - sacristia episcopal, pulpitos - 1 de cada lado, capela muita espaçosa, linhas goticas cripta: simples disposição para panelão. Catedral: simplicidade majestosa, seis alteres laterais - 3 de cada lado, coro, batisterio do lado esquerdo de quem entra, pulpilos.. 1 de cada lado no fim da nave direita - capela do santíssimo , no fim da nave esquerda - sacristia muito espaço e sem escadas, para trás da capela do Santíssimo e da sacristia.. 4 salões muito 3 de tamanho regular e , grande , capela muito espaço.

Sustenta-se, com clarividência, o opinião pró segundo conjectura.

Dr. Josué Lage filho, com distinguida galhardia esclarecido e fundamento entusiasmo, fez que chegasse ao Dr. Fossati o exame da consistência do terreno, o qual exame acusa condições ótimas. Ao Dr. Fossati, em breve enviar-se á também o levantamento topôgrafico do local.

Dominus custodiat introitum.. Deus, Nosso Senhor, guarde o começo.

Pela construção de nossa Catedral

Uma única IDÉA: fundamente abstraída, conservada, alimentada, plenamente VIVIDA, é o bastante para levar alguém ao heroísmo, a um autentico heroísmo. Isso é coisa absolutamente certa. E disso uma sequencia se impõe: quanto mais nos simplificamos - mais nos fortalecemos

Eu vivo ao lado de alguém cuja perfeição já chegou a esse ponto. E eu não sabia de uns dias pra cá é que estou percebendo. Até agora, D. Justino não me parecia com essa qualidade. Eu não enxergava, não considerava devidamente a importancia de certas atitudes de S. Excia. Agora vejo Graças a Deus

Plenamente conscio da responsabilidade episcopal, sabedor de que é “episcopus”, realiza seguramente a missão histórica que a Providencia Divina lhe confiou. Missão rodeada de circunstancias muitas e diversas. Circunstancias nem sempre boas e desejáveis

Calmo e seguro, tranquilo e energico, D. Justino tem dito: penso na construção de nossa Catedral.

E eu pego a pensar nesta frase... no tom com que é falado... nos condições em que é falado.... é devo tirar a condição seguinte: D. Justino possui a IDÉA da nova CATEDRAL.. nova não... possui a IDÉA da CATEDRAL (porque não temos nenhuma). Possui a IDÉA, ideia dessas de que lhe falo no começo desse convivo, benevolo leitor.

A CATEDRAL em IDÉA será CATEDRAL em FATO, não duvido. Não duvido da existência do fato como não duvido da ideia a do idealizador.

Haja boa vontade. Compreensão. Religiosa, cristã coadjuvação. O PASTOR seja devidamente acompanhado. As ovelhas rabugentas, derrotadoras espalhadoras de cizanias etc, reconheçam a indignidade, a hediondez de seus atos. Reconheçam e se corrijam, graças serão dadas no Bom Deus, Ou ponham-se e sejam postas ao lado .. caminho é para quem quer andar e anda galhardamente . Não haja tranbôlhos.

+Ano XV, 07/09/1940, n° 750, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A tradição eclesiastica emprega na construção de “casa de Deus” qual maior qual menor esplendor de ARTE que, inspira remotamente nas grandes verdades dogmaticas chama-se ARTE CRISTÃ. Nessa, quando criteriosamente olhado sobreleva-se o estilo gotico. Porque nossa CATEDRAL contruir-se-à em linhas goticas, proponho-me transcrever nesta coluna os pensamentos que os entendidos proclamam sobre esse estilo.

Por hoje, lembremo-nos somente da solicitude com quem a Santa Igreja sempre acolheu e acolhe tudo de bom e belo que a inteligência humana engendra. Acolhe maternalmente. E mamãe, vóvo ou bisavó de qualquer sentimento elevado que leva um verdadeiro artista a execução de uma verdadeira obra de arte.

Nas atividades humanas, nas atividades no universo, as realizações do bom e do belo foram, são e serão impreterivelmente um produto de religiosidade cociente e inconsciente. Da religião verdadeira - a arte verdadeira. Das religiões falsificadas, caricaturas verdadeiras - as artes falsificadas, caricaturas.

Da Igreja é titulo de gloria também o zelo com que rodeia os MONUMENTOS espalhados pelo orbe católico. De ha muito estabeleceu regulamentações prudentes e eficazes. De quando em quando no marulhar de homens – cousas-fatos, marulhar provocado pelos proprios homens impiedosamente, a ameaça da tudo desaparecer, a Igreja conserva - com carinho seu patrimonio do bom e do belo. Tudo de bom e de belo que possa legar maternalmente a posterioridade. Aos posteros que distraidos e ingratos, a gargalhada e ao chiste, a injuria-morie praga, tentam extinguir o sol de amor que a Mãe os guia, defende, vivifica.

+Ano XV, 14/09/1940, n° 751, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Em tudo sempre houve – há - haverá multiplicidade de gastos, daí a variedade de estilos. No Ocidente, encontramos três principais estilos: o Romano, o Gótico, o da Renascença.

Pelo nosso ultimo convívio, benévolo leitor, lembremos de que nos convem ler alguma coisa sobre estilo gótico.

“No estilo gótico tudo respira concentração e recolhimento. O interior semi-escuro parece repetir ‘Oportet semper orare’. Do Mestre, enquanto suas torres esguias e arcos ogivais lembram um “Sursum Corda” as almas cristãs. No principio dominava tanto esta característica que foi denominado estilo gótico lanceolado, porque as ogivas eram tão esguias que se assemelhavam a ponto de uma lança. Existe também o estilo gótico “Chamejante” em que as rendas de pedra pareciam imitar chamas em movimento, para lembrar ao cristão em sublime simbolismo que sua alma deve ser uma fornalha ardente de amor. Exatamente para conseguir esta imitação, este estilo esta cheio de circumvoluções aplicadas, especialmente nos caxilhos das janelas”.

Lembra-se que as torres são de grande importância, ‘Os edifícios que elas dominam são a ECCLESIA OPERANS, elas mesmas são a ECCLESIA ORANS’. Por isso proclamam aos viajores desconhecidos a verdadeira liturgia de uma terra. Ainda quando emergissem dum mar de incredulidade e ódios, em solene imperturbável simplicidade salmodiariam eviternamente “Bendizei ao Senhor todas obras do Senhor”.

Benevolo leitor, tardara a ocasião de trabalhos efetivamente pela construção de nossa CATEDRAL. E o faremos com sincera liturgia de inteligência e coração.

+Ano XV, 21/09/1940, n° 752, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O Secretario Com. Dioc. pró-Cat. Permite seja publicado o documento seguinte, á maneira crônica do que se dá nestas opera-

ções pró-Catedral. “Juiz de fora, 9 de setembro de 1940. Exmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano – D. D. Prefeito Municipal de Juiz de Fora. Excelentíssimo Senhor Prefeito – é com o mas vivo reconhecimento que venho agradecer a V. Excia. o inestimável serviço que V. Excia. Acaba de prestar a esta Diocese mandando confeccionar a planta ao levantamento planimétrico e altímetro que a seção cargo do competente engenheiro Dr. Paulo Corrêa e Castro executou, para poder ser feito e estudo e o conseqüente projeto de construção do futuro Catedral de Juiz de Fora por parte do arquiteto Fossati, a quem vamos encaminhar a planta ora recebida. Com os meus agradecimento retiro a V. Excia, Senhor Prefeito, os protestos da minha particular amizade, alto apreço e distinta consideração. D. Justino, Bispo de Juiz de Fora”

- Nossa Catedral construir-se á em LINHAS góticas (?...)

Essa afirmativa suscitou uma vigorosa objeção. Esse estilo corresponderá plenamente á nossa realidade, á realidade brasileira?!.. Entre nós, uma civilização correspondente?!...

Essa objeção ainda não foi respondida. È sincera, é leal, é sem um estudo para isso necessário. Pela A resposta, parece-me insinuada Catedral... LINHAS goticas, não em gótico absolutamente caracterizado.

A oportunidade me permite dizer que a Comissão Diocesana pró Catedral aceita, sinceramente grata, avisos em ordem a melhores orientações. E, principalmente agora no começo, isso é de um valor enorme. A planta que está se elaborando será minuciosamente estudada; uma comissão organizar-se-á para isso; não há o menor compromisso entre nossa Autoridade e o arquiteto convidado. A primeira planta não agradando aos que a examinarem criteriosamente será rejeitada. O arquiteto convidado não agradando será justificadamente substituído Também nosso não há motivo para suspeita ou duvida.

+Ano XV, 28/09/1940, n° 753, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Também nessa atividade há e haverá Contradições entre dois grupos.

Um grupo: não VEJO a necessidade de uma Catedral. E esse grupo é sincero consigo próprio age por convicções, Deste não tenho medo porque é sincero e no momento que enxergar a VERDADE – abraça-la lealmente.

Outro grupo: zomba, achincalha, fala, o torto e a direita, sem considerar, porque fala e para que fala, É um grupo formado pelos despreocupados, deslocados, negligentes, derrotadores, fantasistas, etc... os que agem somente por cogitações humanas e mesquinhas, os que se alimentam de picuinhas quotidianas, os que vegetam absolutamente alheios a qualquer ideia da vida e a qualquer noção de personalidade. Esses, em regra comum são incorrigíveis deles sempre houve e haverá na humanidade de todos os tempos. São o peso morto das ordens sociais. Si dependessem deles as ordens sociais seriam grupos desordeiros. Não têm o mínimo idealismo. São espíritos derramados nas bagatelas nos nadas de cada dia. São forças perdidas, Constituem uma espécie de tributo injustificadamente pago a morte. Para eles a VIDA é apenas um punhado de agitações. Um punhado de anos e dias enchendo uma existência oca e desorientada. Uma existência perdida na mediocridade dos fatos, discursos, cousas e acontecimentos. Uma existência sem verdade. Uma existência sem luz.

Ah! Si eles quisessem compreender que a VIDA è uma FORÇA intima presidindo o desabrolho se nossos atos e a evolução de nosso ser moral; FORÇA intima que preside o desenvolvimento do nosso ser físico; FORÇA intima presidindo a evolução do nosso sobrenatural cuja ordem – crescimento e governo são GRAÇA DIVINA mediante nossa COOPERAÇÃO. Se eles quisessem compreender, que bom! Que alegria! Que consolo!... o plano de Deus realizar-se-ia também para eles.

+Ano XV, 05/10/1940, n° 754, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Em terceira publicação, a 25-VI-40, lembrei uma dificuldade que merecia atenção. Houve o devido critério e tudo esta se resolvendo justificadamente, sem partidarismos, particularismos ou vazios e desorganizados sentimentos. Que bom!

Também na data supra-mencionada publicou-se o estabelecimento da Comissão Diocesana pró-Catedral. A lembrar repete-se.

PRESIDENCIA: Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano

VICE PRESIDENCIA: Exmo. Mons. Vigário Geral.

SECRETARIADO: Revmo. Sr. Secretario do Bispado.

TESOUREIRO: Exmo. Sr. Aprígio Ribeiro de Oliveira

CONSELHO: Exmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano. Exmo. Sr. General José Cristovão Barcellos. EXMO. Sr. Major José Coelho de Araujo, Exmo Sr. Dr. Aprígio Ribeiro de Oliveira, Exmo. Sr. Dr. José Procopio Teixeira, Exmo. Sr. Dr. João Nogueira Penido, Exmo. Sr. Dr. João Ribeiro Villaça, Exmo. Sr. Dr. Enéas Mascarenhas, Exmo. João Tostes. Exmo. Sr. Dr. Antônio Augusto Teixeira, Sr. Dr. José Baptista de Oliveira, Exmo. Sr. Dr. João Nunes Lima. Exmo. Sr. Dr. Frederico Alvares de Assis, Exmo. Sr. Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, Exmo. Sr. Dr. Josué Lage Filho, Exmo. Sr. Prof. Henrique Hargreaves, Exmo. Sr. PROF. Lindolfo Gomes, Exmo. Sr. Dr. João Bernardino Alves, Exmo Sr. Francisco Azarias Villel, Exmo. Sr. José Augusto Alves, Exmo. Sr. Arnulfo Nascimento.

A lembrar repete-se também, em profundo sentimento de irmandade e colaboração em Cristo Jesus, repete-se, com real convicção o seguinte: Muitos outros excelentíssimos senhores receberão importantes incumbências. Também as excelentíssimas senhoras e senhoritas. Também os moços, crianças e criancinhas. Todas as ordens sociais. Com essa lembrança repetida, antecipo uma conclamação de todos os irmãos em Cristo Jesus. Trata-se de uma empresa comum a todos, em que todos farão seu papel por mínimo que seja. E o farão com sinceridade litúrgica de inteligência e vontade.

Cumprindo o desejo e determinação do falecido Theodorico de Assis, D. Emerenciana Alvares de Assis passou as mãos do Sr. Bispo em cheque de cinco contos para a Catedral. S. Excia. Dispoz fosse

considerado pró futura Catedral e entregou ao Sr. Tesoureiro que inicia então um movimento no Banco Credito Real. Ao Sr. Tesoureiro, absolutamente autorizado, dirija-se todo qualquer donativo. Para colher as esmolas, brevemente organizar-se á uma operação já pensada e amadurecida. Tudo a luz da FÉ, no poder de ORAÇÃO, com a operosidade do ESFORÇO HUMANO nisso baseado.

Ao falecido Theodorico de Assis religioso reconhecimento e gratidão.

+Ano XV, 12/10/1940, n° 755, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Tudo a luz da fé, na força da oração, com a operosidade do esforço humano nisso baseado. Sob esse pensamento estabelecer-se-á toda ação pró Catedral. Esse não é um pensamento retalhado. Não é uma imaginação vazia. Não é um sentimento desordenado. É uma convicção.

Em tudo que se faz o homem age por causa de um fim, em busca de alguma cousa. E agindo ou bem ou mal o homem age acética e misticamente. Tem uma acética e mística boa ou má. Agindo bem ou mal age aceticamente, isto é, emprega ordenadamente para o bem ou para o mal os recursos naturais que possui. Recursos naturais, quero dizer, recursos físicos e espirituais. Agindo bem ou mal age misticamente, isso é, age elevado por uma contemplação boa ou má, uma contemplação ordenada ou desordenada. Contemplação, quero dizer, o estado de uma pessoa satisfeita com aquilo que esta vendo ou considerando.

Dessas considerações podemos tirar lealmente benévolo leitor, esta conclusão: também os trabalhos pró Catedral reclamam uma acética e uma mística. Uma acética e mística bem dirigidas. Uma acética e mística de homem integro. De homem completo. Quero dizer: uma acética e mística em que a Razão põe e a Fé ordena, em que a Razão fala e a Fé exige.

+Ano XV, 19/10/1940, n° 756, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A AÇÃO pró-Catedral será essencialmente social. Será *organizada* em um feitio que permita- procure- espere- receba o trabalho de todos. Assim, porque, nos cristãos, somos uma *comunidade* (como uma- unidade). Isso a alguns parece talvez utopia. E que nossos olhos se gastam no mundo das aparências, tornando-se impotentes à visão de cousas superiores. Nos cristãos, muito precisamos de *conversão* para nos próprios para Deus. Vivemos fora de nos próprios, e, conseqüentemente, afastamos de Deus. Também nós cristãos estamos contagiados pela fascinação das bagatelas e pela mania de grandezas aparentes ilusórias. O homem é verdadeiramente homem, íntegro, completo, quando se coloca e se mantém no seu lugar. Quando vê e sente-se e vive pequeno de ante de Deus. Queira ou não queira, o homem é quasi nada diante de Deus. Assim reconhecendo, e vivendo conseqüentemente, - encontra a sua real grandeza, real e eterna. Não reconhecendo - fica no limite pegado ao nada.

Como estava dizendo, a AÇÃO desejada será essencialmente social. E' comum a gente ouvir: fulano é o grande heroi e desta realização. Concordo em parte. Não abafemos com essa linguagem as muitas cooperações que ele encontrou. Muitas, ás vezes ocultas e silenciosas. Muitas, pequeninas e humildes, produzindo um resultado admirável. Vendo as cousas com clareza, o fulano é um operário, é um funcionário que dispõe com jeito a *organização* dos recursos procurados - esperados - recebidos. Vendo as cousas com clareza, a gloria de muitas realizações nunca pode se atribuida a uma pessoa. E' de muitos que reunidos organicamente formam uma comunidade.

+Ano XV, 26/10/1940, n° 757, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Agradeço religiosamente ao bondoso prof. Lindolfo Gomes as

delicadas considerações que há dias publicou em sua “Notula”. Ao nosso bondoso Professor toda a comissão Diocesana pró Catedral agradece.

A doação de dez contos, feita a Catedral pelo Coronel Alfredo Bastos, foi considerada pró Catedral futura e entregue ao Sr. Tesoureiro.

Já tive ocasiões de insistir sobre isto: nossa Catedral *liturgicamente aparelhada* é uma Catedral – casa de oração, e não uma Catedral – casa de espetáculos religiosos com dramatizações menos ou mais teatrais. Casa de oração, isto é, lugar em que os fiéis estabelecem em comunidade – seu comercio intimo e eterno com Deus, Nosso Senhor.

Aparelhagem de uma igreja e tudo aquilo que se coloca e dispõe externa e internamente para qualquer utilidade. A aparelhagem de uma igreja é ou não litúrgica. Os cânones eclesiásticos sabiamente estabelecidos prescrevem seja litúrgica. Entretanto, por mau gasto de gerações, trabalhadas por fantasias e sentimentalismo desorganizados, temos nos afastado muito e muito da simplicidade litúrgica. A diferença entre a aparelhagem litúrgica e a não litúrgica é a seguinte: A *litúrgica* chama os sentidos para leva-los a *oração*. A *não* litúrgica prende os sentidos na *distração*.

Procuro em tudo a lei - a verdade - a vida. Os que me lêem ou fazem o mesmo ou me achincalham. Para ambos os grupos rezo: que a graça divina esteja com eles aqueles para afervora-los, estes para reconduzi-los.

+Ano XV, 02/11/1940, n° 758, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A qualquer pessoa, desejosa de cultivar o *bom senso*, o silencio é absolutamente necessário. Por silencio não se entenda um motivo sem pé nem cabeça. Silencio é arte de falar bem, isto é, a arte de falar quando convém. A pratica leal dessa arte destrói muitas dificuldades.

Também este movimento pró Catedral quanta conversa tem sofrido?! Tudo devidamente examinado e compreendido, fica tão longe das apreciações fabricadas ao sabor das impressões menos ou mais tendenciosas!.. Pobre de nós! Temos *razão, bom senso*, mas, não fazemos uso dele. Longe de mim me irritar contra quem quer que seja, mas, sinto a deslealdade. Sinto a incompreensão, experimentando-a até suas últimas consequências, a sós, num interior sinceramente resignado, graças a Bom Deus! Resignado e humilde, em contato com a lama humana, esforçando-me sempre para manter puras minhas intenções e retidão nos atos.

+Ano XV, 09/11/1940, n° 759, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Enquanto esperamos o projeto e planta de nossa Catedral, alimentemos, benévolo leitor, nosso pensamento nossa mentalidade que é raiz de nossas convicções. E quando a raiz é boa - também o são a árvore e frutos. Nossa Catedral será uma construção ligada às *belas artes*. Par que fossemos hoje sobre o conceito de beleza,

Beleza, em geral e objetivamente considerada, é a propriedade em virtude da qual os seres excitam nossa complacência. *Belo* é todo ser em cuja presença ou contemplação a gente acha repouso e contentamento. “*Pulchra dicuntur quae visa placent*”. A causa principal dessa complacência é a *ordem* e a *proporção*. Ordem e proporção. Ordem e proporção entre os elementos que constituem a coisa bonita. Ordem e proporção entre a coisa bonita e nossa faculdade cognoscitiva. Sem isso não há contentamento, ao contrario repugnância e inquietação. Donde se infere que a beleza é percebida pelos sentidos internos e externos (imaginação, vista, ouvido) e é *apreciada* pela *razão*. É apreciada pela razão porque só a razão é capaz de alcançar o fundamento da beleza: a ordem. Com isso a gente vê que o nome *Estética*, dado a ciência do belo, é muito improprio. Estética significa: o que pertence aos sentidos. A ciência do belo não se estabelece pelos sentido,

sim pela razão. Por isso a gente deve dizer: *Calologia* ou *Caleologia* ou *Caleotecnica*, nomes que significam: tratado de beleza, ou arte da beleza. O uso vulgar faz que o nome improprio prevaleça ate hoje. Também hoje, não estou com pretensões a mestre. Transcrevo, a meu modo, o que ensinam os mestres.

+*Ano XV, 16/11/1940, n° 760, página 04*

Pela construção de nossa Catedral

A gente pode estudar a beleza em diversas classes ou espécies segundo as qualidades da cousa bonita que nos agrada. Distinguem-se: artificial ou artística, natural e sobrenatural, física e moral, corporal e espiritual, relativa ou absoluta, real e objetiva ou ideal e subjetiva.

A *beleza artística*, de que desejamos falar, é a propriedade de virtude da qual as obras de arte nos agradam e tranquilizam. A beleza artística é real, física, corpórea. É fundamentada pela proporção e ordem entre aquilo que constitui a cousa de arte bonita é nossa faculdade cognoscitiva.

A regra ou principio em cuja base a gente julga realmente da beleza artística, existente em uma obra qualquer, chama-se *critério estético*. Há critério a priori e critério *posteriori*; o primeiro resulta do conhecimento exato das leis e condições de beleza; o segundo da contemplação direta da obra bela. De ambos se compõe o *gosto estético* que é a faculdade de perceber a beleza dos seres; e diz-se *gosto artístico* quando essa faculdade aprecia a beleza das obras de arte.

O gosto se astraga e mesmo se deprava pelas falsas ideias e pelos torcidos sentimentos, reinantes na época ou período histórico em a gente vive. A isso contribuem os artísticos, esquecidos de sua missão educadora, quando queimam incenso ao mundo corrompido que os rodeia; consequentemente são eles próprios reflexo também dos costumes sociais, porque não são, nem poderiam ser, homens isolados.

A responsabilidade dos artistas é maior do que a responsabilidade dos filósofos. A filosofia é cultivada *por muitos*. A arte é apresen-

tada a todos.

+Ano XV, 23/11/1940, n° 761, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Expendemos o conceito de beleza, as classes de beleza, critério estético, gosto estético e artístico. Consideramos hoje o conceito exato – claro – simples de *arte*. Na vez próxima: o ideal artístico e a fé cristã. *Arte*, (latim: *ars*, grego: *aro*, adaptar – dispor) em sentido próprio e objetivo, é o conjunto de regras, fundadas na razão, pelas quais o homem faz ou dispõe perfeitamente as cousas exteriores. Definição clássica: pela razão das cousas factíveis.

Pode considerar-se de três modos. Em si mesma, como disciplina humana. Na pessoa que a possui ou cultiva. Na obra exterior realizada. No 1° caso temos a *arte objetiva* i. é., um conjunto de regras que a razão formula, v. g., a Arquitetura, etc... No 2° a *arte subjetiva* i. é., a disposição habitual ou habilidade de alguém adquire para ver, sentir e operar segundo as ditas regras; esse alguém, assim culto, chama-se artista. No 3° caso a *obra de arte* i. é., o pensamento humano adequadamente manifestado na obra realizada.

Com essa explicação, a gente vê a diferença entre artista, artesão e critico da arte. *Artista* é alguém que sente, idealiza uma obra de arte e possui a habilidade suficiente para realizar. *Artesão* é alguém que possui habilidade para realizar uma obra de arte, mas, não sabe idealizar. *Critico* é quem possui a ciência da arte e sabe formar juízo exato das obras artísticas.

Com essa explicação, a gente vê que os animais não são artistas, Seus produtos são admiráveis mas, não conhecem as leis e a razão da arte, agem por instinto, por necessidade da natureza; por isso a uniformidade e a carência de progresso observadas nas produções de cada espécie.

+Ano XV, 30/11/1940, n° 762, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Terminamos nosso pequeno estudo da expressão: *belas artes*

Hoje alguns pensamentos, exatos – claros – simples, sobre: o *ideal* artístico e a fé cristã.

Ideal é o tipo ou conceito superior que a gente forma de uma cousa. *Ideal artístico* é isso mesmo em matéria de belas artes. Cada artista, a *seu* modo, concebe e expressa o ideal. E nisso consiste a inspiração ou *gênio artístico* que se define: potencia extraordinária, creadora de originaes obras artísticas. Para o artista *idealizar* é aproximar sua obra exterior do tipo concebido, num esforço de expressar esse tipo com a maior perfeição possível.

Com essa explicação, a gente compreende porque a *fé* cristã trabalha o artista elevando-o divinamente. A *doutrina revelada*, a *revelação divina* eleva nossos conhecimentos a alturas incomensuráveis. Consequentemente produz em os afetos os mais delicados e profundos que *operam vitalmente* em todas as nossas manifestações. A arte cristã esta divinizada pela *revelação* de Verbo assim como, em Cristo Jesus, Homem – Deus, a natureza humana esta divinizada pela *incarnação* do Verbo.

Movidos por essas convicções, muitos artistas falam assim: Nossa *vocação* é, pela graça de Deus, publicar as grandesas da fé as almas que não sabem ler de outro modo. E procedem assim: rezam e comungam verdadeiramente ao iniciar qualquer trabalho. E durante o trabalho se põem em meditação.

+Ano XV, 07/12/1940, n° 763, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Uma Catedral liturgicamente aparelhada é uma escola de filosofia. Uma escola muda onde os fieis em tudo constataam o reflexo da doutrina fundamente formadora, educadora, dos grandes e verdadeiros

caracteres. Escola que nos lembra o infinito, razão suprema de tudo. Escola onde a gente aprecia um ideal crente fixado na construção material. Onde o puro esplendor religioso, moral e artístico, é percebido e realizado. Onde cada um na nulidade de si próprio, prescrita o mistério da imortalidade a que foi criado. Reunida numa Catedral litúrgica, a comunidade cristã de hoje restabelece a beleza de seus primeiros ágapes. Os motivos sobrenaturais que perpetuam a *unidade* dos crentes veem-se cristalizados numa Catedral litúrgica. Por exemplo: um altar sem balaios de flores, com os utensílios litúrgicos liturgicamente preparados, com uma cruz trazendo o monograma XP, nos fala, e muito, do Cristo Jesus, Unidade a que somos incorporados na realização real, viva, de uma comunidade (como-uma unidade) Si uma igreja litúrgica não agrada, a culpa não é da liturgia, corre sim por conta da mentalidade cristã atrapalhada, entupida. Entupida pelas entumescências de sentimentos mundanos. Entumescências que impedem a circulação da seiva de Cristo Jesus. O mal está nisto: essas entumescências são cuidadosamente conservadas como relíquias tradicionais e intangíveis. Sem ousadia posso afirmar: meu irmão! Isso não é relíquia tradicional; ao contrario, é lixo tradicional, absolutamente contrario á verdadeira tradição; voltemos ao desejo eficaz de uma Catedral litúrgica. Catedral, escola de filosofia... da filosofia suprema que nos leva á eternidade numa simplicidade divina.

+Ano XV, 14/12/1940, n° 764, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nossa construção, tal como nós desejamos, será um sacramental juiz-forano. A construção, tal como nós desejamos, evocará ideias á luz do infinito, á luz do sobrenatural, provando consideração e dispondo os corações á graça divina. A maneira de um sacramental, o espirito de nossa população cristã se imortalizará no musicado silencio de nossa construção liturgicamente aparelhada. Nesse modo dizer há poesia. Poesia verdadeira, porque como a escrita e a palavra, também

a ordena construção de uma Catedral proclama a vitalidade cristã de um povo. Nossa Catedral será um ser vivificado: símbolo de fé viva e de amor imperecível. Nossa Catedral afirmara a juventude moral de nosso povo e sua elevação de espírito, estilizados no evangelho de sua construção religiosamente operada. Queremos uma Catedral que seja nosso Magnificat, nosso Alleluia petrificados. Uma Catedral a cuja sombra todos sintam-se bem. Uma Catedral: templo material. Templo material: símbolo perfeito dos templos vivos que somos nós próprios. Símbolo perfeito a lembrar sempre: o caminho, a verdade, a vida que é Cristo Jesus, caminho, verdade, que se relevou para que tenhamos a vida que é Ele próprio. A construção assim idealizada e realizada será efetivamente um sacramental juiz-forano.

+Ano XV, 21/12/1940, n° 765, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Queremos uma Catedral: *casa de oração*. Casa onde tudo se conjugue em ordem a lembrar eficazmente oculto que devemos a Deus a aos Santos. Culto *vivo e eterno*. Casa de *dulia*, *hiperdulia* e *latria*. Não queremos pomposidades teatrais. Queremos pompas, esplendor, litúrgicos, que provoquem a *celebração vital* das cerimônias santas. Queremos não aparecem os ritos sagrados, que são sinais e sombras, sem as realidades por eles significados. “Non feramus signum sine significato”. Queremos sejam os pormenores e o conjunto de nossa Catedral: reflexos de atitudes internas, e reciprocamente. Favoreçam atitudes internas. Atitudes internas de quem canta coma vida, a *Salve Rainha*. Atitude interna de quem balbucia vitalmente a *Ave Maria*. Queremos uma casa de Deus a proclamar com *viva seja vivo* nosso procedimento cristão. Queremos uma Catedral a nos falar de Deus e a ensinar nos a falar a Deus. Queremos uma Catedral silencio. Uma catedral: sombra silencio e sombra á maneira daqueles que se estabeleceram em Nazareth; silencio e sombra velando religiosamente os mistérios de Cristo Jesus. Mistérios que se devem celebrar *com* vida,

na vida *pela* vida. Somos vivos da vida de Cristo Jesus. Essa qualidade eterna deve espelhar-se na construção de nossa Catedral.

+Ano XV, 28/12/1940, n° 766, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nessa passagem de ano, faz-se mister uma revelação às pessoas boas, e são muitas. Aos muitos que nos oferecem o valioso carinho, calor, de seus gestos, suas palavras, vividas. Nosso movimento pró- Catedral está procedendo sob esta convicção: tudo á luz da Fé, na força da oração, com a operosidade esforço humano nisso baseado. Abriu-se o “Livro de ouro dos Benfeitores da futura Catedral de Juiz de Fora” com a subscrição de cinquenta contos, feita pelo Exmo. Dr. José Procopio Teixeira. Por descuido irreparável, o livro traz na capa e em todas as folhas a palavra bem feitor escrita com n. Digo irreparável porque o expediente seria fazer outro, mais, não quis gastar mais cento e cinquenta mil reis por causa de uma letra trocada. Prefiro dar as mãos á palmatoria. Para colher as esmolas, brevemente organizar-se não outras operações já pensadas e amadurecidas. A planta ainda está se elaborando. O Tesoureiro, Sr. Aprigio Ribeiro de Oliveira, muito acima de elogios jornalísticos, esta com *religiosa* boa vontade; é, com seus setenta anos, moço de intensa vitalidade cristã; espera, submisso á Vontade Eterna, ver e decantar a futura Catedral. Tudo corre, louvado seja Deus, muito bem. Outras desejadas atividades ainda não apareceram porque a Comissão Diocesana adota... .. ‘silencio realizador e produtivo , assim como o silencio das aguas nos grandes reservatórios, que, saindo de sua concentração, desenvolvem energias prodigiosas, produzindo força, produzindo luz”.

+Ano XV, 04/01/1941, n° 767, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Queremos nossa Catedral. Não haja ilusão de que eventual-

dades, essa ou aquela não nos desarmar. Absolutamente não. Podem atrasar a construção. Convenho. Fazer seja relegada. Não Trabalha-se com Deus e para Deus e trabalhar-se-á. E quando um trabalho assim se executa, em nada importam as criaturas, são simplesmente *instrumentos*. Instrumentos que podem ser mudados, transformados, substituídos. Si a obra é de Deus, realiza *independentemente* das circunstancias alarmadas pela razão humana. Si não é Deus, os maiores e melhores reursos humanos nada fazem há não ser estardalhaços. Os fatos provam isto a cada momento. Os que não vem e não aceitam a prova real, não veem e não aceitam porque não querem, Sempre houve e haverá os de má vontade, que se gabam de independentes quando estão presos na sua pequena esfera de cogitações humanas. A razão, limitada, pequena, finita, a razão sem fé, não aceita e não pode aceita; o porquê de certos fatos. Também nisso a razão é razoável e leal consigo propria. Não aceita porque não está em condições de aceitar. Somente pela fé chegamos não a compreender, mas, a aceitar sem repugnancia certos porquês. Pretender com discussão, polemica, retorica pavoneada, desfazer prontamente certos raciocínios - seria de mais. A fé é dom, e dom gratuito. Tudo que a gente faça e possa fazer estará para a fé é assim como a terra está para o céu. Nisso a atitude mais e mais digna é a atitude da oração, e essa atitude não é frequente como devia ser. Pior ainda; é muitas vezes caricatura da, e por isso posta a ridículo áqueles que se governam pelo que vêem e não examinam. Queremos nossa Catedral, trabalha-se e trabalha-se-á com Deus e para Deus.

+Ano XV, 11/01/1941, n° 768, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Vivo ocupado com a questão de planta. Na verdade, eu também já alcancei uma desejada altura no modo de compreender as cousas. Graças ao Bom Deus. Altura sofregamente por mim desejada e desejável a todos. Si interrogado, alheio á exibição, eu responderia: para chegar a essa altura é necessário, antes de tudo, cultivar inteli-

gentemente o bom senso. Vivo ocupado com a capital importância da planta. Causa-me temor o pensamento de que preocupações de *estilo* possam matar a simplicidade e beleza *litúrgicas*, desejadas e sempre desejáveis pelos espíritos de cristianismo *vivido*. Causa-me temor a possibilidade de se construir um museu medieval, estranho a nosso ambiente, a nossa realidade. Deseja-se e seja desejada uma Catedral em linhas góticas, mas, adequadamente colocada em nossos dias, uma Catedral de e para cristãos do século XX. Para longe o futurismo. Queremos uma construção religiosamente moderna. Uma construção que seja o reflexo do evangelho vivido no século XX, e vivido por *nós próprios*. Uma construção a lembrar com eficiência sua finalidade santa e viva. A alguns essas afirmativas parecerão enigmáticas. Com o devido respeito, adianto-lhes abertamente, o enigma não está no meu modo de falar, sim na ignorância do verdadeiro critério e do bom gosto artístico. O estilo não pode e não deve matar o espírito. A letra seja serviço do espírito. Também o estilo seja a serviço da liturgia. Preferir isso é agir à semelhança de alguém com *exterior* estilizado e *interior* ridiculamente desconchavado.

+Ano XV, 18/01/1941, nº 769, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Tenho escrito muitas vezes: Catedral litúrgica. Reconheço o percuciente pleonasma dessa palavra. Assim tenho escrito repetidas vezes porque também em construção e aparelhamento de igrejas houve e há lamentáveis cochilos. Há uma legislação eclesiástica sabiamente ordenada, mas, de frequente postergada com sutis pretextos. Também nesta matéria há a verdadeira cultura clássica, e o lado em perturbador desconchavo: o pseudo – classicismo. Há também (é serio) ignorância mesmo onde não pode e não deve haver. Nós próprios (deixamos os vizinhos em paz) labutamos em ambiente tal que o pleonasma aludido vigora por necessidade, necessidade bárbara. Necessidade causada pelo sono em que vivemos a liturgia. Sono e sonho. Sono: não a vi-

vemos a plena e *vitalmente*. Sonho: fantasiemos a liturgia. A *liturgia*, (culto eterno a Trindade Santíssima). O homem não pode abandoná-la vez nenhuma. E não abandona, viva bem ou mal, viva dormindo ou acordado. Entretanto, não há negar, vivendo em sonhos e sonhos, prejudica-se pavorosamente numa vital diminuição de vida. A vida, o valor humano tudo do homem, só é plenificado na *ordem* eterna em honra e glória ao Pai, ao Filho e ao Santo Espírito.

+Ano XV, 25/01/1941, nº 770, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Elaboremos ideias verdadeiras sobre a palavra: *Arquitetura*. Em geral chama-se Arquitetura: a arte de construir com utilidade e beleza. Em sentido restrito e próprio é: “a arte de imprimir utilidade e beleza nas construções que servem para a morada dos homens”. Desde a antiguidade, a Arquitetura é distinguida com o qualificativo de “regina artium” - rainha das artes. Não é mais perfeita das Artes, entretanto, reúne em si maior importância, chamando em seu auxílio todas as artes: Escultura pintura, etc... Reune em si maior importância realizando um ideal completo. E a obra capital da Arquitetura é o templo católico. E a construção de uma igreja, mais do que qualquer outra, deve presidir o duplo fim de utilidade e beleza. Utilidade na solidez e amplitude do que oferece a comunidade cristã reunida. Beleza na proporção e conjunto harmônico de todas suas partes. Utilidade beleza numa conspiração para obter o ideal da Arquitetura Cristã: torna visível no tempo, por meios materiais, a obra eterna da Sabedoria e onipotência divinas, a saber, a Santa Mãe Igreja na plenitude de suas realidades santas. Ah! Desgraçadamente, essas realidades não são consideradas como deviam ser. Ora, diriam alguns como desdem, não temos recursos! Sim?! E a piscina do Esporte? Foi construída somente com o dinheiro das pessoas batizadas?! Verdadeiramente, maior e melhor e mais sincera e mais pura e mais real convicção cristã levaria as ações mais consequentes. Na próxima vez, continuarei com

linguagem desse teor. Quero, feitas as vênias que se impõem, provocar atitudes sinceras e desmascarar salamaleques vazios de galhardia. Devo adiantar o seguinte: farei isso por minha conta, como pequeno particular. Um pequeno que se chicoteará a si próprio em primeiro, e depois se perdoará aos muitos que se fazem de grandes com sintomáticas e sutis encenações.

+Ano XV, 01/02/1941, nº 771, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Como disse não vez passada, quero, feitas as vênias que se impõem e nem sempre são completamente merecidas, provocar atitudes sinceras. Desmascarem-se os salamaleques vazios de galhardia. Chicotem-se os muitos que se fazem de grandes com sintomáticas e sutis encenações. Não é raro a gente ouvir de católicos (?) isto: não temos recursos. E o carnaval que aí vem? Terá em dinheiro, muitos somente das pessoas não batizadas? Dirão alguns: melhor seria que aquele padre não se intrometesse em nossa vida... .. Como homem como cristão, como padre, posso e devo e quero provocar atitudes sinceras. Ou alguém é católico ou não é. Si é, não faz favor a outrem que não a si próprio. Si não é e não quer ser, perca-se, mas, tenha a hombridade de ser e parecer o que é. Já se foi o tempo (esse tempo nunca existiu, isso é modo de falar) em que era fácil fazer tapeações. Hoje, (e os bons sempre fora e são assim) desejam-se atitudes sinceras. Definam-se os pró e os contra. Definam-se, cresçam e apareçam. Apareçam e campo de batalha, com lealdade completa e visão larga e elevada. Precisamos de: menos 90% de discurseiras. Precisamos de: mais 90% de ação construtora, calma, enérgica, constante, varonil.

+Ano XV, 08/02/1941, n° 772, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Este escrito, não o mantenho por esporte, snobismo ou capricho. Não. Louvado seja Deus, também nisto me gasto com atividade ordenadamente vital. Nisso de operar pró Catedral estou gastando um pedaço de minha vida. Em meu horário e programa semanais esse trabalho ocupa um lugar. Agora, estou escrevendo estas considerações e leio o seguinte telegrama: continuo acompanhando com interesse projeto Catedral seguirá quarta-feira e pela SER. Recebeu o Sr. Bispo que passou com religioso entusiasmo. Refere-se ao projeto, por isso de novo voltei-me á importante quantão da planta. Ao que tenho escrito acrescento dois pensamentos de um critico moderno. Tantas vezes na Historia a Arquitetura muda de formas, outras tantas também a civilização. Si em um época qualquer, as construções não têm originalidade, a gente pode afirmar que também as ideias tem.

+Ano XV, 15/02/1941, n° 773, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A direita no alto da reprodução em cores do projeto da Catedral, a gente vê as armas do Sr. Bispo. Nessas, o tema que fala alto e muito: Dominus fortitudo mea - *o Senhor é minha fortaleza*. Minha pedra, rochedo inquebrantável. Realmente, em todas as operações, outra não tem sido a coragem, a constância, a fortaleza do Sr. Bispo. Nesse trabalho pró Catedral, como em todos, é e será esse lema a repetir com fé. Tudo á luz da Fé, na força da oração, com a operosidade do esforço humano nisso baseado. Sob essa convicção se estabelecem e estabelecer-se ao todas as operações pró Catedral.

Uma única *ideia*, fundamente abstraída, conservada, alimentada, plenamente *vivida* é o bastante para levar alguém ao heroimo, a um autentico heroimo. É disso uma sequencia se impõe: quanto mais nos simplificamos – mais no fortificamos. É com essa qualidade que

o Dom Justino possui a ideia da Catedral. A Catedral em *ideia* será Catedral em fato, não duvido. Não duvido da existência do fato como não duvido da ideia e do idealizador. Plenamente concio da responsabilidade de suas atitudes, Dom Justino realizará a missão histórica que a Providencia Divina lhe confia. Missão, rodeada de circunstâncias muito e variadas. Circunstâncias que o bom senso, cultivado, sabe apreciar em justo valor.

A Catedral em *ideia* será Catedral em *fato*. *O Senhor é minha fortaleza!*

+Ano XV, 22/02/1941, nº 774, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A planta apresentada esta agregando a todos que vêm com objetiva lealdade. E' realmente um trabalho de mestre. Um trabalho de especialista. Um trabalho não é comum. Olhando e *estudando* com inteligência razão e vontade *próprias*, a gente fica satisfeito. As vezes o critério de abala se inquieta se perturba e desorganiza porque os pensamentos dos vizinhos são aceitos sem exame e circunspeção. Ninguém mais do que eu tem se interessado por esse capital questão: a questão da planta. Tenho estudado. Tenho refletido o quando posso, mas com emancipação desejada e desejável. Há uma cousa que não sei fazer. Não quero aprender. Não fizeti nunca. E' isto a que se hoje chama plebescamente: "fazer farei". Que Deus Nosso *Senhor*, não permita me afaste um dia deste regimem de espirito. Pareça embora desprezível. Seja desprezado. Não importa. A verdade e as cousas verdadeiras valem por si. Sejam ou não compreendidas e aceitas, valem eternamente. Valem sempre porque são realmente alguma cousa que existe.

A *Família Católica* da Diocese de Juiz de Fora, com uma so alma, com o mesmo ideal e entusiasmo construirá a Catedral desejada. *Essa Família unida em Cristo Jesus*, conservará religiosamente esta união. Somos e seremos o "templo vivo de Deus". Um "templo vivo" a construir um templo material. A eficaz lembrança dessas responsa-

bilidades manterá em ordem nosso “templo vivo”... e o templo a ser construído será reprodução material do que se passa em nós.

Tudo se está operando com absoluta ponderação. Quem disso quiser provas, faria bem em examinar, com isenção de animo, todos os fatos deste os primeiros.

+*Ano XVI, 01/03/1941, nº 775, página 04*

Pela construção de nossa Catedral

Nesse trabalho fundamental que ora se opera bom é gastem-se tempo – paciência - estudo. Em 22-VI-1940, publicou se o estabelecimento da Comissão Diocesana pró Catedral. A lembrar, em terceira vez, repete-se.

Presidência: Exmo e Revmo. Sr. Bispo Diocesano

Secretariado: Revmo. Sr. Secretario do Bispado

Tesouraria: Exmo. Sr. Aprigio Ribeiro de Oliveira

Conselho: Exmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano, Exmo.

Sr. General José Christovão Barcellos, Exmo. Sr. Major José Coelho

de Áraujo, Exmo. Sr. Dr. Aprigio Ribeiro de Oliveira. Exmo. Sr. Dr.

José Procópio Teixeira, Exmo. Sr. Dr. João Nogueira Penido, Exmo.

Sr. Dr. João Ribeiro Vilaça, Exmo. Sr. Dr. Eneas Mascarenhas, Exmo.

Sr. Dr. João Tostes, Exmo Sr. Dr. Antônio Augusto Teixeira, Exmo. Sr.

Dr. José Baptista de Oliveira, Exmo. Sr. Dr. João Nunes Lima. Exmo.

Sr. Dr. Frederico Alvares de Assis, Exmo. Sr. Dr. Joaquim Ribeiro de

Oliveira, Exmo. Sr. Dr. Josué Lage Filho, Exmo. Sr. Prof. Henrique

Hargreaves, Exmo. Sr. PROF. Lindolfo Gomes, Exmo. Sr. Dr. João

Bernardino Alves, Exmo Sr. Francisco Azarias Villel, Exmo. Sr. José

Augusto Alves , Exmo. Sr. Arnulfo Nascimento.

Pendentes, delegadas, dessa Comissão Diocesana estabeleceram-se as seguintes sub-comissões.

COMISSÃO TÉCNICA

Dr. Luiz Tossati, Dr. Saint-Clair J.de M.Carvalho, Dr. José Baptista de Oliveira, Dr. Josué Lage Filho, Dr. Oswaldo Mascarenhas, Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, Dr. Luiz Ribeiro de Oliveira, Dr. Raphael Arcuri, Dr. Deusdeti Salgado, Pe. Dr. Everaldo Guilherme Molengraaff, arquiteto.

COMISSÃO DE FINANÇAS

Dr. Bernardo. Dr. Mascarenhas, Dr. José Procopio Teixeira Filho, Sr. Vicente Nardelli, Sr. Olympio Reis.

Sr. Newton Brandão, Dr. Francisco Ignacio Monteiro de Andrade, Sr. Francisco Azarias Villela, Sr. José Malla, Sr. Anibal de Paiva Garcia, Sr. Sylvestre Soares de Oliveira.

COMISSÃO DE PROPAGANDA

Prof. Henrique Hargreaves, Prof. Lindolfo Gomes, Lampadario, Lar Católico, Diario Mercantil, Gazela Comercial, Carriço Filme, Empresa Central.

DO SECRETARIADO

+Ano XVI, 08/03/1941, n° 776, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Por um lamentável cochilo do notário “ad hoc”, na publicação ultima faltou o seguinte - Na Comissão Técnica o nome do Dr. Hugo Vocurca. Na Comissão de finanças o nome do Sr. Gastão Lomez. Na Comissão de Propaganda a ‘Radio’ local; nessa Comissão publicouse: Empresa Central em vez de Empresa Cine Teatral Ltd. Nesta publicação de agora, pede-se desculpa aos distintos senhores supramencionados. Ao notário pesa lhe esse esquecimento, disso se alivia pedindo seja feita em publico essa separação.

A boa vontade, o entusiasmo, o interesse afetivo e efetivo do Dr. Bernardo Mascarenhas são extraordinários. O Secretario da Comissão Diocesana a ele deve grande parte do que tem feito. Publica isso com permissão do mesmo Secretario que assim agradece, reconhecido ao excelentíssimo Dr. Bernardo.

O mesmo Dr. Bernardo tem apresentado o processo das pequenas subscrições mensais, subscrições por casas; isso com o auxilio da Campanha Mineira que permitiria fossem seus profissionais os recebedores, sem compromisso e peso para a Companhia. Esse e outros expedientes serão devidamente aplicados. Todas as ordens sociais serão conclamadas a este empreendimento que dirá aos séculos se nossa religiosidade operante em tudo. A *Família Católica* da Diocese de Juiz de Fora construirá a Catedral desejada. Dizer *Família* é dizer *união*. Trabalharemos *como uma unidade* em Cristo Jesus. Olhos fechados as expectativas de desfalecimento. Ouvidos cerrado ás vozes se desanimado. Corações afervorados em Cristo Jesus: pedra, rochedo inquebrantável. Braços a dar do amor provas reais.

+Ano XVI, 15/03/1941, nº 777, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O gosto se estraga e mesmo se deprava pelas falsas ideias e pelos torcidos sentimentos reinantes na época ou período histórico em que a gente vive. A isto contribuem os artistas esquecidos de sua missão educadora; quando queimam incenso ao mundo corrompido que os rodeia; conseqüentemente são eles próprios também o reflexo de costume sociais, porque não são, nem podem ser, homens isolados. Os artistas, muitos se esquecem de que possuem uma responsabilidade maior do que a responsabilidade dos filósofos; a filosofia e cultivada por muitos; a arte é apresentada a todos.

A Fé Cristã trabalha os verdadeiros artistas elevando-os divinamente. A doutrina revelada, a revelação divina, eleva nossos conhecimentos a alturas incomensuráveis; conseqüentemente produz em nos

afetos os mais delicados e profundos, que operam vitalmente em todas as nossas manifestações. A arte cristã esta divinizada pela revelação do Verbo assim como em Cristo Jesus, Homem-Deus, a natureza humana esta divinizada pela *incarnação* do Verbo .

Quando uma construção eclesiástica, sob essas convicções idealizadas, não agrada a culpa corre por conta da mentalidade cristã atrapalhada. Atrapalhada pelas entumescencias de sentimentos mundanos. Entumescencias que impedem a circulação da serva de Cristo Jesus. E essas entumescencias, por ilusão e desequilíbrio, são conservadas como relíquias tradicionais e intangíveis. Ilusão! A verdadeira tradição leva a eternidade numa simplicidade divina.

+Ano XVI, 22/03/1941, n° 778, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O estilo não pode e não deve matar a beleza litúrgica, assim como a letra não deve matar o espírito. A letra seja a serviço do espírito. Também o estilo seja a serviço da liturgia. Preferir isto a agir á semelhança de alguém com exterior estilado e interior ridiculamente desconchavado. O lidimo ideal da Arquitetura Cristã é este: tornar sensível no tempo, por meios materiais, a obra eterna da sabedoria e onipotência divinas, a saber, a Santa Mãe Igreja na plenitude de suas realidades santas. As *realidades* as Igreja desgraçadamente, não sano consideradas como deveriam ser. Misturam-se fantasticamente de sonhos e sonhos. E assim, nós Cristãos, nos prejudicamos pavorosamente numa vital diminuição de vida. Há fantasia muita. Há discurseiras muitas. Há “manter aparências”, muito. Há um esquecimento terrível, formidável. Esquecimento disto: a vida, o valor humano, tudo do homem, só é plenificado na *ordem* eterna em honra e gloria ao Pai, ao Filho e ao Santo Espírito.

+Ano XVI, 29/03/1941, n° 779, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Queremos nossa Catedral. Teremos nossa Catedral. Em nada importam as circunstancias fantasiadas pelo zoilos e exploradas pelos vivedores a tona. Trabalhar-se-à. Quando um trabalho assim se executa em nada importa esta ou aquela criatura; em nada importam as criaturas como causas; são simplesmente *instrumentos*. Instrumentos que se mudam, se transformam, se substituem. Essas afirmações não são aceitas por aquelas todos se prendem na pequena esfera de suas cogitações humanas. Nós a *Família Católica* da Diocese de Juiz de Fora, estamos tranquilos e de pé os capciosos que pretendem quebrar ou diminuir ou enfraquecer nossa união em Cristo Jesus. Dessa união, seja proclamado alto e em indefectível juízo, um característico certo ao viver com Bispo *nihil sine episcopo*. Nada sem Bispo. Dessa união outro sinal é o afastamento do espirito gregário. De espirito gregário enquanto tende a formar grupos e grupinhos em torno de alguém ou de alguma coisa. A Santa Mãe Igreja é Católica. É Universal. Leva todos á eternidade. Não é um punhado de capelas e capelinhas espalhadas pelo orbe a se baterem em emulações humanas. Somos ou não somos católicos. Temos ou não temos *mentalidade* católica. Si a mentalidade esta suja, lave-se. Si esta torcida, endireite-se. Si há capricho, afaste-se. Si há má vontade, haja inteligência, compreensão e em seguida: *ordem e ação*. *Espirito* de campanário não serve: *espirito* de tal e tal grupo não serve; *espirito* de *critica*, sarcástica ou felina não serve; são caricaturas do *espirito católico*. Não somos de Paulo. Não somos Cephás. Não somos de Apolo. Somos de *Cristo Jesus*. *Vivemos* de Cristo Jesus pelo Santo Espirito em Deus.

+Ano XVI, 05/04/1941, n° 780, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Todas as pessoas boas que eu conheço (e são muitas) veem

com benevolência a construção de nossa Catedral. Acompanham com marcada galhardia tudo que se organiza em favor. Isso me faz pensar o seguinte. Querer o bem ou não a esta obra seria talvez um possível critério de a gente apreciar as pessoas boas e as pessoas menos boas. Falo assim, sem o menos refôlho, porque olho as cousas tais quais são. A gente deve saber com quem lida. A gente deve saber com quem pode contar em tudo. Longe de mim todas e quaisquer vistas humanas. P'ra mim nada procura a não ser amar e servir a Deus. Não tenho a tola pretensão de agradar a quem quer que seja. Não busco honras, dignidades, proventos. A todas as supostas glórias e gloriolas do mundo fantasista hei de preferir sempre a glória eterna da Cruz. Sou ambicioso e ciumento de valor e glória... é verdade, mas do valor e da glória verdadeiros: conhecer, amar e servir a Deus. Com essa convicção. Opor-me-ei sempre ás aparências que se firmam em estonteantes paradoxos.

+Ano XVI, 12/04/1941, n° 781, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A luz, calor e vida pascoal, escrevo desejando igual comportamento a todos que me lêem. Comportamento igual ou em grau maior. Na sucessão histórica das comemorações litúrgicas. Pasca é para nós e uma *recreação* vital. Até o fim dos tempos, Pasca será para cristãos um fato a marcar começo de *vida*, *trunfo* e *gloria*. Vida, triunfo e gloria que se atualizam cada um de nós, mediante nossa cooperação a *graça*. Vida, triunfo e gloria sempre reiois ainda que nossas defecções quotidianas, muitas repetidas e multiplas pareçam negá-lo. A redenção é realidade consumida. A todos é dada a *graça* suficiente para se salvarem. Si muitos não se beneficiam, a culpa corre por conta deles próprios.

Em Pasca, assim comemorada e vívida, estou a póstos pró Catedral. E a *família Católica* da Diocese de Juiz de Fora, cujo operar e convicção em atos, não estará certamente em outra atitude. Quer, assim devo admitir, viver a doutrina e a realidade pascoal sempre em

tudo, Também nesse trabalho não se trata de garantir essa ou aquela precariedade humana. Trata-se de cooperar numa obra comum pela maior glória de Deus em nosso tempo e em nossa terra. Somente assim existirá relação verdadeira entre o que *somos* pela Graça o que devemos fazer em cooperação da *Graça*.

+*Ano XVI, 19/04/1941, n° 782, página 04*

Pela construção de nossa Catedral

Os trabalhos pró Catedral continuam normalmente. O arcabouço de toda construção já foi orçamentado em e pode-se-á fazer em dois anos aproximadamente. Também o total da construção já se orçamentou em Construir-se-á primeiro a cripta, sem prejuízo do movimento religioso as atual igreja, Depois continuar-se-á a construção ficando a cripta em funcionamento. Desde modo não haverá nenhuma quebra nas funções que se exercem dia a dia. Operar-se-á parceladamente. Abrir-se-ão concorrências entre nossos construtores e construtores de fora. A meu vêr entre o segundo semestre deste ano e o primeiro do próximo, lançar-se-á a pedra fundamental, e no tempo previsto surgira o arcabouço de tudo. Não estou sonhado, não. Estou lidando com dados reais que me permitem esse otimismo fundamentado. Sem duvida, estou submisso as disposições divinas e eternas; ninguém mais do que eu se coloca sob esta verdade: o homem põe e Deus dispõe. Tudo que falo e faço, quero falar e fazer sob providencia divina. Providencia divina tantas vezes esquecida e negada pelas técnicas modernas, sedentas de aparências, imediatismos, farões cujos valores e brilhos são essencialmente fugazes. Mas atenção! coloquemos as cousas em seus lugares... devemos confiar em extremo na Providencia divina, sem nos servir disso pra esconder a insuficiência de nossa mediocridade culpada. Não e raro a gente ouvir a esse ou aquele dizer: Deus não quis e não quer ... Sim?! responderia eu, e o seu comodismo, a sua preguiça, seu 'ir vivendo', querem ou não querem? seja sincero, deixe de tapeações, corrija-se e vá pra frente, ou ponha se a beira de

sua sepultura numa antecipação merecida; a vida e para quem quer vive-la num aumento progressivo de valor e mérito dentro do plano eterno em honra e gloria ao Pai, ao Filho e o Santo Espirito.

+Ano XVI, 26/04/1941, n° 783, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nas operações pró Catedral é necessária a existência de um grande capital; grande capital medúla de todos os valores reais e inteiramente produtivos. A que capital me refiro? Refiro-me a este capital *Cristianismo-vida*. Também nas operações pró Catedral, não basta o cristianismo - escola teológica. Não basta o cristianismo - sistema filosófico. Não basta o cristianismo - direito canônico. Não basta o cristianismo - conjunto de ritos. Tudo isto é importante e é necessário. Tudo isto entretanto, e nada sem a *vida* a que esta ordenado. Tudo isto é casca. E a casca de nada vale sem o miolo que deve conter. *Cristianismo – vida*. Cristianismo com a prova real do comportamento quotidiano. Cristianismo manifestado nas *ações*. Os recursos que a Bondade Divina nos prodigaliza, devemos explora-los em beneficio também da gloria externa de Deus e em beneficio de nosso próximo. (Cf. Iª. Joa. III-18) *Cristianismo – vida!* Cristianismo: vida divina participada ao homem cristão que disso deve dar testemunho sempre em tudo.

+Ano XVI, 03/05/1941, n° 784, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O ar em que se processam as operações pró Catedral está louvado seja Deus, bastante oxigenado. Há compreensão. Há boa vontade. A *Família Católica Diocesana*, guiada pelos reverendissimos senhores padres que mantêm, todos, virtuosa união Excelentissimo Ordianrio, numa ordem realmente propicia as trabalhos evangelicos, a *Família Católica Diocesana* respira bem. Na Diocese toda por toda parte,

há avigoroamento celular. Neste Séde Episcopalo, esse avigoroamento é perceptível a todos que com *circunspecção*, perscrutam o *cérne* das realidades. Paroquia de S. Antônio (Matriz), Gloria, S. Matheus, S. José, Capelania do Rosário, S. Sebastião, os diversos Colegios e Casas Religiosas, por toda parte há avigoroamento celular, provocados pelos zelosos padres que estão sabendo realizar a missão histórica que a Providencia lhes marcou. Como pequeno particular, pigmeu em meios de grandesas muitas, que estou proclamando essas despretenciosas apreciações. Despretenciosas e sinceras sarcerdotalmente.

+Ano XVI, 10/05/1941, nº 785, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Há um ano existe este escrito – *Pela construção da nossa Catedral*. - O autor, absoluto e sinceramente concio de sua exiguidade, repete ao publico sua atitude inicial. Ajoelha-se, humilde, diante do bom Deus... ..

Um agradecimento religiosamente proclamado, ao Pe. Humberto que tem sempre acolhido com desvêlo esta pequena colaboração.

Um ano se passou, e, com a *graça* de Deus o autor destes escritos está fresquinho. Deus, *Nosso Senhor*, querendo consersar-se-á sempre neste estado. É que não o prendem cogitações humanas. E' que não está á procura de agrados. É que não confia loucamente em si ou neste ou naquele. Confia em Cristo Jesus. O Cristo Jesus de ontem, de hoje, dos séculos e da eternidade. Ao autor destes escritos, quanto mais na terra da vida lhe é dado conhecer as almas, os fatos, cousas e acontecimentos - mais se define e afervora no amor a Cristo Jesus. O autor destes escritos quer ser um apaixonado. Um apaixonado pelo Cristo Jesus. Quer, *por amor*, realizar todas as ações a seu alcance. A todos que o leem proclama: louvado seja Nosso Senhor Jesus.

+Ano XVI, 17/05/1941, n° 786, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Atemoriza-me quando vejo e ouço o empirismo com que alguns consideram esta questão de construir uma igreja. Há quem fale sobre construções de igrejas do mesmo modo com que fala sobre construções de casas, residências, garagens, etc.. Na construção de uma igreja devem-se aplicar todas as habilidades técnicas, arquiteturas. É certo. A tudo, porém, devem presidir uma *ideia* religiosa. A ossatura é todo conjunto de uma igreja deve formar uma fisionomia exterior em harmonia com essa idéia. Essa idéia deve ser a forma substancial da construção assim como a alma é a forma substancial do corpo humano. Para alguém orientar dignamente a construção de uma igreja não lhe basta a Técnica, são lhe necessárias convicções cristãs. A Técnica pode logicamente produzir uma igreja ao sabor dos estetas científicos; mas, a igreja não é uma casa para reuniões da estetas. A igreja é uma casa para reuniões de *crentes*. É casa de oração. Antes de tudo e sobre tudo dela se espera uma atmosfera recolhimento e de elevação pelas considerações das verdades eternas.

+Ano XVI, 24/05/1941, n° 787, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Como dizia na vez passada, a construção de uma Igreja supõe necessariamente convicções cristãs. Muita razão teve uma distinguida personagem quando, diante de uma celebre igreja exclamou: “estes homens tinham *dogmas*, nós só temos *opiniões*; mas não é com opiniões que se constroem catedrais”. A construção de uma Catedral supõe a integridade da Fé. A gente não vai longe quando pretende libertar o dogma cristão sobrenatural; quando pretende conciliar a moral dos salões e a filosofia racionalista com o Evangelho; quando pretende pôr Cristianismo no alcance do homem em harmonia com a fraqueza do seu espirito. A construção de uma Catedral é uma grande empreza

religiosa. E uma grande empresa religiosa reclama grande Espírito de Fé. Espírito de Fé que a luz para as grandes ações, luz para as resoluções generosas, luz que nos aproxima mais e mais de Cristo Jesus: Luz eterna.

+Ano XVI, 31/05/1941, n° 788, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Com distinguido entusiasmo, foi feita a igreja de Bemfica. Totalmente estão caminhando na construção da igreja de São Matheus, de Santa Rita e da Sagrada Família. Não tarda iniciar-se a construção da Igreja da Santíssima Trindade em Poço Rico. Todas realmente necessárias. Todas merecendo nossa boa vontade afetiva e *efetiva*. Todas merecendo nossa *generosidade*. Por cima dessas construções é que surgira nossa Catedral, igreja *mãe*. Os que mourejam nas remotas operações pró Catedral felicitam religiosamente a todos os irmãos de trabalho; felicitam-os, recebendo deles valiosas animações. Os tímidos não têm por que se inquietarem com esse movimento relampago. As sabias prudentes organizações obviarão a todos os inconvenientes. Os carrilhões de nossa futura Catedral e os sinos de nossas igrejas e capelas, num futuro não remoto, harmonisar-se-ão triunfalmente, anunciando com jubilo imenso a existência de *um só coração e uma só alma*, realidade já existente agora.

+Ano XVI, 07/06/1941, n° 789, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Não duvido que muitos considerem a construção de nossa Catedral como cousa afêta *principalmente* as empresas construtoras. Engano. A cousa é *principalmente* questão *cultural*, afêta *inicialmente* aos demais problemas de cultura. As empresas construtoras são instrumentos, importantes sim, mas *secundários*. Isso a gente compreende e aceita, mediante o conceito de cultura, explicado pelos mes-

tres: “cultura é o aperfeiçoamento do homem, em todas as direções de suas multiplas possibilidades”. Cultura é o *todo* da missão confiada ao homem na terra. “Missão a que ele se não pode furtar sem negar a si mesmo. Cumpre-lhe desenvolver a sua inteligência com a conquista da realidade na variedade inesgotável de seus segredos: missão da ciencia. Cumpre-lhe praticar o bem governando os proprios atos em harmonia com as exigências da razão, na coerencia de uma vida interior pacificada: aspiração continua da moral. Cumpre-lhe estreitar as suas relações com Deus, Principio e Fim de todo ser, alimentando esta vida divina, razão suprema de nossa existência e resposta ás mais profundas tendências de nossa alma em busca da felicidade: missão sublime da religião”. E, do lado por que estou olhando este assunto, vem como sequencia ultima: “Cumpre-lhe dominar as resistências da matéria e subjugar as suas energias, modelando o mundo segundo as proprias necessidades ou plasmando-o para exprimir a beleza de suas ideias: função das tecnicas e das artes.”

+Ano XVI, 14/06/1941, n° 790, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Também na Arquitetura Cristã, os *símbolos* exercem função importante. *Símbolos* são figuras ou objetos representando *mediatamente* uma pessoa ou uma Idea, se bem que *imediatamente* representam algo muito diferente da pessoa ou ideia mediatamente representadas. O estudo dos símbolos chama-se – *Simbologia*. A universalidade e constância do simbolismo leva-nos a constatar suas verdadeiras origens. O simbolismo não é fruto de simples capricho humano, não é fruto deste daquele gosto por tal ou qual adorno. Sua raiz está nas condições naturais do homem social e religioso: a necessidade de um meio adequado para representar ideias abstratas e seres suprassensíveis; a conveniência de velar, cobrir, certas verdades, isto por algum tempo para evitar falsas interpretações. Nas composições didáticas aparecem diversos programas, entre outros este: símbolos pagãos, símbolos cris-

tãos, símbolos comuns. Os primeiros envolvem proximamente uma ideia mitológica ou de culto idolátrico. Os segundos expressam ideias cristãs. Os terceiros são símbolos de fenômenos naturais, de virtudes ou qualidades morais, e são patrimônio de todos os tempos e crenças. Por lógica natural a gente encontra maior importância nos símbolos cristãos. Ao benevolente leitor transmitir-lhe-ei o que dizem os mestres acerca da *Simbologia Cristã*.

+Ano XVI, 21/06/1941, nº 791, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. *Simbologia Cristã* é o estudo dos símbolos de que se serviram e se servem os cristãos para a representação gráfica de suas ideias religiosas. No conjunto desses símbolos há uma linguagem figurada que nos proclama as ideias e o espírito dos cristãos de todos os tempos e lugares, e nos mostra a *identidade* de doutrina e de vida cristãs. Nos primeiros séculos, o simbolismo era mais necessário para evitar que os dogmas fossem mal interpretados pelos infiéis. Existia mesmo a *lei do arcano* que proibia se contassem claramente aos infiéis (e em parte aos catecúmenos) certas verdades e práticas religiosas, v. gr.: a Trindade, a Eucaristia. Há uma diferença medular entre o simbolismo cristão e o simbolismo pagão. Diferença: reflexo das ideias e costumes dos fiéis e dos infiéis. No simbolismo cristão: veracidade, lhanza, caridade, paz. No simbolismo pagão: incoerência, ridículo, ódio, interesse material, sensualidade, orgulho. Os símbolos cristãos, podemos olhá-los em três classes: a) figuras emblemáticas propriamente ditas, b) figuras históricas, c) figuras alegóricas. Continuar-se-á.

+Ano XVI, 28/06/1941, nº 792, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. Figuras cristãs, *emblemáticas*. Defluem comu-

mente da linguagem bíblica e da crença vulgar de certos fenômenos naturais. Representam ordinariamente: Jesus Cristo, o fiel cristão, as virtudes, os vícios, a vida futura. Em razão da matéria do assunto podem ser olhadas em cinco classes: símbolos comuns, tomados da natureza, tomados da arte, símbolos parlantes, símbolos literários e personificações.

Apresentaremos estudos sob essa classificação.

O *peixe*. Um dos mais importantes e mais antigos símbolos cristãos. Data do IIº s.. Em grego, as letras da palavra peixe – *ichthys* - são iniciais de títulos de Jesus Cristo. A primeira explicação disso se encontra em S. Agost., *De Civitate Dei* – XVIII-25. As iniciais I. X. T. Y. S. querem dizer: *Jesous Xristos Theou Vios Soter*, equivalentes a: *Jesus Christus Dei Filius Salvator*. Em português: Jesus Cristo Filho de Deus Salvador. Continuar-se-á.

+Ano XVI, 05/07/1941, nº 793, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando: O *delfim*. Na antiguidade considerado como amigo do homem. No simbolismo das Catacumbas existe este grupo: delfim unido a um tridente (- cruz) e a uma ancora. Significado: Cristo Jesus que se dignou chamar-nos: *amigos*, e que pela cruz operou nossa redenção, e é nossa esperança.

A *pomba*. Figura muito encontrada nas lápides funerárias. Representa a alma fiel ou o justo, que no dizer de Tertuliano, deve ser – pomba sem fel. Traz às vezes, um ramo de oliveira no bico, o que equivale ao – *In pace* - das inscrições: outras vezes aparece só, ou, em par, bebendo num cálice, o que é emblema da Eucaristia e dos outros sacramentos, fontes do Salvador, aludindo ao texto de Isaias: *haurietis aquas in gaudio de fontibus salvatoris* (XII,3); também ao salmo XXII.

O *galo*. Aparece nos relevos e alguns sarcófagos. Alude a São Pedro e simboliza a esperança que seu canto desperta (seu – do galo).

O *cordeiro*. Emblema muito comum em todos os séculos. Se a

figura se debuxa com nimbo, ou com na cruz, ou sobre u'a mesa ou livro de sete selos – representa Cristo Jesus, Cordeiro de Deus. Quando aparece ao lado ou os ombros de um pastor, alude inequivocamente ás sentenças do Mestre: Bom pastor que busca a ovelha perdida, Continuar-se-á.

+Ano XVI, 12/07/1941, n° 794, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. O *pavão* real e *fênix* (esta – rara nas catacumbas) simbolizam a ressurreição e a vida eterna. A plumagem do pavão renova-se anualmente, e os antigos julgavam se ele de carne incorruptível; a fênix, diziam que ressuscitava das próprias cinzas.

O *pelicano* (de data posterior) e tomado como emblema de amor de Cristo Jesus na Eucaristia; afirmava-se que essa ave alimentava os filhinhos com o próprio sangue.

O *leão* – símbolo de Cristo Jesus que no Apocalipse e chamado de “Leão da tribo de Judá”; quando colocado ao lado de um sepulcro, representa a ressurreição, por cauda da crença de que esse animal ressuscitava suas crias só com um rugido.

O *veado* - esculpido nos sarcófagos ou pintado a beber num manancial, etc., alude aos textos dos salmos (XLI), em que se fala do cervo ancioso por fonte águas vivas; representa o diligente servidor cristão á procura dos sacramentos.

Muitos desses símbolos são um reflexo das narrações (fabulas) da *Historia Natural* de Plinio (s. I) e Eliano (s. III); suas origens perdem-se nas lendas de longingua antiguidade, em seus simbolismos chegam ate nós. Continuar-se-á.

+Ano XVI, 19/07/1941, n° 795, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. O *Tetramorfo*, os quatro “santos amimais”:

águia, leão, touro e o homem, todos com asas. Aparecem desde o IVs., simbolizando os Evangelistas, segundo a visão de Ezechiel (I) e a de S. João (Apoc. IV). Há muitos outros símbolos comuns, tomados da natureza e da arte: a palma, o ramos de oliveira, vinha, espigas, espinhos, ancora, nave, pão, etc.

Símbolos *parlantes*. São uma espécie de hieroglifos significando o nome ou profissão de alguém. Assim, uma cabritinha sobre o sepulcro de uma cristã chamada - Capréola; um martelo no epitáfio de um artesão.

Símbolos *literários* – foram-se de letras diretamente representativas de ideias. Já estudámos o acróstico: *Ichthy*, quando falámos do peixe. Há um monograma chamado – *crismón*, formado pelas duas primeiras letras da palavra Cristo em grego: XPISTOC (Christos). O crismón é usado desde o IIIs.. No começo do IV. já se escrevia a primeira letra em forma de cruz, com cuidado de destacar em tudo sublime “*mysterium crucis*”. Continuar-se-á.

O primeiro trabalho pro Catedral: elaboração, critica e escolha de um projeto, continua normalmente. *Cousa alguma está definida*. Não se admitem se nisso fôr gasto muito tempo ainda. Há nisso importância *vital*. De pressa não se precisa. Haja estudo, bom senso, plano, ordem, ação.

+Ano XVI, 26/07/1941, n° 796, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. As *personificações*. São figuras de homem ou mulher em atitude significativa de virtudes cristas ou praticas piedosas. As mais comuns nos primeiros séculos e a orante: figura feminina com os braços extendidos. Representa ora cristão em prece e alimentado pela esperança, ora a alma se desprendendo do corpo cadaver, ora a igreja intercedendo por seus filhos. Há muitas outras personificações que aparecem na época da arte romântica.

Figuras cristãs históricas. Três grupos, cenas históricas do

Ant. Test, cenas milagrosas do Novo e *representações da cruz*. Propo-nho-me transmitir rápidas indignações sobre essas ultimas e os Crucifixos. A Cruz, usada particularmente e em comunidade pelos primeiros cristãos. Explicitamente, rara vezes aparece nos monumentos públicos dos 3 primeiros séculos. Desde longes tempos, tem sido fartamente fantasiada. Enumerando as principais, adotadas em diferentes séculos e terras: latina, grega, imissa, bífida, comissa, decussada, patriarcal, papal, palàda, pontesada, recruzada, de Malta, de Santiago, de Calatràva, de Alcántara, trevolada, florensada, gamáda, egípcia. *Crucifixo*. Aparecem mais tarde que a Cruz. Mesmo no s. V encontram-se raramente. Existem dois pequenos entalhos que os estudiosos atribuem ao II e III s., no Oriente. Existe um desventurado crucifixo, atribuído ao começo do III s., assim caluniosamente imaginado: um homem com cabeça de asno pregado numa cruz e adorado por um fiel. Por oposição disso a gente infere: os primeiros cristãos adoravam os mistérios da paixão e veneravam suas imagens. Também os crucifixos têm sido fartamente fantasiados. Do VI s. ao XI (não me responsabilizo pela matematicidade de todas essas datas): o Senhor vestido com túnicas sem mangas. Do XI em diante simples faixa, mais simplificada ainda do s. XIV em diante. Até o s. XIV existiram as “Majestades”: túnica comprida e com mangas, ora menos, ora mais fantasiadas; representam o Senhor vivo, majestoso e triunfante, braços horizontais, sem coroa de espinhos, com nimbo e coroa real, pés separados. Do s. XIII até agora tem prevalecido os crucifixos onde Cristo Jesus, *Homem-Deus*, é visto no realismo divinamente nefando do “*mysterium crucis*”.

Do número 797 ao número 817, os artigos foram cortados do Jornal e não encontrados em outros exemplares. Cônego Isnard da Gama continua a escrever estes artigos.

LEI DO AMOR

+Ano XVI, 13/09/1941, nº 803, página 01

Lei do Amor

Inegavelmente a esmola é uns dos modos reais por que a gente pratica a divina lei do amor. Esmola evangelizada cuja origem se perde em Deus. A beneficiência cristã vindo da misericórdia vindo da caridade; a caridade seiva sobrenatural, circulando ininterruptamente de Deus, envolvendo o homem a Deus, envolvendo a todos na imensa comunidade-cristã eis a gênese legítima da esmola. Fóra dessa base o que a gente vê é um grosseiro e fugaz politiqueiro comercio por automáticas funções de taxa. Muitos católicos, de notória e notada decadência humana e cristã, precisam refletir sobre isso. Recomendar a prática da esmola parecerá exquisito aos espíritos complicados á força de fantasistas mediações sociais. Complicados á força de legalidade existentes nas papeladas dos escritórios burocráticos. Pareça exquisito e que sensato exame dos fatos desmanche a exquisitice. Nosso *Patronato São José* existe há anos. Quem se lembra de considerá-lo? Quem se lembra dele afetiva e *efetivamente*? Será porque a imprensa e o radio e o cinema dele não fazem farolagem? Será que no passado não satisfazia? Será que no presente dele tenham noticia á maneira de noticia de cousa longínqua? Não abona essas cogitações uns dos nossos autênticos maiores. Dedicados amigos das grandes realizações que começam começando, *Dr. João Penido e Excma. Esposa*, na discrição que lhes é peculiar a toda prova, fizeram ao Patronato a doação de cinquenta contos. Com essa referencia rápida e sincera, queremos proclamar a muita admiração e o evangélico agradecimento dos po-bre-zinhos do Patronato e de quantas mourejam pela manutenção do mesmo. Deus lhes pague. A Comunidade Cristã de Juiz de Fora recebe isso no patrimônio da “comunhão dos santos”, e os mencionados encontrarão os juros centuplicados na balança da eternidade.

Diretoria do Patronato

Lei do Amor

Vamos compreender direitinho isto: exercer beneficência não é a Ação Católica, mas, o exercício da beneficência é também da Ação Católica. Para evidenciar isso não é necessário recorrer a lucubrações doutrinárias. Basta enxergar claramente o adjetivo e o substantivo: *católica* e *ação*. Longe de nós esse sofisma: alguém fez compromisso de ação católica, ora, ação católica é exercer beneficência: logo, todos da A. C. fazem compromisso de trabalhar par patronato SÃO JOSÉ. Não aceitamos esse sofisma, mas, vemos e aceitamos o pedaço de verdade que esse sofisma encerra. Ser da A. C. é ter especial responsabilidade *também* diante e no meio das obras de beneficência.

A Irmã Diretora do Patronato SÃO JOSÉ recebeu:

“... De minha representante, Aliança Comercial de Anilinas LTA., Rio de Janeiro, recebi a incumbência de entregar a este benemérito patronato a importância de 150\$000... para beneficio dos órfãos aí recolhidos tão humanitariamente... Muito atenciosamente - Geraldo Sybertz”.

“..informamos que se acham separadas ... as seguintes peças que destinamos a esse patronato: 1 lavatorio / 1 pia/ 1 cadeira/ 1 caçarola/ ... Atenciosamente – Fundação Indigena S.A. / R. Carvalho. – Presidente Rio.”

Do excmo. Sr. Major Napoleão de Alencastro Guimarães;
50% de abatimento no porte de material vindo de Entre Rios.

De uma beneficente: 100\$000

Fabrica Santa Cruz, nesta: uma peça de fazenda.

Fabrica Santa Rosa, nesta: retalhos,

Ceramica Juiz de Fóra: 2.000 tijolos.

Que todos sejam recompensados pela munificência divina a quem servem na pessoa dos pobrezinhos.

Diretoria do Patronato

+Ano XVI, 27/09/1941, n° 805, página 01

Lei do Amor

Quanto e quantas vezes é profanado o dom do amor. Em muitos a lei do amor aparece totalmente desorganizada. Em lugar de ser qualidade, cultivada humanamente ao menos, aparece simplesmente como instinto á mercê de gastos e simpatias as mais degradantes. Isso a gente vê em pessoas e também em instituições, v. g., os casinos. A sacralidade do amor é completamente substituída pelo fantasma do amor com ares de caridade, de beneficência. Dir-se-á ingênua ou maçonicamente:os casinos fazem “caridade”. E as “esmolas”, farisaiicamente espalhadas pelos casinos de onde veêm? As cousas e fatos nos permitem esta afirmação categórica: nos casinos o mínimo que se perde é dinheiro. Muitos darão de ombro a essa fraqueza. Mas, as realidades não se destroe com razões de cabo de esquadra. Possível que não queiram vê-las... mas, pretender nega-las ou oucuta-las com obstrucionismo seria irrisório. Conclusão: ainda que casinos socorressem algumas misérias, fariam-no á custa de outras maiores e mais desgraçadas e temíveis.

A Irmã Diretora do Patronato SÃO JOSÉ recebeu: de FERREIRA GONÇALVES e Cia. Ltda. / BELO HORIZONTE – 3 lavatórios de louça.

Sejam recompensados pela munificência divina a quem servem na pessoa dos pobrezinhos.

Diretoria do Patronato

Capela de S. José

Sua Excia. Revma. Procederá amanhã ás 8 horas, a benção da Capela anexa ao Patronato S. José. Para assistimos a esse ato religioso gentil convite da digna Diretora do Estabelecimento, a Revma. Irmã Lemos.

Exposição do Santíssimo

Amanhã , na Catedral; sexta-feira, na Igreja de S. Sebastião, exposição do Santíssimo para adoração dos fieis.

+*Ano XVI, 04/10/1941, n° 806, página 01*

Lei do Amor

Os que nos caluniam, mutilando a história e violando os fatos, enxergar não enxergam ou não o querem, as realidades que sempre existiram na Igreja. A Comunidade Católica nunca perdeu consciência do que deve fazer aos pobres. Si fieis, muitos ou poucos, aquí, alí ou acolá, não se dão conta de sua responsabilidade, são eles os culpados, os desgarrados, e não a Igreja. Por toda parte existem pequenas ou grandes obras de beneficência, obras católicas,. No momento em que escrevemos não temos um registro completo de todas elas. Temos em mão somente um sucinto relatório das que dependem diretamente dos desvêlo e solicitante paternal do Santo Padre. Ei-las:

2.000 orfanatos com 122.000 orf. 888 hospitais com 36.300 doentes, 3.505 dispensarios, 428 asilos com 17.800 abrigados, 47.853 centros de educação primaria, secundaria e superior, com perto de 2.000.000 de estudantes.

Dr. José Procópio Teixeira Filho esmolou ao Patronato São José com 500\$000. Sincero agradecimento.

Diretoria do Patronato

+*Ano XVI, 11/10/1941, n° 807, página 01*

Lei do Amor

As almas também estão sujeitas á influencia de *modas e modos*. Vê-se claramente que está correndo mundo, a moda da farolagem e o modo da tapeação. Meu fulano, pense e fale e aja por sua conta, não por conta do vizinho. Estructure-se u'a *mentalidade católica* e não

deixe arrastar pela onda. Andar em onda é andar movido por hábitos e cestros. Os hábitos são indispensáveis, mais se não ficam a mercê da razão, o habituado se iguala ao simples animal que age por instinto. Si ficam á mercê da Razão e não ficam a mercê da Fé, pior ainda, porque então o habituado é bom bípede e cristo nada. Um exemplo dentre muitos. – Fulano andando em onda, fantasia-se com a obrigação e o direito de “colocar” um “protegido seu” no Patronato. Será mesmo um *protetor*?! Ótimo protetor de boca, de farolagem, de tapeação. Protetor de fato, nada. Si por causa desse *arrazado* surgir alguma odiosidade, caia sobre mim que o proclamo e tenho toda a responsabilidade dessa proclamação.

Pe. Rui Nunes Vale



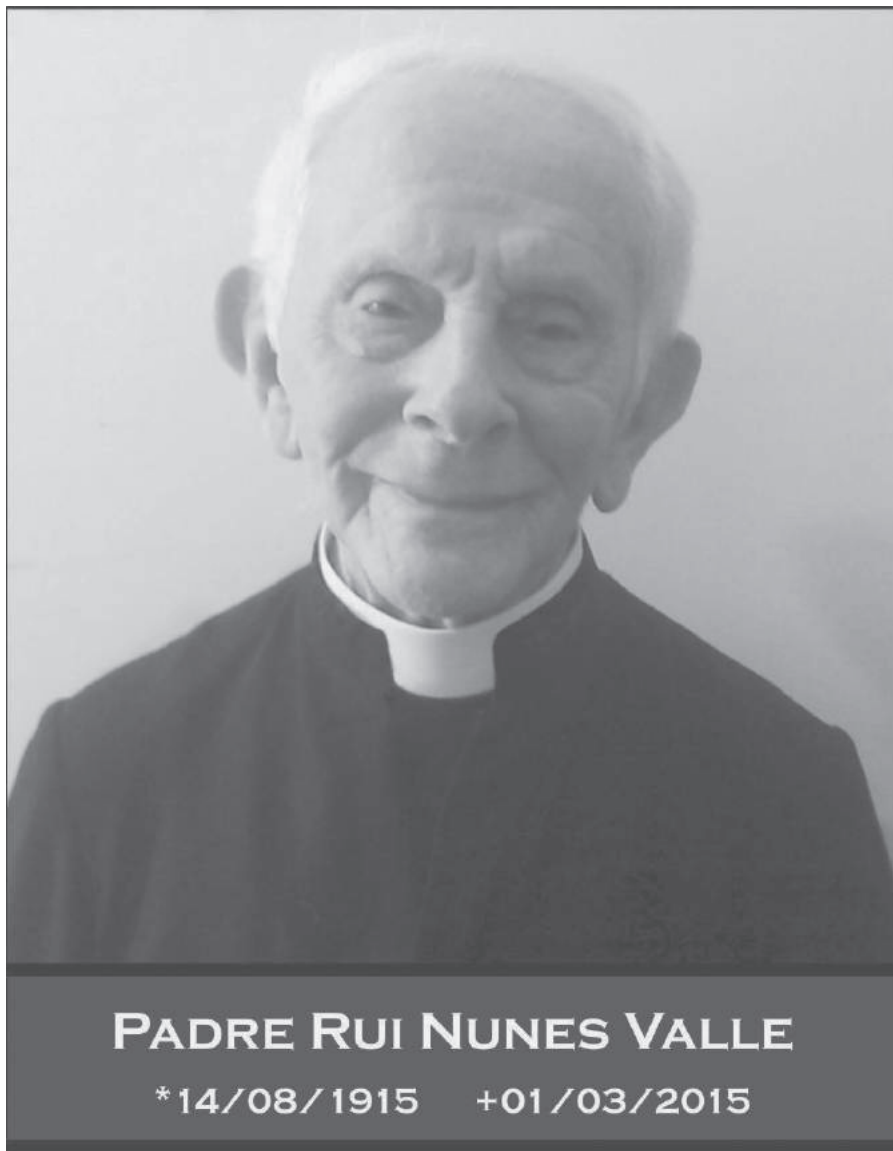
Pe Rui é o primeiro da direita para a esquerda











PADRE RUI NUNES VALLE

*** 14/08/1915 +01/03/2015**

PADRE RUI NUNES VALE

“De coração e de altar”

Pe Luis Antônio Baldi Fávero

luisinhojf@ibest.com.br

Tel.: 32 9 9987-0376